BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

OU

Reproducção dos Livros nacionaes, escriptos até ao fim do seculo XVIII.

LISBOA.
ESCRIPTORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA
Rua Augusta N.º 110.

—

1852

OBRAS

DE

FRANCISCO D'ANDRADE.

LISBOA.

Escriptorio da Bibliotheca Portugue[illegible].

Rua Augusta N.° 110.

—

1852.

PROLOGO.

O Poema de Francisco d'Andrade — *O primeiro Cerco de Diu* — impresso no anno de 1589, tem-se tornado tão raro, que julgamos prestar um grande serviço ás letras patrias fazendo delle uma segunda edição.

O primeiro Cerco de Diu he o Poema que mais se aproxima, de longe embora, dos *Lusiadas* pela pureza e louçania da linguagem, assisado das sentenças, elegancia do estylo, e sonora facilidade da versificação.

Francisco d'Andrade seguindo a opinião de que os assumptos nacionaes devem ser tratados sem artificio em sua composição, não escreveu hum Poema Heroico, escreveu hum Poema Historico.

O Poema está adornado com brilhantes episodios, historicos, ou de invenção, que amenisão e varião o seu assumpto. Taes são por exemplo — o episodio em que no 2.º Canto se narrão os successos da vida de João de Santiago — e outro de caracter differente em que no Canto 9.º se pinta o amor de dois esposos Mogores, querendo o marido sacrificar-se para salvar a esposa á custa da sua propria vida, pois que só a ella, e não a elle, se concede o refugiar-se na fortaleza.

Tambem são para notar as descripções tanto narrativas, como pictorescas, que se encontrão neste Poema — entre as primeiras tem bastante força de colorido a que o Poeta faz no Canto 17.º, de hum mancebo Portuguez, que combate e mata hum Mouro entrando atraz delle pelo rio dentro, com grande perigo de sua vida — entre as segundas são admiraveis a pintura da habitação de Eólo, e do carcere dos Ventos no Canto 4.º, e a de Merizan no momento de accommetter os Cambaios com o seu pequeno esquadrão de Mogores no Canto 9.º A pintura da Cobiça debaixo do nome de Pluto no Canto 12.º he adornada de muita invenção e originalidade. Não he menos bella a pintura da casa do Somno no Canto 16.º Mas a que sobresahe a todas he a que se lê no Canto 4.º da Ilha desconhecida, aonde a Rainha de Cambaia he conduzida depois da tempestade, que a faz desgarrar do rumo de Judá:

por ella verá o Leitor (diz o Sr. José Maria da Costa e Silva a pag. 310 do Vol. IV do *Ensaio Biographico-Critico sobre os Poetas Portuguezes*) a grande perda que será para o nosso Parnaso o desapparecimento deste Poema, se algum Editor benemerito lhe não obstar, fazendo delle nova edição.

Recommendamos a leitura do citado *Ensaio Biographico-Critico* a quem quizer ter noticias mais amplas não só deste mas de todos os nossos Poetas.

Terminaremos este Prologo com a noticia da *Vida e Obras de Francisco d'Andrade* que extrahimos da citada obra do Sr. Costa e Silva:

«Francisco d'Andrade, que figura distinctamente entre os nossos melhores Epicos de segunda ordem, nasceu na cidade de Lisboa; não consta ao certo o anno do seu nascimento, posto que pareça verosimil que fosse pelos annos de 1540, pouco mais ou menos.

«Foi filho de Francisco Alvares d'Andrade, fidalgo da casa d'elrei D. João III, e de Izabel de Paiva, sua mulher, e filha de Nuno Fernandes Moreira, escrivão da camara de Lisboa.

«Francisco d'Andrade frequentou, com muito aproveitamento, os estudos de humanidades, em que sahiu muito extremado, grangeando tal respeito por seu talento, e saber,

que faltando da vida presente o Guarda-Mór da Torre do Tombo Antonio de Castilho, grande Litterato, e grande Poeta, foi, sem o requerer, escolhido para o substituir naquelle logar, cuja serventia, naquelles tempos, só era conferida a pessoas de consummada litteratura.

« Foi igualmente agraciado com a nomeação de Chronista-Mór do Reino, que muitas vezes se annexava ao emprego de Guarda-Mór da Torre do Tombo. No exercicio destes logares, tão lucrativos como honrosos, passou a vida tranquillamente até ao anno de 1614, em que falleceu.

« Francisco d'Andrade desde os seus primeiros annos cultivou a poesia, que então andava mui valída na côrte, e estimada entre os particulares: porém de todas as suas obras poeticas, que nos consta terem sido numerosas, apenas publicou as seguintes: Instituição d'El-Rei Nosso Senhor; esta obra é uma traducção em verso solto, ás vezes elegante, de outra que o Doutor, e Lente da Universidade de Coimbra Diogo de Teive, havia composto com este titulo « *Epodon, sive Iambicorum carmen, Libri tres* » e sahiu á luz com o original em Lisboa, anno de 1565. A traducção principia com estes versos:

Doutas habitadoras do Parnaso,
Manifestai agora aos bons Poetas
O sagrado liquor das vossas fontes.

« Apesar da louçania, e elegancia de linguagem desta traducção, força é confessar, que os versos peccão muitas vezes por falta de numero, e de nobreza; este defeito lhe he commum com todos os Poetas coevos, que todos parecem fallar uma linguagem estranha, quando se desajudão da ryma: antes da epocha da Arcadia, não ha em Portuguez versos soltos, que possão dizer-se bons.

« Philomela de S. Boaventura. Lisboa 1566, em 12.º

« Esta obra principia assim:

Philomela suave, que cantando,
O fim do breve Inverno denuncias,
E a vinda do Verão alegre, e brando.

« Esta poesia he muito superior á outra, pelos pensamentos, pela expressão, e pelo metro. Junte-se a isto o seguinte Soneto, em louvor da Elegiada de Luíz Pereira Brandão, impresso com o mesmo Poema, e teremos todos os Poemas de menor extensão, que restão de Francisco d'Andrade:

SONETO.

De lagrimas, de mortes, de crueza,
De sangue, inda hoje fresco em Barberia,
Brandos versos fazer, doce harmonia,
Que dá gosto apesar da mór tristeza;

Maior espanto foi, mór estranheza,
Que o que fingio de Orpheo a Poesia;
Que se elle as cousas naturaes movia,
Estoutro move a mesma Natureza.
Esta estranheza tal, que em mór espanto
O que melhor a entende hoje tem posto,
A ti, Pereira, só foi concedida.
Ditoso aquelle, a quem chegar teu canto,
Que pois da sua dôr fizeste gosto,
Tambem de sua morte serás vida.

«Mas que caminho levárão os seus outros Sonetos, as suas Poesias Lyricas, que não devião ser em pequena quantidade, visto que estava então tanto em moda escrever neste genero? Ficárão sem dúvida em manuscripto sepultadas nas livrarias de alguns conventos, e pela suppressão delles, sabe Deos o fim que tiverão.»

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO I.

Declara-se a vida e costumes de Sultão Baudur, Rei de Cambaia. O Governador Nuno da Cunha parte para a Cidade de Diu. Chega á Ilha de Bete, e faz-se prestes para a combater.

I.

Empresas grandes, casos perigosos
Qu'ao Ceo por si sómente se levantão,
Animos invenciveis, gloriosos,
De que o Ganges e o Tejo hoje s'espantão;
Varões illustres, altos e animosos
Com divino favor meus versos cantão;
Mas cumpre que de si m'encha elle o peito
Para que o canto igual seja ao sujeito.

II.

Soccorre Eterno Pae, Senhor Supremo,
Porque eu em mar tão largo desatino,
Ond'hum naufragio certo espero e temo
Se me faltar o teu favor divino:
Nem m'atrevo chegar a tanto estremo
D'alto verso, sem ti, que o faça dino
Daquelles que por ti com peitos fortes
Derão, e recebêrão crueis mortes.

III.

Porque aqui tal materia s'offerece
A hum rudo engenho, baixo entendimento,
Qu'engenhos sobrehumanos bem merece
O sobrehumano seu merecimento.
Porém se a meu intento não fallece
O que nunca faltou a hum bom intento,
Heroicos varões, eu direi tanto
De vós, que ao mundo seja inveja e espanto.

IV.

Filippe invicto, a quem a Providencia
E o Divino Poder, hoje sujeitos
Os Lusitanos fez, cuja potencia
Assaz mostrárão ja seus grandes feitos,
Rendidos sem nenhuma resistencia
Dos fortes braços, nem dos leaes peitos,
Por mostra que a ti só foi concedido
Render o que antes nunca foi rendido.

V.

Vejo que ao teu poder juntando agora
Felicemente o sceptro Lusitâno,
A ti s'inclina, teme, e quasi adora
Europico, Asiatico, Africano.
Pois esta tal grandeza eu sei que mora
N'hum peito brando, affavel, largo, humano,
Desça o teu pensamento agora hum pouco,
Dê logar ao meu canto, inda que rouco.

VI.

Verás os grandes feitos nunca ouvidos
Dos que se hoje a teu jugo sujeitárão,
Verás os braços fortes, não vencidos
Dos que então largamente a patria honrárão.
Verás que em render peitos não rendidos
Tu muito, e tambem muito elles ganhárão:
Elles, pois coube a ti senhoreallos,
Tu, por seres senhor de taes vassallos.

VII.

Cambaia, Reino grande e populoso,
Nas partes d'Oriente situado,
Em riquezas e em armas poderoso,
Foi de Sultão Baudur senhoreado:
Principe máo, cruel, despiedoso,
Dos naturaes e estranhos pouco amado,
Antes sempre em maior odio crescia,
Cousa assaz natural da tyrannia.

VIII.

Tinha os bens que a fortuna mal reparte,
E o cego povo têe por mór bonança,
Tinha outros Reinos mais, de que hũa parte
Seus avós lhe deixárão por herança,
E outra que com favor do fero Marte
Elle ganhou, obrando espada e lança,
Cresce o mando e poder cada momento,
Mas tambem o odio vai em crescimento.

IX.

Este mando e poder, com que elle segue
Soltamente os acenos da vontade,
Fazem com que á soberba o peito entregue,
Que não he nas grandezas novidade.
A soberba tambem faz que s'empregue
N'hũa tão bruta e estranha crueldade,
Que tudo o que he humano de si aparta,
Nem de sangue e de mortes se vio farta.

X.

Se por ventura o estranho lhe faltava
Que desta brutal furia fosse objeito,
No proprio natural a executava
Sem a qualquer idade ter respeito;
Juntamente o que amava, e desamava,
A tamanho furor era sujeito;
E quando isto tambem lhe fallecia
No sangue fraternal as mãos tingia.

XI.

O sexo feminil, cuja fraqueza
Resiste mais que os duros peitos fortes,
Não pôde resistir a esta braveza,
Que se mantinha só de humanas mortes;
Pois tambem fez sentir sua crueza
Áquellas, cujas duras, tristes sortes
Com firme e conjugal nó lhe juntárão,
Que com seu proprio sangue desatárão.

XII.

Nem bastava privar das doces vidas
Os infelices corpos, não culpados,
E roubar-lhes as fazendas adquiridas
Ou por si, ou por seus antepassados;
Mas sobre tudo ainda de fingidas
Maldades, os fazia ser notados,
Porque ficassem obras tão damnadas
Co'a infamia dos mortos desculpadas.

XIII.

Esta continuação, este exercicio,
Esta sede de sangue, de que fallo,
O fez chegar a tanto neste vicio,
Que ja se não contenta de mandallo;
Mas usando d'algoz o baixo officio,
Por suas proprias mãos vai derramallo,
Para que ao seu cruel e bruto intento
Não seja a dilação impedimento.

XIV.

Com tal brutalidade qual descobre,
(Que he destruição do grande senhorio)
Da fidalguia o seu, e gente nobre,
Em breve tempo fica assaz vazio.
Que os nobres ante o povo baixo e pobre
Se põem, para que a Parca o subtil fio
Não corte a cada hum da triste vida,
Qu'este máo da nobreza he só homicida.

XV.

Estes espritos baixos e plebeios,
Que tanto o nobre sangue aborrecião,
Estes, dos reaes peitos tão alheios,
Juntamente com isto o constrangião
A que os grandes estados (de que cheios
Os seus Reinos então todos se vião)
Tire aos proprios, e os dê a outros senhores
Pouco de taes mercês merecedores.

XVI.

Mas não lhes consentio sua ventura
Que lhes durasse hum bem tão mal ganhado,
Que nunca o desta sorte foi de dura;
Justo castigo lá do Ceo mandado:
Quando os tristes cuidavão que segura
A mercê tinhão, a honra e o grande estado,
Junto co'a vida a honra lhe he tirada,
E n'outros a mesma honra he trespassada.

XVII.

Não se segue com estes outro norte,
De tudo os privão, a outros s'apresenta,
Os quaes tratados são da mesma sorte,
Affogão-se tambem nesta tormenta;
A todos a honra traz comsigo a morte,
Nenhum de hũa honra tal se descontenta
Da qual tẽe prova clara e descuberta;
Que não era honra ja, mas morte certa.

XVIII.

Esta peste do mundo, horrenda e fera,
Que o peito humano assi desassocega,
Esta infernal cubiça, esta Megera,
Que não poderá ja na gente cega?
Pois só polo proveito que s'espera,
Ao cego peito faz que se lh'entrega,
Que acceite hũa mercê com ledo rosto
Que traz tristeza e morte, e nenhum gosto.

XIX.

Este jugo cruel, d'homem alheio,
Com que trata ao que he estranho, e o que sujeito
O poz em tal cuidado, em tal receio,
Que se velava mais do mais acceito;
O que tẽe de mercês e honras mais cheio,
Lhe vem despois a ser o mais suspeito,
Porque a mortifera honra e a dignidade
Motivo he d'odio, mais que d'amizade.

XX.

E pois junto com a honra a morte dava,
Podia com rasão arrecear-se,
Qu'em quanto elle a vital aura gozava,
Nenhum no bem podia assegurar-se;
Só depois d'elle morto s'esperava
Longo tempo qualquer honra lograr-se;
Faz-lhe isto a elle temer perder a vida,
Faz aos seus desejar vêr-lha perdida.

XXI.

Isto que o máo Baudur claro conhece,
Em tal desassocego posto o tinha,
Que alli onde lhe o sol desapparece,
Quando entra na salgada onda marinha,
Se não acha depois, quando obedece
E foge a noite á nova luz que vinha;
Porque o peito cruel e arreceoso,
Julga todo o logar por perigoso.

XXII.

Nem sómente do ferro temor sente,
Que a peçonha tambem lhe dá cuidado,
Isto lhe faz banhar continuamente
D'humano sangue, o bosque, o monte, o prado;
Porque ante elle nenhum era innocente
Que só n'hũa suspeita era culpado,
Mas nem assi alcança o que procura,
Que nem com tantas mortes s'assegura.

XXIII.

O comer sobre tudo então temia
Que trouxesse escondido o maior dano;
E porque de ninguem ja se confia,
Que tudo teme hum máo, falso e tyrano,
Por suas proprias mãos elle o fazia,
Por ficar sem suspeita deste engano;
E faz que n'hum sujeito junto caia,
Vil cozinheiro, e Rei da grãa Cambaia.

XXIV.

Entr'estes vicios, que este miseravel
Fraco, escondia em si, e immundo peito,
Não lhe faltou aquelle abominavel,
Que contra a natureza vai direito;
O brutal apetite insaciavel
Que tira á natureza o ser perfeito,
Descido lá do eterno, claro assento,
E de quem inda foge o pensamento.

XXV.

Em vez de liberal, virtude santa,
Necessaria a quem tẽe qualquer governo,
Virtude que os mais baixos alevanta,
E faz o nome escuro, claro e eterno,
Virtude de quem toda a lingua canta,
Nascida lá no Reino alto e superno,
Toma do insano prodigo o exercicio
Por ajuntar aos outros este vicio.

XXVI.

Traz esta inclinação não lhe faltava
Outra d'assaz contraria natureza,
Porque se d'hũa parte elle gastava
Sem ordem quanto adquire, e com largueza,
Tambem por outra parte trabalhava
Adquirir grão thesouro, grãa riqueza:
Destruidor do seu, sem regra ou meio,
Cubiçoso tambem do que era alheio.

XXVII.

Tinha espiritos a guerras inclinados,
Porém nunca a batalha vio presente,
Teve exercitos grandes bem ornados
De lustrosa, esforçada e nobre gente,
E d'apparatos taes acompanhados
Que erão dinos d'hum Rei alto e potente,
Em que grandes thesouros se gastárão
Que seus antepassados lhe deixárão.

XXVIII.

De muitos foi julgado por bastante
Para feitos d'espirito alto, animoso,
Porque soberbo o vião, e arrogante,
Amigo de louvor, presumptuoso:
E por cousas tambem que fez perante
Grão povo, por mostrar-se valoroso,
Que tão pouco d'hum tal Rei erão dinas,
Qu'erão inda do baixo povo indinas.

XXIX.

Quando mais estrangeiros juntos via,
Ou d'outra qualquer gente as praças cheias,
Sem attentar que as obras que fazia
Do seu real estado erão alheias,
Sóbe ligeiro ao muro onde corria
Com grão pressa por cima das ameias;
Os presentes á mesma obra convida,
E julga por covarde o que duvida.

XXX.

Esperavão-se delle grandes feitos
Com estas e outras taes leviandades,
As quaes podem lustrar nos baixos peitos,
Mas abatem as grandes magestades.
Estes erão os Reinos, que sujeitos
Fez ao seu jugo, e estas as Cidades
Qu'entrou com braço forte e não domado,
Para ser d'animoso celebrado.

XXXI.

O tempo que durou o seu imperio,
(Peior que o do cruel Ciracusano)
O seu Reino sentio tal vituperio,
Taes infortunios, males, tanto dano,
Que em quanto alumiar este hemispherio
O Sol, e descansar lá no Oceano,
Durará nelle viva esta memoria,
Nem sei se verá mais a antiga gloria.

XXXII.

Muitos trabalhos destes procedêrão
Do tyranno a que então obedecião,
Outros das guerras que se lhe movêrão,
E que com mortal odio o perseguião;
Mas da que os Portuguezes lhe fizerão,
Com armadas que o mar todo cobrião,
Tão grave damno e perda lhe succede
Que a do Cartaginez barbaro excede.

XXXIII.

O forte Portuguez, a quem o antigo
Odio moveo para esta cruel guerra,
Corre a fralda do mar do Reino imigo,
Destrue, queima, assola, e põe por terra.
O Mouro, que arreceia este perigo,
Nem se assegura em monte, bosque, ou serra,
Entrega o peito pouco defendido
Ao braço vencedor, nunca vencido.

XXXIV.

Outros a quem as duras tristes sortes
Derão para seu mal ousada fronte,
Querendo resistir a huns braços fortes,
Que qualquer defendêra ao Hetrusco a ponte,
Recebendo primeiro crueis mortes
Se vão banhar no ardente Phlegetonte,
Deixando aquella terra tão perdida
Que tarde ha ja de ser restituida.

XXXV.

A causa principal desta crueza,
E que então a esta guerra abrio a estrada,
Foi sómente porque hũa fortaleza
Dos Christãos fosse em Diu edificada,
Cidade que em Cambaia mais se presa,
Entre todas famosa e celebrada
Quantas lá no Oriente por visinho
O senhorio tẽe do Rei marinho.

XXXVI.

Porque sendo fortissima de muro,
Tendo munições, gente, mantimento,
Bom varadouro, e porto bem seguro,
E sendo de toda a India a balravento,
Entrando nella o Rume forte e duro
Podia ao Portuguez dar detrimento,
Como ja n'outro tempo se vio, quando
O nobre Almeida teve da India o mando.

XXXVII.

Isto soube aquelle alto e soberano,
Prudente Rei, invicto e verdadeiro,
Que governava o povo Lusitano,
E que era dos Joannes o Terceiro;
E querendo atalhar a tanto dano,
Deu o mando, o poder, e o sceptro inteiro,
Do Reino Oriental, ao animoso
Nuno da Cunha, nobre e venturoso.

XXXVIII.

E manda-lhe que ponha a grão cuidado
Em tomar esta força á grãa Cambaia,
E que antes de ter nella edificado
Fortaleza, por al não se distraia.
Cumpre o Governador o que mandado
Lhe foi, em vendo d'Oriente a praia,
Mas antes de vêr nella os brancos seixos
Duas vezes se volve o Sol nos eixos.

XXXIX.

Foi-lhe causa de tão larga tardança,
E de chegar tão tarde ao seu governo,
O mar tempestuoso e sem bonança,
E passar no caminho o frio inverno:
Mas sempre o desejado fim alcança
Quem alcança favor do Rei eterno,
Elle chega, e faz prestes a jornada
Com mui grande apparato, e grossa armada.

XL.

Não falta a munição, para o que intenta,
Nem mantimento, e gente dura e forte,
Que da empresa maior mais se contenta,
Nem lha fez duvidar perigo, ou morte;
Navios sobre cento tem noventa,
E cinco mais além de toda sorte,
Bem providos tambem de quanto entende
Que lh'era necessario ao que pretende.

XLI.

Dous mil e setecentos bem serião
(Na Lusitana terra ao mundo dados)
Os que a branca e vermelha Cruz seguião,
De forte aço, e mais forte 'sprito armados.
De Canarins, e Malabares ião
Outros dous mil tambem (os quaes creados
Na mesma terra são) que s'embarcavão
Nos navios de Mouros que alli estavão.

XLII.

Mas como tal grandeza em si continha
Est'armada, que o mar quasi cobria,
E ja o Governador eleitos tinha
Capitães, para o dar da bataria,
Não se póde encobrir quanto convinha
O que este seu intento pretendia,
Que o custoso atavio, honrado e nobre,
E o alvoroço geral, claro o descobre.

XLIII.

Qual no longo estandarte vai mostrando
Quanto têe d'esperança, ou arreceio,
Qual descobre se amor lhe he duro ou brando,
Nenhum sua tenção deixa no seio.
A Melique Tocão, que então o mando
Em Diu tinha, a nova disto veio,
Tudo com diligencia olha e concerta
Onde o temor o avisa, onde o desperta.

XLIV.

Ajunta munições, ajunta gente,
E tudo o mais que lh'era necessario
Para se defender bastantemente
D'hum tão bravo, e tão áspero adversario.
Levanta a Christã frota o ferreo dente
Entrando o mez que o Sol leva ao Aquario,
O rouco marinheiro com grão tento
Solta remos ao mar, vellas ao vento.

XLV.

Ja a delgada, subtil, aguda proa,
Polas salgadas ondas faz caminho,
E Zefiro suave, e brando soa,
E fere brandamente o cavo linho;
Ja da vista se perde a nobre Goa,
Doce, quieto, amado, e brando ninho
D'aquelles que no reino de Neptuno
Acompanhando vão o illustre Nuno.

XLVI.

Cymothoe, e as outras Nimphas do espaçoso
Mar, ante a armada vão por festeja-la,
Vão com Proteo e com seu gado escamoso
Glauco, Nereo, Tritão acompanha-la,
Tu tambem, linda Thetis, co'o formoso
Côro teu alli vás, por mais honra-la,
Obedecem tambem alli ao Piloto
Euro, Zefiro, Boreas, Austro ou Noto.

XLVII.

Grande espaço esta armada acompanhárão
Estes a quem venera a onda salgada,
Mas tanto que lá nella mergulhárão
Esta bonança logo foi mudada;
Os ventos polas proas assoprárão,
Levanta-se té ás nuvens a onda inchada,
Por mandado dos seus Reis furiosos,
Quiçá de tantas pompas invejosos.

XLVIII.

Esta imiga mudança, impetuosa,
Com algumas escalas que fizerão,
(Que nada teme a gente cubiçosa)
Esta viagem tanto entretiverão,
Que quasi todo o mez que da invernosa
Sazão no meio está, se detiverão
As náos, em ir a hũa ilha, que está sete
Legoas de Diu, e tẽe por nome Bete.

XLIX.

Tão conhecida foi depois e clara
Quanto era antes pequena, e ignota esta ilha,
Porque o seu capitão e gente rara
A fez no mundo hũa alta maravilha.
Aqui a affadigada armada pára.
Qual o molhado remo ja ferrilha,
Qual iça a entena, qual a vella colhe,
Qual faz que o mar o curvo ferro molhe.

L.

Hum Capitão nest'ilha residia
Que d'ElRei de Cambaia foi mandado,
Est'era de nação Turco, e a regia
Com esforço, prudencia, e grão cuidado;
De quasi dous mil homens estaria
De diversas nações acompanhado,
Ja com temor da Portugueza armada
Que no liquido Reino abria a estrada.

LI.

No mais alto desta ilha se mostrava
Hum plano, a que não toca bosque, ou serra,
Hũa povoação quasi occupava,
A qual hum baixo muro cerca e cerra.
O Cunha ao Capitão que a governava
Manda que entregue a gente, e a mesma terra,
Senão que a verá logo combatida,
Onde não ficará nenhum com a vida.

LII.

O Capitão, a quem nem copia tanta
De náos, nem hum exercito lustroso,
A fé, nem o valor move, ou quebranta,
Ousado lhe responde e valeroso:
Que d'hum Principe tal, muito s'espanta
Tão esforçado, nobre, e poderoso,
Mandar a Capitão, inda que alheio,
Que faça hum feito tal, tão torpe e feio.

LIII.

Qual era com temor da imiga lança,
Por mais morte que traga, ou crueldade,
Entregar a bandeira e a confiança
De seu Rei, a quem deve lealdade;
Mas que elle ainda até então tinha esperança,
Vendo sua nobreza, e dignidade,
Qu'elle grande louvor e favor désse
A quem a fé devida mantivésse.

LIV.

Mas vendo o seu poder grande, e temido,
Se irá, deixando-lhe a ilha despejada,
Crendo ser o seu Rei disso servido,
E á terra firme irá fazer morada.
Armas quer, e as fazendas por partido,
E a fortaleza só lhe será dada,
A qual devia ser o movimento
E a causa principal de seu intento.

LV.

Este partido então não foi acceito
Porque o Governador tomar pretende
A gente, e o metal cavo, a que sujeito
Está tudo, e que tudo assola e accende;
Por ventura cuidou que deste effeito
O successo de Diu quasi pende.
Manda-lhes outra vez, que ou se rendão,
Ou em tornando o Sol se lhe defendão.

LVI.

Temor de tal resposta não concebe
O valoroso Turco, que a honra preza,
Que o magnanimo esprito antes recebe
A morte, que mostrar qualquer fraqueza.
Ja para defender-se s'apercebe,
Provê do necessario a fortaleza,
Que mostrar covardia lhe he mais forte
Que passar por cruel e dura morte.

LVII.

Mas por não deixar meio, que tentado
Não fosse, por salvar a sua gente,
Manda ao Governador outro recado
Pedindo-lhe que veja bem, e attente,
Que pois a Diu vai encaminhado,
Digna empreza d'hum animo excellente,
Não queira em tão vil cousa embaraçar-se
Pois nada têe que possa desejar-se.

LVIII.

Porque daquillo que elle pretendia
Outro nenhum proveito elle alli tirava
Senão quebrar o espirito, a ufania,
Aos que para hum grão feito então levava;
E em perigo tambem quiçá os poria,
Porque elle co'os que têe determinava,
Com tanta resistencia defender-se,
Que só á morte havia de render-se.

LIX.

Está immobil o Cunha, e do adversario
Engeita este conselho, que atraz digo,
Tambem dizem que nisto por contrario
Teve, todo o que lhe era intimo amigo,
Que lhe diz que deixar lhe he necessario
Hum feito, de que espera hum grão perigo,
E proveito nenhum do que pretende,
Porém nenhum conselho ao Cunha rende.

LX.

Vendo o Turco hum tão claro desengano,
E a esperança de todo ja perdida
De poder evitar tão grave dano,
E a si, e aos seus salvar com honra a vida,
Vencido d'hum esforço mais que humano,
E d'huma opinião nunca vencida,
Imagina hum estranho raro feito
Qu'a desesperação lh'accende o peito.

LXI.

E para effeituar aquelle intento
Heroico, leal, illustre e nobre,
Cuja fama voando ao claro assento
A dos mais raros feitos hoje encobre,
Faz de todos os seus ajuntamento,
O que tẽe assentado lhe descobre,
Mas para dar mais força a isto que trata
Peraut'elles a lingoa assi desata:

LXII.

Companheiros fieis, caros amigos,
Porque eu tenho ja bem exprimentados
Os fortes braços e animos antigos
De que sempre vos vi acompanhados,
Com que ja despresastes mil perigos,
Por onde sois no mundo celebrados,
Quiz de meu pensamento dar-lhe conta,
Porque o forte antes quer morte que affronta.

LXIII.

O que nisto me faz mais atrevido,
E que a fallar comvosco mais m'inflama,
He cuidar que tereis ja bem sabido
Quanto est'alma vos quer, e vossa honra ama;
Pois de tudo em que fui de vós seguido
Tirastes sempre gloria, nome e fama,
Dá-me isto hũa esperança certa e firme
Qu'agora querereis tambem seguir-me.

LXIV.

Bem vêdes que tentei todos os meios
Quantos a honra tentar me concedia
Para abrandar aquelles peitos cheios
De presumpção, soberba, e d'ousadia;
E sempre os tenho achado mui alheios
Do que eu, e a rasão mesma lhe pedia,
Parece que a vós querem, não a terra,
E que vós sois o fim da sua guerra.

LXV.

Pois, qual ha de vós outros tão amigo
D'hũa vida tão vil, tão vergonhosa,
Que queira antes soffrer o jugo imigo
D'hũa gente cruel, despiedosa,
Que passar por qualquer grande perigo,
Por hũa morte honrada e gloriosa,
Qu'ao mundo vos fará tão conhecidos
Quanto o jugo vis, baixos, e abatidos!

LXVI.

E pois qualquer á morte está sujeito,
Nem a escusa, por mais que tarde venha,
Assaz deve á ventura o forte peito
Quando quer que com honra e nome a tenha;
O fraco, o para pouco, o sem proveito,
A vida com deshonra só sustenha,
Nós de quem a honra he mais que a vida amada
Vida assaz nos será a morte honrada.

LXVII.

Porém ja que nós outros alcancemos
Tal honra, fama, gloria e liberdade,
Rasão não me parece que deixemos
Em deshonrado jugo, e crueldade,
Os paes, as mães, e os filhos que aqui temos,
Pois he contra direito e humanidade
Que mouramos nós livres e com honra,
E elles vivão, captivos, e em deshonra.

LXVIII.

Possa aqui a honra mais que o amor paterno,
Demos a morte a todos cruelmente,
Porque será para elles gosto eterno
Não vêr que no-la dá a imiga gente,
E logo lá no claro e sempiterno
Reino, os iremos vêr mais livremente,
E nos abraçaremos sem receio
De morte, nem deshonra, ou jugo alheio.

LXIX.

Então vos darão graças, pois honrastes
A patria, e a vós, com vossa honrada morte,
E porque a vista della lhes tirastes,
E os fizestes subir a melhor sorte:
Sêde agora o que sempre costumastes,
Mostrai o vosso braço e peito forte,
Sinta aquella cruel gente homecida
Quão caro damos sempre o sangue e a vida.

LXX.

Todos nisto lhe dão consentimento,
E nenhum delles ha que o contradiga,
Correndo logo vão sem nenhum tento
Buscando cada hum a casa antiga;
Ja o consumidor rôxo elemento
Té o Ceo levanta a chamma imiga,
Entra em casa o soldado deshumano,
Com furor mais que imigo, mais que insano.

LXXI.

Esconde no materno ventre a espada
Em que elle andou tambem ja escondido,
Não detém as paternas cãas a irada
Mão do filho cruel, embravecido.
Ó crueldade estranha nunca usada,
Feito da natureza aborrecido,
Ja Phalaris cruel, ja o cruel Nero
Póde ant'estes perder o nome de fero.

LXXII.

Cahe debaixo do triste ferro duro
A cara companheira desditosa,
O tenro filho alli não he seguro
Que tambem sente a espada rigorosa;
Banha-se alli com sangue quente e puro
O branco lirio, e a purpurea rosa,
Do bello rosto em torno, ao qual voava
Amor, e a sua aljava despejava.

LXXIII.

Nunca em fera, cruel, dura batalha,
Lá onde odio e furor os braços manda
Contra o imigo a que cobre arnez e malha
Tanto sangue houve d'hũa e d'outra banda,
Quanto dos naturaes aqui s'espalha;
Por toda a parte a morte cruel anda,
Os montes gemem, o ar chora e suspira,
Só nos humanos peitos dura esta ira.

LXXIV.

Vê-se por hũa parte grãa revolta,
Lagrimas, rogos, dòr, e grandes gritos!
Por outra a terra toda estar envolta
Em sangue, e corpos mortos infinitos!
A carne emfim de todo de si solta
Os infelizes, miseros espritos,
Que lá polo ar se queixão descontentes
Dos seus antes imigos que parentes.

LXXV.

Dentro naquella noite, aquella terra
Despejada ficou de toda a gente
Qu'era fraca, ou inhabil para a guerra,
Para os trabalhos mal sufficiente:
J'agora dentro nella não s'encerra
Senão sómente aquella a quem consente
A idade, ou ja não tenra, ou não gastada
No peito o duro arnez, no lado a espada.

LXXVI.

Estes, de tanto mal não satisfeitos,
Tudo quanto mais tinhão ajuntárão,
Sem ficar alli mais que armados peitos,
E áquellas bravas chammas o entregárão:
Virão-se em breve espaço alli desfeitos
Os bens de cada hum, e só deixárão
Para despojo dos Christãos soldados,
Armas, e corações desesperados.

LXXVII.

Não houve então nenhum tão pouco forte
Entre aquella infiel gente perdida,
Que temendo a futura, certa morte,
Que tinhão ja bem clara, e conhecida,
Ou com desejo d'outra melhor sorte,
E conservar mais longo tempo a vida,
Á Portugueza gente se viesse,
E do que lá passava novas désse.

LXXVIII.

Porém ella, que ja se apparelhava
Para o que em vindo o Sol fazer pretende,
Inda que este recado lhe faltava,
Vendo o fogo que lá na ilha se accende,
E tal que a terra, e o mar todo assombrava,
O que podia ser bem claro entende,
Vista a nobre resposta, forte e rara
Que o Turco Capitão antes mandára.

LXXIX.

Tal determinação, e tal braveza,
Faz o Governador mais animoso,
E logo ordena alli com grãa presteza,
Que commetta o prudente, e valeroso,
Com gente pola porta, a fortaleza,
Grande Heitor da Silveira, que famoso
Tanto pudéra ser, quanto o Troiano,
Se tivera outro Homero, ou Mantuano.

LXXX.

E porque alli não val engenho ou manha,
Mandou outros fidalgos que alli havia
Cujo sangue ennobrece a nossa Hespanha,
Diogo da Silveira, e o Sá Garcia,
Dom Antonio Silveira, e mais Saldanha,
E outros alguns, com gente em companhia,
Que por outros logares alli estejão,
Porque mais facilmente entrados sejão.

LXXXI.

Antes que polo cume d'alta serra
S'estendesse o dourado raio puro,
Com que a nocturna sombra se desterra
Que fazia o claro ar sombrio e escuro,
Desembarcou a gente toda em terra,
E commetteo com furia o imigo muro,
Onde todos então fizerão quanto
Contar-vos determino no outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO II.

Toma-se a Ilha de Bete. O Governador combate a Cidade de Diu, e se recolhe a Chaul. Manda hũa armada que vá fazer guerra á costa de Cambaia. Sultão Baudur pede pazes, vai Simão Ferreira a assenta-las. Declara-se a vida de João de Santiago.

I.

Nunca vi succeder prospero effeito
Lá onde a obstinação moveo o escudo,
Porque o saber humano he imperfeito,
Nem póde hum por si só alcançar tudo.
Foge a fortuna ao obstinado peito,
Traz o conselho vai com grande estudo,
E deste perde ás vezes o cuidado,
Quanto mais do teimoso e do obstinado.

II.

Póde-se vêr hum claro desengano
Em Terencio Varrão disto que digo
Bem á custa do seu sangue Romano,
E com que pôz o Imperio em grão perigo:
No qual aquelle barbaro Africano
Daquella vez fartou seu odio antigo,
Emilio o diga, e as mais vidas Romanas,
Tu tambem o dirás, funesta Cannas.

III.

O Lusitano Heitor, á porta imiga
Chega, com ferrea luz resplandecente,
Não ha nenhum dos seus que não o siga,
E tambem que não commetta ousadamente:
Trava-se alli cruel e dura briga,
Porque a força maior da imiga gente
Posta em hum esquadrão naquella parte
Do forte Capitão segue o estandarte.

IV.

Hum por subir então no baixo muro,
E por romper a porta outro trabalha,
Faz isto não haver logar seguro,
Mas perigosa em todos a batalha.
Ó fortuna cruel, ó fado duro,
Quem ha que contra ti resista ou valha?
Guarda-te, forte Heitor, muda esse posto,
Porque em mortal perigo ahi estás posto.

V.

Mas quem ha hi que não esteja preso
Do que manda o que o Ceo alto governa?
Desce hum raio de chumbo em fogo acceso
Lá da parte do muro mais superna;
Não detém o forte aço o subtil peso,
Ao valeroso Heitor passa hũa perna,
Cahe o corpo mortal, que a morte o chama,
Mas triumpha da morte a eterna fama.

VI.

Mas antes no salgado senhorio
Tres vezes escondeo o Sol seu lume,
Que cortasse o subtil honrado fio
A Parcá, que as mortaes vidas consume:
Aposentão na terra o corpo frio,
A alma sóbe lá ao claro eterno cume,
Com grãa perda da gente Lusitana,
De que o salgado humor em cópia mana.

VII.

E feita mais feroz, e mais accesa,
Co'a grave dôr que lá n'alma a lastima,
Rompe a porta, dá fim á dura empresa,
Por mais que lh'o defendem lá de cima.
Porém acha no Mouro grãa defesa,
Que tambem a honra mais que a vida estima,
Porque qualquer parece hum novo Marte
Em quanto os não entrárão d'outra parte.

VIII.

Porém depois d'entrados não se rendem,
Nem de fraqueza mostrão apparencia,
Em quanto dura a força se defendem,
E vão buscar a morte a competencia:
Os mais delles emfim mortos s'estendem,
Que não lhes val nenhuma resistencia,
E o mesmo logar mortos occupárão
Que para defender vivos tomárão.

IX.

A todo o que escapou das mãos dos nossos
(Os melhores dos seus ja mortos vendo)
Lá polo mais intrinseco dos ossos
Lhe foi hum temor frio discorrendo:
E para se salvar dos fortes, grossos
Esquadrões Lusitanos, recolhendo
Se vai, qual por cisterna humida e fria,
Qual por furna, ou por cova alta e sombria.

X.

Hum a que entre hũas pedras tinha dado
De salvar-se, o temor grande esperança,
Por hum de seus imigos foi achado,
Que o fez sahir á sanguinosa dança:
Acena logo o Mouro co'o terçado,
Estende o Portuguez a tesa lança,
O ferro por diante nelle encobre,
Que por detraz vermelho se descobre.

XI.

O Mouro, cuja fama agora voa
Lá pola região clara e superna,
E co'o metal sonoro o mundo atroa,
Pola fazer ao mundo sempiterna,
Pola lança passado, assi se coa,
Ao imigo cruel corta hũa perna,
Juntamente na terra ambos s'estendem,
Juntamente os espritos ambos se rendem.

XII.

De meus versos cantado eternamente
Fôras, illustre Mouro, se meu canto
Não tivera outro objecto aqui presente,
De que eu m'ensoberbeço e me honro tanto;
Que com imaginar nelle sómente
Até ás claras estrellas m'alevanto,
Mas a falta da minha, ou d'outra historia,
Não poderá tirar-te a tua gloria.

XIII.

Alguns a quem o esforço ainda não falta,
Por fugirem do jugo Lusitano,
Qual o ferido cervo corre e salta
A buscar o remedio de seu dano,
Sobem logo na rocha que he mais alta,
E se vão abraçar co'o largo Oceano,
Onde chegando ja despedaçados,
Entre os peixes ficárão sepultados.

XIV.

Os Christãos a triste ilha emfim tomárão,
Cessa logo o furor, mitiga-se a ira,
Só dous ou tres captivos nella achárão,
E as cinzas do que o fogo consumira;
O seu primeiro nome lhe mudárão
Os mortos, que ella em vão chora e suspira,
E de si lhe pozerão o segundo,
Co'o qual he conhecida hoje no mundo.

XV.

Este tão triste fim, tão lastimoso,
Do que tão facil antes se cuidava,
Mostrou então quanto era proveitoso
O conselho que o Turco antes lhe dava:
Porque o povo, de si pouco animoso,
O alvoroço perdeo, que antes levava,
E do animoso Heitor que tanto estima
O entristece a grãa falta, e o desanima.

XVI.

E de tão poucos vendo a valentia,
E d'hum logar tão fraco defendida,
Julgavão que esperar-se então podia
Daquella forte Diu, tão provida
De nobre gente e grossa artilharia,
Tão famosa no mundo, e tão temida,
E sempre vencedora, costumada
Mil vezes a sentir a imiga espada.

XVII.

Tanto que no outro dia Phebo veio
Banhar-se na de Bete triste praia,
Parte o Governador sem ter receio,
Porque com tantas mortes não desmaia.
Vê-se o mar de navios quasi cheio,
Revolve-o a chumbada longa faia,
Estende o nú remeiro os duros braços
Encolhe-os logo com iguaes espaços.

XVIII.

E cinco dias antes que o dourado
Planeta visitasse aquelle sino
Que no salgado Reino foi gerado
E no Ceo tem assento alto e divino,
Surge o Governador, acompanhado
Do seu nobre apparato, delle dino,
Meia legua daquella forte e brava
Cidade, para onde elle navegava.

XIX.

E vendo-se onde ja desejou tanto,
Não se quer mais deter hum só momento,
Logo com diligencia ordena quanto
Vê que lhe he necessario a seu intento.
Mas porém antes que entre este meu canto
No combate cruel, sanguinolento,
Lhe parece rasão que hum pouco trate
Do modo e dos logares do combate.

XX.

Foi o principio então deste apparato
Pôrem-se tres bateis em ordenança,
Levava o primeiro hum Espalhafato,
Qu'a morte envolta em fogo de si lança,
O segundo hum Leão, que em desbarato
Põe tudo, quanto sua furia alcança,
O terceiro outra peça desta sorte,
Cruel, ruinadora, grossa e forte.

XXI.

De mantas e arrombadas vai por cima
Coberto cada hum, quanto convinha,
Vai por Capitão de hum o forte Lima,
O qual Dom Vasco então por nome tinha,
De grão preço, valor, de grande estima,
A quem perigo ou morte não detinha,
E dos que no batel leva comsigo
Qual era seu parente, qual amigo.

XXII.

Leva hum negro estandarte, que em pintura
Mostra a triste visão que a derradeira
Hora espantosa traz á creatura
A que o peccado fez da morte herdeira;
Ja com esta pintada e vãa figura,
Profetisando a sua verdadeira,
A qual era tão triste e tão medonha
Que não ha quem os olhos nella ponha.

XXIII.

Aquelle exprimentado cavalleiro
Jorge de Lima vai aquelle dia
No segundo batel, a quem primeiro
Ninguem no esforço foi, e na ousadia.
Levava Tristão Homem o terceiro,
Cujo animoso esprito e valentia
Era huma verdadeira testemunha
Que lhe convinha assaz a sua alcunha.

XXIV.

Estes grandes bateis (que de tal arte
Apparelhados vão para este feito,
Que pudérão fazer em toda a parte
Tremer a barba ao mais ousado peito)
Havião de bater o baluarte
Que da parte do mar estava feito,
E roto com poder do ferro e fogo,
Se havião de chegar para elle logo.

XXV.

Hũa cadeia neste muro afferra,
Desse duro metal que dá Biscaia,
Que chega aos baluartes lá da terra,
E nega ao mareante que entre ou saia,
Porque do rio a livre entrada cerra:
Mas chegando os bateis á sua praia
Hão de largar-lha, para que entre e acuda
A nossa armada, e possa dar-lhe ajuda.

XXVI.

Está o Silveira então nobre e esforçado
Que o nome tẽe do Santo Lusitano
Que na grande Lisboa foi gerado,
E morto inda honra o povo Paduano,
Algum tanto dos muros affastado
Para se segurar de todo o dano
Que podia fazer-lhe a artilharia,
Com trinta embarcações em companhia.

XXVII.

O grão Cunha, de quem esta ordem pende,
Nem deixou de fazer tudo o que lh'era
Necessario para isto que pretende,
E que era a causa só que alli o trouxera:
Lá sobre o baluarte que defende
A barra, tres navios pôr fizera,
Que com força do grosso bronzo cavo
Hum combate lhe dê, áspero e bravo.

XXVIII.

N'hum, que era hũa galé grande e bastarda,
Vai Francisco de Sá senhoreando,
N'outro, que era galé real, he guarda
Nuno Fernandes Freire, e tẽe o mando;
Nada Antonio de Sá traz estes tarda
Que hũa grande albetoça vai mandando,
Todos tres valerosos e esforçados,
Todos por suas obras sinalados.

XXIX.

Sobre outro baluarte (a quem Diogo
Lopes, que de Sequeira tẽe a alcunha,
Deu o nome depois) ordena logo
Bem nove embarcações o nobre Cunha,
Que co'o pó salitrado envolto em fogo
Lhe dem hum grão combate, e nellas punha
Seis Basiliscos, onde habita a morte,
E outros grossos canhões de toda sorte.

XXX.

Manoel d'Albuquerque alli apparece
Por Capitão em hũa galeaça,
Em nada hũa galé desobedece
Quanto Jorge Cabral manda que faça.
A Manoel de Sousa outra obedece
Quando manda, castiga, ou ameaça,
Outra faz quanto manda em toda a parte
Martim Affonso de Mello Jusarte.

XXXI.

Nunca nestes entrou algum desmaio,
Nem a morte diante causou medo,
Vasconcellos Francisco (se bem caio)
N'outra galé tẽe mando firme e quedo,
N'hum batel Vasco Pires de Sampaio,
N'outro mandava Henrique de Macedo,
N'outro Martim de Freitas senhor anda,
Miguel Carvalho hũa albetoça manda.

XXXII.

Qualquer destes tambem com signaladas
Obras, ganhado fama por si tinha,
Qu'erão com grande nome celebradas,
Nem o invejoso nellas se detinha.
Os bateis levão todos arrombadas,
E tudo o mais então, quanto convinha
Para bem seu, e damno do contrario,
Como a cada hum era necessario.

XXXIII.

Mandou-se a muita parte da outra armada
Qu'em outras partes faça outra contenda,
E aquella ardente furia arrebatada,
A quem força não ha que se defenda,
Que o Ceo atroa, os muros torna em nada,
Sem hum ponto cessar nellas despenda,
Porque estando os imigos divididos
Possão mais facilmente ser vencidos.

XXXIV.

Em quanto em se ordenar põe tal cuidado
O Portuguez mais forte que manhoso,
O Mouro não estava repousado,
Porque nunca o temor foi ocioso:
Tambem lança de si ferro coado
O canhão inimigo e furioso,
E caminhar com tal furia o constrange,
Que a frota (inda que longe) bem abrange.

XXXV.

Ja Melique Tocão, senhor da terra,
Antes (como vos ja disse) sabia
Deste grande apparato, desta guerra,
Que diante de si agora via:
Tambem diz-se que dentro logo encerra
Munições, mantimento, artilharia,
Armas, gente, e tambem repaira o muro,
Mas com isto não se ha por bem seguro.

XXXVI.

O nome Portuguez por si sómente
Com tão alto temor nelle se assenta
Qu'esta forte Cidade, e forte gente,
Nem tudo o mais que forte se apresenta,
Não podem segura-lo no presente
Naufragio, que lhe mostra esta tormenta.
E dizem que a Cidade elle deixára
Se o que succedeo não lh'o estorvára.

XXXVII.

Pouco antes que com mostra horrenda e bella
(Sós oito dias são se não m'engano)
Sobre Diu colhesse a inchada vélla
O esperto marinheiro Lusitano,
Hum Capitão fugindo entrára nella
Que dá obediencia ao Sulimano,
Rumecão era o nome que elle tinha,
E lá do rôxo mar fugido vinha.

XXXVIII.

Dous fortes galeões bem concertados
Comsigo em companhia alli trouxera,
De gente e munições apparelhados
Para qualquer empresa que quizera:
Com quanto he grande esforço o dos soldados
O do seu Capitão maior inda era,
A causa que a fugir agora o incita,
Logo (se m'escutaes) vos será dita.

XXXIX.

Rumecão (se aqui a fama diz verdade)
Ou fosse por temor, ou esperança,
Ou odio antigo, ou por nova inimizade,
Porque isto a minha historia não o alcança,
Matou Raez Solimão, sem piedade,
Que tinha do grão Cairo a governança,
E juntando cubiça a esta crueza
Lhe tomou grande cópia de riqueza.

XL.

E por fugir ao áspero castigo,
Com que hum tal crime o tinha ameaçado,
Se recolheo a Suez, logar antigo,
No Estreito do Mar Rôxo situado.
Toma dous galeões alli comsigo,
Qualquer delles assaz forte e artilhado,
Com favoravel tempo o mar navega,
E no tempo que disse a Diu chega.

XLI.

Onde vendo o temor, e o fraco intento
Que Melique Tocão no peito encerra,
E a grãa cópia de gente e mantimento,
E a forte defensão que tẽe a terra,
Faltou-lhe em tal fraqueza o soffrimento,
Sendo habil, e creado sempre em guerra,
A Melique reprende, e toma a empreza
De resistir á gente Portugueza.

XLII.

Com isto que este Turco aqui tẽe feito,
(Claro signal do seu feroz esprito)
Tanto se acreditou, e tão acceito
Se fez ante Baudur, que do infinito
Seu exercito foi por elle eleito
(Como n'outro logar vos será dito)
Por Capitão geral, e bem he que ande
Traz o grande serviço a mercê grande.

XLIII.

Perde Melique toda a covardia
Que no hospede ha que tẽe hum forte escudo,
Cobra novo fervor, nova ousadia,
E em defender-se põe hum grande estudo.
Ja neste tempo para a bataria
Apparelhado tẽe os Christãos tudo,
Com alvoroço vão a esta peleja,
Que o forte o mór perigo mais deseja,

XLIV.

Ja trinta e hum sobre mil e mais quinhentos
Annos erão passados, que o Cordeiro
Se vestio dos humanos ornamentos
Que tēe no Ceo seu Pae Deos Verdadeiro,
E deu luz aos mortaes entendimentos;
Cinco dias do mez de Fevereiro,
Em que reina o verão lá no Oriente,
E cá se passa o inverno ao Occidente.

XLV.

Era então naquella humida e fresca hora
Qu'a luz nova as estrellas afugenta,
E com raios de prata a fria Aurora
Do seu Titon se aparta somnorenta:
Do curral salta o manso gado fóra,
E das humidas ervas se apascenta,
Quando os navios todos se abalárão,
E lá onde hão de bater ferro lançárão.

XLVI.

Qual soe, quando o medonho e furioso
Inverno está mais bravo e mais possante,
Mostrar o Ceo o raio luminoso
E traz elle o trovão grosso e tonante,
Retumba o valle, e o monte cavernoso,
Desmaia o trabalhado mareante,
Cahe o cruel corisco na alta serra,
Tudo o que toca abraza, e põe por terra.

XLVII.

Tal o grosso canhão hoje parece
Que d'hũa e d'outra parte assaz trabalha,
O Sol co'o espesso fumo s'escurece
Em quanto polos ares não s'espalha;
A frágoa de Vulcano a isto obedece,
Pouco resiste o arnez, menos a malha,
Qu'este espantoso tom cruel e imigo
Morte sempre e ruina traz comsigo.

XLVIII.

Ó cruel invenção, ao mundo dada
Lá onde Lucifer para sempre arde,
A valentia fôra hoje estimada
Se acertáras de vir annos mais tarde.
Ja não val braço forte, ou dura espada,
Esta iguala o animoso, e o que he covarde,
Toma ja o arcabuz forte soldado,
Que sem elle serás pouco estimado.

XLIX.

Mas o redondo ferro que sahia
Lá do concavo bronzo Lusitano,
Com quanto ardendo em fogo e furia hia,
Faz nos imigos muros pouco dano:
Mas a armada Christãa grave o sentia
Do canhão furioso Mauritano,
Que de fixo logar faz seu serviço,
E o Portuguez o faz de movediço.

L.

Os tres bateis então se hião chegando
Aos baluartes ja, que defendião
O mar e a barra, e vão-nos rebocando
As fustas, que diante delles hião:
Grãa cópia de pelouros, que atroando
Vem todo o mar, e em vivo fogo ardião,
Muito antes a encontra-los no mar vinhão,
Que cheguem lá, para aonde então caminhão.

LI.

Nada para detê-los he bastante,
Destruem, queimão, rompem, desbaratão,
Miseros dos que então achão diante,
Porque não se contentão se não matão.
Só o animoso Dom Vasco passa ávante,
Por mais que lá dos muros mal o tratão,
Só chegou ao logar determinado,
Mas caro lhe custou ter lá chegado.

LII.

Não era ainda bem junto áquella parte
Onde a morte cruel o ja esperava,
Este segundo Heitor, segundo Marte,
Quando no ar hum pelouro ja voava,
Qu'a torre encontrar vai do baluarte,
Com que a parte do mar se segurava,
Mas tal a fez alli o esperto Mouro
Que recebe sem damno o grão pelouro.

LIII.

Ja do mar e da terra se não sente
Senão só da bombarda a cruel ira,
Tudo esconde a fumaça negra ardente,
Encobre o Sol, a vista aos olhos tira.
O douto bombardeiro diligente
Não sabe aonde aponta, ou aonde atira,
Nos navios o ferro e fogo he tanto
Que causa morte n'huns, n'outros espanto.

LIV.

Os tres bateĩs se vem em grande aperto,
Nem tẽe ja quem os chegue, ou os arrede.
Que fazes, forte Vasco, lá tão perto?
Deixa agora o que o esprito alto te pede.
Hum pelouro da terra vem mais certo
Que os muitos que ella então de si despede,
Rompe a forte cabeça ao mundo rára,
E outra tambem que junto della achára.

LV.

Eterno Rei, benigno e piedoso,
Que com a tua remiste a nossa morte,
Porque o esprito antes cego e tenebroso
Receba luz, e suba a melhor sorte,
Recebe no teu seio glorioso
Este teu fiel servo, ousado e forte,
Que defendendo o teu nome infinito
Rendeo o valeroso, invicto esprito.

LVI.

Despois que a Christãa gente neste dia
Com grave damno seu em vão trabalha,
Deixa de todo a triste bateria,
Deixa aquella cruel dura batalha:
Qual deixa então no mar a carne fria,
Qual das veias sómente o sangue espalha,
Os navios em salvo não ficárão
Porque os mais, destroçados, escapárão.

LVII.

Affastados d'alli, com não pequena
Perda, segundo a fama hoje pregoa,
Manda o Governador içar a entena,
Levar ferro, e a Chaul volta a proa:
Mas primeiro que parta, manda e ordena
Que de navios hũa cópia boa
Da sua companhia alli se saia
E faça guerra á costa de Cambaia.

LVIII.

Fica a cruel armada que se aparta
Dos que vão a Chaul, com grãa bonança:
Nada a detem então que não se parta,
Toma do mal passado grãa vingança:
De males, damnos, mortes, não se farta,
Jamais a espada cessa, nem a lança,
Não escapa a mulher, o velho, o moço,
Tudo sente o cruel, bravo destroço.

LIX.

Correm do mar a fralda os Lusitanos,
Vingão assaz os males seus passados,
Nem bastão os crueis, primeiros danos,
Para se haverem ja por bem vingados:
Durou este odio e guerra bem quatro anos,
Com que os Cambaios mal afortunados
A furia Portugueza sentem tanto
Que só conta-lo causa grande espanto.

LX.

Todos aquelles grandes senhorios
Forão sem piedade então corridos,
Tomão-lhe mil logares, que vazios
Lhe deixárão de todo, e destruidos:
Não escapão nos mares os seus navios,
Tambem aos nossos ficão submettidos,
Da gente, a que por dita escapou viva
Não póde alli escapar de ser captiva.

LXI.

Tanto este mal, tanto este damno crece,
A tanto chega então a furia imiga,
Qu'o grão Rei de Cambaia lh'obedece,
E o seu furor antigo se mitiga:
A pedir pazes logo humilde dece,
Qu'assi a grãa soberba se castiga,
E Baçaim por esta paz que pede
Com suas terras e ilhas nos concede.

LXII.

Fica o Governador assaz contente
D'hũas pazes que vem desta maneira,
Com que a guerra se acabe, e se accrescente
O mando á Lusitana alta bandeira:
E para que estas pazes logo assente,
Manda que a Diu vá Simão Ferreira,
O qual era então da India secretario,
Bem provído de tudo o necessario.

LXIII.

Mas porque em qualquer falta não o tome
Da terra a lingua lá, por não sabella,
Levou hum, que Joanne tem por nome,
E grão conhecimento tinha della,
O qual do Santo tẽe o sobrenome
Que hoje adora a Gallega Compostella:
Ouvi-me deste a varia estrella e vida,
Que he cousa digna assaz de ser ouvida.

LXIV.

Este para que a minha historia pede,
Senhores, attenção, seguio a insana
Lei primeiro do immundo Mafamede,
E nasceo na infiel terra Africana;
Lei que a brutalidade toda excede,
Que os seus por si sómente desengana,
Mas tanto póde a carne (com seu dano)
Que val mais que a rasão, que o desengano.

LXV.

No mundo foi apenas entrado
Quando se vio sujeito ao jugo imigo,
D'entre os braços da chara mãe roubado
Perde da doce patria o ninho antigo.
D'alli ao fiel povo foi levado,
Banhão-no no licôr sagrado e amigo
Qu'as culpas lava, enche de graça o peito,
E põe nas almas ser puro e perfeito.

LXVI.

O Ceo, que para varia sorte o chama,
A hum calafate Portuguez o entrega,
Grão saber, discrição nelle derrama,
Grande engenho e agudeza lhe não nega;
Grandemente por isto o senhor o ama:
E depois acontece que navega
Lá para o Oriental Reino o mar bravo,
E leva em companhia o seu escravo.

LXVII.

Nem lá cessa este amor, esta vontade,
Em quanto d'ar o corpo vivifica,
E quando a alma mandou á eternidade
Est'amor por mil provas verifica:
Pois deixa o amado servo em liberdade,
E com ella tambem ao servo fica,
Por morte do senhor, hũa grãa parte
Do que as suas mãos lhe derão, e a su'arte.

LXVIII.

Ja a este tempo aquelle que tomára
Dos dous do Zebedeo nome e appellido,
Da idade pueril que atraz deixára
Os tenros annos tinha consumido,
Agora na viril idade entrára,
E com estudo tal tinha aprendido
Quasi as linguagens todas do Oriente,
Que dellas usa assaz perfeitamente.

LXIX.

Depois que a cruel Atropos, e horrenda,
De seu senhor cortou o subtil fio,
Ajuntando o que pode de fazenda
Entra de Bisnagá no senhorio.
Nenhum ha que melhor a lingua entenda
Daquella terra, e o Rei, que era gentio,
Logo por sua audacia o conhece,
E dá-lhe entrada em casa, e o favorece.

LXX.

Este seu favor logo não se acaba,
Que co'a lisonjaria se aconselha,
E tudo louva a ElRei, nada desgaba,
Nunca se lhe para isto nega a orelha.
Seus idolos approva, e ritos gaba,
E mil vezes ante elles se ajoelha,
Tanto favor lhe mostra ElRei por isto
Qu'entre os seus mais acceitos era visto.

LXXI.

Mas como hum cubiçoso e máo conceito
Não póde muito tempo estar no seio,
Que Deos ás vezes (que he juiz direito)
Faz que de se mostrar seja elle o meio;
Não pode este encubrir tanto o seu peito,
De maldade e cubiça sempre cheio,
Qu'antes que muito tempo alli passasse
Elle por si se não manifestasse.

LXXII.

D'hũa parte este vicio baixo e immundo
(Pae de todos, e tronco verdadeiro,
Qu'a gente pasma, e tẽe por sem segundo,
Mas qualquer em segui-lo he o primeiro,
Que sempre he falso o bom que mostra o mundo)
E d'outra hum tal favor n'hum estrangeiro,
Aborrecido o fez d'outros privados,
Os quaes delle se tẽe por acanhados.

LXXIII.

Este odio, inda que novo, assi crescia,
Qu'em breve tempo foi maior que antigo,
Por onde elle, naquelle mesmo dia
Que o Ceo se lhe mostrava mais amigo,
E mais alto chegou sua valia,
Se vio encaminhar para o castigo,
Que o miseravel corpo no ar levanta,
E com laço cruel prende a garganta.

LXXIV.

Esta he do mundo a bemaventurança,
(Oh quanto vás, juizo humano, errado)
Nisto pára quem põe a confiança
No que de si promette hum alto estado:
Este triste chegando á mór bonança
O sóbem n'hum rocim, e deshonrado
O guião para a forca, a qual faz guerra
E soe punir os máos naquella terra.

LXXV.

Ja d'hũa côr mortal coberto o rosto,
E a força natural quasi perdida,
Chegado estava áquelle triste posto
Lá onde o condemnado deixa a vida;
Quando os mesmos a quem elle deu desgosto,
E que por elle vírão abatida
Sua privança (dôr que as almas cega)
O pedírão a ElRei, e não lh'o nega.

LXXVI.

Torna o misero em si, vive, e respira,
Os membros cobrão o calor nativo.
Torna a côr ao logar d'onde sahira,
Dá-lhe alguma figura ja de vivo:
Anda, vê, falla, e cuida que he mentira,
Vê-se solto, e inda cuida que he captivo,
Co'os olhos o está vendo, e o pensamento
Inda cuida que he sonho, ou fingimento.

LXXVII.

Porém vendo que ja segura tinha
D'hum perigo mortal a vida chara,
Temendo que se alli mais se detinha
A veja n'outro mór que o que passára;
Para Goa d'alli logo se encaminha,
Foge á terra que á morte o condemnára,
Mas nem socega muito tempo em Goa
Que logo para Ormuz voltou a proa.

LXXVIII.

D'Ormuz na branca praia apenas salta,
Quando o seu grand'engenho, e ousado peito,
Que com tantos trabalhos não lhe falta,
O fez a ElRei da terra tão acceito,
Que privança alcançou logo tão alta,
Que no Reino por elle tudo he feito:
A cubiça, que lh'era natureza,
Fez que logo ajuntasse grãa riqueza.

LXXIX.

Alli sua bonança ha por segura,
E que sua fortuna alli socegue,
Mas como ella ao que pôz na mór altura
Sempre com maior mal trata e persegue,
Faz que neste alli foi de pouca dura
Tudo quanto lhe fôra antes entregue:
Perde o mando, as riquezas, a privança,
E quasi de viver a confiança.

LXXX.

A causa disto foi, se não m'engano,
Saber de certo ElRei que se fizera
Este naquella terra hum tal tyrano,
Qual Sicilia jamais de si não déra:
E outro castigo mór, outro mór dano,
Este falso em Ormuz então tivera,
Se aquelle Capitão não atalhava
Que a Christãa fortaleza governava.

LXXXI.

Dò segundo perigo em salvo posto
Deter-se aqui tambem mais, arreceia,
Outra vez para Goa volta o rosto
Onde seus infortunios remedeia:
Em grãa miseria alli, em grão desgosto
Passa a vida, de males sempre cheia,
Até que co'o tempo outra occasião traga
Com que possa curar a nova chaga.

LXXXII.

Mas o Ceo, que até então lhe fòra vario,
De novo bem lhe dá novo desenho,
O Governador manda o Secretario
Da India, ao que ja acima dito tenho:
Santiago vê que necessario
Lhe he naquella jornada o seu engenho,
Porque a Cambaica lingua bem sabia,
Pedio-lhe que o levasse em companhia.

LXXXIII.

Ferreira o companheiro não engeita,
Leva-o por seu Faraute na viagem,
E em entrando em Cambaia se aproveita
Do seu esperto engenho, e da linguagem:
Logo co'o Sultão teve tão estreita
Amizade, que a todos fez vantagem,
Tal era o seu saber e habilidade
Que bastava a ganhar qualquer vontade.

LXXXIV.

A sua inclinação perversa o incita
A que em nenhuma lei firme se assente,
Porque tão devoto entra na mesquita
Que fez a Mafamede a Moura gente,
Como quando o Christão templo visita
Que honra a Deos Verdadeiro, Omnipotente:
Com igual devoção tambem acode
Quando está co'o gentio ao seu pagode.

LXXXV.

De tal sorte o Sultão se lhe affeiçoa,
Que quando o Secretario se despede
Para cortar o mar direito a Goa,
Lhe pede que lh'o deixe, e lh'o concede.
Logo a sua bonança ao cume voa,
E todas as passadas bem excede,
Que logo foi em tantas honras posto
Quantas soube inventar o amor e o gosto.

LXXXVI.

A primeira he fazer que elle se veja
Com grãa casa, e apparato soberano,
E para a sustentar como deseja,
De renda vinte mil pardaos cada ano
Lhe tinha dado ElRei, para que esteja
Rico, grande, abastado, alegre, ufano,
E dous logares, para que mais creça
Sua honra, e seu estado se engrandeça.

LXXXVII.

Nem farto inda com isto o ardente peito
Do Rei, a quem hum amor novo então cega,
A este, sem mais conselho ou mais respeito,
O mando universal do Reino entrega:
Tal que aos mais nobres seus, contra direito,
Qualquer cargo que têe agora nega,
E para este só quer que se reserve,
E tambem de Faraute este lhe serve.

LXXXVIII.

Porém em quanto o Ceo hum tal estado
Tão alto e soberano então lhe dera,
Não lhe deu hum aspecto nobre e honrado,
Conveniente ao estado em que o puzera:
Era de rosto mal afigurado,
No qual por mil signaes se via que era
Do mal contagioso combatido
A quem França têe dado hoje o appellido.

LXXXIX.

Mas como nada disto lhe tirava
A grande discrição, grande eloquencia,
Qu'o seu máo peito em si dentro encerrava
Taes, que co'os vicios vão a competencia:
Aquelle que algum tempo o conversava,
E disto tinha alguma experiencia,
Ha que em Principes ficão desculpados
Que lhe forão ja tão affeiçoados.

XC.

Em casa deste Rei, que a tanta altura
D'hum estado tão baixo o alevantára,
Se mostrou a fortuna de mais dura
Do que em todas as outras se mostrára:
Mas como nenhuma ha firme e segura,
Aqui lhe deu o fim que lhe guardára,
Digno d'hum infiel, malvado esprito,
Como espero que ávante seja dito.

XCI.

Deste não mais, porque he rasão que acuda
Ao Sultão, que por mim está bradando,
Pedindo-me que queira dar-lhe ajuda
Contra o Mogor, que o vai desbaratando:
Se agora não me falta a minha ruda
Musa, e o Ceo se me mostra amigo e brando,
Contar-vos esta guerra, e a causa quero,
Porém lá no outro Canto vos espero.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO III.

ElRei dos Mogores faz cruel guerra a Sultão Baudur: declara-se a causa e a origem della. O Sultão manda pedir soccorro ao Governador, e a Martim Affonso de Sousa, Capitão-mór do Mar. E apoz isso manda sua mulher para Judá.

I.

Quem vio nunca tyranno que tivesse
Seguro o peito, alegre e repousado?
Quem vio nunca soberbo que podesse
Conservar longamente hum alto estado?
Nenhum destes se vio, a que não desse
O Ceo hum cruel fim, triste e apressado,
Porque entenda o soberbo, e o que he tyrano,
Que se he poderoso, he tambem humano.

II.

Fálaris, Tamorlão, Mezencio, Nero,
Que tanto humano sangue derramastes,
Vós os dous Dionizios, que co'o fero
Nome só, a Siracusa amedrontastes,
E os mais de que tratar aqui não quero,
Que o mundo com cruezas espantastes,
Dizei, porque se saiba esta verdade,
Quão pouco vos durou a magestade.

III.

Alguns houve tambem, que ainda na vida
Tiverão de seus males o castigo,
E que a soberba vírão abatida
Por mais fraco poder, mais baixo imigo:
Este para que agora vos convida
A minha historia, mostra isto que digo,
De que logo vereis a experiencia
Se me quizerdes dar benigna audiencia.

IV.

Junto do Caspio mar, contra o Oriente,
Lá nas partes da Persia interiores,
Habita hũa animosa e forte gente
Que tẽe inda por nome hoje Mogores;
Cuja lingua algum tanto he differente
Da que se usa entre os Persas moradores;
Alvos os homens são, brandos, trataveis,
Domesticos, polidos, conversaveis.

V.

Manda hum Rei este povo bellicoso,
Que Mirahamed Mayam se chama,
Tanto d'altas empresas cubiçoso,
Que sempre a maior busca, esta mais ama:
Este esforçado Rei, e poderoso,
Algum tanto a Sultão Baudur desama,
Por vêr que traz com guerras avexados
Alguns dos seus amigos, e alliados.

VI.

Mandadas d'hũa e d'outra parte tinhão
Sobre este caso algũas embaixadas,
As quaes como naquelle tempo vinhão
De vontades imigas e damnadas,
Entr'elles para bem nada encaminhão,
Ficão do odio as raizes arreigadas,
E por então entr'elles não se sólta
Outro mór movimento, ou mór revolta.

VII.

Porém como o damnado pensamento
Quando mais dissimula, mais se accende,
E qualquer leve causa, ou movimento,
Lhe faz pôr em effeito o que pretende,
Não val rasão, não val entendimento,
Porque tudo ao furor então se rende,
Leve causa bastou para que o peito
Acceso, destes Reis, viesse a effeito.

VIII.

Na Côrte do Mogor então andava
Hum Senhor de grão preço e grande estado,
Que Mirizam Hamed se nomeava,
Com cuja irmãa ElRei era casado:
E entre as mulheres todas estimava
Esta mais, e lhe he mais affeiçoado:
Tão mancebo na idade então seria
Mirizam, que trinta annos não cumpria.

IX.

Este, ou que ElRei não faça delle a conta,
Qual cumpre a seu estado e dignidade,
Ou levado da mal quieta e prompta
A cousas novas, sempre mocidade,
Havendo todavia por affronta
Mostrar-lhe ElRei desgosto e má vontade,
Do seu merecimento assaz indina,
Buscar Senhor alheio determina.

X.

E sem mais outro tento, só movido
D'hum furor que a rasão mil vezes tolhe,
Se o que merece ser favorecido
Desgosto e semrasões por fructo colhe,
Mirizam do Mogor parte escondido,
Para Sultão Baudur lá se recolhe,
O qual elle em o Mandou então achára,
Reino que pouco tempo antes ganhára.

XI.

Foi esta sua vinda recebida
Do Sultão, com grãa festa, e com grão gosto,
Mas sabendo o Mogor esta fugida,
E para onde elle então voltára o rosto,
Não pôde dentro em si ter escondida
A dôr que recebeo, e o grão desgosto,
Forçado lhe he de fóra descobrir-se,
Que mal a grande dôr póde encobrir-se.

XII.

Arde em odio e desejo de vingança,
Manda ao Sultão sobre isto hũa embaixada,
A qual o que pretende não alcança,
Torna com más palavras affrontada.
O Mogor, que não perde a confiança,
Mas o esforço e furor lh'a dão dobrada,
Lhe repete outra vez, ja menos brando,
E palavras tambem duras soltando.

XIII.

Baudur, que hũa soberba, hũa ufania
Tẽe, e hũa natural furia indomavel,
E então era maior, porque sentia
Nas guerras a fortuna favoravel,
E porque tinha em sua companhia
Hum exercito grande e innumeravel,
Tal resposta lhe dá, tão solta e feia,
Que d'hum baixo e vil servo ind'era alheia.

XIV.

Não arde tanto a frágoa de Vulcano,
Que de Lênos atroa o valle e o monte,
Onde por mal d'alguns, por grave dano,
Tu Pyracmon, tu Steropes, tu Bronte,
Os coriscos bateis que ó soberano
Jupiter sólta com irada fronte,
Como arde do Mogor o peito em ira
Quando a resposta do Sultão ouvira.

XV.

O terrivel aspecto mette medo,
Nos olhos vivo fogo então chammeja,
Da lingua o natural uso está quedo,
Nem póde declarar o que deseja :
Emfim a sólta, e diz que muito cedo
Elle mesmo irá, vêr se em tudo seja
Correspondente o esforço em obra e effeito
A taes palavras, tão soberbo peito.

XVI.

Era isto na sazão áspera e dura
Em que se vê de todo núa a planta,
Ausenta-se dos prados a frescura,
A branda Philomena ja não canta ;
O Noto inchado assopra, e a formosura
Tolhe ao Sol, o mar se incha e se alevanta,
O manso rio chega a tal grandeza
Que co'o mar competir quer na braveza.

XVII.

Porém depois que aquelle tempo torna
Brando, suave, alegre, desejado,
Em que Flora de novo o corno entorna
Com que Alcides se fez tão celebrado,
De folha, flôr e fructo a planta se orna,
De boninas se esmalta o fresco prado,
Torna com novas queixas a triste ave,
Favonio sôa então brando e suave.

XVIII.

Determina o Mogor fazer aballo,
Vendo que o bravo rio ja consente
Neste tempo que possão vadeallo,
Porque isto o detivera tão sómente.
Dizem que ajuntou logo de cavallo
Trinta e cinco mil homens, sem mais gente
Que pelejasse a pé, porque esta terra
Só co'os cavallos faz a sua guerra.

XIX.

Grande caminho passa em poucos dias,
Porque a grande ira então o estimulava,
Entra ja de Chitor nas frontarias,
Reino que então Baudur senhoreava,
Onde ajudadas do odio as valentias
Fazem guerra qual elle lh'a ensinava;
Vinte e cinco mil homens lhe vierão
De cavallo aqui, mais do que então erão.

XX.

Com tão nobre apparato, e sumptuoso,
Para buscar o imigo se dispunha,
Com som de quatro pés, rijo e espantoso,
Pisa ja o verde campo a ferrada unha:
E como era d'espirito grandioso,
Nas grandes presas só seu tento punha,
Polas aldeias passa, e as vê apenas,
Porque não o detem cousas pequenas.

XXI.

E como o seu caminho nada impede,
A trabalhos nenhuns então perdoa,
Com tal presteza vai, que bem excede
A presteza de tudo quanto voa:
E a tanto isto então chega que precede
Em mil partes a fama que o pregoa,
E com tanta presteza, e furor tanto,
De temor toda a terra enche, e d'espanto.

XXII.

O soberbo Sultão treme e arreceia,
E a gente que elle manda, e lh'obedece,
De tal temor fica então cheia
Que do rosto a côr desapparece:
E como onde o temor se senhoreia
Sempre as imigas cousas engrandece,
Este fez parecer que o Mogor vinha
Com muito mór poder do que então tinha.

XXIII.

Este que polos ossos ja corria
Daquella multidão tão sem proveito,
Lhe fez então não crêr a quem trazia
As verdadeiras novas deste feito,
Mas antes cada hum delles temia
O que então lhe dictava o fraco peito:
E assi por verdadeiro aquillo havião
Que elles com covardia em si fingião.

XXIV.

Isto pôz o Sultão em tal cuidado
Que lhe roubou de todo o entendimento,
Nem a destruição de seu estado,
Nem as novas que têe cada momento,
De quão ligeiro vem, quão apressado
A busca-lo o Mogor, lhe dão alento
Para determinar-se no que lh'era
Necessario fazer, e alli o espera.

XXV.

Mas o ousado Mogor, a que a ira ardente
Guiava a hũa vingança rigorosa,
Em muito breve tempo, áquella gente
Deu de si mostra, horrenda e temerosa:
E vendo que passava livremente
Por hũa terra imiga, e perigosa,
Perde o temor, a furia se lh'esperta,
Porque a victoria ja tinha por certa.

XXVI.

Os que do Sultão seguem o estandarte
De seiscentos mil passão, que bastantes
Pudérão ser de despossar a Marte,
E de acabar a empresa dos Gigantes:
Era dos de cavallo a quarta parte,
E de guerra duzentos elephantes,
E de peças tambem d'artilharia
Setecentas no exercito haveria.

XXVII.

Mas que presta isto tudo para guerra
Onde o valor os peitos não accende?
Com tamanho poder Baudur se encerra
Lá dentro no arraial, nem se defende,
Qu'assentado está lá junto da serra
De Mandou; mas o imigo que pretende
Acabar o que já bem começára,
Lá perto do Sultão ja se alojára.

XXVIII.

Estando este negocio tão diverso,
Grãa confiança em huns, n'outros receio,
O Turco Rumecão, máo e perverso,
Tal que d'outro peior (segundo eu creio)
Não se tratou jamais em prosa ou verso,
Tinha o mando geral, e o mór meneio
Sobre este grosso exercito e infinito;
Atraz vos fica delle assaz ja dito.

XXIX.

Tinha neste o Sultão grãa confiança,
Sómente o seu conselho era seguido,
Elle só tẽe de tudo a governança,
Elle he alli sómente obedecido.
Mas elle tendo então pouca lembrança
De quanto do Sultão tẽe recebido,
O deixa, quando lhe he mais necessario,
E trata de passar-se a seu contrario.

XXX.

Nem sua ingratidão nisto só cessa
(O peito, em que o máo nome todo cabe)
Antes modo lhe dá, com que a grãa pressa
Na serra teme hum passo com que acabe
Facilmente o que quer, pois lhe confessa
Que por elle só vem (como elle sabe)
O mantimento, e o mais que importante era
Á gente a quem agora as costas dera.

XXXI.

Toma-se o passo emfim, faz-se sujeito
Rumecão ao Mogor, de que era imigo,
Não sente o Sultão nisto mais que o effeito
Que sem receio está deste perigo,
Tanto isto lhe penetra o fraco peito
Que lhe accrescenta em dobro o medo antigo:
Temem tambem os seus, porque os senhores
Fazem quaes elles são, os servidores.

XXXII.

Ó baixa, vil e cega covardia,
Dos sentidos total destruidora,
Não vê agora esta gente que podia,
Desarmada, ser facil vencedora,
Porque o medo entranhavel lh'impedia
Aos olhos, que não vissem naquella hora,
Que, em tal desigualdade, era a victoria
Tão certa, que não dava grande gloria.

XXXIII.

Porém estes merecem desculpados,
Pois a senhor tão fraco obedecião,
E aquelles por quem erão governados,
E os negocios da guerra então fazião,
Erão nelles tão pouco exercitados
Qu'inda as suas espadas mal região,
Em quem sempre maior temor se encerra
Que nos que experiencia tẽe da guerra.

XXXIV.

Succede a este temor a dura fome,
Que nenhuma força ha que não quebrante,
Faz esta com que a morte a muitos tome,
E nos vivos o medo se alevante:
Todo o bruto animal alli se come,
Não escapa o cavallo ou o elephante.
Elrei, sem ser do imigo combatido,
Foge hũa noite emfim, sem ser sentido.

XXXV.

Tanto que a nova luz resplandecente
Ornar de vária côr o mundo veio,
Esta fugida soube a sua gente,
A qual posta ficou em grão receio;
Porque em quanto o senhor está presente,
O servo, inda que tenha o peito cheio
De desesperação, d'espanto e medo,
Têe contra todo o mal o rosto quedo.

XXXVI.

Dá novas forças, novo esprito e alento,
Dá contra todo o medo resistencia
A presença do Rei, que olha com tento,
E têe do mal dos seus experiencia.
Porém quanto esta dá d'atrevimento,
Tanto ás vezes o tira a sua ausencia,
O fraco faz mais fraco, e põe no forte
Desejo de fugir á cruel morte.

XXXVII.

Estes tristes depois que a seu Rei virão
Com tamanho temor posto em fugida,
Longamente por elle em vão suspirão,
E têe sua esperança por perdida:
Na fugida tambem logo o seguirão
Por vêr se poderão salvar a vida,
Com grãa fraqueza o campo desampárão
Que com tanta soberba alli assentárão.

XXXVIII.

Ja os grandes arraiaes desamparavão
Os defensores seus, que os mal defendem,
Em grandes companhias se ajuntavão
Os tristes, e por cá, por lá se estendem;
Não porque assi melhor se asseguravão,
Mas tal he seu temor, que não entendem
Que fazem indo assi ser mais formosa
A presa, á gente imiga e cubiçosa.

XXXIX.

Vendo os Mogores tal, tão nova gloria,
Tão prospero successo, e sem perigo,
Qual nos não representa algũa historia,
Nem do tempo presente, nem do antigo,
Não quizerão seguir mais a victoria,
Deixão fugir em salvo o fraco imigo,
E vão-se a recolher a rica presa,
Dar saque ao arraial, ja sem defesa.

XL.

Achão nelle riquezas escondidas,
De que hũa quantidade tal havia,
Que com ellas o insaciavel Midas
Engeitára o que Baccho offerecia.
Porque além d'o Sultão alli mettidas
Ter todas quantas possuia,
Tinha muitos despojos que tomára
Em Reinos que adquiríra, e saqueára.

XLI.

Tambem achárão dentro algũa gente,
A quem não se mostrárão rigorosos,
Não por ser este imigo hoje clemente
A imigos que lhe são tão odiosos,
Mas porque o peito de cubiça ardente,
Os braços avarentos, cubiçosos,
Quando achão cousa que a cubiça farte
Não sabem occupar-se em outra parte.

XLII.

Fique agora o Mogor, colhendo est'alta
Presa, que lhe ganhou o forte braço,
Vamos traz o Sultão, a quem não falta
Nesta sua fugida hum embaraço:
Dá-lhe azas o temor, já vôa e salta,
E chega a Champanel em breve espaço,
Cidade que distante está hum grão trato
Do logar do seu triste desbarato.

XLIII.

Porém em sobresaltos mil empeça,
Nem este seu caminho em salvo segue,
Qu'a fortuna por pouco não começa
Contra o que a seu furor está entregue:
Não acha o triste aqui quem lh'obedeça,
O vassallo o salteia, este o persegue
Justo castigo dado ao máo tyranno,
Que conheça no seu o alheio danno.

XLIV.

Huns poucos, que por nome tẽe Resbutos,
E qualquer do Sultão era vassallo,
Que são na vida quaes alarves brutos,
Em vez de o consolar, e d'ajudallo,
Seguindo de ladrões os institutos
Vão duas ou tres vezes salteallo,
E desse pouco os seus lhe despojárão
Que na fugida os miseros salvárão.

XLV.

Dissimula o Sultão, mostra humildade,
Que a soberba ante o medo humilde fica,
Chegando a Champanel com brevidade,
Alguns logares perto fortefica:
Mulheres mette dentro na Cidade,
Mantimentos, com toda a cousa rica,
Porqu'era forte assaz por beneficio
Da mestra natureza, e do artificio.

XLVI.

Aqui dizem que tẽe determinado
Refazer seu poder, pôr-se em defensa,
Mas o Mogor, que assaz vem apressado,
No qu'elle determina não dispensa,
Porque d'elle o Sultão foi salteado
Com aquella do raio pressa immensa,
Tudo por onde vai saqueia e doma,
Nenhum por defender-se a espada toma.

XLVII.

Baudur, que inda com medo não repousa,
Sentindo que o Mogor ja perto lh'era,
Sustentar-se contra elle alli não ousa,
Que por forte não se ha quanto quizera;
Desampara a Cidade e toda a cousa
Rica, e quanto thesouro alli pozera,
O qual só nesta pôz innumeravel,
Por ser, como ja disse, inexpugnavel.

XLVIII.

Mas como quanto he astuto e diligente
Em adquirir riquezas o avarento,
Tanto mais vêr logra-las a outrem sente,
Nem teve gosto igual a este tormento:
E assi a mesma cubiça em que anda ardente
Lhe faz com que destrua n'hum momento,
O traz que tanto tempo perde o sono
Polo não vêr em mãos vir d'outro dono.

XLIX.

Tal foi aqui o Sultão, de quem se disse
Qu'hũa cópia de perlas grande e rara,
Antes que da Cidade se partisse,
Ás gastadoras chammas entregára
Para que o imigo não as possuisse,
Que sempre tão cruelmente o tratára.
Mas o mais que ficou foi tão sobejo
Que fez perder das perlas o desejo.

L.

A guarda da Cidade alli encommenda
Ao mesmo Capitão que antes a tinha,
Pedindo-lhe de novo que a defenda
Com o esforço e prudencia que convinha:
E elle, por não se achar nesta contenda,
Para Diu d'alli logo encaminha,
Cidade que he de todas derradeira
As que arvorão a sua alta bandeira.

LI.

Deixemo-lo agora ir, porque o receio
Faz, que não se assegure, ou assocegue:
Vejamos o Mogor, que todo cheio
De soberba e ousadia inda o persegue:
Tanto que a Champanel mostrar-se veio
Logo sem defensão lhe foi entregue,
O copioso thesouro, e a mesma terra,
Com tudo o mais que dentro em si encerra.

LII.

Aqui vendo que em vão tomar pretendem
O Sultão, que com azas lhes fugia,
A roubar polo Reino então se estendem,
Onde nada este intento lh'impedia.
Depois que com cubiça não se accendem,
Porque ja o roubo e a presa os enfastia,
Usão então d'estranhas crueldades,
Sem respeitar a sexos, nem a idades.

LIII.

Outra vez o Sultão m'está chamando,
Inda agora o deixei, não sei que diga,
Quero torna-lo a vêr, que arreceando
Estou, que ha d'estar posto em grãa fadiga:
Este apenas a Diu chega, quando,
Vendo quanto a fortuna lh'era imiga,
Desesperando ja poder salvar-se,
Deixar o Reino, e a Meca quer passar-se.

LIV.

O grão medo a que estava então sujeito
Lhe faz com que procure esta fugida,
Sem ter a seu estado algum respeito,
Nem que deixa com elle a honra perdida:
Mas uso he do covarde, e fraco peito,
Estimar mais que tudo a torpe vida,
Escolhe antes viver sempre em miseria
Que dar d'alto louvor larga materia.

LV.

Trabalhando o Sultão com grão cuidado
Por dar execução a seu intento,
Lhe foi d'alguns vassallos estorvado,
Que temem mais que a morte o abatimento:
Vendo-se de fugir desesperado,
Dá á vontade dos seus consentimento,
Mas a sua de todo não estava
Isempta, do que agora imaginava.

LVI.

Porém por mais rasões que então lhe déra,
Por mais que sua gente o segurára,
Acabar-se com elle não pudéra
Qu'isto que elle hũa vez em vão tentára
A pôr emfim por obra não viera
Se o Mogor de segui-lo não deixára,
Do qual quando sómente o nome ouvia
Ao corpo o sangue, ao rosto a côr fugia.

LVII.

E porque elle á tenção que tẽe no seio
Este ultimo remedio se promette,
Armar dous galeões com pressa veio,
E outros navios mais, com que fez sette:
Dizião que tres contos d'ouro e meio
Logo em dinheiro dentro nelles mette,
Com pedraria tal, tão ricas joias,
Qu'enriquecer pudéra muitas Troias.

LVIII.

Mette o rubi purpureo, a azul safira,
Verde esmeralda, e branco diamante,
Que qualquer a muito ouro o valor tira,
Qualquer de grande preço está diante:
Aqui põe sua mulher por quem suspira,
Por quem arde d'amor, que do possante
Rei de Deli era filha, e vencedora
Fôra em Ida, se lá a quarta fôra.

LIX.

Pôde tanto esta rara formosura
Naquelle de si fero e cruel peito,
Que a força natural, co'o uso mais dura,
Venceò nelle, e da sua o fez sujeito.
Armas são de que amor usa, a brandura
D'huns bellos olhos, d'hum suave aspeito,
Com que vence a invencivel fortaleza
Do longo uso, e da mesma natureza.

LX.

Mas vendo-se apartar, ficar ausente,
Daquella que a vontade lhe levava,
Daquella com quem só era contente,
Sem quem inda o mór gosto o atormentava,
Arrancando hum suspiro triste e ardente
Lá do centro do peito, a que abrazava
Hum grão fogo d'amor, e saudade,
Com que cada hora mais rende a vontade:

LXI.

Pondo os olhos naquelles d'onde nace
Na su'alma hũa luz mais que a do dia,
Naquelles olhos onde elle a alma pace
Do gosto que hum amor bem pago cria;
Vendo que na purpurea branca face,
A quem a rosa e a neve obedecia,
Hũa agua saudosa está estillando
Qu'inda mais que o seu fogo o está abrazando:

LXII.

He possivel (lhe diz) hum só meu gosto,
Hum só amor meu, hum só contentamento,
Que pois todo meu bem em ti está posto,
De mi nasça este triste apartamento?
Como ouso eu hoje a ti voltar o rosto,
Se eu causo hoje esse meu e teu tormento?
Ou como antes não quiz perder a vida,
Que sentir esta triste despedida?

LXIII.

A quem me queixarei do grave dano
Que ficará comigo de contino,
Se quando eu sou comtigo mais ufano
Então de ti apartar-me determino?
Se eu mesmo contra mi sou deshumano,
Quem me poderá ser brando ou benino?
Inda isto ajuda mais a atormentar-me,
Qu'em meu mal só de mi posso queixar-me.

LXIV.

Porém o mal quẽ em mi tẽe maior parte,
O que esta alma mais sente, e o que mais chora,
He vêr que com rasão pódes queixar-te
De quem morre por ti, de quem te adora;
Pois sendo minha gloria contentar-te,
Eu te obrigo a lançar dos olhos fóra
Essa agua que a mi, mais que a ti maltrata,
Pois a ti só faz triste, a mi me mata.

LXV.

E se eu vivo sómente de querer-te,
Se do teu gosto só meu gosto pende,
Se fazer-te a vontade, e obedecer-te
He o que em maior gosto est'alma acende;
Vendo eu por minha causa entristecer-te,
Como ao teu gosto est'alma se não rende?
Quem me fez hoje ter tanta crueza,
Que possa al em mi mais que essa tristeza?

LXVI.

Mas baste ser-me dura e esquiva a sorte,
Não me sejas tambem tu dura e esquiva,
Que pois em ti só tenho a vida e a morte
Forçado he que por ti só moura e viva:
Cuida que por fugir a hum mal mais forte
Se offreceo esta alma a ti captiva,
A soffrer este mal da tua ausencia
Que me consume o siso, e a paciencia.

LXVII.

Bem vejo eu, amor meu, quão trabalhosa
Vida farei sem ti, se acaso dura,
Que se a tenho, ou se me ella he deleitosa,
Effeitos são de tua formosura:
Mas vejo a minha sorte, d'invejosa
Do meu contente estado, e alta ventura,
Tão dura contra mi, que vou cuidando
Qu'em triste estado o quer ir transtornando.

LXVIII.

Ordena que hum cruel, soberbo imigo,
Em perseguir-me tanto, dure e insista,
Que nos meus Reinos ja não tenho abrigo,
Nem forças, ou poder que lhe resista:
E por eu não vêr posta em tal perigo
A quem vida me dá só com a vista,
Ordeno esta mortal, cruel partida,
D'onde espero melhor gosto e melhor vida.

LXIX.

Irás, meu bem, irás lá, onde espero
Que mui cedo tambem serei presente,
Mas não irás sem mi, que o que t'eu quero
Faz ir comtigo est'alma juntamente:
E em me dando logar o imigo fero
Irá o corpo buscar a alma contente,
Que nunca se apartou hum só momento
De quem he todo seu contentamento.

LXX.

Quietamente então satisfaremos,
Apesar da ventura, e de meu fado,
Este bem, e este gosto que perdemos,
Com dobrado outro bem, gosto dobrado:
Com tal certeza em tanto poderemos
Soffrer a saudade, e o triste estado
Em que a ambos nos tẽe posto hũa lembrança,
Que o mal fa-lo soffrivel a esperança.

LXXI.

Ja agora estas palavras mal podia
Declarar o Sultão, que a larga e grossa
Veia, que dos seus olhos lhe corria,
Lhe faz, que a lingua então mal mover possa.
A namorada esposa, em quem fazia
Muito mais impressão, muito mais mossa,
O mal que em seu esposo estava vendo,
Qu'a grave dôr que estava ella soffrendo.

LXXII.

Pregando nelle os olhos, que bastavão
Render a mais agreste alma, e mais ruda,
Inda estilando perlas, que dobravão
O amor ao que em ama-la só estuda;
Detendo-se hum espaço, em quanto davão
As lagrimas logar á lingua muda,
Em meio d'hum suspiro saudoso
Desta sorte responde ao charo esposo:

LXXIII.

Esposo charo meu, mais que esta vida,
Mais que estes olhos meus com que te vejo,
Não me tenhas por tão mal entendida,
Que não entenda bem, que o grão desejo
Que tẽes de me não vêr offerecida
A hum perigo mortal, a hum mal sobejo,
Faz que hoje contra mi sejas tão fero,
Porque isso te merece o que t'eu quero.

LXXIV.

Bem vejo que a rasão que a isto t'obriga
Procede só d'amor, não d'outra parte,
Porém que esperas tu que faça, ou diga,
Quem vive de te vêr, e ha de deixar-te?
Por muito que a ventura me persiga,
Pois quiz que minha gloria fosse amar-te,
Que outro mal póde dar-me, ou que tormento
Que se iguale com este apartamento?

LXXV.

Se comtigo hei de ter perigo, ou morte,
Sem ti peior morte espero, ou mór perigo,
Pois sem ti o menor mal me será forte,
E o maior me será brando comtigo.
Assi que então terei mais dura a sorte,
Então me será o fado mais imigo
Quando sem ti me vir em salvo posta,
Qu'então a mór perigo estou disposta.

LXXVI.

Mas pois com esta ausencia seguramos
Este grão bem que aqui em risco temos,
Rasão será que hum breve mal soffamos
Para que longamente o bem logremos:
Vamos agora traz o que esperamos,
E este bem duvidoso aventuremos
Por ter hũa segura alta bonança,
Enganemos embora esta esperança.

LXXVII.

Eu irei, amor meu, porém presente
Comtigo fica est'alma, e a liberdade,
E em meio desta ausencia irei contente
Pois te pude fazer nisto a vontade:
Mas muito mais o irei, pois brevemente
Satisfarei comtigo a saudade
Que de ti nesta tua alma se assenta,
Se tanto como a mi te ella atormenta.

LXXVIII.

Mil soluços tambem d'amor nascidos,
De todo a voz e a lingua então lh'atárão,
Que os que em igual amor erão unidos
Tambem nas mostras delle se igualárão:
Assi mais que nunca hoje ambos rendidos,
Ambos logo a partida apparelhárão,
Porque a esperança então forças lhe dava
Com que soffrão hum mal que a ambos matava.

LXXIX.

E á riqueza que disse e grão thesouro
A esta mulher com quem o gosto lhe hia,
E estima mais que pedraria e que ouro,
Por guarda o Sultão deu, e companhia,
Hum, não sei se he Gentio, Turco, ou Mouro,
Mas de quem elle muito se confia,
Acefarcão, por nome este se chama,
Capitão que mais présa, e que mais ama.

LXXX.

Manda-lhe que a Judá se vá direito,
Cidade das melhores que elle tinha,
Situada do Rôxo Mar no Estreito,
Lá da parte que a Arabia lhe he visinha;
E aqui esteja, em quanto elle o seu conceito
Por recado, ou por si mostrar lhe vinha.
Mas ja que se elle agora não despede,
Vejamos polo Reino o que succede.

LXXXI.

Em quanto por salvar esta riqueza
E a mulher, o Sultão assi trabalha,
Não cessa do Mogor a alta crueza,
Por tudo quanto vê, cruel s'espalha:
Dos seus o que escapou a esta braveza,
E só a fugida espera que lhe valha,
A Diu se recolhe em tempo breve,
Onde estar o Sultão por novas teve.

LXXXII.

Porém nenhum a Diu se recolhe
Para ajudar seu Rei n'hum mal tão duro,
D'onde hum tão alto titulo se colhe
Que faz resplandecer o mais escuro.
Mas porque o rudo povo sempre escolhe
O logar por mais forte e mais seguro
Onde o seu Rei está, ainda que seja
Ao revez do que cuida e que deseja.

LXXXIII.

Desejo de salvar a inutil vida,
Que salvar não espera ja d'outra arte,
Não sómente a qualquer destes convida,
Mas constrange, a se vir para esta parte.
Aqui o que nunca a espada vio cingida
Está, e o que seguio sempre o fero Marte,
Porque he tal o temor por toda a terra
Que sobrepuja todo o uso da guerra.

LXXXIV.

Depois de ser entr'elles consultado
O modo com que o Reino se salvasse,
Foi por todos ElRei aconselhado
Que naquella Cidade signalasse
Logar ao Portuguez, imigo ousado,
Onde hũa fortaleza edificasse,
A qual deseja tanto, que está certo
Ajuda-los por ella neste aperto.

LXXXV.

O que deu a este voto mór vehemencia,
Com que ficárão delle satisfeitos,
Foi, terem ja hũa larga experiencia
Daquelles Lusitanos fortes peitos,
Que n'outrem nunca achárão resistencia,
Antes todos aos seus forão sujeitos,
Nem cuidão que outrem dê tão brevemente
Nem hum soccorro igual ao desta gente.

LXXXVI.

E como o anno ja d'antes tinha feita
O Sultão hũa paz, qual tenho dito,
E para ser mais firme e mais perfeita
Deu o que ja vos fica atraz escripto:
O conselho dos seus approva e acceita,
Porque lhe representa o fraco espirito,
Que a nova fortaleza, e a paz antiga
Lhe fará a Christãa gente mais amiga.

LXXXVII.

Mas porque o effeito disto não detenha
D'onde espera ser posto em liberdade,
Que vá hum Embaixador logo desenha,
Qu'ao grão Cunha descubra esta vontade,
E lhe pessa que a Diu logo venha,
Co'o mór poder que possa, e brevidade.
Mas comtudo a rasão não lhe descobre
Qu'então o constrangeo a ser tão nobre.

LXXXVIII.

E por se segurar melhor da morte,
Ou d'hum mal que tal medo nelle punha,
Manda a Martim Affonso, varão forte,
Que dos illustres Sousas tẽe a alcunha,
Outro recado então da mesma sorte
Qual fòra o que mandára ao grande Cunha;
O qual Sousa em Chaul então estava
E por Capitão-mór do mar andava.

LXXXIX.

Com quanto o grão temor tanto o captiva
Que o fórça a se valer dos que desama,
Não torna atraz, comtudo nelle aviva
Amorosa, cruel, ardente chama;
Antes cada hora mais nelle se aviva,
Cada hora mais o acende, mais o inflama,
Co'a lembrança da triste despedida
De quem lhe dá co'a vista gosto e vida.

XC.

Cresce com isto a dôr, cresce o tormento,
Cresce daquella triste hora o receio:
Mas entendendo que este apartamento,
Inda que agora o mata, lh'era meio
Para ter depois mór contentamento
De tristes sobresaltos sempre alheio,
Basta isto, inda que assaz suspira e geme,
Para acabar comsigo o que mais teme.

XCI.

Despois que despedio aquelle que hia
Ao Cunha Embaixador, como atraz digo,
Não quer que se dilate mais hum dia
O remedio do seu maior perigo:
E inda de si pasmado, porque via
Que podia acabar isto comsigo
Pondo a culpa ao temor e á esperança,
Quer que o seu bem se parta sem tardança.

XCII.

Fazendo apparelhar aquelles sette
Navios, que atraz disse a historia minha,
Tudo em grande abastança nelles mette
Quanto para a viagem lhes convinha:
Chamando Acefarcão, a quem commette
Hum thesouro que em tanto preço tinha,
D'encommendar-lh'o hũa e outra vez não cessa,
Ajuntando a mercê, e inda a promessa.

XCIII.

Com mercês feitas, e outras que offrece,
O seu charo thesouro lh'encommenda,
Porque o peito leal, que bem conhece,
Em maior lealdade assi o acenda:
Mas porque isto inda pouco lhe parece,
Para que Acefarcão melhor entenda
Que cousa esta he que só delle fiava,
Tambem estas palavras lh'ajuntava:

XCIV.

Fiel Acefarcão, não só sujeito
Levas á tua antiga lealdade
Todo o meu gosto, e bem puro, e perfeito,
Mas a vida tambem, e a liberdade:
Só fio isto de ti, pois do teu peito
Ja conhecida assaz tenho a verdade,
Bem descansado fico, e bem seguro,
Que no que importa mais serás mais puro.

XCV.

Acefarcão, que bem via a grandeza
Do que ElRei fia delle, lhe responde:
Senhor, pois confessastes que a certeza
Do meu peito ja não se vos esconde,
Hei que será escusado, antes rudeza
Será minha querer-me abonar, onde
As obras de tal sorte me abonárão
Qu'a confessar-mo vós, vos obrigárão.

XCVI.

Vejo que esta mercê foi de mór preço
Que quantas de vós tenho recebido,
Mas o que eu sei de mi, e vos mereço,
Me faz crêr que isto a mi só he devido,
Do que eu nisto confesso que conheço,
Deveis vós entender quão bem servido
Sereis nisto de mi, pois posto vejo
Em nova obrigação o meu desejo.

XCVII.

Algum tanto descansa, e se assegura
O namorado Rei, quiçá cioso,
Que não sei se aquella alta formosura
O faz de Acefercão ser duvidoso.
A partida porém logo procura
Tão largo em qualquer cousa e curioso,
Que não se satisfaz, ou determina,
Pois sempre novas cousas imagina.

XCVIII.

E assi d'honra e d'amor estimulado
Faz com tal apparato esta partida,
Qual convinha ao grão preço, ao grande estado
Daquella com quem manda o gosto e a vida:
E vendo elle ja tudo apparelhado,
E que á partida o vento as náos convida,
Manda-as ir o outro dia naquella hora
Que deixa o bello esposo a bella Aurora.

XCIX.

Aquelle espaço todo que desprega
Polos ares a noite o negro manto,
Qualquer dos dous amantes não se entrega
Ao devido repouso, usado tanto;
Antes o doce somno aos olhos nega
Occupados d'hum triste e largo pranto,
Os peitos o frio ar que estão bebendo
Tornão logo a lançar em fogo ardendo.

C.

Em meio d'agua e fogo, sempre vivos,
Pois então cada hum o outro accrescenta,
Os amantes cada hora mais captivos
Passão esta amorosa, alta tormenta:
Porém entre accidentes tão nocivos
(Tanto o vêrem-se juntos os contenta)
Desejando inda estão que se detenha
O Sol mais do que soe, ou que não venha.

CI.

Mas como aviva nelle isto que via
Os despresos do seu amado Louro,
D'invejoso, hoje mais do que sohia
Se apressa a descubrir os raios d'ouro:
Qualquer dos dous amantes, a que o dia
Obriga a se apartar do seu thesouro,
Mostra com novo pranto, nova queixa,
Quão caro a cada hum custa o que deixa.

CII.

Apartados emfim, como pudérão,
Logo a partida vão apparelhando;
Oh quantas vezes ambos maldisserão
O vento, porque lh'era amigo e brando:
Porque inda que desta ida ambos esperão
Segurar este bem que estão passando,
Vêr inda algũa cousa desejavão
Que dilate isto que ambos procuravão.

CIII.

Porém como então tudo favorece
Aquelle ultimo seu apartamento,
O Ceo sereno, o Sol claro apparece,
Brando e quieto o mar, prospero o vento;
Vendo que quanto mais tardão, mais crece
Da triste despedida o grão tormento,
Ajudados das forças da esperança,
Fazem lá para as náos logo mudança.

CIV.

Onde chegando os dous algum espaço
Em se darem esforço ambos gastárão,
Mas com tal dôr, e amor, que os peitos d'aço,
E os mais duros penedos abrandárão:
Dando-se ambos emfim o ultimo abraço,
Co'os olhos sempre hum no outro se apartárão,
Ella na ornada camara se encerra,
Elle outra vez se torna para a terra.

CV.

Eis logo o marinheiro diligente
Qu'isto esperava só, isto o detinha,
Levantando do mar o ferreo dente,
Faz a vella cahir, que presa tinha:
Ja o vento amigo a fere brandamente,
Ja corta a proa aguda a onda marinha,
Ar, agua e terra os dous hoje apartava,
Que o fogo apesar delles ajuntava.

CVI.

Baudur, que cá na praia estava posto,
Vendo soltar ao vento a larga vella,
Qu'apartando lhe vai todo seu gosto,
A angelica, suave, vista bella,
Não póde d'alli mais voltar o rosto
Em quanto têe os olhos vista della;
Mas co'a alma que lá lhe manda entregue,
Depois que a vista falta, sempre a segue.

CVII.

Depois que ja lá em vão vai estendendo
A vista, ja de novo arde e suspira,
E ja desenganado, recolhendo
Se vai, para o logar d'onde sahira:
Mas inda á saudade obedecendo
De quando em quando ao mar os olhos vira,
Inda quiçá cuidando que podia
Vêr, o que vira ja, que ja não via!

CVIII.

As náos ja naquella hora, que ajudadas
D'aquelle a quem os ventos mais temião,
Com grãa pressa cortavão as salgadas
Ondas, que ao Rei marinho obedecião,
Do amado porto vão tão affastadas
Que nenhuns olhos já vê-lo podião,
Com quanto alguns as náos tambem levavão
Que saudosos lá se encaminhavão.

CIX.

O suave almo Zefiro que agora
Inchando as vellas vai co'o sopro brando,
Sentindo lá os suspiros tristes fóra
Qu'a namorada esposa vai soltando,
E o lamentavel tom que ella chóra
A ausencia do que a vai acompanhando,
Movido a compaixão, e a piedade,
Determina saber disto a verdade.

CX.

Entra invisivel lá no rico e ornado
Aposento, onde as queixas tinha ouvido,
Mas apenas lá dentro foi entrado
Quando d'entrar lá foi arrependido.
Mas sinto-me eu tão rouco e tão cansado,
Que cuido que sou ja mal entendido,
Consenti que descanse aqui algum tanto
Porque com clara voz me torne ao Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO IV.

Zefiro chega onde está ElRei Eolo, e lhe pede favor para roubar a Rainha. As náos em que ella vai, depois de hũa grande tormenta, chegão a hũa Ilha não conhecida. O embaixador do Sultão chega a Goa, e torna a Diu com a resposta do Governador.

I.

Desejo he natural a todo peito,
A que com grão trabalho se põe freio,
Entender o secreto alheio feito,
E (se tambem ser póde) o peito alheio.
E quanto d'hũa parte a isto he sujeito,
Tanto d'outra procura d'achar meio
Com que encuberto nelle a todos seja
O que em todos saber elle deseja.

II.

Sujeição he, que pôz a natureza
Ao peito que he mortal, ser avarento,
E desta sujeição, desta avareza
Não vêmos escapar hum entre cento.
Nem sómente dos bens e da riqueza,
Mas tambem do segredo e pensamento
Faz a avara intenção, a que está entregue,
Que qualquer busque o alheio, e o proprio negue.

III.

Mas o alto Rei, Eterno e Soberano,
Que de tão más tenções foi sempre imigo,
Faz com que este avarento peito humano
Elle mesmo por si tome o castigo;
E procurando o alheio, ache seu dano,
Com grão trabalho seu, com grão perigo,
Mil exemplos para isto accumulára,
Mas o que hei de cantar bem o declara.

IV.

Zefiro, a que hum desejo grande acende
De saber o segredo do que ouvia,
Invisivel entrou lá onde entende
Qu'a verdade saber disto podia:
Porém de ter lá entrado se arrepende,
Porque em entrando vio o que não cria
Que o Ceo para outro effeito então creasse
Senão para que os livres captivasse.

V.

Vio aquella não vista formosura
Que os suspiros cada hora mais aviva,
Vio por neve correr hũa agua pura
Que dos formosos olhos se deriva:
D'alli cuida que Amor sólta a mais dura
Setta, com que o mais duro mais captiva,
Alli cuida que proprio e devido era
O louvor que a outrem dão Gnido e Cithera.

VI.

Pouco a pouco esta vista assi o enternece,
Que a liberdade ja lhe desbarata,
Olhando para si se não conhece,
Conhece dentro o Amor que mal o trata.
Mil vezes se quiz ir, mas lhe parece
Impossivel deixar a quem o mata,
O gosto do que vê o detem, onde
Mór fogo cada vez no peito esconde.

VII.

Hum grande espaço esteve contemplando
Isto que apenas crê tendo-o presente,
Cada momento mais accrescentando
As forças do amoroso fogo ardente.
Algum tanto porém em si tornando
Quer resistir ao mal que n'alma sente,
Mas tẽe-lh'elle ja tão rendido o peito
Que quanto mais resiste he mais sujeito.

VIII.

Mostra-lhe o triste estado em que está posto
Isto que têe de si bem entendido,
Mas muito mais lh'o mostra o grande gosto
Que sentia de vêr-se tão rendido.
Bem vê que se d'aqui não muda o posto,
Além de ser cada hora mais perdido,
Perderá a occasião que o tempo dava
De dar remedio ao mal que o atormentava.

IX.

Tanta força lhe dá esta esperança
Que novamente em si têe concebida,
Que o forçou a deixar sem mais tardança
A vista por quem morre, e lhe dá a vida.
D'aqui com grande pressa faz mudança
Lá contra Strongile, Ilha conhecida
Entre as Vulcanias sete, e celebrada,
Porque Eolo alli faz sua morada.

X.

Aqui n'hũa profunda cova escura
Os inquietos ventos encerrados
Jupiter pôz, e com bem forte e dura
Prisão, a todos têe presos, e atados:
E para que inda possa mais segura
Mente alli seus furores ser domados,
Lhe pôz tambem hum grande monte em cima,
E hum Rei lhes deu q̃ os mande e q̃ os reprima.

XI.

Elles com grão ruido e estrondo horrendo
Sempre em torno da porta estão bramando,
Eolo, a quem o padre alto e tremendo
Deu sobr'elles o sceptro, deu o mando,
Os está d'hũa torre alta regendo,
Seus impetos e furias temperando,
E de tal sorte o temem e venerão
Que por elle s'enfreião, ou se alterão.

XII.

Zefiro, a quem o amor hoje accrescenta
A sua natural velocidade,
A grãa pressa que leva inda ha por lenta,
Tanto o vai apertando a saudade;
Por onde em breve espaço se apresenta
Perante aquelle, a cuja magestade
Elle e os mais ventos dão obediencia,
E lhe faz a devida reverencia.

XIII.

Logo desta arte a lingua sólta ousado,
Qu'Amor dá para tudo atrevimento:
Eterno Rei, a quem no Ceo foi dado
Dos ventos o poder, e o regimento,
Porque eu sei que de ti foi sempre usado,
Antes foi sempre teu contentamento
Dares favor ao teu que delle tinha
Necessidade, o pesso eu para a minha.

XIV.

Lá na parte onde o Sol d'entr'Oceano
Sólta o primeiro raio matutino,
Hum tal parecer vi, tão sobrehumano,
Que não creio que haja outro mais divino:
Para meu mal o vi, para meu dano,
Pois lhe sou tão sujeito, que imagino
Que se não dou remedio a mal tão forte
Começará nos teus ter mando a morte.

XV.

Deixei-a, que com curso vagaroso
O Reino de Neptuno cortando hia;
Ja que Boreas te achou tão piedoso
Quando o amor o abrazava d'Orithia,
Não queiras a mi só ser rigoroso,
Pois outro fogo mór em mi se cria,
Nem queiras que Cupido s'engrandeça
De fazer que o que he teu a elle obedeça.

XVI.

Consente que Noto, Africo e Levante
Me dêem nisto o remedio só que tenho,
E que comigo passem tanto ávante
Que vão lá ter á parte d'onde eu venho,
E fação lá que o mar s'inche e levante,
E que a seu pesar volte a proa o lenho
Em que vai meu bem todo, e vá direito
Ond'eu quietar possa o acceso peito.

XVII.

Traz isto o humor dos olhos mal enfreia,
E do peito o suspiro triste e ardente;
Eolo, a quem a bella Deyopeia
Quiçá faz entender o que este sente,
De piedade então tendo a alma cheia
No que lhe pede *Zefiro* consente,
E não consente só, mas determina
Fazer com que elle acabe o que imagina.

XVIII.

Logo do real sceptro a ponta vólta
Ao cavo monte que em si os ventos cerra,
Empucha-o para hum lado, e a prisão sólta
Áquelles com que faz a sua guerra:
Sahe a turba feroz, com grãa revolta,
Subverter desejando o mar e a terra,
Mas vendo do seu Rei a veneranda
Presença, párão, vendo o que elle manda.

XIX.

Elle lhes manda então que ao companheiro
Zefiro dêem favor no que pretende.
Ja Zefiro d'alli parte ligeiro,
E ajudado do amor que dentro o acende,
Em breve tempo chega onde o primeiro
Raio da luz dourado Apollo estende,
Contente assaz de vêr-se ja tão perto
Do seu bem, que ser seu ja, têe por certo.

XX.

Os furiosos ventos, que seguírão
O companheiro sempre que os guiava,
Tanto que da prisão soltos se vírão
Mostrão a sua antiga furia brava:
Os mansos mares tanto que sentírão
Aquella furia, que antes presa estava,
De tal sorte se vão embravecendo
Qu'até ás nuvens parece ir-se erguendo.

XXI.

As grossas altas ondas escumosas,
Dos furiosos ventos constrangidas,
Vão quebrar seu furor nas alterosas
Rochas, ou lá nas praias estendidas:
Retumbão as montanhas cavernosas,
Vêem-se do mar as nuvens combatidas,
Qu'a força com que encontra a rocha dura
Lhe faz com que então suba a tanta altura.

XXII.

O claro ar e sereno s'escurece,
Qu'a grossa e negra nuvem lhe succede,
O resplendor do Sol desapparece,
Qu'esta nuvem tambem mesma lh'o impede:
No mar ao meio dia hoje anoitece,
Horrisonos trovões de si despede
O Ceo, e apoz estrondos espantosos
Sólta de si mil raios luminosos.

XXIII.

Chegão entretanto Euto, Africo e Noto
Onde os navios vão que os lá levárão,
E co'o seu costumado terremoto
Em tudo grão temor então causárão.
Eis ja com alta voz grita o Piloto,
Os marinheiros não se descuidárão,
Saltão de cá e de lá com grande pressa,
Hum á corda, outro ao remo se arremessa.

XXIV.

Mas por mais que ande esperto e diligente,
De se poder salvar ja desconfia,
Porque cada momento mais presente,
Crescendo a tempestade, a morte via.
Zefiro receioso e descontente
Do perigo em que vê por quem morria,
Roga aos ventos que em si queirão pôr freio,
Nem lhe dêem tanto bem com tal receio.

XXV.

Porém elles, que mal então podião
Refrear o que tẽe por natureza,
Cada momento mais então crescião
Em impeto, furor, ira e braveza:
Ora por entre as ondas descobrião
Dos mares a areosa profundeza,
Ora fazem que o mar tão alto saia
Que lá nas nuvens quer fazer a praia.

XXVI.

Nas náos attribuladas, isto espalha
Grande espanto, temor, desconfiança,
Mas a gente que nellas se agazalha
Faz, quanto de viver lhe dá esperança:
Com revezada força se trabalha
Na longa bomba, e o mar ao mar se lança,
Ora se encolhe a escota, ora se sólta,
Cresce a voltas do medo, a grãa revólta.

XXVII.

O nobre Acefarcão, que entende e estima
Quanto hum perigo tal deve estimar-se,
Da Rainha o perigo assi o lastima,
Que o faz de seu perigo descuidar-se:
Aquella attribulada gente anima,
Qu'então ja começava a desmaiar-se,
Mas pouco presta quanto faz agora
Pois o vento e o temor crescem cada hora.

XXVIII.

Sente entretanto o Rei que tẽe o mando
Sobre o Reino que he liquido e salgado,
A revolta, o rumor que perturbando
Todo o seu Reino está; e d'ira inchado,
Sobre o mar a cabeça levantando,
Vê das miseras náos o triste estado,
O desmaio da gente, o grave dano,
De Zefiro tambem entende o engano.

XXIX.

Fazendo ante si vir aquella irada
Companhia dos ventos, n'hum momento,
Lhe diz: Tal confiança vos tẽe dada
A vossa geração e nascimento,
Que sem vos ser de mi hoje outorgada
Ou licença, ou algum consentimento,
Ousaes de perturbar o Ceo e a Terra,
E fazer no meu Reino á gente guerra?

XXX.

Não pareis mais aqui, mas brevemente
E com pressa fazei logo a partida,
Que depois se aqui mais rumor se sente,
Não ireis sem a pena merecida:
Dizei ao vosso Rei, que do Tridente
E do mar a mi só foi concedida
A governança e o mando, polo eterno
Rei, que tẽe o geral mando, e governo.

XXXI.

Elle seu mando tẽe na altiva e grande
Penedia, em que estaes vós encerrados,
Alli só poderoso, e senhor ande,
Onde todos por elle são mandados;
Contente-se que os bravos ventos mande,
Mas na usada prisão encarcerados.
Não disse mais, nem ha quem lhe responda,
E n'hum instante applaca a soberba onda.

XXXII.

Eis foge a nuvem ja negra e chuvosa,
Cessa o trovão, e a luz que elle acarreta,
Ja de novo a dourada luz formosa
Mostra na terra o quarto almo planeta:
O soberbo furor da onda alterosa
Ja se humilha, se abranda, e se quieta,
Porque a ausencia daquella furia grave
Tudo manso tornou, tudo suave.

XXXIII.

Vendo o marinho Rei em tempo breve
Desfeitos os estrondos furiosos,
Com que o ceruleo mar fazem de neve
Os montes d'agua erguidos e escumosos,
Polas ondas meneia o carro leve
Tirado dos cavallos escamosos,
E d'ira isempto ja, de prazer cheio
Ao logar se recolhe d'onde veio.

XXXIV.

Os cansados Cambaios como vírão
Sereno o Ceo, as ondas ja abatidas,
E que os ventos de todo ja fugírão,
Agradecendo ao Ceo de novo as vidas,
Livres ja do temor que antes sentírão
Cobrão o alento, e as forças ja perdidas,
Manda do alto o Piloto, e o Marinheiro
Ledo por cá, por lá, salta ligeiro.

XXXV.

O namorado vento contemplando
Quão mal lhe succedêra aquelle feito,
Com nova dôr, e amor acompanhando
Vai aquella, a que entregue leva o peito:
E com suspiros inda accrescentando
O seu usado sopro, de tal geito
Lhe vai agora inchando o largo linho
Que faz com maior pressa o seu caminho.

XXXVI.

Nem tẽe andado muito quando o esperto
Gageiro, que o calcés alto vigia,
D'onde o mar mais ao longe he descuberto,
De lá brada, que ao longe terra via,
Mas que não saberá dizer em certo
Que terra he, porque não a conhecia,
Porque o vento lhe fez assaz remota
A via, da primeira sua rota.

XXXVII.

Em todos causa agora hum grande gosto
A nova que de lá de cima soa,
Porque esperão dar fim ao grão desgosto
Com que o mar, e o temor inda os magoa:
Acefarcão, tambem com ledo rosto,
Manda que para lá caminhe a proa,
E tão amigo então o vento achárão
Qu'em pouco tempo a terra se chegárão.

XXXVIII.

Onde chegando vêem hũa espaçosa
Ilha, que de nenhum he conhecida,
Mas de fresco arvoredo tão formosa
Que a lograrem-se então della, os convida:
Por toda a parte mostra hũa areosa
Praia, que naquella hora combatida
Da quieta onda, faz que ainda mór seja
O desejo, de quem muito a deseja.

XXXIX.

Em meio desta praia se está vendo
Hũa larga bahia, ao modo feita
Da Lua, que de novo apparecendo
De travez o fraterno raio acceita.
D'hũa e outra parte ao Ceo se vai erguendo
Hũa intratavel rocha, tão direita,
Qu'em vão subir acima tenta e estuda
Senão só quem das azas tẽe a ajuda.

XL.

Á sombra destas rochas sempre estava
Em grão silencio o mar brando e sereno,
Entre hum e outro penedo se mostrava
Hum espaço de praia não pequeno,
Da qual a secca areia se acabava
N'hum prado verde, assaz suave e ameno,
Que hum outeiro tão alto tẽe defronte
Que bem merecerá nome de monte.

XLI.

Lá da mais alta parte deste outeiro,
D'entre occultos penedos, murmurando
Com brando e alegre tom, desce hum ribeiro,
Que todo aquelle prado atravessando
Do seu doce licôr, o derradeiro
Curso, está co'o salgado alli ajuntando,
Que tal frescura nesta parte gera
Que faz nella perpétua a Primavera.

XLII.

Tão clara e mansa corre esta onda pura
Qu'a funda areia bem clara apparece,
Vê-se por todo o prado hũa verdura
Qu'alli perpetuamente permanece,
Qu'ajudada do esmalte e formosura
Da bonina, que alli sempre florece,
Rôxa, vermelha, azul, branca, amarella,
Faz que nunca se aparte a vista della.

XLIII.

Vai d'hũa e d'outra parte o manso rio
D'hum espesso arvoredo acompanhado,
Com que aquelle logar he tão sombrio
Que não póde do Sol ser visitado:
Meneia os altos ramos hum ar frio
Com brando murmurar, mal concertado,
Creio que este he o logar onde foi visto
O que esconder em vão tentou Calisto.

XLIV.

Neste logar a armada se recolhe
Quando o Sol ja se inclina ao Occidente,
Ja pola longa entena a verga encolhe
O marinheiro esperto e diligente;
Ja faz que o mar a curva ancora molhe,
Nos bordos apparece toda a gente,
De forças, de prazer, d'alento cheia
Co'a visinhança só daquella areia.

XLV.

Acefarcão tambem vendo o formoso
Sitio, que a fresca terra lh'apresenta
Apoz hum temporal tão perigoso,
D'achar-se em tão bom porto se contenta:
Entra onde está a Rainha, desejoso
Que o trabalho do mar e da tormenta
Queira satisfazer, e em terra saia
Recrear-se, se quer, na fresca praia.

XLVI.

Dá-lhe com alvoroço a boa nova,
Crendo que outra melhor dar não podia:
Porém ella, que só por bom approva
O que ajuda ao tormento em que se via,
Crendo que póde lá com força nova
Entregar-se ás lembranças que sentia,
Para isto alvoroçada lhe concede
O que para outro effeito elle lhe pede.

XLVII.

Ja ligeiro na barca entra o Grumete,
A qual em breve espaço se vê ornada
Do fino, oriental, rico tapete,
E da molle, e tambem rica almofada:
Logo a Rainha lá nella se mete,
D'Acefarcão, e alguns acompanhada,
O duro braço logo o remo afferra
E dividindo o mar se chega á terra.

XLVIII.

Logo a Rainha a barca desampara
De se vêr só na terra, desejosa,
Onde vendo as boninas, a agua clara
De sombrio arvoredo copiosa,
Para o seu pensamento se prepara
Ja do tempo em que o tinha saudosa,
Porque lhe parecia que alli tinha
Logar como para elle lhe convinha.

XLIX.

Na descuberta praia o passo quedo
Não detem, mas lá o move airoso e lento
Onde vio o cerrado, alto arvoredo,
Porque lá a guia então seu pensamento;
E n'hum logar tão só leva inda medo
D'achar para este gosto impedimento,
Porque Amor sempre nisto esteve posto
Dar sempre grão receio a qualquer gosto.

L.

Vai-se ao longo do rio passeando,
Que dos seus apartar-se determina;
C'hum brando virar d'olhos alegrando
Ora aquella clara onda, ora a bonina:
Acefarcão a vai acompanhando,
E hũa da companhia, feminina:
Porque os outros não quiz que a acompanhassem
Nem tão pouco estes dous quiz que a deixassem.

LI.

Quanto mais adiante o passo muda
Render-se á saudade mais se deixa,
E á sua saudade agora ajuda
Da triste Filomena a branda queixa,
Que do ferro cruel que a fez ser muda
E do engano do máo Tereo se queixa,
Em mil partes alli com doce e branda
Voz, que o mais duro peito move e abranda.

LII.

Tanto ao longo do rio então passeia
Que perdendo de vista a sua gente
C'hũa mouta encontrou espessa, e cheia
De mil flôres, que dão cheiro excellente:
Neste logar a vista se recreia
Co'o brando murmurar d'agua corrente,
O cheiro se deleita co'o que furta
Ao crespo legação, á branda murta.

LIII.

Á vista deste rio socegado,
Entre o cheiro suave destas flores,
Vê logar a Rainha apparelhado
Para a contemplação de seus amores:
Sobre o verde tapete que alli ornado
A natureza pôz de varias cores,
Se assenta, desejosa d'occupar-se
Naquillo com que só póde alegrar-se.

LIV.

Faz apartar os dous algum espaço,
Qu'então da companhia pouco gósta.
Pondo na dura terra o tenro braço,
Na branca mão a bella face encósta,
E como então se vê sem embaraço
Qu'a memoria de lá d'onde a tẽe pósta
Lhe possa divertir, de todo entregue
Se sente ao pensamento que a persegue.

LV.

Tão altamente nelle se transporta
Que mal podia então ser conhecida
Se ella era mulher viva, ou mulher morta,
Ou pedra em tal figura convertida.
Entre este alto trespasso abrindo a porta
Á lingua, que até então teve impedida,
De suspiros ardentes rodeada
Em taes palavras sólta a voz cansada:

LVI.

Em que podia Amor mostrar mais claro
Quão brando e favoravel me he seu peito
Qu'em me fazer sujeito do meu charo
Esposo, de que eu sei que me he sujeito?
Porque o melhor estado, o bem mais raro,
O gosto mais suave, e mais perfeito
Qu'a vida póde dar, he ter seguro
O puro amor, que o paga outro amor puro.

LVII.

Mas quanto he mór o meu contentamento
De vêr quão bem me he paga esta vontade,
Tanto temo depois maior tormento
Se quanto ouço d'amor tudo he verdade;
Pois me ordenou tão largo apartamento
Em que sómente o mal da saudade
Em tamanha tristeza me tẽe posto
Que não basta contra ella o maior gosto.

LVIII.

Começo ja a temer que me ordenasse
Amor este tal bem, tão sobrehumano,
E que dentro nest'alma mo arreigasse
Com a continuação d'hum e d'outro ano,
Para que d'entre as mãos mo arrebatasse
Com muito maior dôr, muito mór dano,
E assi me fique o mal firme e dobrado
Qu'em memoria de bens está fundado.

LIX.

Porém por outra parte estou cuidando
Que quanto mal tiver todo merece
Quem o está d'antemão advinhando,
E a seus vãos arreceios obedece;
Quem em meio do bem que está passando
Co'o mal que inda não sente se entristece,
Bem merece que tenha o que advinha
E d'entre as mãos lhe fuja o bem que tinha.

LX.

Nem poderá em mi tanto a desventura
Qu'em mi possa imprimir desconfiança,
Que no meu charo esposo estou segura
Que não poderá nunca haver mudança:
Seja a sorte cruel, seja-me dura,
Que tanto poder tẽe minha esperança,
Qu'ella basta a fazer grãa resistencia
A quanto mal me causa a triste ausencia.

LXI.

Inda a Rainha aqui não concluíra
O que Amor e a esperança lhe dictava,
Se então Acefarcão não lh'o impedíra
Que co'os olhos de lá a acompanhava;
O qual inda que nada então ouvíra
Do que ella para si só resoava,
O que nella de fóra vê sómente
Lhe mostra bem o que ella dentro sente.

LXII.

O continuo suspiro, que do meio
Do saudoso peito lhe sahia,
O brando humor dos olhos, de que cheio
De fóra o peito tẽe, que dentro ardia;
Ora a inquietação do seu meneio,
Ora o grande trespasso em que elle a via,
Lhe dão claro signal, antes certeza
Da sua grave dôr, e alta tristeza.

LXIII.

E vendo quão contrario foi o effeito
Da tenção com que a fez sahir em terra,
Se move a compaixão daquelle peito
A quem fazia Amor tão cruel guerra;
Vendo-o cada momento mais sujeito
Á saudade alli que dentro encerra,
Vê bem que n'hum logar tão deleitoso
Se cria o mal do peito saudoso.

LXIV.

Determina fazer que d'aqui saia
Onde não cura o mal, mas o accrescenta,
Onde a triste lembrança de Cambaia
Com mór dôr e desejos a atormenta:
E tambem porque vê que lá na praia
Ja do Occidente o Sol o carro assenta,
Hũa e outra cousa o move, antes o obriga
A que outra vez das náos a via siga.

LXV.

Posto em pé, co'o devido acatamento
Se chega a ella e lhe diz, que ja tempo era
De fazer para a praia movimento,
Pois o Sol ao Oriente as costas dera;
E quiçá com grãa dôr e sentimento
Da sua ausencia, a sua gente espera,
E não a espera só, mas com cuidado
Revolve em busca della o monte e o prado.

LXVI.

Ella, inda que recebe hum grão desgosto
De se haver d'apartar sómente hũa hora
Da grãa suavidade, do grão gosto
Em que o seu pensamento a tinha agora,
Vendo porém que o Sol ja muda o posto,
E começa a lançar a noite fóra
Lá dess'outro hemispherio, e neste a estende,
Á rasão, não ao gosto, então se rende.

LXVII.

Em pé logo se põe, e acompanhada
Dos dous que alli a trouxerão, o passo muda,
Mas de tal maneira indo transportada
Que os olhos cegos leva, a lingua muda.
Acefarcão, que a vê tão enlevada,
Entende que he rasão que aqui lh'acuda,
Porque tão triste a vê que parecia
Que tudo a sua tristeza entristecia.

LXVIII.

Quanto então póde em consola-la insiste,
Dizendo: Se o que mais Amor inflama
Á desesperação do Amor resiste
Esperando abrandar quem o desama,
Contente deveis vós ser, e não triste,
Pois amaes a quem mais que a si vos ama,
E de quem certa estaes (pois deveis crê-lo)
Que mui cedo comvosco haveis de vê-lo.

LXIX.

Ella com isto menos se entristece,
Antes tanto poder teve a esperança
Que ja tornando em si desapparece
A tristeza, em que a pôz sua lembrança:
Tambem tudo o que via então parece
Que com a vêr mudada fez mudança,
Porque quanto ella triste antes tornára
Com vê-la agora alegre se alegrára.

LXX.

Para as náos desta sorte caminhando
Com a possivel pressa e brevidade,
Em mil partes alli vai encontrando
De varios animaes grãa quantidade,
Que o verde prado vão atravessando
Sem temor de ninguem, com liberdade,
Porque a cada hum falta o duro imigo
De que mil vezes tẽe morte, ou perigo.

LXXI.

Tanto agora a entretem o que vai vendo
Que o pesado caminho menos sente,
Nem muito caminhou, que apparecendo
Lhe vão as suas náos, e a sua gente:
E ja isto era em tempo que escondendo
De todo o Sol no mar o raio ardente
Tomava Hespero no ar o poderio,
E na terra estendia o raio frio.

LXXII.

Encontrando d'aqui vai por diante
Os seus, que a vão buscando a competencia,
A quem de vê-la o gosto foi bastante
Satisfação, da dôr da sua ausencia;
Ella a todos recebe com semblante
Agradecido, e cheio de clemencia,
E em pouco tempo á praia assi chegárão
Onde todos de vê-la se alegrárão.

LXXIII.

Tanto que lá chegou, logo encaminha
Para a náo, sem deter-se mais cá fóra,
E tanto que de lá da onda marinha
Fez levantar o Sol á nova Aurora,
Sólta a vella outra vez, que presa tinha
O marinheiro, e tendo ainda agora
Favor do namorado manso vento
Em Judá toma porto a salvamento.

LXXIV.

Agora he ja rasão que volte o canto
Onde saudoso assaz Baudur ficava,
Mas tanto ha que o deixei que não he espanto
Se me esquece o que lá fazendo estava.
Eu cuido que mandado tẽe que em quanto
Da Rainha a partida apparelhava
Hum seu Legado ao Cunha se partisse,
Não direi ao que vai, porque ja o disse.

LXXV.

Parte este Embaixador, o mar navega,
E com favor do vento brando e amigo
Em breve tempo a Goa em salvo chega
Sem receber do mar damno ou perigo:
Falla ao Governador, nada lhe nega,
Que isto nelle era ja desejo antigo,
Contente o Mouro o mar passa de novo
Para animar o seu medroso povo.

LXXVI.

Não recebe tal força, tal esprito
O misero que estava condemnado
A hũa morte cruel, se o seu delito
Entende que por dita he perdoado,
Como o Sultão recebe, quando dito
Lhe foi do Embaixador este recado,
O povo, antes tão fraco e tão medroso,
Ja se mostra esforçado, ja animoso.

LXXVII.

Vejo o Governador que se aconselha,
A Goa o quero ir vêr, porque lá o vejo,
Ja a Cruz faz arvorar branca e vermelha,
Por cumprir do Sultão, e o seu desejo.
Quão bem lhe foi possivel se apparelha,
Com grãa presteza, e com fervor sobejo,
Porém tão grão poder então não leva
Quanto o Sultão quizera e lhe releva.

LXXVIII.

Era naquelle mez em que o luzente
Quarto planeta em Libra se agasalha,
Quando o Governador nobre e prudente
No mar a bem provida armada espalha.
Grita o rouco Piloto, diligente
O Marinheiro em mil partes trabalha,
A vella em si recolhe hum vento brando
Com que as ondas a proa vai cortando.

LXXIX.

Não acha quem o impida, ou contradiga
Nesta viagem toda o grande Nuno,
Mostra-se-lhe a fortuna branda e amiga,
Sempre sereno o Ceo, sempre opportuno:
Tambem agóra a furia se mitiga
Do bravo Eolo, e do humido Neptuno,
E com tantos favores, tal bonança
Em breve tempo em Diu ferro lança.

LXXX.

Quatro vezes o pae desse atrevido
Moço, que o carro ardente mal regêra,
Na terra a sua luz tinha estendido
Antes que o Escorpião o recebêra,
Quando no porto ja bem conhecido
De Diu a vella inchada recolhêra
O Marinheiro, e faz com que se esconda
O curvo ferro lá na salgada onda.

LXXXI.

Nos ares o estandarte logo voa
Branco, vermelho, azul, rôxo, amarello,
A sonora trombeta o mar atroa
Com som que a orelha mal póde soffrello,
O guerreiro atambor tambem ja soa
Que os peitos alvoroça, ergue o cabello,
A bombarda que a furia alli despende
Com pacifico estrondo, os ares fende.

LXXXII.

Corre o Cambaio povo polo muro
Que com grão desejo esta frota aguarda,
O Mouro bombardeiro bem seguro
Santando n'hũa vai, n'outra bombarda;
Chega o ardente murrão, traz elle o duro
Estrondo luminoso pouco tarda;
Com differentes modos se festeja
Esta armada, que tanto se deseja.

LXXXIII.

Depois que esta fingida, alegre guerra
Na armada se acabou, e na Cidade,
Que n'huns o grão temor todo desterra,
Dobra n'outros a grãa ferocidade,
O Governador logo sahe em terra
Com grãa pompa, apparato, e authoridade,
Qual ao seu grande estado bem convinha,
E para ir vêr ElRei logo encaminha.

LXXXIV.

ElRei para espera-lo se apercebe
Com tanta vaidade, tanto estado
Que o pensamento apenas o concebe,
E apenas póde ser imaginado.
Comtudo ao Cunha, e aos seus todos recebe
Com alegria, festa e gasalhado,
Qual lh'o ensina o perigo em que se via,
E o remedio que delles pretendia.

LXXXV.

Faz que o Governador lá se aposente
Onde he da fortaleza agora o assento.
Mas descanse elle hum pouco, e a sua gente,
Porque bem ha mister forças e alento,
Qu'eu para cantar tenho aqui presente
A fundação de Diu, e nascimento,
E como veio a ser famosa tanto,
Mas consenti que seja n'outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO V.

Declara-se a origem, e assento da Cidade de Diu. O Governador edifica nella huma fortaleza. Dá algumas ajudas ao Sultão: elle vai contra os Mogores. O Governador se torna invernar a Goa.

1.

O saber por si só, a arte, a prudencia
Sempre teve tal força e tal valia,
Que mil vezes venceo a diligencia,
A fortaleza, o esforço, a valentia.
Porém se se lhe ajunta a experiencia
Que outro novo saber, outra arte cria,
Tambem se lhe accrescenta a força e dobra
E tudo o que pretende põe por obra.

II.

Tal he esta força nunca resistida
Que até a mesma fortuna lhe obedece,
Porque esta onde a esperança he mais perdida
Differentes remedios offerece;
Esta a cousa mais vil, baixa, e abatida
Mil vezes sobre as grandes engrandece,
Tal que da ja pequena Aldeia e pobre
Póde fazer Cidade illustre e nobre.

III.

Isto se póde vêr mui claramente
Nesta que hoje ha de ser de mi cantada,
A qual d'hũa vil, pobre, e baixa gente
Ja no passado tempo foi morada:
E depois com a industria d'hum prudente
Varão, foi tão famosa e celebrada
Que a cabeça entre todas foi erguendo
Quantas visita o Sol hoje em nascendo.

IV.

O sitio em que ella tẽe seu fundamento
Polo mar, c'hũa ponta vai entrando,
A qual hum rio (cujo nascimento
Vem lá da salgada onda) vai cortando,
E que seja Ilha a faz, que em comprimento
Duas legoas sómente está mostrando,
E lá na parte onde ella mais se alarga
Meia legoa sómente se vê larga.

V.

Forão antigamente habitadores
Desta Ilha, a que hoje tantas são sujeitas,
Alguns poucos, e pobres pescadores,
Em pobres casas, vis, baixas, e estreitas.
E outros do mesmo officio imitadores,
Redes, barcos, e as cousas que são feitas
Para uso deste officio alli passárão
E aquella povoação accrescentárão.

VI.

Durou-lhe muito tempo aquelle estado
Tão vil, tão baixo e pobre, que então tinha,
Sem ter nella outra gente gasalhado
Senão a que da rede se mantinha,
Por falta do cristal que liquidado
Seu curso para o mar sempre encaminha,
E porque a falta principal estava
Lá no logar onde a Ilha se habitava.

VII.

Porém como esta humana e fragil massa
Nada arreceia para conservar-se,
E por todo o trabalho grande passa
Onde entende que póde segurar-se,
Para esta Ilha tão secca, e d'agua escassa
Depois vierão muitos a passar-se:
E passados são ja annos trezentos
Depois que estes alli tẽe seus assentos.

VIII.

E por fugir a mais graves perigos
Aqui sua morada estes fizerão,
Lá d'onde os moradores seus antigos
Antes com mais rasão fugir deverão;
Porque os crueis Rezbutos, que inimigos
D'alheios bens, d'alheias vidas erão,
A terra firme então com roubo e morte
Salteião, sem que escape o fraco e o forte.

IX.

Facil foi isto á gente, que não cura
Da patria, que com medo despovoa,
Porque além de passar por toda a dura
Cousa, o temor em que elle põe a proa,
A meia parte só tẽe de largura
Do que a setta que sahe da bésta, voa
O rio, que Ilha a terra está fazendo
E a partes mais estreito se está vendo.

X.

Aquelle ajuntamento d'estrangeira
Gente, fez que hum logar antes tão pobre
Depois venha a crescer de tal maneira
Que se converte em villa grande e nobre:
Mas d'onde teve a origem sua primeira
Aquella alta nobreza, que hoje encobre
O resplendor ao Indo, e Garamanta
No que se segue, a minha historia canta.

XI.

Quando o Principe, nobre e valeroso
Sultão Madrafaxao (de cuja linha
Este cruel Baudur, falso, enganoso,
O terceiro apoz elle, ao Reino vinha)
Sobre o Cambaico Reino populoso
O mando, o sceptro inteiro, e o poder tinha,
Foi cercar hum logar lá nessa terra
De Mandou, com que então trazia guerra.

XII.

Os grossos esquadrões, que de luzentes
Armas cobertos, o logar visitão,
Não forão juntos sós daquellas gentes
Que de Madrafaxao o Reino habitão;
De diversas nações e differentes
São, os que neste cerco então militão,
Que a nobre empresa, quando a fama estende
Os estrangeiros sempre chama e acende.

XIII.

Acaso succedeo que hum dia estava
Daquella tenda, ElRei junto assentado,
Em que allivio de noite ao corpo dava
Dos trabalhos do dia carregado,
Quando passa hum milhano, que cortava
Com as azas, o leve ar e delgado,
Do ventre o peso immundo acaso lança
Que a ferir a real cabeça alcança.

XIV.

ElRei, que o máo agouro n'alma sente,
Temendo fica alguma adversidade,
Que sempre costumou a Moura gente
Dar fé a semelhante vaidade.
Emfim apaixonado e descontente
Sem lembrança da sua magestade,
Bradando diz, se ha algum tão destro ou forte
Que aquella funesta ave traga á morte.

XV.

Não ha nenhum que ponha nisto o tento,
Porque muito o milhano se affastára,
E tinha-se por vão o pensamento
Daquelle que alli então imaginára
Com a frecha alcançar, a quem o vento
Com grãa difficuldade inda alcançára;
Comtudo não faltou hum que o tentasse
E que este seu intento effectuasse.

XVI.

Lá na Tartaria terra foi nascido
Este tão signalado aquelle dia,
Dito Miliquiaz, mas conhecido
Muito mais polas obras que fazia.
Este, inda que hum espaço assaz comprido
Vio de si ao milhano, porque fia
Em sua força assaz, destreza e manha,
Tenta hũa obra espantosa, rara, e estranha.

XVII.

Afferra o arco, a frecha entre os dedos prende,
No pé esquerdo se affirma, e de tal geito
Para diante o braço esquerdo estende,
E para traz encolhe o que he direito,
Que o rijo arco á grãa força então se rende,
Tanto o encurva que a corda chega ao peito,
E com tal furia a aguda frecha lança
Que em breve espaço a misera ave alcança.

XVIII.

Da ferrada, subtil, leve madeira
Passada a misera ave, desditosa,
Deixa dos leves ares a carreira
Que então foi por seu mal tão vagarosa:
Ditosa se então fôra mais ligeira,
Ah! se apressára o curso quão ditosa!
Mas não ha quem fugindo se defenda
Da morte tão ligeira, quanto horrenda.

XIX.

Morto o triste milhano á terra dece
Com grão louvor do destro e forte Mouro,
A tristeza d'ElRei desapparece
Que por livre se tẽe do máo agouro:
Ao Tartaro honra muito, e favorece,
Cuida que he pouco a prata, menos o ouro
Para satisfazer bastantemente
Hum serviço tão bom, tão diligente.

XX.

Descobre a sua grãa magnificencia
Naquelle que o servio tanto a seu gosto,
Porém depois que teve experiencia
Por obras que elle fez ante o seu rosto,
Do esforço, do valor, siso e prudencia,
E do mais que o Ceo tinha nelle posto,
O desejo de honra-lo se lhe dobra
E logo este desejo põe por obra.

XXI.

A Ilha de Diu o Tartaro lhe pede
Com a povoação que dentro cerra,
ElRei, a quem aquillo então succede
Conforme ao que o seu peito dentro encerra,
Não sómente aquella Ilha lhe concede,
Mas dá-lhe tambem lá na firme terra
Duas legoas, ou tres (segundo entendo)
Quanto se vai a mesma Ilha estendendo,

XXII.

Melique, que em alteza se vê tanta
Que passa o que elle estava desejando,
Depois que ora o não crê, ora se espanta,
Se quer aproveitar do novo mando.
Vendo a disposição do rio, e quanta
Fortaleza na entrada está mostrando,
E vendo a Ilha tambem da mesma sorte,
Faz nella hũa Cidade, nobre e forte.

XXIII.

Com grande engenho a faz, e com grande arte,
Cerca-a de forte muro, e larga cava,
Que toma da Ilha muito maior parte
Do que a povoação antes tomava;
Põe aqui a torre, alli o baluarte,
Onde a necessidade o demandava,
De grossa artilharia lhe põe tanto
Que nada teme, em tudo cause espanto.

XXIV.

Aquelle baluarte que hoje em dia
Com nome de Couraça se conhece
Hũa grossa cadeia despedia
Do metal a que todo outro obedece,
Que lá até o baluarte se estendia
Com que o mar se defende e fortalece,
E a força do pesado cabrestante
Faz, com que ella se abaixe e se alevante.

XXV.

Quasi em meio do rio alli creára
De pedra hũa restinga a natureza,
Lá na boca da barra, que ajuntára
A este forte logar mais fortaleza.
Do mar o baluarte aqui assentára
Sobejo em comprimento e na grandeza
O Tartaro prudente, e o fortefica
C'hũa torre que em meio lhe edifica.

XXVI.

E além da força que por beneficio
Da natureza ja tinha esta entrada,
Quiz que fosse tambem com artificio
A força natural accrescentada,
E para isto ordenou hum edificio,
Lança da terra firme hũa estacada
De tão rija madeira, forte e grossa,
Que qualquer grande força deter possa.

XXVII.

Esta grossa estacada, de tal arte
Melique pôz (que aquillo bem entende)
Que ficasse lançada pola parte
De fóra, porque encerra em si, e defende
Melhor, do mar o grande baluarte;
A qual até o canal quasi se estende.
E põe-lhe ao longo, porque nada a abrande,
De grandes pedras soltas cópia grande.

XXVIII.

Feita a Cidade ja tão forte e brava,
Melique, de mui grossos Mercadores
Em breve tempo a encheo, porque lhes dava
Licenças em seus tratos, e favores.
E d'hum pobre logar que agasalhava
Em si sómente pobres Pescadores,
Veio a ser a melhor Cidade agora
Das que o sitio lá têe junto da Aurora.

XXIX.

Vendo depois o Mouro que a opulencia
Crescia na Cidade cada dia,
E o concurso daquelles, e frequencia
Que alli tinhão seu trato e mercancia;
Sendo tal seu saber, sua prudencia,
Que em tudo proveo sempre o que cumpria,
Por evitar a males que imagina
Fazer outro edificio determina.

XXX.

Fronteiro a esta Cidade que nomeio
Lá da parte onde a firme terra fica,
Está hum logar de branca areia cheio,
Hũa Villa aqui o Tartaro edifica;
A qual para de nada ter receio
Com grosso muro cérca e fortefica,
E tal foi, que podião neste assento
Bem mil visinhos ter recolhimento.

XXXI.

A causa que moveo a este prudente
Tartaro, a que esta Villa edificasse,
Foi só, para que em quanto a Turca gente
Do Estreito do Mar Rôxo navegasse
Para a Diu vir ter, quietamente
Naquella villa alli se agasalhasse,
Polas grandes revoltas que causavão
Com que a nova Cidade inquietavão.

XXXII.

E porque aquelle, a quem a soberana
Providencia, hũa loura côr tẽe dado,
Na barbara linguagem Indiana
Com proprio nome seu Rume he chamado;
E aquelle que nasceo lá na profana
Turquia, desta côr loura he dotado,
D'aqui esta nova Villa que estou vendo
A dos Rumes se diz, segundo entendo.

XXXIII.

Ficárão deste Tartaro animoso
Dous filhos, quando a morte o senhoreia,
Hum Melique Tocão, mui valeroso,
Outro Melique Sacla se nomeia:
Mas o cruel Baudur, e cubiçoso,
Que tanto bem não soffre em mão alheia,
Com grandes crueldades nunca ouvidas
A Cidade lhes toma, e tira as vidas.

XXXIV.

Perdoa-me deter-me por cá tanto
Illustre Nuno, sem ir ter comtigo,
Que tambem cá te sirvo no que canto,
Tambem nisto te sou fiel amigo;
Pois tanto dá mór honra, e mór espanto
O vencer, quanto foi mais forte o imigo,
E eu quiz mostrar qual foi o que tiveste
Para que saiba o mundo a quem venceste.

XXXV.

Foi toda a Christãa gente agasalhada
Em aposento pobre, e mal composto,
Que era dos bombardeiros a morada,
E d'outros a quem era o cargo posto
Daquella artilharia que espalhada
Por alguns baluartes, que seu posto
Tẽe naquelle logar, então estava,
Porque aqui a Cidade não chegava.

XXXVI.

Poucas vezes aquelle soberano
Planeta, que o triste ar negro desterra,
Descansára nos braços d'Oceano
E viera com nova lei á terra,
Quando o Governador com esse tyrano
Baudur, fez alguns pactos, com que a guerra
Se acaba, que durou ja tantos mezes,
E a amizade acceitou dos Portuguezes.

XXXVII.

A condição primeira d'amizade
Foi que Sultão Baudur então consente
Que ElRei de Portugal, com que irmandade
Agora tinha feito novamente,
Faça hũa fortaleza na Cidade
De Diu, e ponha nella sua gente,
E quer, para que mais segura fique,
Que onde está a barra e a entrada se edifique.

XXXVIII.

Do mar o baluarte lhe concede,
(Pouco ha que tratou delle a historia minha),
Mas para si os canhões reserva e pede,
Que nelle, e no da barra postos tinha.
Na Cidade porém lhe tolhe, e impede,
E no que ao regimento seu convinha
Todo o mando e acção, e só permitte
Que seja a fortaleza o seu limite.

XXXIX.

Além de lhe tirar o regimento
Da Cidade, e que nella não mandassem,
Quiz dos nossos tambem consentimento
Que as suas náos os mares navegassem
Sem na viagem ter impedimento,
Nem nas mercadorias que levassem,
E que estas náos por onde quer que irião
Seguros se os quizessem, levarião.

XL.

Assignado isto assi de parte a parte
Com outras condições que aqui não digo,
Se funda a fortaleza com tal arte
Que excedeo o presente tempo, e antigo:
Fez-se primeiro hum grande baluarte
Tal que não temeria hum forte imigo,
O qual daquelle Santo foi chamado
Que não crêo sem metter a mão no lado.

XLI.

O nome deste Santo lhe puzerão
Porque se começou naquelle dia
Que os seus duros martyrios merecerão
Levanta-lo á Celeste Monarchia.
Traz este baluarte outro fizerão,
Tambem tão forte e grosso, que podia
Ter contra hum grão poder direito o rosto,
Foi-lhe de Santiago nome posto.

XLII.

Fez-se apoz isto quanto relevava
Para mór segurança, mór defeza:
Muro alto, parapeito, ameias, cava,
Que tudo acaba a gente Portugueza.
Toda a gente nesta obra trabalhava
Quanta ao Governador naquella empresa
Seguíra, e em pouco tempo se fez tanto
Que até nos que o fizerão pôz espanto.

XLIII.

E em quanto se fazia este edificio
Estando ElRei presente na Cidade,
Não cessa dos Mogores o exercicio,
Não cessa a costumada crueldade;
Roubos, mortes, e todo o maleficio
Executão sem terem piedade,
E tão ricos andavão que o mais pobre
Era então liberal, era então nobre.

XLIV.

E tamanho era o medo que espalhado
Naquella terra, aquelle imigo tinha,
Que o que alli tinha o seguro assento amado,
No amado assento então não se detinha;
Mais de temor que amor estimulado
Qual fugindo de lá a Diu se vinha
Qual para outro logar se vai direito,
O temor então guia todo o peito.

XLV.

De náos grãa companhia navegando
Vai com favor do vento, e da ventura,
Que d'hum porto sahirão juntas, quando
As espalha a tormenta brava e dura:
Esta hum porto, aquella outro vai buscando
Onde cuida que póde estar segura,
Tal esta gente se me representa
Que espalha do Mogor a grãa tormenta.

XLVI.

Este intrinseco medo, esta fraqueza
Que fugir estes tristes constrangia
Da brutal, inimiga, alta crueza,
Foi causa então que quando se fazia
Aquella Lusitana fortaleza,
De gente grande cópia alli se via,
Lá na Ilha, na Cidade, e em toda a terra,
De que quarenta mil erão de guerra.

XLVII.

E com quanto hia em tanto crescimento
Aquella fraca gente, miseravel,
Que quasi lhe faltou recolhimento
Por ser ella ja quasi innumeravel:
Não lhe faltou comtudo o mantimento,
A terra não o dá (cousa admiravel),
Mas de fóra lhe vem cópia tamanha
Que farta a natural, e a gente estranha.

XLVIII.

Baudur, quiçá por vêr se agora o engana
Esta amizade feita novamente
Com gente estranha, e que elle ha por profana,
Pede ao Cunha que queira alguma gente
A Barouche mandar da Lusitana,
Que d'hum imigo a livre tão potente,
E que elle mandará dos seus soldados
De que vão os Christãos acompanhados.

XLIX.

Barouche era Cidade situada
Á vista do mudavel Oceano,
Então deste Baudur senhoreada
Tão fraco, quão soberbo, quão tyrano.
Do cruel Mogor inda não tocada,
Inda em salvo daquelle commum dano,
Mas dizião que delles hũa parte
Guiava para lá seu estandarte.

L.

Mostra o Governador que lhe contenta
Fazer o que ElRei quer, porque comsigo
Determinado tẽe, e em tudo assenta
Mostrar-se-lhe fiel, perfeito amigo:
Manoel de Macedo, com setenta
Homens manda ajuda-lo em tal perigo:
Manda ElRei muitos seus, que nesta empreza
Acompanhem a gente Portugueza.

LI.

Esta tal companhia, que pudera
N'hum fraco esprito pôr altos conceitos,
E a gente que Barouche de si dera
Que por si só acabára grandes feitos,
Assaz esta Cidade defendera
Se aquelles feminis, covardes peitos
Tal medo não cobrárão aos Mogores
Que só o nome os fazia vencedores.

LII.

Em vão foi o soccorro do Macedo
E o da gente que lhe era companheira,
Porque alli mais podia o antigo medo
Que a força natural, nem a estrangeira.
Nenhum pára alli mais, ou está quedo
Vendo na terra erguer hũa poeira,
Porque o Mogor só cuidão que a levanta
Cujo nome sómente os tanto espanta.

LIII.

O nobre Portuguez, forte e animoso
A quem tanta fraqueza em ira inflama,
Desejando de vêr se este espantoso
Mogor, tẽe as obras quaes a fama,
Trabalha por deter este medroso
Povo, que a vida mais que sua honra ama;
Mas trabalhas em vão, segundo creio,
Porque nada detem a hum grão receio.

LIV.

Nunca com tanta pressa a baixa gente
Que no cerrado corro o touro aguarda,
Voltou as costas quando ouvio sómente
As vozes do que grita: Guarda, guarda;
Ja cuida que o animal nas costas sente,
Corre ligeira, e cuida inda que tarda;
Como estes tẽe, que a terra desampárão
Só co'o que da poeira suspeitárão.

LV.

Deixão a amada patria á gente imiga,
Desejo de viver tudo despreza,
Macedo ja não sabe que lhes diga,
Nem póde remediar tanta fraqueza;
Deixa usar o Mogor da sua antiga
Victoria, e executar sua crueza;
Emfim elle a Cidade tambem sólta
Que guardar só não póde, e a Diu vólta.

LVI.

Outra vez importuna o Rei Cambaio
Outra vez o soccorre o novo amigo,
E manda á Vasco Pires de Sampaio
Com navios por mar, o qual comsigo
Duzentos homens leva, em quem desmaio
A morte nunca pôz, nem grão perigo,
E a maiores empresas costumados
Que esta para que agora são mandados.

LVII.

Este Capitão forte Lusitano
Vai de Cojaçofar acompanhado,
Que nasceo entre o povo Italiano,
E no Santo Licôr já foi banhado;
Mas os erros despois seguio, e o engano
Que aquelle enganador, falso, malvado
Mafamede ensinou, deixando a Santa
Fé, que as almas ao alto Ceo levanta.

LVIII.

Prudente era, e sagaz este e atrevido,
Da guerra tinha grão conhecimento,
Da fortuna era assaz favorecido
Que em riquezas lhe deu grão crescimento;
Em tudo seu desejo vio cumprido,
E tinha dentro em Diu seu assento.
Este mil homens leva em companhia
Dos quáes huns Persia deu, outros Turquia.

LIX.

Esta gente tão vária em patria, em vida,
Em costumes, em lei, e em tudo, agora
Se ajunta, e a combater, conforme e unida
Chega a huma fortaleza, que nesta hora
He de bem pouca gente defendida,
Mas tal que hum grande esforço nella mora,
Sós trezentos Mogores encerrava,
Lá junto do rio Indo posta estava.

LX.

Mas tal era o temor que o Turco e o Persa
Ja desta imiga gente concebera,
E ella era nisto delles tão diversa
Que por mais que hoje o imigo a combatera,
Se mostrára a fortuna emfim adversa
Á gente de Baudur que a isso viera,
Senão tivera então por defensores
Os Lusitanos braços vencedores.

LXI.

Não faltou aos Cambaios diligencia
Em meio deste seu grande arreceio,
Põe escadas no muro, e a competencia
A subir cada hum por ellas veio:
Mas achão no Mogor tal resistencia
Que nenhum subir póde bem ao meio,
O médo, e o ferro imigo pódem tanto
Que huns faz descer a morte, outros o espanto.

LXII.

O fim da luz que o Sol tivera acceza
Fez então apartar estes imigos,
Com grande honra da gente Portugueza
Que nunca duvidou grandes perigos;
Tambem se signalárão nesta empreza
Os Turcos, que tambem são de honra amigos.
Cinco perdeo Sampaio, e se lamenta,
E Cojaçofar mais de cincoenta.

LXIII.

Os Mogores tambem sentírão dano,
Do seu sangue tambem forão banhados,
Muitos o ferro Turco, e o Lusitano
Deixou sem vida, e muitos maltratados:
E assi tanto que o Sol lá no Oceano
Seus raios escondeo claros dourados,
Os que do dia salvos escapárão
De todo a fortaleza desampárão.

LXIV.

A gente do Sultão, e a que foi dada
Ao mundo, lá na terra do Ponente,
Tanto que o Sol a nova luz dourada
Veio mostrando lá polo Oriente,
Vendo de todo ja desamparada
A fortaleza, desta imiga gente,
Se tornão a embarcar, e o mar navegão
E com prospero tempo a Diu chegão.

LXV.

Corrida neste tempo a terra tinha
De Cambaia o Mogor, e a saqueára,
Até chegar áquella que visinha
De Diu está seis legoas, e aqui pára.
E correr tambem esta então não vinha
Com temor da invencivel força rára
Dos Portuguezes, que ella dentro encerra
Com que estava segura aquella guerra.

LXVI.

Mas como ja corrido o mais tivesse
Com sobeja cubiça e atrevimento,
Sem deixar cousa em que attentar podesse
Inda o mais cubiçoso, ou avarento;
E de riquezas farto assi estivesse
Que lhe hia tendo ja aborrecimento,
Pouco a pouco este Reino foi deixando
Lá para a amada patria encaminhando.

LXVII.

Ja se mostra o Sultão mui animoso,
A ausencia do Mogor o faz ousado,
Do mal dos seus, agora he piedoso,
Agora sente vêr-se deshonrado.
Quanto o rosto do imigo o fez medroso
Tanto as costas o fazem esforçado.
Disse ao Governador que elle ir seguindo
Quer o imigo Mogor que vai fugindo:

LXVIII.

Mas que sem seu favor elle não ousa
Commetter só co'os seus este caminho,
Nem fará algũa grande e honrada cousa
Contra o Mogor, que tẽe inda visinho,
Se lhe não der aquelle ousado Sousa
Que tẽe por nome Affonso apoz Martinho,
Que leve companheiro na jornada
Porque com tal favor não teme nada.

LXIX.

E se este lhe não dá, que dar-lhe queira
Mil homens, entre aquelles escolhidos
Que seguem a temida, alta bandeira
De Lusitania, e lá forão nascidos.
Nem esta petição, nem a primeira
O Cunha recebeo com bons ouvidos,
Suspenso fica assaz, porque nem ousa
Mandar aquella gente, nem o Sousa.

LXX.

Mas porque em tal negocio não queria
Co'o seu conselho só determinar-se,
Faz ajuntar a nobre companhia
Com quem era costume aconselhar-se;
Pergunta-lhe que modo se teria
Para que se escusasse aventurar-se
Ou a gente, ou o Sousa a tal perigo,
E para não perder ElRei d'amigo.

LXXI.

De tanta confusão fica então cheio
Cada hum, quanta o Cunha antes ja tinha,
Que de tentar o Sousa têe receio,
E mandar os mil homens não convinha.
Quando o animoso Sousa posto em meio
Vendo que só por elle se detinha
Isto que tanto importa, ousado e forte
Sólta a voz para o Cunha desta sorte:

LXXII.

Pudéra eu com rasão hoje affrontar-me
Ou ao menos estar de vós queixoso,
Senhor, pois duvidaes encarregar-me
Do negocio que haveis por perigoso,
Sabendo que nenhum ha que mais arme
Ao peito forte, d'honra desejoso,
Que aquelle que a maior perigo o chama,
Porque este sempre deu mór honra e fama.

LXXIII.

Não he do Portuguez passar a idade
Entre delicias, entre mimo e viço,
Mas buscar sempre a mór difficuldade
Por honra do seu Rei, e por serviço;
E eu a vida, a pessoa, a liberdade
Para as perder por isto, só cubiço,
E quanto este perigo maior vejo
Tanto ja vêr-me nelle mais desejo.

LXXIV.

Se isto quereis, Senhor, satisfazer-me,
De que eu corrido estou, mais que obrigado,
Pois menos mal he o risco de perder-me
Que perder a occasião de mais honrado,
Sómente póde ser com conceder-me
Que o Sultão vá de mi acompanhado,
Porque mais na honra vai do Lusitano
Nome, que no meu bem, ou no meu dano.

LXXV.

Apoz estas palavras, que com tanta
Instancia disse o Sousa, e atrevimento,
Logo o Governador a voz levanta
Perante aquelle nobre ajuntamento;
E seus louvores hum espaço canta,
Nem he então de palavras avarento
A tamanho serviço, e tão notorio,
Isto mesmo faz todo o consistorio.

LXXVI.

Nem sómente a jornada lhe concede
Cunha, mas quanto póde lh'a agradece,
Nada lhe nega então do que lhe pede,
Que muito mais cuida inda que merece.
Com isto o ajuntamento se despede,
E ja por toda a parte se engrandece
Deste Illustre Varão o esforço raro
Que nesta obra, e em mil outras se vio claro.

LXXVII.

Apparelhado já como cumpria
Sousa, para o Sultão faz logo abalo,
E os que levava em sua companhia
Erão bem quarenta homens de cavalo:
São dez da Lusitana fidalguia
Cujos nomes não sei, por isso os calo,
E mais porque seus braços não vencidos
Os fazem mais que os nomes conhecidos.

LXXVIII.

Chegados ao Sultão, os agasalha
Com mostras d'amor grande e verdadeiro,
Polo Reino d'alli logo se espalha
Que ousado faz o novo companheiro.
D'hũa parte para outra se trabalha
Grão tempo sem parar hum dia inteiro,
Mas do imigo Mogor não houve vista
Nem outra cousa achou que lhe resista.

LXXIX.

Até que hum dia, quando o costumado
Pasto, o corpo mortal de nós recebe,
Eis que se lhe chega hum tão apressado
Que apenas os usados ares bebe;
E inda co'o tom da voz mal declarado
Lhe diz: Com grande pressa te apercebe,
Senhor, porque os Mogores têes tão perto,
Que quiçá lhe serás ja descuberto.

LXXX.

Nesta gente não vem (segundo tinha
Este homem dito) o proprio Rei imigo,
Porém hum seu irmão era o que vinha
Que oito mil de cavallo traz comsigo.
Não têe gente Baudúr quanta convinha
Para se defender d'hum tal perigo,
Porque a gente que então o acompanhava
De tres mil de cavallo não passava.

LXXXI.

Grandemente o Sultão se sobresalta,
Ja o combate o temor, ja não repousa,
E inda que em casos taes sempre lhe falta
Ousadia, hoje mais do que soe ousa.
Cobre-se d'armas, a cavallo salta,
Manda logo chamar o nobre Sousa,
Sem cujo parecer, sem cuja ajúda
Nem atraz, nem ávante o passo muda.

LXXXII.

Sousa, no qual temor não se aposenta,
Com grande pressa a suá gente ajunta,
Perante o Sultão logo se apresenta,
Que cuberto vio d'hũa côr defunta.
Elle que assaz de vê-lo se contenta,
E cobra a côr perdidà, lhe pergunta
Que devia fazer-se agora nisto
Pois no logar o imigo era ja visto.

LXXXIII.

Acaso n'hum logar se agasalhava
Então ElRei, o qual tinha defronte
Hum outeiro, que ao Ceo tanto se alçava
Que bem pudéra ter nome de monte:
Recolhida ja em cima delle estava
Com medo que o Mogor a não affronte,
Muita da comarcãa rustica gente
No sexo, e nas idades differente.

LXXXIV.

Vendo o Sousa que alli grande apparelho
Podia ter ElRei para valer-se,
E sem fazer de sangue o chão vermelho,
Se fosse acconmettido, defender-se,
Lhe disse que seria bom conselho
Para aquelle alto outeiro recolher-se,
Onde á furia do imigo deshumano
Poderia esperar sem nenhum daño.

LXXXV.

E que o Mogor quiçá não ousaria
Do outeiro commetter a alta subida,
Cuidando que a pedestre companhia
Era gente de guerra, e não fugida.
Tanto agrada ao Sultão isto que ouvia
Que logo executa-lo não duvida,
Parte logo d'alli, chega lá acima,
Louvando o Sousa, e tendo-o em grande estima.

LXXXVI.

Arribados ao alto apenas erão
O Sultão com a sua gente, quando
Os Mogores ao campo apparecêrão
Que o logar forão todo atravessando.
E como ElRei no outeiro conhecêrão
Passando pola fralda o vão deixando,
Vendo o logar, e aquelles que a pé estavão,
Que todos ser de guerra imaginavão.

LXXXVII.

Sousa, vendo e pesando então comsigo
Esta ida do Mogor, sem outro effeito,
Apesar do Sultão, que a tal perigo
Mal podia soffrer vê-lo sujeito,
Se aparta delle a vêr se deste imigo
Quiçá agora entender póde o conceito,
E o Capitão, e alguns vio apartar-se
Qual soe fazer quem quer aconselhar-se.

LXXXVIII.

Pouco traz isto, vê que a gente volta,
E no logar entrando d'odio cheia,
De sangue enchendo a terra, e de revolta,
E de gritos os ares, a saqueia:
O Sousa em ira e dôr tendo a alma envolta
Porque hum tamanho mal não remedeia,
Descêra a castigar tal crueldade
Se tivera o poder qual a vontade.

LXXXIX.

Rico e victorioso, e ja em batalha
Posto o Mogor, d'alli desapparece,
E porque então no mar ja se agasalha
O Sol, tambem ElRei ao campo dece;
Vendo que o caminhar nada lhe atalha
Ja para Diu, em breve lá apparece,
Onde despede o Sousa, e a sua gente
Pagos de seu trabalho largamente.

XC.

Vendo o governador que com superno
Favor, tinha acabado seu intento,
E que era isto ja em Março, quando o inverno
Bate ás portas do oriental assento;
Querendo-se tornar ao seu governo
Levanta o ferro, sólta a vella ao vento,
Volta a pôpa á Cidade, ao mar a proa,
E torna-se a invernar na nobre Goa.

XCI.

Mas para dar a esta obra segurança,
Porque do novo amigo não se fia,
A Manoel de Sousa (a quem a lança
Imiga, pouco, ou nunca resistia)
Da fortaleza deu a governança,
E oitocentos lhe deixa em companhia
Portuguezes, d'esforço grande e raro,
Muitos de sangue illustre, antigo e claro.

XCII.

Neste tempo o Mogor enfastiado
De presas, de victorias, de riqueza,
Vendo que Orion ja soberbo e armado
Começava a mostrar sua braveza,
E o Ceo de grossas nuvens negro, e inchado
Mostra do inverno a furia, e a tristeza,
Vai buscando apressado a patria antiga
E deixa aquella fraca terra imiga.

XCIII.

Baudur vendo de todo em salvo postas
Suas terras, e o imigo n'outra praia
Que tantas vezes ja lhe vio as costas,
E levou os despojos de Cambaia;
E entendendo que estavão ja dispostas
Para que livremente elle entre e saia,
Cobra espiritos de novo, e ja se esforça,
Dá-lhe a falta do imigo alento e força.

XCIV.

Por cá, por lá, por monte, valle e serra
Entra (qual soe) soberba e ousadamente,
Discorre ja seguro pola terra
Em que então resistencia ja não sente;
Onde alguns alvoroços, de que a guerra
Passada causa foi á sua gente,
Elle quieta, ordena, elle assocega,
Tudo por onde passa se lhe entrega.

XCV.

Alguns dos principaes, que dos passados
Desbaratos salvar-se então puderão,
E em differentes partes retirados
Todo o tempo das guerras estiverão,
Vendo os imigos ja tão apartados
A seu Senhor de novo se vierão,
Com que foi restaurando o estado antigo,
Até que o Reino vio sem guerra e imigo.

XCVI.

Alguns Reinos, que com innumeravel
Força ganhou, soberba e crueldade,
Vendo que lhe era o tempo favoravel
Para cobrar a antiga liberdade,
E tirar-se d'hum jugo intoleravel
Estrangeiro, tyranno, sem piedade,
Negão-lhe a obediencia que a tyrana
Força dar-lhe fazia, e deshumana.

XCVII.

Não consente o soberbo resistencia,
Nem perder dos seus bens o cubiçoso,
Acceso em ira ElRei, com diligencia,
Hum exercito manda poderoso,
Debaixo do poder e obediencia
De Miram, seu sobrinho, que o animoso
Esprito, com boas partes illustrava,
E de quem elle muito confiava.

XCVIII.

E que logo se parta lhe encommenda
Sem pôr em caminhar qualquer tardança,
Nem em outro negocio mais entenda
Que em tomar dos rebeldes grãa vingança:
E não desistirá desta contenda
Até que com cruel espada e lança
Áquellas infieis gentes perdidas
Ou tire as liberdades, ou as vidas.

XCIX.

De muitos a que o sangue, ou nobre estado
Logares principaes no Reino dera,
Ficou então ElRei acompanhado;
E Mirizam Hamed hum destes era,
Que deste Rei Mogor era cunhado,
E ser elle a maior causa dissera
A estes dous Reis, das guerras que tiverão,
Se os meus versos atraz o não disserão.

C.

Neste tempo em que ElRei ja sentir vejo
Da fortuna o favor falso, e inconstante,
Se lançou com elle hum, de quem desejo
Que a minha historia logo agora cante.
Se vós de o conhecer tendes desejo,
Senhores, esperai-me lá diante,
Que eu agora passar d'aqui não ouso
Sem primeiro tomar algum repouso.

O PRIMEIRO
CERCO DE DIU.

CANTO VI.

Dá-se a morte ao Secretario d'ElRei dos Mogores. Começa-se a descobrir o odio que o Sultão tẽe aos Portuguezes. Nuno da Cunha faz huma grossa armada, e chega com ella a Diu. Conta-se hum estranho caso que aconteceo a Manoel de Sousa com ElRei. O Sultão vai visitar Nuno da Cunha ao seu galeão.

I.

Aquella sempre foi boa amizade,
Verdadeira, fiel, firme, e de dura,
Que nasceo d'hum amor, d'hũa vontade
Livre, sincera, limpa, clara e pura:
Porém a que ajuntou necessidade,
Sempre foi breve, falsa, e mal segura,
Que do necessitado e interesseiro
Nunca se fez amigo verdadeiro.

II.

E se isto está tão certo inda entre a gente
Que tẽe a mesma lei e patria antiga,
Que será entre aquell'outra, a quem sómente
A força do interesse fez amiga?
E que sendo em nação mui differente,
Em patria, em lei, e em tudo sempre imiga,
Lhe he para seu remedio, necessario
Mostrar amor ao seu mór adversario?

III.

Em tanto dura o amor, antes no peito
Em tanto está encuberto este odio antigo,
Em quanto áquelle mal está sujeito
Que o constrangêra a se mostrar amigo;
Porém como era falso, e contrafeito,
Apenas está fóra do perigo,
Ou da necessidade, quando vólta,
E com mór furia ao odio a rédea sólta.

IV.

Atraz vos prometti, se não me engano,
(Faltar-vos da promessa não queria)
De vos dizer quem era hum que seu dano
Achou naquelle á quem favor pedia.
Este que se lançou lá co'o tyrano
Baudur, como pouco antes vos dizia,
Secretario he do Rei Mogor, e he dito
Que lhe tẽe o Sultão odio infinito.

V.

A causa porque então o triste veio
Lançar-se co'o Sultão, e acompanhallo,
De quem devêra ter hum grão receio
Só porque do Mogor era vassallo,
Foi, para que alcançasse por seu meio
Embarcação, que a Ormuz póssa levallo,
E fazer d'ahi a Persia seu caminho,
Onde tinha o paterno amado ninho.

VI.

Finge Baudur então que de si aparta
Todo o odio, e lhe mostrou boa vontade,
Para Diu lhe manda que se parta
Onde o despacharão com brevidade.
Dá-lhe hũa para o Rao funesta carta
(Este tinha o governo da Cidade)
Em que manda que tire ao triste Mouro
Depois da vida todo o mais thesouro.

VII.

Parte o misero logo com grãa pressa
Na palavra d'ElRei mui confiado,
Dia e noite, de caminhar não cessa,
Ja para vêr a patria alvoroçado.
Espera, Mouro, espera, que a promessa
De seres brevemente despachado
Não he dar-te a mercê que tẽes pedida,
Mas tirar-te a fazenda, e mais a vida.

VIII.

Chega o Mouro contente áquelle assento
Que o nome inda hoje tẽe do louro Rume,
Trata de effectuar o seu intento,
Que de tal traição nada presume.
Acha na entrada bom recebimento,
Que este do traidor foi sempre o costume
Mostrar amor onde o odio mais o acende,
Para que faça em salvo o que pertende.

IX.

Naquella mesma noite que a ventura,
Antes desventurada imiga sorte,
Trouxe alli o Mouro a dar-lhe sepultura,
O salteão com mão armada e forte.
Não lhe val resistencia nem brandura,
Porque alli o esperava a cruel morte,
A carne emfim no proprio sangue envólta
Por mil portas o triste esprito sólta.

X.

Que cousa por tentar nunca deixárão
Huns cubiçosos perfidos intentos?
Ou a que peitos nunca perdoárão
Nem reaes, nem de baixos nascimentos?
Inda estas crueis mãos aqui não párão,
Porque ao triste mil vezes setecentos
Pardaos roubão tambem, e fica agora
Ladrão o que homicida antes ja fora.

XI.

Desta obra o Sultão fica satisfeito,
Que d'hũa e d'outra parte era conforme
Ao seu cruel e cubiçoso peito
E de tudo o real assaz disforme.
Traz este abominando, enorme feito
Se apparelha para outro mais enorme,
O qual logo ouvireis, não sem espanto,
Se não vos he pesado este meu canto.

XII.

Baudur, vendo-se ja desaffrontado
Do soberbo Mogor, cruel e imigo,
Que o tivera até alli tão apertado
Que o fez dos Portuguezes ser amigo,
E vendo livre todo o seu estado
De guerras, de tumultos, de perigo,
De novo começou em ira inchar-se
O seu peito, e de mór odio inflammar-se.

XIII.

Vê-se o grande odio ja, vê-se a grande ira,
Mostra-se a natural furia indomavel
Que a contraria fortuna reprimira,
Domestica fizera, e toleravel.
Amor forçado sempre foi mentira,
Pois mostra quando o Ceo vê favoravel
Que amor não foi, mas odio de verdade,
Encuberto com nome d'amizade.

XIV.

Mostrou este odio ElRei tão claramente
E a furia que tivera reprimida,
Que logo vio a Portugueza gente
Quanto lhe era pesada e aborrecida,
E que elle se affrontava grandemente
De ter-lhe a fortaleza concedida,
E que tanto esta affronta então sentia
Que ella só vir-se a Diu lhe impedia.

XV.

E inda que nas palavras trabalhasse
Encubrir a paixão que n'alma andava,
Não pôde tanto emfim, que refreasse
O que odio e natureza estimulava,
E que ás vezes com obras não mostrasse
O que então com a lingua não mostrava,
Nem esta assi governa, que alguma hora
O que lá dentro está não mostre fóra.

XVI.

Estes damnados, perfidos conceitos,
Esta tenção d'ElRei falsa e tyrana
Que tinha contra aquelles que sujeitos
Erão, da alta Corôa Lusitana,
Por alguns dos que lh'erão mais acceitos
Foi (se o que diz a fama não m'engana)
Ao nobre Sousa logo revelada,
De que era a fortaleza governada.

XVII.

Mas deste odio mortal com que persegue
Em segredo os Christãos este enganoso
Baudur, faz com que nada então se negue
Ou se esconda ao grão Sousa valeroso,
O Rao, a quem ja disse que era entregue
Na Cidade o logar mais poderoso,
Pessoa principal no senhorio
De Cambaia, com quanto era gentio.

XVIII.

Este lhe descubrio, que tão aceso
ElRei em odio estava, porque via
O seu Reino daquella gente preso
Que elle tão altamente aborrecia,
Que por tirar de si tão grave peso
Com todo seu poder trabalharia,
Vendo tempo e logar em que este imigo
Podesse destruir sem seu perigo.

XIX.

Não desfalece o Sousa, ou desespera,
Do Sultão, entendendo o pensamento,
Mas tudo trata então, rege e tempera
Com muita discrição, com muito tento,
Para que passe em paz a horrenda e fera
Sazão, que engrossa o mar, dá furia ao vento,
Porque a agua que só tinhão e bebião
Era, a que os da Cidade lhe trazião.

XX.

Porém sabendo a gente da Cidade
A tenção do seu Rei, e o máo conceito,
Contra aquelles a quem a adversidade
Pouco antes novo amigo o tinha feito,
O quer seguir tambem na má vontade
Conformar-se co'o seu malvado peito,
Que até nas affeições (que n'alma habitão)
A seus Reis os vassallos sempre imitão.

XXI.

E para effeito deste tão nefando
Intento imitador d'hum Rei tyrano,
Em quanto aquelle inverno foi passando
Em que o Capitão forte Lusitano
Com grãa prudencia as cousas temperando
Estava, por fugir a qualquer dano,
A Cambaica gente em odio acesa
Trata com grãa soberba a Portugueza.

XXII.

Quando pola Cidade esta se estende
Descobre a imiga gente a furia antiga,
E em tamanha ira hũa e outra o peito acende
Que travão sanguinosa, cruel briga:
O Portuguez alli o esprito rende,
Rende tambem o esprito a gente imiga,
Hum e outro a culpa e o damno então pagava
Que o Lusitano ás vezes só causava.

XXIII.

Deste intento d'ElRei falso e damnado
Indigno da real alta Coroa,
A fama com veloz curso apressado
E co'o som do metal que a orelha atroa,
Logo ao Governador levou recado
E lhe manifestou lá dentro em Goa
Não sómente as palavras que dizia
Mas quanto contra os nossos pertendia.

XXIV.

Quanto mais a Oceana onda salgada
No tempo que a sazão fria apparece,
Com a furia de Noto negra e inchada
Se engrossa, se alevanta e se embravece,
Não póde ser com a furia igualada
Que no gesto, e palavras se conhece
Do illustre Nuno, como lhe apresenta
A fama o que o Sultão perfido intenta.

XXV.

E para castigar este odio e esta ira
Que o perfido Sultão no peito encerra,
As vellas logo ao manso vento abrira
E de Cambaia entrára a ingrata terra,
Se lh'o de todo então não impedira
Hũa áspera, cruel, e dura guerra
Que com o Acedecão travada tinha
Que sua terra a Goa têe visinha.

XXVI.

Passado era de todo aquelle inverno
E ja Flora espalhava novas flores,
E se fazia então com mais interno
Odio esta guerra, e bellicos furores,
Quando ordena aquelle Alto, e Sempiterno
Rei, que manda os Celestes Moradores,
Que em meio d'hum grande odio amigos fiquem
E de supito então se pacifiquem.

XXVII.

Não deixa perder tempo o forte Nuno
Vendo-se livre ja do novo imigo,
Tendo para o que quer tempo opportuno
Determina ir buscar o imigo antigo:
Favoravel para isto vê Neptuno,
Eolo favoravel, brando e amigo,
Navios apparelha e mantimentos,
Soldados escolhidos bem quinhentos.

XXVIII.

Dá com grãa pressa a pôpa á nobre Goa
E faz-lhe a ira cuidar que ainda tarda,
Ao Reino de Baudur voltou a proa
A que o Ceo hum cruel castigo guarda.
A trombeta tambem agora soa,
Tambem soa o atambor, soa a bombarda,
Tambem voa nos ares o estandarte,
Em tudo resplandece o fero Marte.

XXIX.

Fez-se isto entrando o mez que a fiel gente
Do Eterno Rei celebra o nascimento,
Cortando o mar a armada vai contente
Com grão favor das ondas e do vento:
E tal foi, que tomou mui brevemente
Lá dentro em Baçaim recolhimento,
Cahe a ancora da proa, o fundo afferra,
Soa o canhão no mar, soa na terra.

XXX.

O valeroso Cunha a que o malvado
Enganoso Baudur sollicitava,
Lhe manda hum d'alli logo com recado
Que Diogo de Mesquita se chamava:
Este em Cambaia ja tinha provado
Quanto a braga nas pernas carregava,
E da linguagem tinha, e da malicia,
E das cousas da terra grãa noticia.

XXXI.

O que o Governador aqui pertende
Do reçado que manda a seu contrario
He (se he certo o que a fama disto estende)
Com côr d'algum negocio necessario,
Vêr se o que por signaes delle se entende
Seja conforme em tudo, ou seja vario
Daquillo que os successos que passárão
Delle assaz claro ja testemunhárão.

XXXII.

Detem-se em Baçaim todo Janeiro
O nobre Cunha traz esta embaixada,
E na entrada do côxo Fevereiro
Para Diu encaminha a sua armada.
Porém antes que o esperto Marinheiro
A ancora sólte, ou colha a vella inchada,
Torna Mesquita em meio do mar largo
Dar rasão do que lhe era dado a cargo.

XXXIII.

E o que deste negocio denuncia
He que na Côrte toda, e no tyrano
Geralmente hum mortal odio se via
Contra o fiel amigo Lusitano:
E que tudo o que entre elles lá se ouvia
He tratar claro ja de nosso dano,
Que mal encobre o rosto, ou a palavra
O fogo que lá dentro o peito lavra.

XXXIV.

Em quanto dá Mesquita esta resposta
Seu curso a nobre armada não detinha,
Mas com a vella inchada, e em alto posta
Sempre polo salgado mar caminha.
E assi chegou de Diu á outra costa
Onde Madrafábat por nome tinha,
Que he hum rio assaz grande, e alegre á vista,
Que da Cidade cinco legoas dista.

XXXV.

Ja Pirois, Heoo, Eton, juntamente
Com Flegon, que o diurno carro aceso
Tinhão trazido lá desd'o Oriente,
Deixavão no Oceano o claro peso,
Via-se a Lua então resplandecente
Em quanto o irmão está do somno preso,
Quando o Sousa que manda a fortaleza
Á nossa armada vem com grãa presteza.

XXXVI.

Onde ao Governador dá larga conta
De cousas que antes pouco erão passadas,
Com que ás vezes se vio posto em affronta,
Mas forão todas bem remediadas.
Hũa sómente a minha historia conta,
Porque todas não podem ser contadas,
Se alguem me der para ella attento ouvido
Não se arrependerá de ter-me ouvido.

XXXVII.

Pouco tempo antes vindo era á Cidade
O perfido tyranno, falso, e imigo,
A executar aquella alta maldade
Que trazia assentada ja comsigo.
Bem sabe o nobre Sousa esta verdade
Mas nem por isso perde o esforço antigo,
Antes visita a ElRei tanto que veio,
E isto que sabe esconde lá no seio.

XXXVIII.

Poucos dias traz isto, quando a bella
Diana á escura terra se mostrava,
E espalhava a prateada luz por ella
Que lhe o seu claro irmão communicava,
Sendo passada ja a primeira vella
Quando no mór repouso tudo estava,
E o mundo descuidado, e somnorento
Tẽe perdido de todo o sentimento:

XXXIX.

Por hum caminho que he bem encuberto
E á nova fortaleza vai direito,
Apparece hum de quem se tẽe por certo
Que do bruto Alcorão segue o preceito:
Chega ás casas do Sousa este mui perto
Para lhe descubrir o seu conceito,
Vai ao longo do rio, lá da banda
Que se está descubrindo hũa varanda.

XL.

D'alli com tanta instancia o está chamando
Que lhe acode daquelles hum soldado
Que andavão polo muro vigiando,
E leva ao Capitão este recado.
Salta da cama Sousa em despertando
Ora arreceoso, ora alvoroçado,
Põe-se lá onde ao Mouro bem ouvia,
Pergunta-lhe a que vinha, e que queria.

XLI.

Vendo o Mouro hum logar tão só, e secreto,
Responde: Illustre Sousa, alto, e prudente,
Cumpre que não estejas tão quieto
Porque hum grande perigo tẽes presente:
Sabe que em o Pastor claro d'Admeto
Começando a mostrar o carro ardente
ElRei te chamará como que te ama
Mas para dar-te a morte elle te chama.

XLII.

E porque tu não cuides que a mostrar-te
Me moveo interesse este perigo,
Nem o meu nome quero declarar-te
Nem dizer-te aqui mais que o que te digo:
Fica-te embora, e cumpre-te guardar-te
Porque te mostra amor o mór imigo.
E com isto de fallar o Mouro cessa,
Volta as costas, e vai-se com grãa pressa.

XLIII.

Se alguem me perguntasse quem seria
Este que ao Sousa fez tal amizade,
Ser elle o mesmo Rao eu lhe diria
Que então tinha o governo da Cidade:
Não me crêaes a mim, pois cá vivia,
Crêde á fama, que o affirma por verdade,
Nem me pergunteis disto o fundamento
Porque eu não advinho o pensamento.

XLIV.

De confusão e espanto fica cheio
O valeroso Sousa co'o que ouvira.
Ora o mette por dentro hum arreceio
Ora o esforça de novo hũa nova ira.
E de tal confusão posto no meio
Cuida ás vezes que póde ser mentira,
Mas tẽe comsigo emfim determinado
Obedecer á ElRei, se fòr chamado.

XLV.

Não se descuida o perfido tyrano
Que de toda maldade e engano he fonte,
Mas para executar o ultimo dano
No imigo que não soffre ter defronte,
Manda hum recado ao forte Lusitano
Co'o resplandor primeiro do Horizonte,
Em que a vir ter com elle então o exhorta
Para cousa que diz que muito importa.

XLVI.

Sousa, à quem este engano não se esconde
O dissimula então com grãa firmeza,
E tendo ja assentado d'ir lá aonde
Tẽe de morte cruel grande certeza,
Ao mensageiro ousado então responde
Que fará o que lhe manda sua Alteza:
Fez-se prestes para ir, e dissimula,
Que honra mais que temor alli o estimula.

XLVII.

Não vai, qual soe, honrada e nobremente,
Mas deixa os apparatos seus primeiros,
O soberbo cavallo, e juntamente
A guarda dos sesseuta alabardeiros:
Mette-se n'hum catur onde he sómente
D'hum pagem acompanhado e dos remeiros,
Quiçá cuidou que ElRei com isto veja
Que a motte sem rasão dar-lhe deseja.

XLVIII.

Nem o enganou de todo esta esperança
Antes lhe succedeo como cuidava,
Chega o catur, e com grãa confiança
Vai Sousa vêr ElRei, que ja o esperava;
E vendo-lhe ora hũa, ora outra mudança,
Que o malvado conceito nelle obrava,
Vê que o seu peito cheio de maldades
Tẽe concebido grandes novidades.

XLIX.

Algum tanto suspenso ElRei esteve
Em o vendo, e ou por vir sem companhia,
Ou por causa que occulta á gente teve
O Sempiterno Filho de Maria,
O odio antes tão pesado se faz leve,
A ira antes tão acesa se lhe esfria,
Mitiga-se o furor sempre indomavel
Mostra-se-lhe benigno, e favoravel.

L.

Mostra-lhe gasalhado falso e incerto,
E da sua tenção contrario o rosto,
E diz-lhe que o chamára, porque certo
Saiba se dá Cidade estava posto
O Governador inda longe ou perto,
Porque de o vêr alli terá grão gosto.
Estas e outras cousas lhe pôz diante
E logo o despedio com bom semblante.

LI.

Timido Mareante, a quem a imiga
Furia do grosso mar embravecido
Com naufragio ameaça, e dá fadiga,
E em mãos da morte o tinha ja rendido,
Se acaso a furibunda ira mitiga
O tempestuoso Austro, de perdido
Que antes se estava vendo, e quási morto,
Chega contente ao desejado porto.

LII.

Tal na imaginação se me apresenta
O nobre Sousa, o qual inda que forte
Sem temor não entrou nesta tormenta
Porque o esforço não tira o medo á morte:
Vendo-se em salvo della, se contenta,
Dá mil graças á sua amiga sorte,
Que de novo quizera dar-lhe a vida
Quando havia que a tinha mais perdida.

LIII.

Ouvido nisto o Sousa attentamente
E n'outras cousas desta qualidade
Foi do Governador, que dellas sente
A tenção de Baudur, e a má vontade;
Porque ellas lhe descobrem claramente
Do que tinha ouvido antes a verdade,
Vendo que o que ellas mostrão conforme era
Co'o que a fama ja em Goa lhe dissera.

LIV.

O dourado aposento o Sol deixando
Co'a sua costumada ligeireza,
Com a Aurora diante, vinha dando
Nova luz á terrestre redondeza,
E desterrar a escura noite, quando
Se tornou Sousa á sua fortaleza,
Mas não se abala a armada até áquella hora
Que appareceo no Ceo de novo a Aurora.

LV.

E quando ella mostrou ao valle e ao monte
O seu raio de prata, humido e frio,
Amanhecia o dia no Horizonte
Em que a Igreja com rito santo e pio
Signala com cinerea Cruz a fronte
Dos que seguem de Christo o Senhorio;
E então a armada ao vento a vella sólta
E lá direito ao porto a proa vólta.

LVI.

E neste mesmo tempo que ferindo
Vai hum prospero vento as largas vellas,
Vão pola terra firme em vão fugindo
D'ElRei á caça as timidas gazellas.
Em quanto as náos seu curso vão seguindo
Se vai por terra ElRei tambem traz ellas,
Porque a caça deixou em vendo a fróta
E segue da Cidade a mesma róta.

LVII.

Perto ja tinha o porto desejado
A Lusitana armada, que buscava,
Quando chega hũa fusta, em que hum criado
Vinha d'ElRei, que grande amor mostrava:
Este ao Governador traz hum recado
Em que ja da chegada o visitava
Da parte do Sultão, e lhe trazia
Parte do que caçára aquelle dia.

LVIII.

Desejo de encubrir a má vontade
Faz com que este presente o Sultão manda,
De gazellas mandou grãa quantidade
Que sem lhe ser tirada a pelle branda
Faltava a qualquer dellas a metade
Da carne d'hũa perna, e d'outra banda
Mandou muitas gallinhas, a que falta
A parte que no corpo anda mais alta.

LIX.

Estes abusos grandes, sempre usados,
Mas antes naturaes da Moura gente,
Em que costumão ser prognosticados
Os desejos que dentro a alma só sente,
Forão com attenção então olhados,
E tambem consultados largamente
Dos que no galeão então estavão
Que o valeroso Nuno acompanhavão.

LX.

Mostra o Governador alegre rosto
Ao presente, e responde, que nesta hora
Ir vêr ElRei lhe fòra hum grande gosto
Mas que a indisposição lhe tolhe ir fóra;
Porém como se achar melhor disposto
A falta supprirá que teve agora.
Torna-se o Mouro logo satisfeito
A dar conta ao Sultão do que tẽe feito.

LXI.

Não detem Cunha emtanto a nobre armada
Que do presente o engano bem presume:
E tendo perto o fim da sua jornada
O Sol, em que mostrava o usado lume,
Lá no porto de Diu a vê ancorada
Co'as cerimonias que erão de costume.
ElRei, que vai seguindo a inchada vella,
Á Cidade chegou junto com ella.

LXII.

Onde sabendo a causa, e o impedimento
Que o grão Cunha detem, porque a malina
Tenção o estimulava, sem mais tento
Ao galeão ir vê-lo determina:
Porque com tal amor, tal cumprimento
Maior obrigação pôr-lhe imagina,
Para que mais seguro e descuidado
Visite o de que foi ja visitado.

LXIII.

Cuida o Sultão, e têe por cousa certa
Que esta sua amizade contrafeita
A toda a gente está tão encuberta
Que nem della se têe qualquer suspeita.
O fervente desejo tanto o aperta,
A tal odio a vontade têe sujeita,
Que não lhe deixão vêr o seu engano,
E assi a cilada armou para seu dano.

LXIV.

Malvado Rei, ao Ceo e á terra imigo,
Do Cambaico Reino unica peste,
Chegado ja te vejo ao mór perigo
E a pagares os males que fizeste:
Tu mesmo ordenarás o teu castigo,
Porém não inda tal qual mereceste;
E no laço em que ja tantos tomaste
Tu mesmo cahirás, que mesmo o armaste.

LXV.

Tendo o Sultão comsigo ja assentado
Que por este caminho que levava
Daria fim mais prospero e apressado
A isto que unicamente desejava,
Ao nobre Manoel manda hum recado
Que a nova fortaleza governava,
Para que ao galeão vão juntamente
Vêr o Governador, que está doente.

LXVI.

Esta doença affirma sentir tanto
Como o seu mais chegado que alli vinha.
Recebe Sousa disto hum grande espanto
Porque a sua tenção mal advinha:
O grão Cunha avisar manda de quanto
ElRei determinado agora tinha,
E traz isto ao Sultão se vai chegando
Que ja prestes para ir o está esperando.

LXVII.

Põe no Governador hũa infinita
Confusão este aviso que lhe veio,
Ora a vinda d'ElRei ha por grãa dita
Ora tambem lhe põe hum grão receio:
Necessidade a dar-lhe morte o incita,
D'outra parte a vergolha lhe põe freio,
Porque ha que he vergonhoso ao varão forte
Ao pacifico imigo dar a morte.

LXVIII.

Com quanto à confusão tamanha parte
Tẽe nelle, por fazer nada lhe fica,
Vê-se a bandeira ja, vê-se o estandarte
No galeão, vê-se a alcatifa rica;
Põe-se a armada tambem toda dest'arte,
Em toda grande festa se publica,
Que assi o manda o grão Cunha, porque veja
ElRei que a sua vinda se festeja.

LXIX.

Muitos dos que se então agasalhavão
N'outras embarcações em que vierão,
Ao galeão do Cunha se passavão
Nesta hora em que d'ElRei a vinda esperão:
Estes, e os mais que dentro nelle estavão
A cópia de duzentos bem enchêrão,
Dos quaes erão setenta (e não m'engano)
Do nobre e illustre sangue Lusitano.

LXX.

Com alvoroço grande, e odio sobejo
Se espera a vinda deste falso amigo,
E vendo todos hum tão bom ensejo
Para lhe darem o ultimo castigo,
E tão geral em todos o desejo
De tirarem do mundo hum tal imigo,
E quanto cumpre que elle perca a vida,
Havião que elle a tinha ja perdida.

LXXI.

Hesphero ja queria no Horizonte
Os raios espalhar de prata, quando
N'hũa pequena fusta eis que defronte
Se mostra ElRei, que estavão esperando:
No trajo igual áquelle que no monte
A livre caça vai sollicitando,
De verde panno, e touca em negro tinta
Na cabeça, e hum punhal d'ouro na cinta.

LXXII.

A gente de que foi acompanhado
Dentro na sua fusta aquelle dia
São dous pagens, hum delles o terçado,
Outro o arco, o coldre, e as frechas lhe trazia:
Tambem o nobre Sousa, que chamado
Foi delle, leva em sua companhia,
E leva outros tambem treze Senhores
Que nos seus Reinos erão os maiores.

LXXIII.

Hum destes Langarcão se nomeava
E lá dos Guzarates traz a linha,
Que a juvenil idade então passava
E sobre hum nobre Estado o mando tinha.
Amiriacem entre elles se chamava
Outro, e dos Guzarates tambem vinha,
De grão preço, valor, d'ousado peito,
Tambem hum grande estado lhe he sujeito.

LXXIV.

Outro he aquelle infiel que na Latina
Terra gerado foi, para seu dano,
Que a Santa Lei deixou, pura e divina
E seguio do Alcorão o bruto engano;
Cuja alma miseravel não foi dina
Do summo bem, eterno e soberano;
Cojaçofar se chama este perdido,
Creio que antes o tinheis conhecido.

LXXV.

Mostrava ElRei ama-lo grandemente
E com grandes mercês isto mostrára,
Porém esta affeição e amor ardente
Que com fingida côr nelle empregára
Tinha a hum seu filho, a quem tão largamente
A natureza ornou, que se acertára
N'outra fonte tambem acaso ver-se
Tambem em flôr pudéra converter-se.

LXXVI.

Hum Janizaro ousado, e forte em tudo
Companheiro tambem do Sultão era,
A que o Latino, que o Christão estudo
Deixou, por mulher hũa filha dera.
A este o Tigre do Mundo, o povo rudo
Por seu valor, por nome então puzera.
Não digo os outros, porque os não conheço,
Mas todos são Senhores de grão preço.

LXXVII.

Aquellas armas sós agora tinhão
Que comsigo na paz sempre trazião,
Porque como seu mal não advinhão
Estas para ornamento inda querião.
Quatro fustas traz esta d'ElRei vinhão
Em que alguns seus criados o seguião,
E d'outra gente algũa quantidade
Que sempre alvoroçou a novidade.

LXXVIII.

Por toda a armada vai atravessando
Com esta ordem que aqui vos tenho escrita,
Em toda a parte o apito o vai salvando
Responde-lhe a sonora, aguda grita:
Mas com quanto o vai tudo festejando
A mostrar alegria nada o incita,
Que o sollicito esprito, e grão desgosto
Não lhe deixão mostrar alegre rosto.

LXXIX.

Chegando ao galeão, ja apercebido
Está o Cunha, e com boa companhia,
Ao bordo o vai tomar, e co'o devido
Gazalhado o recebe, e cortezia.
Tambem no galeão foi recolhido
Qualquer dos que na fusta ElRei trazia,
Antes todos diante entrão agora
E todos os barretes levão fóra.

LXXX.

Fazem lá para a tolda o movimento
De ricas alcatifas toda ornada,
No Governador todos põem o tento
Para dar fim a esta obra desejada,
Porque lhes representa o pensamento
Que sem falta ha de ser aqui tirada
Do mundo esta cruel alma profana,
Mas este pensamento aqui os engana.

LXXXI.

Para a camara juntos se passárão
ElRei, e o que era delle visitado,
Hum pagem, e Animacem o acompanhárão,
E o genro do Latino renegado;
Apoz estes tambem com elles entrárão
Langarcão, Santiago, que cantado
Atraz, de mi ja foi com largo verso,
Que até então sempre achára o Ceo diverso.

LXXXII.

Qual soe ficar aquelle em quem estende
A nocturna visão temor tão alto
Que o esprito humano não se lhe defende
Cheio d'hum repentino sobresalto:
Não falla o triste ja, menos entende,
De todos os sentidos fica falto,
Que co'a terrivel vista da phantasma
A lingua, o entendimento, e tudo pasma:

LXXXIII.

Tal o Governador, e ElRei estava,
Porque altas confusões o combatião,
Nenhum delles a lingua desatava
Sómente ambos dos olhos se servião.
E se á fama se crê, ella affirmava
Que assi bem meia hora ambos estarião,
Porque cada hum estava tão confuso
Que perdêrão das linguas o antigo uso.

LXXXIV.

Aqui vio bem ElRei quamanho engano
E quão desatinada fôra esta ida.
Mas tarde o viste ja, falso tyrano,
Tarde foi a sandice conhecida,
Porque verás no teu o alheio dano,
Mil mortes pagarás c'hũa só vida:
Aos mortos se dará justa vingança,
Aos vivos para as vidas segurança.

LXXXV.

Mas como hum máo, que a todos sempre dana,
Se receia tambem de toda banda,
Usando ElRei da lingua Persiana
A João de Santiago logo manda,
Que por vêr se este seu receio o engana
Entre dissimulado na varanda
Do galeão, e veja bem, e attente
Se está lá dentro nella algũa gente.

LXXXVI.

Ao Governador isto não se esconde
Que não he desta lingua muito alheio.
Santiago obedece, e entra lá aonde
ElRei mostrava ter o mór receio.
O que lá dentro achou, e o que responde
Com tudo o que apoz isto sobreveio
Consenti-me que o cante d'aqui a hum pouco,
Porque agora estou ja de todo rouco.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO VII.

Trata-se de dar a morte a Sultão Bandur, Rei de Cambaia. Contão-se algumas cousas notaveis que acontecêrão neste meio.

I.

Em que vos confiaes, tyrannos peitos,
Nunca fartos de sangue, nem causados?
Se vêdes que quaesquer leves defeitos
São rigorosamente castigados.
Que esperaes vós, que as obras e os conceitos
Trazeis sempre em cruezas empregados?
E obrando quanto mal podeis, vos vejo
Não chegardes co'os males ao desejo.

II.

Quanto o máo peito ao odio mais se entrega
Menos póde cubrir o seu intento,
Quanto a crueza o mais desassocega
Tanto mais o sentido perde, e o tento:
D'onde acontece hũas vezes que lhe cega
Este odio de tal sorte o entendimento,
Que o que faz para mal de seu imigo
Se lhe torna em cruel, duro castigo.

III.

Cambaio Rei, com teu exemplo espero
Do que digo mostrar logo a verdade,
E por isso trazer outros não quero
De que houve (com seu mal) grãa quantidade;
Pois tanto te cegou teu odio fero
Que o caminho que tua crueldade
Te ensinou, para mal d'outrem, mais perto
De tua morte cruel foi o mais certo.

IV.

Santiago, entendendo o grão receio
Que da varanda ElRei tẽe concebido,
Co'o mais dissimulado e cauto meio,
Menos dos circumstantes entendido,
Dentro nella se mette, e todo cheio
De segurança, e o medo ja perdido,
Se torna para ElRei, e lhe responde
Que dentro nella gente não se esconde.

V.

Quieta ElRei com isto hum pouco o esprito
Mas inda não de todo se assegura,
Porque em quanto alli está, sempre infinito
Temor sente da morte triste e dura.
E o silencio que atraz vos tenho escrito,
Com a alta confusão que nelles dura
(Como atraz tambem disse) bem meia hora,
Da camara se sahem todos fóra.

VI.

Todos da grãa mudança que fizera
ElRei no rosto, vem qual he o seu peito,
Vem que sua tenção e desejo era
Vêr-se de todo fóra deste feito.
Outra vez geralmente aqui se espera
Que este geral desejo tenha effeito,
Mas foi vãa esperança, e vão desejo,
D'onde nascer hum grave damno vejo.

VII.

A causa porque então foi esta imiga
Alma infiel, do corpo companheira,
Quando o desejo, e a occasião obriga
Trazer-lhe a vida á hora derradeira,
Não espere ninguem que aqui lh'a diga
Pois dizer-se não póde a verdadeira,
E isto ordem pareceo do Soberano
Eterno Rei, mais que descuido humano.

VIII.

Vendo-se ElRei ja fóra da suspeita
Que a varanda pouco antes lhe mettia,
Para a fusta subtil logo endireita
Porque dos que desama não se fia.
Sahe Cunha até o embarcar, mas pouco acceita
Foi a ElRei neste tempo a cortezia,
Porque em quanto o vê estar junto comsigo
Ha que sobre si tẽe o ferro imigo.

IX.

Na fusta que alli tẽe salta ligeiro
Porque as azas do medo o favorecem,
Salta traz elle o amigo e o companheiro
Que os seus tambem de medo não carecem:
Roga, manda, ameaça o nú Remeiro
Mas todos sem grãa força lhe obedecem,
Do temor ajudado o duro braço
Faz alargar a fusta hum grande espaço.

X.

Depois que dentro ElRei na fusta esteve
Em que de se salvar tẽe só esperança,
Co'o Cunha á parte o Sousa se deteve
Que tẽe da fortaleza a governança;
E com quanto assaz foi o espaço breve
A fusta do Sultão ja não alcança,
O qual vendo o perigo a que escapára
Do galeão com pressa se affastára.

XI.

Apaixonado o Sousa, e descontente
Porque a pressa d'ElRei o sollicita,
Se mette n'hum cátur, e juntamente
Por alcança-lo põe pressa infinita:
Comsigo no cátur leva sómente
Hum seu pagem, e Diogo de Mesquita,
Do qual (se na memoria o tendes vivo)
Disse atraz que em Cambaia foi captivo.

XII.

Segue tu, Sousa, a ElRei tão apressado
Que eu do Governador hum pouco canto,
O qual depois que á tolda foi tornado,
Entendendo bem toda a gente quanto
Cumpria da infiel vida privado
Ser o imigo Sultão, com grande espanto
Os olhos nelle põe, e inda duvida
Se das mãos se lhe foi são e com vida.

XIII.

Elle, que da attenção da circumstante
Gente, está o seu conceito advinhando,
Com inquieto e colerico semblante
Lhe disse: Que me estaes agora olhando?
Bem vêdes essas fustas que ahi diante
Estão, o galeão acompanhando,
Nellas vos embarcai, e o Rei Cambaio
Segui ligeiramente, e acompanhaio.

XIV.

Aquelle arrebatado movimento
Do rio, lá no monte alto nascido,
Que para dar aos corpos mantimento
Captivo tẽe os homens, e impedido,
Quando livre se vê do impedimento
Que até então o tivera reprimido,
Tão furioso não sahe como esta gente
Ao Cunha, e a seu desejo obediente.

XV.

Vagaroso ha que vai o que não voa,
Tanto o grande desejo os move e apressa,
Qual pola popa sahe, qual pola proa,
Qual tambem polo bordo se arremessa:
A revolta huns confunde, outros atroa,
Não lhes deixa ter ordem a grãa pressa,
Cada hum na mais chegada fusta salta,
N'hũa sobeja gente, e n'outras falta.

XVI.

Com grãa pressa o Remeiro o braço estende
E vai-o para si logo encolhendo,
Com grãa força as salgadas ondas fende
E as vai em branca escuma revolvendo:
Com esta pressa e força então pertende
Alcançar o Sultão, o qual correndo
Com grãa presteza, ja vai tanto avante
Que vai do galeão ja mui distante.

XVII.

Porém com quanto ElRei tão longe ir vejo,
Hũa fusta das nossas que o seguia
Ajudada da pressa e do desejo
Se igualou com aquelle que fugia:
Chega-lhe juntamente neste ensejo
O ligeiro cátur em que o Sousa hia
A quem na fortaleza lá obedecem,
Que tambem odio e pressa o favorecem.

XVIII.

E vendo-se ja junto a seu imigo
Na proa do cátur ligeiro salta,
E d'alli, com semblante inda d'amigo
A Santiago disse com voz alta:
Dize a ElRei que se venha ter comigo
A este cátur, nem haja nisto falta,
Que o Governador manda a Sua Alteza
Que vá d'aqui direito á fortaleza.

XIX.

Santiago responde: Eu creio, Sousa,
Que deveis ter perdido o entendimento,
Porque não póde tê-lo aquelle que ousa
Fallar a ElRei com tal atrevimento.
A tamanho Senhor se diz tal cousa?
Ou vos falta a vós siso, ou falta tento,
Passai-vos vós cá, dai-lhe esse recado,
Que eu mais sisudo sou, mais attentado.

XX.

E o rosto para ElRei logo voltando
Se lhe entendeo dizer-lhe: Senhor, guar-te,
Que eu do que vejo estou advinhando
Que estes são aqui vindos a matar-te.
Sousa no mesmo tempo, mais olhando
No que por fazer tinha, que na parte
Onde então posto está, della escorrega,
E ao salgado licôr o corpo entrega.

XXI.

Receioso d'algũa adversa sorte
O pagem, a que a temer o amor convida,
Traz elle ao mar se lança ousado e forte
Que o verdadeiro amor nada duvida.
Por salvar seu Senhor da cruel morte
Arrisca sem temor a propria vida.
Que o benigno Senhor, brando, amoroso,
Faz o servo fiel, fa-lo animoso.

XXII.

No Reino de Neptuno ambos entrárão
E de terem lá entrado se entristecem,
Mas com pressa maior da que levárão
Sobol'agua ambos juntos apparecem.
Logo ambos no cátur juntos entrárão
Com ajuda d'alguns que os favorecem,
Que n'hum o grão perigo arreceiavão,
N'outro o grande valor, e amor louvavão.

XXIII.

ElRei mostra sentir dôr não pequena
De vêr Sousa no mar assi banhar-se:
E d'alli com mãos logo lh'acena
Que á sua fusta então queira passar-se.
Elle vendo que assi melhor se ordena
Poder o seu intento effeituar-se,
Obedece ao Sultão, e co'o primeiro
Aceno, lá na fusta entra ligeiro.

XXIV.

Ligeiramente Sousa a fusta afferra,
Que de grandes empresas era amigo.
Pedr'Alvares d'Almeida lá se encerra,
Segue Antonio Corrêa este perigo.
Salta tambem na fusta o que na terra
Cambaia, ja sentio o jugo imigo.
Segue hum Lopo tambem este caminho,
Que por alcunhas tẽe Sousa, Coutinho.

XXV.

Hum Manoel, hum Pedro, e juntamente
Hum Antonio defende a proa aguda,
Com hum Lopo, hum Diogo alli sómente
Em guardar a redonda pôpa estuda:
Em meio desta nobre e forte gente
Fica posto o Sultão, que a côr ja muda,
E o que da fortaleza tinha o mando
Estava então com elle praticando.

XXVI.

ElRei, que inda que estava tão distante
Do galeão, por livre não se havia,
Que em quanto os Portuguezes têe diante
Temor da cruel morte o combatia,
Volta aos seus as palavras e o semblante,
E havendo que a linguagem o encubria
Diz, que com cruel peito e braço forte
Dêem áquelles imigos alli a morte.

XXVII.

Isto entende o Mesquita, e com grão dano
Do nobre Manoel, vê logo o effeito,
Que o genro do infiel Italiano
Sem piedade lhe passa o forte peito.
Trespassa áquelle peito soberano,
O qual inda que á morte foi sujeito,
Nunca o maior perigo pôde tanto
Que lhe podesse pôr qualquer espanto.

XXVIII.

Mesquita, em grave dôr e ira a alma envólta,
Apertando na mão a nua espada,
Ferra a ElRei por hum braço, e assi o vólta
E lhe abre ao cruel sangue larga estrada:
O desmaiado Rei a lingua sólta,
E ja cóm clara voz para os seus brada
Qu'a morte aos Christãos dêe com grã violencia,
Sem por si fazer nunca resistencia.

XXIX.

O fiel Langaream, e os que cahírão
Lá para a pôpa então, tendo infinita
Dôr por aquelle mal que a seu Rei vírão,
Que a terrivel vingança ja os incita,
Tanto que do seu Rei a voz ouvírão
O Coutinho salteão, e o Mesquita
Com imigo furor, com ira immensa,
Mas em ambos achárão grãa defensa.

XXX.

Este imigo furor, esta ira ardente
(Que n'hũa e n'outra parte era assaz justa)
Encheo em breve espaço, juntamente
De revolta e de sangue a subtil fusta.
Hũa e outra parte o ferro cruel sente,
A alguns só sangue, alguns a vida custa,
Mas não ha alli algum que as costas vire
Ou se derrame sangue, ou vida tire.

XXXI.

Neste tempo ja aquelle esprito ousado
Do valeroso Sousa, illustre e forte,
A quem o genro cruel do renegado
Com vingativo braço dera a morte,
No mar deixando o corpo sepultado
Subíra lá á Celeste, Eterna Corte,
Com cantos e prazer dos que o levavão
Com lagrimas e dôr dos que ficavão.

XXXII.

O valeroso Almeida, hum grande espaço
Contra esta imiga furia embravecida
Se defendeo com duro e forte braço
Em quanto lhe durou a força e a vida,
Até que o duro, agudo, e subtil aço
Á sua fiel alma deu sahida
Para subir ao Eterno Senhorio,
Tambem no mar deixando o corpo frio.

XXXIII.

A falta destes dous, que alli morrendo
Chegárão do louvor á mór alteza,
Nos tres que se ficavão defendendo
Por excessiva dôr, mas não fraqueza,
Antes quanto o perigo hia crescendo
Tanto crescia nelles a braveza,
E ajudado da dôr o esforço antigo
Se faz sentir em dobro ao bravo imigo.

XXXIV.

Com grãa velocidade o mar cortando
Algũas fustas vinhão não distantes
Em favor dos que estavão pelejando,
Tristes por não poderem chegar antes.
E vinhão grandemente desejando
Naquelle feito ser partecipantes,
Mas por hum grande espaço ao seu intento
Hum tenro moço foi impedimento.

XXXV.

Este era aquelle pagem de que escrito
Fica, que as frechas e o arco a ElRei trazia,
O qual com tal successo, e tal esprito
As frechas nos imigos despendia,
Que em breve derramou sangue infinito
Da Lusitana gente que os seguia,
Com que nella não pôz desconfiança
Mas mór odio, e desejo de vingança.

XXXVI.

E tão grave temor a frecha imiga
Da chusma pôz então no fraco peito,
Que nenhum Capitão sabe que diga
Que por falta de remo perde o feito:
Hum roga, outro ameaça, outro castiga,
Mas toda a diligencia he sem proveito,
Que a chusma teme mais do moço o braço
Que o castigo dos seus, ou ameaço.

XXXVII.

Tanto tempo esta baixa e vil canalha
Daquelle alto temor foi combatida,
Quanto nesta cruel, dura batalha
Teve settas o moço, e teve vida;
Porque o chumbo subtil, que no ar espalha
A força do arcabuz mal resistida,
Tirou ao moço a vida n'hum momento
E aos Remeiros aquelle impedimento.

XXXVIII.

Mas vejo que me estão pedindo ajuda
Os tres que lá deixei d'ElRei na fusta,
Rasão será, Senhores, que lhes acuda
Que este feito tambem caro lhes custa:
Nenhum delles a côr do rosto muda
Faz-lhes o perigo a força mais robusta,
Qual ponta, qual revez, qual d'alto fende
Nada ás crueis espadas se defende.

XXXIX.

Fraqueza nos imigos se não sente,
Por defender seu Rei tambem trabalhão,
Tambem movem o ferro ousadamente,
Tambem jogão de ponta, fendem, talhão:
Em meio desta imiga furia ardente
Huns e outros o sangue imigo espalhão,
Porém destes que os nossos têe defronte
Mandárão sete á praia de Aqueronte.

XL.

Entendendo os imigos que por meio
Das armas podem mal remediar-se,
De desesperação o peito cheio
Tentão novo remedio de salvar-se:
Todos supitamente, sem receio
Vão co'os tres companheiros abraçar-se,
Da multidão vencida a fortaleza
Forçado lhe he mostrar qualquer fraqueza.

XLI.

Apparelhado tendes grão perigo
Mas não desespereis, fortes soldados:
Salteados do copioso imigo
Os tres ja assaz feridos, e cansados,
Sem perderem aquelle esforço antigo
Que os fez no mór perigo mais ousados,
Mas faltando-lhes a força, que era humana,
Forçados vão buscar a onda Oceana.

XLII.

O que têe do tridente o poderio
Com festa os companheiros agasalha,
Voa a fama, e por todo o senhorio
Salgado, destes tres a vinda espalha:
Nenhum de gosto alli fica vazio,
Por vê-los cada hum corre e trabalha,
Cada hum co'o que póde alli os festeja
Que o seu Rei isto faz, e isto deseja.

XLIII.

Deixa o Carpathio velho o antigo assento,
Glauco, Nereo, Tritão, vão a busca-los,
Vão tambem neste alegre ajuntamento
As formosas Nereidas visita-los,
Que com brando e suave movimento
Trabalhão quanto podem festeja-los,
As cabeças com perlas enlaçadas
De corais, ou de conchas coroadas.

XLIV.

Este gosto geral, com triste manto
De geral dôr se cobre, e se refreia,
Porque logo dos tres vêem correr tanto
Sangue, qual sahe da fonte a viva veia:
Sente disto Neptuno hum grande espanto,
Não sabe então que tema, nem que creia,
Pergunta aos tres a causa, e não lh'a encobrem
Mas tudo por extenso lhe descobrem.

XLV.

Elle vendo o seu mal de qualidade
Que cura antes que festa então pedia,
E para isto não ter commodidade
Porque não se usa lá de cirurgia,
Manda os seus de maior authoridade
Que com elles se vão em companhia,
Para que vão segura e honradamente
Até se apresentar á sua gente.

XLVI.

Não se detem hum ponto esta marinha
Gente, que a seu Rei todos obedecem,
Nada então o caminho lh'entretinha
Logo sobolas ondas apparecem,
D'alli co'a despedida que convinha
Os marinhos ao fundo assento decem,
E os tres na mais chegada fusta saltão
Porque ajudas para isso lhes não faltão.

XLVII.

Com grande festa forão recebidos
Dos seus, que delles ja desconfiavão,
E quanto os mais havião por perdidos
Tanto mais de os vêr vivos se alegravão:
Mas vendo-os maltratados e feridos
Só por dar-lhes remedio procuravão,
Porém nem isto lh'era impedimento
Para continuarem seu intento.

XLVIII.

Entretanto o Sultão, deste embaraço
Ja livre, que o puzera em mãos da morte,
De novo, ora com rogo, ora ameaço,
(Cuidando assi fugir á adversa sorte)
Faz que o Remeiro estenda e encolha o braço
Mais que nunca apressado então e forte,
E lá para a Cidade as ondas fende
Que ser o mais seguro porto entende.

XLIX.

Os Christãos de que ja disse primeiro
Que á fusta de Baudur vão dando caça,
Não querendo nenhum ser derradeiro
A grãa pressa os detem e os embaraça.
E juntamente o fraco e vil Remeiro
(A que então com cruel morte ameaça,
Quando tinha inda vida, o moço ousado)
Segue o caminho menos apressado.

L.

Bandur, que de fugir jamais não cessa,
Toma com isto alento, e confiança,
Que o vagar dos Christãos, e sua pressa
Lhe põe de se salvar grande esperança:
Traz isto outro embaraço se atravessa
Que a victoria aos Christãos pôz em balança,
E com quanto os trabalha, e mal os trata
Não tolhe a morte a ElRei, mas lh'a dilata.

LI.

Na conjunção que a furia mais ardente
Naquelles bravos peitos se agasalha,
Quando o agudo, subtil ferro luzente
Com mór furor o imigo sangue espalha,
Tres navios chegárão juntamente,
A este mesmo logar desta batalha,
Que este feito fizerão mais custoso
Mas para os vencedores mais famoso.

LII.

De lá de Maugalor vem esta frota
Pequena, mas de ousada gente cheia,
Que nos brutos preceitos crê devota
Que dos Turcos a fé manda que creia.
Dos tres navios hum he galeota,
Outro fusta, o terceiro he taforeia.
Os navios, e a gente delles vinha
Provida assaz de tudo o que convinha.

LIII.

Vê-se aqui desta gente o esforço antigo
O esprito leal, o ousado peito,
Porque vendo seu Rei ao ferro imigo
Com grão risco da vida estar sujeito,
Podendo bem fugir a este perigo
Porque inda se não tinha a elles respeito,
Mais querem com seu Rei perder a vida
Que poderem-lh'a vivos vêr perdida.

LIV.

Deste esforço leal estimulados
Em tamanho furor todos se accendem,
Que em meio surgem dos Christãos soldados,
E com tudo o que podem os offendem.
Ja os duros fortes ossos encurvados
Com mil frechas subtis os ares fendem,
Sahe o redondo ferro da bombarda,
Sahe o chumbo subtil lá da espingarda.

LV.

Nada basta a deter a arrebatada
Furia, dos infernaes tiros malditos,
Sente algum damno a gente baptisada
Que d'huns sahe sangue, d'outros os espritos:
Nova revolta sente a nossa armada
Com nova confusão, com novos gritos,
Que este novo embaraço que lhe veio
Lhe deu mais que fazer, mas não receio.

LVI.

Cumpre-lhe menear o braço forte,
Usar mais de furor que de prudencia,
Porque este novo imigo he de tal sorte
Que ha mister novo esforço e resistencia:
Por salvarem seu Rei da cruel morte
A vão todos buscar á competencia,
E este intento tratárão de tal geito
Que esteve em condição de ter effeito.

LVII.

Mas o vencedor braço Lusitano
Vencido nunca, e pouco resistido,
A este imigo mostrou que por seu dano
Então foi leal, tão atrevido:
E porque dar então morte ao tyrano
Lhe não fosse dos Turcos impedido,
Os mais delles d'ElRei a empresa sóltão
E contra estes a furia, e o ferro vóltão.

LVIII.

Aquella grossa furia impetuosa
Com que a dura, e intratavel penedia
Combatida he da inchada onda alterosa
No meio da sazão áspera e fria,
Quando a força cruel tempestuosa
D'Austro revolve o mar, encobre o dia,
Não chega á que os Christãos então levárão
Contra os que seu intento dilatárão.

LIX.

Afferrão com grãa pressa os tres navios,
Movem os braços sempre vencedores,
E com quanto os achárão não vazios
D'esforço, de valor, de defensores,
Mandão comtudo ao mar os corpos frios
Daquella gente a quem altos louvores
Tirar não póde a morte apoz a vida,
Porque sempre da fama foi vencida.

LX.

Entre esta gente, digna de memoria
Que á morte por seu Rei quiz entregar-se,
Hum sómente não acha a minha historia
Que podesse da vida contentar-se.
Mas tambem os Christãos desta victoria
Algum tanto podião lamentar-se,
Porque as vidas alguns alli perdêrão,
Alguns as vidas não, mas sangue derão.

LXI.

Traz ElRei me quero ir, porque apressado
Me foge, com ligeiro curso leve,
O qual vendo-se ja desaffrontado
Dos tres que antes na sua fusta teve,
E o soccorro que então lhe era chegado
Que as fustas que o seguião lhe deteve,
Co'a presteza que o medo lhe ensinava
Lá direito á Cidade caminhava.

LXII.

E tanto estava a Lusitana gente
Embaraçada então naquelle feito,
E contra os tres navios tão ardente
Sem ter a ElRei que foge algum respeito,
Que pudéra nesta hora livremente
A tenção de Baudùr chegar a effeito
Se o Ceo, que alli o castigo lhe guardára,
O caminho lhe não embaraçára.

LXIII.

Nesta hora em que estar salvo lhe parece
A ElRei, porque a Cidade têe visinha,
De lá da fortaleza eis que apparece
Hum cátur que em soccorro aos Christãos vinha:
O forte Capitão a ElRei conhece
(Este o Pantafasul d'alcunha tinha)
E vendo com que pressa elle navega
Logo o murrão ardente a hum berço chega.

LXIV.

Faz o tiro infernal o effeito antigo,
Sahe o pelouro ardente, duro e forte,
E vai tão bem guiado ao Rei imigo
Que a dous ou tres Remeiros lhes dá a morte.
Aqui tens, cruel Rei, o grão castigo
Que te ordenou a tua amiga sorte,
E o Ceo, que não te foi amigo menos,
Mas vinga a dòr dos fracos, e pequenos.

LXV.

A falta dos Remeiros, e a grãa pressa
Com que a maré vasava neste instante
Faz com que a leve fusta se atravessa
Que hia ja dos Christãos assaz distante.
Comtudo de remar ElRei não cessa,
Porém mais torna atraz, que vai ávante,
Que contra a grãa corrente arrebatada
Não basta pouca gente e ja cansada.

LXVI.

Forçado he então que ao mar a fusta saia
Da força da corrente ja vencida;
Com isto o trabalhado Rei desmaia
Porque sua esperança vê perdida:
E vendo-se apartar daquella praia
Onde esperava só salvar a vida,
E metter-se em mãos d'hũa morte dura,
D'outro modo tentar quer a ventura.

LXVII.

Ousadamente ao mar logo se lança,
Que o grão perigo faz o medo ousado,
Guia-o nisto hũa vãa, falsa esperança,
Porque cuidou poder salvar-se a nado.
Lançárão-se traz elle sem tardança
Tambem os de que estava acompanhado,
Que nem na derradeira hora o deixárão
Os que sempre na vida o acompanhárão.

LXVIII.

Co'os braços e co'os pés faz o caminho
Baudur lá pelas ondas atrevido,
Agora quer vencer o Rei marinho
Quem sempre dos terrestes foi vencido.
Dos seus hum envergonha alli o golfinho
Outro inveja ao moço faz de Abido,
Todos no mar parecem ter o assento
Na destreza, em nadar, no atrevimento.

LXIX.

Mas com tal força então hião deixando
As aguas a Cidade, e ao mar corrião,
Que em vão hião os tristes trabalhando,
Em vão contra esta força resistião:
Antes cada vez mais os vai chegando
Para aquelle logar d'onde fugião,
Chega-os cada vez mais ao mór perigo
Até que os pôz em mãos de seu imigo.

LXX.

O miseravel Rei, que em tanto dano
Está de dous imigos posto em meio,
Que d'hũa parte a furia do Oceano
D'espantoso temor o tinha cheio,
E d'outra o bravo imigo Lusitano
Lhe dava mais certeza que receio
D'hũa morte de suas obras dina,
Tentar o imigo humano determina.

LXXI.

Chega-se o triste logo á mais visinha
Fusta dos Portuguezes que alli estava,
Que inda que por imigos seus os tinha
Mais delles que das ondas se fiava.
Por Capitão naquella fusta vinha
Hum que Tristão de Paiva se chamava,
A quem o mór perigo, ou o mór medo
Não fez, que não tivesse o rosto quedo.

LXXII.

ElRei para que o tomem se convida,
E levantando a voz bem clara e forte
Por remedio tomou de sua vida
O que mais certo o foi de sua morte.
Melhor te fôra, triste, ter perdida
Agora essa alta voz, que tua sorte
Por ministra guardou, e executora
Do mal que te guardava para esta hora.

LXXIII.

Eu sou Baudur que tanto desejaveis,
Brada, vendo-se em tal necessidade,
Mas se os desventurados miseraveis
Que sentem da fortuna a crueldade,
Nos mais ferinos peitos, e intrataveis
Brandura achárão sempre, e piedade,
Em vós agora, ó nobres Lusitanos,
Não me falte esta a mi, pois sois humanos.

LXXIV.

Paiva abranda a tenção cruel robusta,
Que composto não he de pedra dura,
E conhecendo ElRei lhe chega a fusta
Quiçá por remediar tal desventura.
Mas elle vendo quanto nelle injusta
Aquella clemencia he, não se assegura,
Que do seu odio antigo a consciencia.
Mais suspeita lhe faz a mór clemencia.

LXXV.

Arreda-se da fusta com grãa pressa
Que da morte hum temor grande o combate,
De lá ao Capitão inda não cessa
Com instancia pedir que não o mate.
Paiva diante a fusta lhe atravessa
Dizendo: Não ha cá quem mal te trate,
Cambaio Rei, seguro pódes vir-te
Que todos cá desejão de servir-te.

LXXVI.

Sabe que os Portuguezes nos corremos
De dar morte ao que a nós vem entregar-se.
Vendo-se o pobre Rei em taes estremos
Determina do imigo confiar-se:
Chega-se á fusta, pega d'hum dos remos,
Mas nem isto bastou para salvar-se,
Que não basta o que cá segura a gente
Contra o que ordena o Sceptro Omnipotente.

LXXVII.

D'hum remo n'outro Paiva vai saltando,
Chega áquelle onde vê que o Sultão pende,
Que inda o está pola vida importunando
E por ventura dar-lh'a então pertende:
Dentro queria ja mettê-lo, quando
Outro mais cruel, hũa chuça estende.
Mas porque sei que aqui ja muito tardo
O successo para outro Canto guardo.

O PRIMEIRO
CERCO DE DIU.

CANTO VIII.

Acaba-se de dar a morte ao Sultão, e a seus companheiros. Traz-se vivo Cojaçofar ao Governador: manda-lhe que vá quietar algumas revoltas que havia na Cidade. Manda o Governador lançar mão polos armazens da Cidade e da Villa dos Rumes, e polo thesouro do morto Sultão. Presenta-se-lhe hum Mouro de monstruosa idade, com algumas particularidades notaveis. Faz o Governador Rei de Cambaia a Merizam Hamed. Os Senhores do Reino ajuntão hum poderoso exercito e vem sobre elle.

I.

Grãa falta deve ter d'entendimento
Quem dos bens da fortuna se confia,
Porque este em cousa vãa pôz fundamento,
Este hum cego tomou por seu guia.
O que do mundo têe conhecimento,
E dos seus bens entende a mór valia,
Têe, quando está mais alto, mór receio
Porque vê que se serve do que he alheio.

II.

O Reino, o grande Imperio, o grande estado
De que mais têe quem menos o merece,
Como he bem, que a fortuna dá emprestado
Poucas vezes grão tempo permanece.
E o que do seu vê mais senhoreado,
Quando estar mais seguro lhe parece
Lh'o tira, ou d'agastada, ou de corrida
E ás vezes traz o bem lhe tira a vida.

III.

Vejo que com rasão deixou escrito
O famoso Poeta, com que a terra
De Salmona, alcançou hum infinito
Louvor, com que hoje faz ao tempo guerra:
Que em quanto este immortal, vital esprito
Dentro neste mortal corpo se encerra
Haver-se por ditoso ninguem deve:
Verdade he que por fabula se escreve.

IV.

Que se tanto a cubiça o humano peito
Cega, que lhe faz pôr a confiança
Naquillo que á fortuna está sujeito
Em quem não ha constancia ou segurança,
Contra toda rasão, todo direito
Lhe põe nome de bemaventurança,
Pois a não tēe quem tēe maior certeza
D'inconstancia nos bens que de firmeza.

V.

De que mais te servio, ó poderoso
Baudur, ser-te a fortuna favoravel,
E fazer-te na vida tão ditoso,
Que de teres o fim mais miseravel.
Não he este meu exemplo fabuloso,
Nelle verá bem clara, e bem notavel
Mente, quem bem quizer desenganar-se
Quanto deve no mundo confiar-se.

VI.

Metter dentro na fusta procurava
O valeroso Paiva, ao Rei imigo,
Quando outro que na mesma fusta estava
(Porque não sei quem era não o digo)
Estende a chuça (como atraz contava)
Em nova ira inflammado, e em odio antigo.
Manda o ferro cruel á real fronte
Abre nella de sangue viva fonte.

VII.

Não se contenta o bravo Lusitano
De vêr ElRei em fórma tão estranha,
Que nelle ainda ha, que he pouco o maior dano
Em quanto o esprito o corpo lh'acompanha.
Outra vez move o ferro deshumano,
Outra vez do seu proprio sangue o banha,
Mas nem inda com isto se contenta
Em vão humildes rogos ElRei tenta.

VIII.

Saltão tambem traz este outros soldados
Invejosos de ser outro o primeiro,
De tal odio, e tal ira acompanhados
Que nenhum quer alli ser derradeiro.
Deste imigo furor estimulados
Não sei se lhe deixárão membro inteiro,
Que em quanto a alma da carne não lh'apartão
De sangue os crueis braços não se fartão.

IX.

Baudur emfim o triste esprito rende
Que por mil partes têe larga sahida,
Sobolo mar o morto corpo estende
Que foi de tantos corpos homicida.
Nisto vem a parar o que pertende
Segurar co'as alheias sua vida,
Que a Divina Justiça sempre ordena
Que succeda ao delicto igual pena.

X.

Quem morre traz os bens que dá a ventura
(Vêde o humano saber como sempre erra)
Pois áquelle que pôz na mór altura
Faz a mais perigosa, e cruel guerra.
Não teve hoje na terra sepultura
O que hontem foi senhor de tanta terra,
Entre os peixes ja fica sepultado
O que dos homens foi tão venerado.

XI.

Depois que o Portuguez penetrante aço
O corpo do Sultão fez amarello,
Sobol'agua ficou algum espaço
Que nem o mar queria recolhello,
Até que de Neptuno o duro braço
(Não sem dôr de em tão triste estado vello)
Move o tridente, fórça a marinha onda,
E faz que a seu pesar em si o esconda.

XII.

Esconde o corpo emfim a onda marinha
A que a terra negou recolhimento,
E em nenhum logar acha a historia minha
Que fosse visto mais hum só momento.
A sua alma infiel logo encaminha
Lá do velho Acheronte ao negro assento,
Onde o triste gemido, o largo pranto
Não move o rigoroso Rhadamanto.

XIII.

Dos treze de que atraz ja deixo escrito
Que ElRei nesta jornada acompanhárão,
E que com hum valor quasi infinito
Por salva-lo da morte procurárão,
Os doze o seu fiel, ousado esprito
Com seu Rei juntamente aqui deixárão,
A alguns a sobeja agua a vida tira,
A outros o Portuguez ferro, braço, ira.

XIV.

Hum destes doze foi o Santiago
De que atraz ja meus versos escrevêrão,
Que nesta hora tambem achou o pago
Que sempre suas obras merecêrão.
A este polo salgado fundo lago
Os pés e as mãos a estrada lhe fizerão,
E cortando assi o mar com grãa presteza
Se chega á Lusitana fortaleza.

XV.

Foi-lhe então contra as ondas concedida
Maior força da sua imiga sorte,
Não para lh'outorgar mais longa vida
Senão para lhe dar mais triste morte.
A força da corrente foi vencida
Só deste, quiçá sendo o menos forte,
Porque alli quiz o Ceo que fosse morto
Onde cuidava ter seguro porto.

XVI.

Vendo o triste passado o mór perigo
Pouco d'outro qualquer ja se arreceia,
E como se dos nossos fòra amigo
Bradando-lhes que o tomem se nomeia.
Acha este aqui tambem o mór castigo
Onde cuida que seu mal remedeia,
E a via que tomou para valer-se
Tambem foi a mais certa de perder-se.

XVII.

Que como o Ceo, que o bem e o mal concede
Lhe mostrou natureza mais benina
Entre o povo infiel de Mafamede
Que entre os que têe de Christo a Lei Divina,
Os Christãos, a que agora favor pede,
Para o seu maior damno mais inclina,
Os quaes tanto que ouvírão a voz alta
Qual se alvoroça, e qual se sobresalta.

XVIII.

Quando acaso entre a rustica manada
Da gente que no campo se aposenta,
Apparecer se vê, soberba e irada
A vibora cruel e peçonhenta,
Corre por cá, por lá sobresaltada
A gente, que de a vêr se descontenta,
Buscando com que a mate, a grande pressa
Tudo o que acha diante lhe arremessa.

XIX.

Não muito differentes estou vendo
Os que estavão então na fortaleza,
Que na voz e no nome conhecendo
O que tanto aborrecem, com presteza
D'hũa parte para outra vão correndo
Todos em odio acesos, e em crueza,
Buscando cada hum com que de cima
Lhe mostre este seu mal quanto o lastima.

XX.

Fa-los tornar com pressa a furia imiga,
Cheios d'odio, vazios de piedade,
Qual lhe lança o penedo, qual a viga,
E o que não póde mais, lança a vontade:
Parece aqui tratar-se áspera briga
Na grande confusão, na crueldade,
E tudo em damno só daquelle triste
Que em vão ao mar e á terra então resiste.

XXI.

Entre esta confusão, esta revolta,
O justo Ceo que os move, assi os desperta,
Que o que mais apartado o tiro sólta
Nem por isso o que quer peior acerta.
Com isto entre mil queixas sahe envólta
(Que por mil partes acha a porta aberta)
Aquella alma infiel, e com tal morte
Teve então fim a sua vária sorte.

XXII.

Não me esquece que atraz deixo contado
Que dos que ao galeão levou comsigo
O misero Sultão desventurado
Hum escapou só vivo a este perigo:
Foi este o Italiano renegado,
Que d'entre a geral morte que atraz digo
Foi guardado, quiçá, porque ao diante
O nome Portuguez honre e levante.

XXIII.

Este, vendo o Sultão e a sua gente
(Como atraz disse) ao mar juntos lançar-se,
Lança-se ao mar com elles juntamente
A nado, imaginando de salvar-se.
Porém da sua sorte e da corrente
Constrangido este só foi achegar-se
A hũa fusta das nossas que alli havia
Que alguns de nobre sangue em si trazia.

XXIV.

Francisco era hum de Barros, cuja linha
Vem dos Paivas, e d'ahi têe o appellido,
Em cujo forte braço se mantinha
O nome Portuguez sempre temido.
Outro hum Soutomaior, que o nome tinha
Do Santo que em Lisboa foi nascido,
Que com obras tambem de grãa memoria
Ao nome Portuguez deu nova gloria.

XXV.

Vendo o Soutomaior em mãos do Oceano
Ao Mouro, e que ja a côr do rosto muda,
E conhecendo que era o Italiano
Que do falso Mafoma a seita estuda,
Desejando salva-lo deste dano
Chega-lhe a fusta, e para entrar o ajuda,
Lá para onde elle andava o braço estende
O affadigado Mouro o braço prende.

XXVI.

Prende o Mouro com pressa aquelle braço
Em que esperava só salvar a vida,
Chegando á fusta achou outro embaraço
Com que mais perto foi de a vêr perdida.
Porque outro que alli vinha, o cruel aço
Move, e a cabeça em duas repartida
Deixa do triste Mouro, sem que vê-lo
Possa Soutomaior, ou defendê-lo.

XXVII.

Sahe em grande abundancia da maldita
Cabeça o sangue, e foge a côr ao rosto,
Tal que o esprito vital, que nelle habita
Dá mostras de querer mudar o posto.
Isto ao Soutomaior não sei se incita
A colera, a alegria, ou a desgosto,
Porque o que nelle acende a furia nova
A nobreza lh'o nega, e lh'o reprova.

XXVIII.

Entra porém na fusta Lusitana
Vivo Cojaçofar, mas maltratado,
E ainda que o sangue delle em cópia mana
Ao Governador logo foi levado:
Acha nelle brandura mais que humana,
Manda-o logo curar com grão cuidado,
Porque a clemencia heroica e grandiosa
Nos imigos se faz mais gloriosa.

XXIX.

Teve fim esta dura e cruel briga
Quando o Sol no Oceano descansando
Do Latmio Endimião a branda amiga
Na terra a sua luz hia espalhando.
Então ja pouco a pouco se mitiga
O furor Portuguez, e se faz brando,
Mas isto foi depois d'hum grave dano
Do infiel povo, e algum do Lusitano.

XXX.

Oito espritos Christãos aqui passárão
Com grão louvor, da terra, ao Reino Santo,
E os que vivos o sangue derramárão
Poucos mais sobre vinte acha o meu canto.
São cento e cincoenta os que mandárão
Lá ao Reino da eterna queixa e pranto
As almas infieis nesta batalha,
Contando ElRei, os nobres, e a canalha.

XXXI.

Os da Cidade vendo aquelle duro
Fim do seu Rei, e estrago da sua gente,
Teme em si cada hum o mal futuro
Polo que então nos seus via presente.
E não se havendo alli por bem seguro
Qualquer então procura alli sómente
Por salvar sua vida e faculdade
Com pressa, com temor, com brevidade.

XXXII.

E tal temor estou agora vendo
Nesta gente infiel, fraca e covarde,
Que o ferro Portuguez em si temendo
Não ha quem na Cidade mais aguarde.
Todos com pressa ás portas vão correndo
Têe-se por mais mofino o que mais tarde,
Sahe ao campo, onde mais se assegurava
Que dentro de mui grosso muro e cava.

XXXIII.

Receio de perder a inutil vida
Tanto os feminis peitos lh'atravessa,
Que não bastando a dar-lhes então sahida
As portas da Cidade em tanta pressa,
Para o muro qualquer busca subida
De lá abaixo por cordas se arremessa,
Porém nisto inda mais suspira e geme
Que entre o imigo furor que tanto teme.

XXXIV.

Porque em tal cópia ao muro se passavão
Onde de se salvar tinhão suspeita,
Que muitos affogando-se alli achavão
A estrada para a morte mais direita:
E dos outros que ás portas se chegavão,
(Sendo aquella sahida assaz estreita
Para tal multidão) forão forçados
Morrerem tambem muitos affogados.

XXXV.

Quem trabalha fugir á adversa sorte
Este vai topar sempre o mór perigo,
Achárão entre os seus estes a morte
Fugindo á que esperavão ter do imigo.
Mas porém inda o mal fôra mais forte
Lá na Cidade então, do que aqui digo,
Se a prudencia do Cunha antiga e rára
Do modo que ouvireis o não curára.

XXXVI.

Sendo o Governador logo avisado
Do que então lá passava na Cidade,
E vendo quanto cumpre ser curado
Com instancia este mal, com brevidade,
Manda que o Italiano renegado
Que d'entre a Lusitana crueldade
Vivo antes lhe trouxerão, mas ferido,
Sem detença lhe fosse alli trazido.

XXXVII.

Não põe o Mouro em vir qualquer tardança
Ao mandado do Cunha obediente,
Mas não tendo em imigos confiança
Mais vinha receioso que contente.
Bem mostra do seu rosto a grãa mudança
O que o seu duvidoso animo sente,
Porque inda não entende se a sua ida
He para dar-lhe morte, ou dar-lhe vida.

XXXVIII.

Em presença porém do Cunha posto
Lhe torna ao rosto a côr, o alento ao peito,
Porque lhe vio signaes logo no rosto
De verdadeiro amor, não contrafeito.
Vendo Cunha que estava elle disposto
Para lhe encarregar aquelle feito,
Lhe disse que estivesse bem seguro
Nem tenha ja temor de mal futuro.

XXXIX.

E que a Cidade então revolta andava
Com grão temor do braço Lusitano,
Porque a gente que ha nella arreceava
Nas vidas e nos bens receber dano;
E que disto em estremo lhe pesava,
Porque se déra a morte ao Rei tyrano
Foi porque tambem elle muitos mezes
Trabalhou pola dar aos Portuguezes.

XL.

Mas que quanto á Cidade, elle queria
Em grãa justiça e paz sempre mantella,
E além disto tambem lhe promettia
De todos seus imigos defendella:
Polo qual então muito lhe pedia
Polo que ao bem importa delle e della,
Que com seu poder todo procurasse
Por que a Cidade então se aquietasse.

XLI.

E a rasão porque agora te encommendo
Hum negocio de tanta qualidade,
(Diz o Governador) he porque entendo
Quanto credito lá tēes na Cidade;
E que em os moradores della vendo
Tua presença, e tua authoridade,
Mais valerás tu lá, pois te obedecem,
Que os meus mais principaes, que não conhecem.

XLII.

Nisto farás serviço ao poderoso
Rei Portuguez, a quem eu obedeço,
De quem nunca vassallo foi queixoso
Nem serviço deixou sem grande preço;
E serás ao teu povo proveitoso
Que agora a grandes males dá começo,
Porque não terão mais destas fugidas
Que perda nas fazendas e nas vidas.

XLIII.

E porque vejas que em meu pensamento
Não ha de tua fé desconfiança,
Com me dares menagem me contento
(E ficar-me de ti grãa segurança),
Que sem eu nisso dar consentimento
Tu da Cidade não farás mudança,
Onde o credito e mando em que estiveste
Quero que tenhas mór do que tiveste.

XLIV.

Contente fica assaz este maldito
Vendo para salvar-se tão bom meio,
Cobra de todo o alento e esprito
De que inda então estava hum pouco alheio.
Tudo promette quanto tenho escrito
Porque tudo promette hum grão receio,
Que quietará a Cidade sem detença
Nem se sahirá della sem licença.

XLV.

Do que promette faz ao Cunha voto
Dá-lhe a menagem delle antes pedida,
Como quando o furioso bravo Noto
No mar cria a tormenta embravecida,
Grita e trabalha o timido Piloto
Porque vê em grão perigo a náo e a vida,
O Passageiro que este mal conhece
De temor cheio votos offerece.

XLVI.

Dá-lhe o Governador geral seguro
Ao Mouro, de sua mão propria assignado,
Para que quando entrar aquelle muro
Que têe de Diu o povo em si encerrado
O recebão lá bem, e ande seguro,
E nenhum de offendê-lo seja ousado.
Isto manda em geral a toda a gente
Isto a cada Nação por si sómente.

XLVII.

Parte Cojaçofar com grande pressa
Nem gasta muito tempo em despedir-se,
Que o temor inda agora tanto o apressa
Que lhe não lembra então mais que partir-se.
Em chegando á Cidade logo cessa
A revolta que a gente tinha em ir-se,
E os que ja da Cidade estavão fóra
Tornárão para dentro naquella hora.

XLVIII.

Isto se fez com tanta diligencia
Que a Cidade ficou como sohia,
Sem ter quebra na sua alta opulencia
Nem no usado seu trato e mercancia:
D'onde se vê com clara experiencia
Que ao rudo povo dá mór ousadia
Hum só de que elles sejão satisfei'os
Que a grande multidão d'armados peitos.

XLIX.

Passada a noite, a qual a cruel guerra
Fez que fosse ao Sultão a derradeira,
Quando de novo o cume d'alta serra
Recebida do Sol a luz primeira,
Sahe o Governador e a gente em terra
E manda logo Antonio da Silveira,
Tambem manda hum Fernando o nobre Cunha
Que Tavora apoz Sousa tẽe d'alcunha.

L.

Manda a João da Costa que em si tinha
Os segredos do Reino do Oriente,
Que a hum negocio que muito lhe convinha
Vá co'os dous companheiros juntamente.
Diz-lhes que vão ás casas da Rainha
Mãe do Sultão, que estava d'alli ausente,
E que entrem tambem lá nesse aposento
Que dava ao morto Rei recolhimento.

LI.

E que tudo o que achar lá lh'encommenda
Nestas casas, ou n'outras da Cidade,
Ou seja de dinheiro, ou de fazenda
De qualquer outra sorte ou qualidade,
Que pertencer ao morto Rei, entenda,
Por tudo lance mão, tudo arrecade,
E dá-lhe juntamente por preceito
Que dos armazens seja o mesmo feito.

LII.

Parte-se o Secretario, companheiro
Dos dous que disse atraz de sangue nobre,
Buscão as casas todas por inteiro
Que nada do que ha nellas se lh'encobre;
Achão nellas sómente algum dinheiro
Em moedas de prata, e d'ouro, e cobre,
Que os thesouros que ja alli se vírão
As guerras, e o Mogor os consumírão.

LIII.

Tambem ElRei tres contos d'ouro e meio
A Judá (como atraz disse) mandára,
E o mais que tinha quando a Diu veio
Onde o Ceo para hum tal fim o guiára,
Lá no campo (quiçá com arreceio)
Entre o seu grande exercito deixára,
Porém nem isto, como ávante digo,
Lhe tolheo vir em mãos d'hum novo imigo.

LIV.

Porém inda que os tres, de prata, e d'ouro,
Achão menos assaz do que cuidárão,
Porque as grandes riquezas deste Mouro
Co'o nome do que forão só ficárão,
De ricos armazens hum grão thesouro
Na Cidade porém então achárão,
Tão providos de todo o necessario
Que se espantão os dous, e o Secretario.

LV.

Em grande quantidade se agasalha
Artilharia alli de toda sorte,
E toda a arma que em meio da batalha
He para defender, ou dar a morte:
Lança, espada, terçado, escudo, malha,
Arco, frecha, arcabuz, a maça forte,
O zarguncho, a zagaia, co'a bisarma,
E tudo o que o soberbo cavallo arma.

LVI.

Achão de munições infinidade
D'artefício, de fogo mil maneiras,
Materias de toda qualidade
Com hũa grãa cópia de madeiras.
Achão d'embarcações grãa quantidade
Hũas são d'alto bordo outras rasteiras.
Tudo foi logo posto a bom recado
Como do nobre Cunha foi mandado.

LVII.

Entre esta alta abundancia, que aqui escrito
Tenho, a dos mantimentos não faltava,
Porque destes hum numero infinito
Lá na Villa dos Rumes junto estava:
E por serem do Rei que antes o esprito
Rendeo em mãos da imiga furia brava,
Arrecada-los logo os tres vierão
E depois por sobejos se venderão.

LVIII.

E porque estes negocios se acabassem
Em serviço do Rei a quem servia,
Que ás alfandegas logo se entregassem
A Officiaes da sua companhia
Manda o Governador, se arrendassem
De novo algũas rendas que alli havia,
Porque como a ElRei antes respondião
Assi agora aos Christãos responderião.

LIX.

Acabado isto assi de concertar-se
Em grão proveito assaz dos Lusitanos,
Posta a Cidade em paz, sem receiar-se
De quaesquer sobresaltos, quaesquer danos,
Hum Mouro veio ao Cunha apresentar-se
De tão antiga idade e longos anos,
Que os que de novo a terra povoárão
Muito poucos nos annos o passárão.

LX.

Nesta mesma Cidade o seu assento
Tinha este então, e muito antes tivera,
Sua idade tres vezes annos cento
Sobre mais trinta e cinco affirmão que era.
Humilde no saber e entendimento
Que na seita gentilica ja crera.
No Reino de Bengala foi nascido
E d'estatura não muito crescido.

LXI.

Esta idade tão larga e monstruosa
Que quiçá crêr-se agora mal merece,
Se provou que não era fabulosa,
E por tal dentro em Diu se conhece:
Porém inda outra mór mais espantosa
Monstruosidade aqui se me offerece,
Se acaso a natureza a têe mais rára
Em tempo que he dos annos tão avára.

LXII.

Nenhum tempo mostrou o que esta minha
Historia neste Mouro aqui apresenta,
Porque de sós dous filhos que elle tinha
Tinha doze annos hum, outro noventa.
Bem vejo que calar isto convinha
Para o que com rigor tudo attenta,
Mas este, se não crêr isto que digo,
Haja-o lá com a fama, e não comigo.

LXIII.

Affirma-se tambem (vou com receio
D'escrupulosas linguas maldizentes)
Que quatro ou cinco vezes neste meio
Lhe dera a natureza novos dentes.
Estranha cousa assaz, mas nisto creio
O que affirmão passados e presentes,
Que contão delle inda outra mais estranha
Cousa, com ser tão nova esta e tamanha.

LXIV.

Dizem que aquella barba que se via
O antigo rosto então estar-lhe ornando,
Quatro vezes ou cinco, se sabia
Que em branca e preta a côr fôra alterando:
Sendo branca de todo, de novo hia
Pouco a pouco hũa negra côr tomando,
E sendo toda negra se mudava,
E pouco a pouco em branca se tornava.

LXV.

Esta monstruosidade, nunca ouvida,
Esta reformação da natureza,
A este foi neste tempo concedida
A voltas d'hũa estreita alta pobreza;
Porque possamos vêr que a longa vida,
Que tanto a imiga carne estima e preza,
Não serve emfim de mais que ser materia
De dar vida a trabalhos, e a miseria.

LXVI.

Diante do grão Cunha o Mouro posto
A lingua desatou logo dest'arte:
Senhor, cem annos ha que deste posto
Mudança nunca fiz para outra parte,
Sempre em todo este tempo achei bom rosto
(Como na terra pódes informar-te)
Nos Reis que antes aqui senhoreárão,
Sempre a passar a vida me ajudárão.

LXVII.

O Sultão, de que agora a furia brava
Dos teus, deixou no mar o corpo frio,
No tempo que da vida elle gozava,
E tinha desta terra o senhorio,
Cada mez hum cruzado e meio dava
A estes cansados annos, e eu confio
Que este bem lá no Ceo se lhe apresente
E receba lá a paga eternamente.

LXVIII.

Obrigou-o a fazer isto que digo
Vêr que os passados Reis isto fizerão,
Pois perdeo esta terra o seu antigo
Rei, e os fados a ti t'a concederão,
Não sejas a esta idade tu só imigo,
Dá-me o que os outros Reis sempre me derão
A tão cansada idade sempre humanos,
Valha-me nisto a posse de cem anos.

LXIX.

Vendo o Governador tão longa idade
Que as antigas idades quasi excede,
E apoz isso a miseria, a pouquidade
Que para sustentar-se então lhe pede
Com grande espanto assaz, grãa piedade
De tão pobre velhice, lh'o concede.
Parte-se tão contente o pobre Mouro
Como o que têe achado hum grão thesouro.

LXX.

Mas cumpre-me apartar-me d'aqui em quanto
Dentro polo sertão faço a jornada,
Porque a hũa novidade volto o canto
Que não vos pesará de ser cantada.
Causou em todo o Reino grande espanto
A morte do Sultão não esperada,
E em mil partes algum tempo não crida
Por immortal julgando tão má vida.

LXXI.

Que tão infernaes obras sempre vião
No tempo que foi vivo acompanhalo,
Que os que mais o tratárão menos crião
Que podesse inda a morte sujeitalo.
Lá nos seus arraiaes então sentião
A maior confusão, o mór abalo,
E grãa revolta nelles fez que houvesse
Nascida de cubiça, e d'interesse.

LXXII.

Bem me lembra que atraz tenho contado,
Que Mirizam Hamed por ausentar-se
Do Rei Mogor, de quem era cunhado,
E ao soberbo Baudur então passar-se,
Pedido do Mogor sendo, e negado
Do Sultão, fez entre elles começar-se
Hũa guerra cruel, brava, espantosa
Para o senhor Cambaio assaz damnosa.

LXXIII.

Este nunca atégora se apartára
Do serviço do Rei que o recolhêra,
E sendo-lhe no exercito ja clara
A morte que em Diu recebêra,
Para hum famoso feito se prepara
Que se o meio ao começo igual tivera
Com grande louvor seu, com grão proveito
Lhe seguíra á tenção conforme o effeito.

LXXIV.

Vendo este bellicoso ousado Mouro
Morto o natural Rei daquella terra,
Com ajuda d'alguns, toma o thesouro
Que elle tinha alli junto para a guerra;
O qual seria hum conto e meio d'ouro,
Se a fama no que diz disto não erra,
Das insignias reaes se senhoreia
E Rei da grãa Cambaia se nomeia.

LXXV.

Se desejaes saber os que ajudárão
Este Mouro a tratar o que atraz digo,
Forão alguns Mogores, que deixárão
O seu Rei natural, Senhor antigo,
E para o de Cambaia se passárão
Que lhes fôra até então o mór imigo,
Quando seus companheiros ja deixavão
A terra imiga, e á sua se tornavão.

LXXVI.

Mas Mirizam Hamed arreceioso
Que este nome de Rei, que novamente
Elle usurpára, á terra fosse odioso
Por não ser d'estrangeiro Rei contente;
Sabendo bem quanto era temeroso
O nome Portuguez áquella gente,
Amizade tratou co'a Portugueza
Por lhe ficar mais leve aquella empreza.

LXXVII.

E para ser esta obra effeituada
Conforme ao que comsigo dentro estuda,
A Novanager, Villa situada
Hũa legua de Diu, então se muda.
D'alli despede ao Cunha hũa embaixada
Pedindo-lhe que queira dar-lhe ajuda,
Que não poder sem ella bem entende
Chegar então ao fim do que pertende.

LXXVIII.

E se lh'a dá, e o tẽe por seu acceito,
E em Cambaia o faz Rei, como pedia,
Além de amigo o achar bom, e perfeito
Cincoenta mil pardaos lhe mandaria.
E vindo a cousa a ter prospero effeito
Dar-lhe quaesquer logares promettia
Dos que ao longo do mar tinhão o posto
Polo Cunha escolhidos a seu gosto.

LXXIX.

Foi este Embaixador bem recebido
Do nobre Cunha, e visto o que então pede,
E consultado bem foi respondido
Que quanto vem pedir se lhe concede.
Contente o Cunha assaz deste partido
Com palavras d'amor logo o despede,
Dizendo: Com favor alto, e divino
Siga teu Rei hum feito delle dino.

LXXX.

Contente o Mouro assaz do que lhe he dito
Se torna ao novo Rei antes tyrano,
O qual com isto cobra hum grande esprito
Tendo o favor do braço Lusitano;
E espera com louvor seu infinito,
Com grão proveito seu sem nenhum dano,
Possuir de Cambaia o sceptro antigo
Se o Ceo a seu intento não he imigo.

LXXXI.

No dinheiro o Mogor tratou verdade,
Cubiça, e não largueza, aqui o estimula,
Faz Cunha logo as pazes, e amizade
E por Rei de Cambaia o intitula:
E Rei manda que a gente da Cidade
(Que com medo o desgosto dissimula)
Lhe chame na mesquita, o qual fizera
Ao misero Sultão quando vivo era.

LXXXII.

Vendo-se Mirizam a hum tão potente
Sceptro em tão poucos dias arribado,
Temendo a natural Cambaia gente
A quem jugo estrangeiro era pesado,
Conselho quiz tomar para o presente
De quem lhe deu favor para o passado,
Para que algum bom meio lhe mostrasse
Com que o seu novo Reino segurasse.

LXXXIII.

Manda ao Cunha pedir que o que convinha
Fazer nisto, quizesse aconselhallo,
E que pois com as forças o sustinha
Co'o conselho quizesse sustentallo.
Que a gente que comsigo agora tinha
Erão dous mil Mogores de cavallo,
Gente toda escolhida, e toda prompta
Para não duvidar qualquer affronta.

LXXXIV.

E que os grandes Senhores, que este antigo
Reino da grãa Cambaia em si encerra,
Por se livrar d'estranho jugo imigo
(Se a nova que então disto tẽe não erra)
Hum Sobrinho do morto Rei comsigo
Assentão fazer Rei daquella terra,
Moço inda, mas então direito herdeiro
Por ser pouco antes morto o verdadeiro.

LXXXV.

Não lhe tarda o conselho grande espaço,
Dá-lh'o Cunha, ao seu grão saber devido,
Que entre esta confusão, este embaraço
Em que o imigo ja tẽe quasi vencido,
Salteie com armado, forte braço
O Reino mal conforme, e mal unido,
Que com sua presença deste geito
De seus conselhos impedirá o effeito.

LXXXVI.

E que tomando-os inda desmembrados
Grão perigo, e difficuldade atalha,
Porque estando assi todos espalhados
Póde só co'os que tẽe dar-lhes batalha:
E além disto alguns povos alterados
Vendo-se sem Rei inda que lhes valha,
Desejosos quiçá de novidade
Folgarão d'acceitar sua amizade.

LXXXVII.

E que para ter muitos por amigos
Basta ser hum só delle satisfeito,
Mas que polo contrario mil perigos
Achará se dilata disto o effeito,
Porque achará então juntos seus imigos
Com exercito unido e Rei eleito,
E que por si não basta elle sómente
Para desbaratar unida gente.

LXXXVIII.

Approva o novo Rei por proveitoso
O conselho que o Cunha lhe mandára,
E fôra nesta empresa assaz ditoso
Se assi como o approvou o executára:
Mas a vida passou alli ocioso
Sem tratar do que então bem começára,
Com que a fortuna então fugir lhe obriga
Que sempre do ocio inerte foi imiga.

LXXXIX.

Neste tempo os Senhores mais potentes
Que o sceptro de Cambaia senhoreia,
Elegem Rei o moço, assaz contentes
Por não vir o seu Reino a gente alheia:
Ficárão tres com elle por Regentes
Dos quaes Madie Malueo hum se nomeia,
E dos outros (se mal não sou lembrado)
Hum Driacam, outro he Alucam chamado.

XC.

Depois que estes Senhores ordenárão
As cousas de Cambaia desta sorte,
E alguns novos tumultos quietárão
Que causou do Sultão a cruel morte,
Do Rei Mogor então nada tratárão
Temendo o Lusitano imigo forte,
Com cuja authoridade elle, e valia
De Rei o nome agora possuia.

XCI.

Mas vendo que esta gente poderosa
Não póde alli fazer longa tardança,
Porque a furia do inverno tormentosa
A forçará a fazer d'alli mudança:
Sendo esta a seu intento só damnosa,
Pois só nella o Mogor têe confiança,
Dilatão delle o effeito até que a proa
O Cunha volte lá direito a Goa.

XCII.

O qual no fim do mez que o Sol recolhe
E no animal de Frixo lhe dá entrada,
Sólta a vella, e do fundo o ferro colhe
E para Goa corta a onda salgada:
E para Capitão da terra escolhe
Da animosa gente illustre e honrada
Que comsigo trouxera companheira
O valeroso Antonio da Silveira.

XCIII.

Não se descuida a gente de Cambaia
Livre de quem lhe punha hum grande freio,
Mas vendo o Cunha ausente desta praia
De nenhũa outra cousa tẽe receio.
Cuida que o Rei estranho ja desmaia
Pois que ja hum tal favor não tẽe no meio.
Ja toma ousada o ferro, e com grãa gloria
E sem damno, alcançar cuida a victoria.

XCIV.

Pouco traz isto os tres que governavão
Juntamente co'o moço aquella terra,
Vendo chegado o tempo em que esperavão
Descubrir o que seu esprito encerra,
Com tanta pressa o exercito ajuntavão
Para darem effeito áquella guerra,
Que dez mil de cavallo juntos tinhão
E quinze mil dos outros que a pé vinhão.

XCV.

Hião por Capitão e Regedores
Desta gente que agora se fizera,
Os dous daquelles tres grandes Senhores
Hum Alucam, Madie Maluco outro era,
Que dissera aqui ser Governadores
Se mil vezes atraz o não dissera,
Os quaes com hum poder tal e tamanho
Vão logo demandar o Rei estranho.

XCVI.

Desejo de salvar a liberdade
Que em mãos d'estranho Rei hão por perdida,
Lhes dá no caminhar grãa brevidade
Sem haver então cousa que lh'o impida.
Sabendo o Rei Mogor disto a verdade
De sua salvação assaz duvida,
Mas com quanto era grande este perigo
Não se deixou cercar d'hum tal imigo.

XCVII.

Salta a cavallo, e para a guerra incita
Com grande esforço assaz, e atrevimento
A gente que ja atraz vos tenho escrita,
E toda quer seguir o seu intento.
Deixa o logar nas costas em que habita
E logo ao som do bellico instrumento
O largo e descuberto campo pisa
Despregando nos ares sua divisa.

XCVIII.

Qualquer delles para o outro então caminha
E antes de longo espaço se topárão,
Mas como então ja a noite o logar tinha
Que os claros raios pouco antes deixárão,
Tempo que a dar batalha mal convinha
Para o seguinte dia à dilatárão,
E eu por não me deter aqui ja tanto
A dilato tambem para outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO IX.

Dá-se a batalha entre os Mogores e os Cambaios. O primeiro esquadrão dos Mogores passa em salvo, o segundo foge para a Villa dos Rumes. He seguido dos Cambaios, e se perde a maior parte delles: os que escapárão se salvão na Villa. Conta-se hum estranho caso de hum Mouro, e de hũa Moura. O Governador vem a Diu, fortefica a fortaleza, e se torna a invernar a Goa.

I.

Destruidora foi d'altos conceitos
Sempre a deliciosa ociosidade,
Por esta se perdêrão grandes feitos
Que merecêrão ter perpetuidade:
Esta abate os mais duros fortes peitos,
Amolece a robusta mocidade,
Abre a porta a damnados exercicios,
Semeia n'alma enormes, torpes vicios.

II.

Favor ao ocioso não concede
Fortuna, nem o nega ao diligente,
Porque sem rasão a outrem favor pede
O que para si mesmo he negligente.
Se acaso a diligencia mal succede
Ao menos o que a usou fica contente;
E a sua adversidade bem desculpa
Com vêr que da fortuna he toda a culpa.

III.

Mirizam com que póde desculpar-se
De perder a Cambaíca opulencia?
Pois no Reino pudéra segurar-se
Se quizera pôr nisso diligencia.
De si sómente deve lamentar-se
De sua ociosidade e negligencia,
Que a fortuna a ninguem leva forçado
Á grãa prosperidade, ao grande estado.

IV.

Passada aquella noite que só dava
Á batalha cruel impedimento,
E saudosa a Aurora ja deixava
Do charo esposo seu o almo aposento,
Qualquer dos Capitães se preparava
Para o assalto cruel sanguinolento,
Põe em ordem a gente, a qual trabalha
Com rasões esforçar para a batalha.

V.

A gente natural daquella terra
Que está na multidão mui confiada,
Tendo ja por vencida aquella guerra
E a gente imiga por desbaratada,
Toda n'hum esquadrão junta se cerra
Que tão poucos imigos têe em nada,
O soldado co'a mesma confiança
Deseja menear a espada e a lança.

VI.

O Mogor, que se vê posto no meio
D'hum perigo onde a morte he conhecida,
Agora he mór que nunca o seu receio
Que passar por tal cópia assaz duvida:
Mas tendo o esprito forte, e d'honra cheio,
Vendo que no seu braço está sua vida,
Posta em dous esquadrões a sua gente
Quer vencer ou morrer honradamente.

VII.

Hum tomou para si, no qual havia
Mil e duzentos homens de cavallo,
O outro em que setecentos haveria
Deu a hum seu, cujo nome agora callo,
Porque não sei quem he, mas de quem fia
Mirizam que bem possa governallo,
E antes d'entrar na bellica revólta
Perante os seus desta arte a lingua sólta:

VIII.

O tempo, a conjunção, e esses armados
Imigos que alli vêdes esperar-vos,
Me pedião que aqui, fortes soldados,
Tempo e palavras gaste em animar-vos;
Nem forão sem rasão ambos gastados
Mas em vez d'animar temo anojar-vos,
Porque quem com rasões o forte acende
Com as mesmas rasões o anoja e offende.

IX.

Sempre em qualquer de vós achei hum peito
Atrevido, leal, forte, animoso,
Com que não duvidastes nenhum feito
Por mais grave que fosse e duvidoso,
Por onde sei que não vos será acceito,
Antes qualquer de vós ficar queixoso
De mim deve, se o vosso forte esprito
A mostrar fortaleza agora incito.

X.

Assi que tratar disto ja não quero
(Pois estou vendo em vós que me he escusado)
Porque vós não cuideis que desespéro,
Ou sou menos do que era confiado
Do vosso heroico esprito, ousado e fero,
De todos domador, nunca domado,
E tambem porque sei que aos grandes feitos
Vos animão assaz os vossos peitos.

XI.

Mas porque hajaes por vossa ja a victoria
Sem menear espada ou vestir malha,
Quero agora trazer-vos á memoria
Que esta he aquella fraca e vil canalha
De que houvestes despojos mais que gloria
Pois nunca se atreveo dar-vos batalha,
E a quem sem sangue vosso, e com grão gosto
Sempre vistes as costas, nunca o rosto.

XII.

Esta he a mesma gente de Cambaia
Hoje não sei porque tão atrevida,
Que tantas vezes ja na sua praia
Do vosso nome só ficou vencida:
E se ouvindo o Mogor nome desmaia
Que fará vendo-se hoje combatida
Daquella rara força dos Mogores
Que forão só co'o nome vencedores.

XIII.

Vencida esta batalha, como eu fio,
E tenho mais certeza que esperança,
Iremos ao Rio Indo, onde confio
Que nos dará a fortuna grãa bonança:
Porque eu ja conquistar o senhorio
De Cambaia não quero, nem liança
Co'os Portuguezes ter, porque a vontade
Perdi de ter com elles amizade.

XIV.

E não vos represente o pensamento
Neste caminho sermos impedidos,
Porque este glorioso vencimento
Vos fará em toda a terra tão temidos,
Que passareis sem ter impedimento
E de todos sereis bem recebidos,
Apesar do seu odio novo e antigo,
Que o medo faz propicio o mór imigo.

XV.

E sendo onde vos digo ja arribados
Passaremos a vida descansada
Até Deos melhorar nossos estados,
Sem poder nunca alli faltar-nos nada;
Porque de meus amigos e alliados
Toda aquella terra he senhoreada,
E o mesmo Rei que manda aquella gente
Além d'amigo, me he muito parente.

XVI.

Mas grãa vergonha he vêrmos que o Cambaio
Chegar a tanto bem hoje nos tolhe,
Em quem costumaes pôr tanto desmaio
Que de ouvir nomear-vos só se encolhe.
Deste atrevimento hoje castigaio
E jagora o segui que ja se acolhe,
Pois que sempre foi seu, e vosso estillo
Elle fugir de vós, e vós seguillo.

XVII.

Apoz estas palavras que este Mouro
Com animo e efficacia tinha dito,
Abre com grãa largueza o seu thesouro
Que houvera do Sultão, quasi infinito:
Reparte polos seus grãa somma d'ouro
Que em todos ajuntou hum novo esprito,
Porque isto tẽe nos homens tanta força
Que faz invicto o forte, o fraco esforça.

XVIII.

Nesta hora estando d'hũa e d'outra parte
Para a batalha tudo apparelhado,
Vendo o Mogor que o imigo não se parte
Mas que n'hum esquadrão fica cerrado,
Faz soar o anafil, larga o estandarte
Então ja de romper determinado,
A gente faz que a grita ao Ceo se iguale
Retumba o bosque, o prado, o monte, o vale.

XIX.

Posto então Mirizam na dianteira
Reluzindo-lhe em ferro o corpo e a testa,
Pedindo que cada hum segui-lo queira
Chega ao peito o escudo, a lança enresta:
E mostrando ja o Sol a luz primeira
Favoravel a alguns, a alguns funesta,
Co'os seus, a quem mercês novas promette
Com grãa furia os imigos accomette.

XX.

Aquella ardente machina batida
Dos Ciclopas na fragoa de Vulcano,
Com grãa força na terra despedida
Lá do Celeste Assento Soberano,
De força humana nunca resistida
Antes traz onde chega o ultimo dano,
Nada a detem de quanto acha diante
O marmore, o aço, a rocha, o diamante:

XXI.

Não se vio penetrar tão facilmente
O copado pinheiro, a longa faia,
Como o forte Mogor, co'a sua gente
Penetrou o esquadrão dos de Cambaia:
Parte-se logo em dous, e livremente
Larga estrada lhe dá por onde saia,
Passa a gente animosa em breve espaço
Polo caminho feito com seu braço.

XXII.

Signal deixa do seu esprito forte
E o leva em si da imiga covardia
Mirizam, porque a muitos deu a morte,
Com perder tres da sua companhia.
E se elle não faltára á sua sorte
E ao seu mesmo esprito e valentia,
Quando em ser Rei da terra pôz a proa
De Cambaia alcançára a alta coroa.

XXIII.

O segundo esquadrão vendo mettido
Seu Senhor entre tanta gente imiga,
Sabendo quanto nella tẽe crescido
Co'a nova occasião a furia antiga;
Havendo-o ja de todo por perdido,
Tanto o feroz esprito se mitiga,
De que antes cada hum estava cheio,
Que se lhe converteo em arreceio.

XXIV.

Deu nesta hora tambem grão crescimento
A este alto seu temor, desesperarem
De chegar ao Rio Indo a salvamento,
Onde esperavão só de se salvarem.
Juntando este ao primeiro pensamento
Sem outra obrigação mais respeitarem,
As costas com grãa pressa dão ao imigo
Tendo neste remedio o mór perigo.

XXV.

Quando ir traz seu Senhor todos deverão,
Todos com grãa fraqueza o desampárão,
Mas se fizerão mal a si o fizerão
E de seu erro a pena logo achárão.
Com grãa pressa ao imigo as costas derão
E direitos á Villa encaminhárão
Que dos Rumes inda hoje tẽe o nome,
Nenhum entre elles ha que a espada tome.

XXVI.

Em vão o Capitão sua, e trabalha,
Porque todos ao medo obedecião;
Polo campo o Mogor hoje se espalha
Fugindo aos que ja delle antes fugião;
Hoje o chegão á morte o arnez e a malha
Que antes da mesma morte o defendião,
Hoje se faz Mogor o que he Cambaio
E em quem o desmaiava põe desmaio.

XXVII.

Vendo a gente Cambaia tal fraqueza
Na que co'o nome foi victoriosa,
Agora cobra esprito e fortaleza
O fraco imigo a faz ser animosa.
As rédeas aos cavallos e á crueza
Sólta contra os que fogem furiosa,
Tira daquelles corpos os espritos
Que ja dos seus tirárão infinitos.

XXVIII.

Os miseros Mogores perseguidos
Do ferro vingador, da furia acesa
D'huns imigos crueis, embravecidos,
Contra quem não val rogo, nem defesa,
Esperando de serem soccorridos
Da vencedora força Portuguesa,
Para a Villa ligeiros encaminhão
Porque então do temor as azas tinhão.

XXIX.

Nem aquelle que solto e despejado
Vencer no leve pario o outro pertende,
Nem o falcão nos ares levantado
Quando afferrar a presa a pruma estende,
Nem a setta que sahe lá do encurvado
Arco, e com subtil furia os ares fende,
Tomára hoje a esta gente a dianteira
Menos do que lhe cumpre indo ligeira.

XXX.

Porque aquella cruel Cambaia gente
Forte por não sentir a imiga lança,
Porque do mal passado, e do presente
Podesse hoje tomar qualquer vingança,
Salta traz o Mogor ligeiramente
A nenhum deixa vida dos que alcança,
E que alcance a quem foge bem o creio
Que odio azas dá tambem como o receio.

XXXI.

Hum só ponto não cessa, ou se mitiga
Esta furia cruel embravecida,
Com que aquella estrangeira gente imiga
Tanto sangue perdeo, e tanta vida,
Até que appareceo aquella antiga
Villa, que hoje dos Rumes se appellida,
Porque no seu primeiro fundamento
Aos Rumes dava só recolhimento.

XXXII.

Mas tão longo caminho, e tão distante
Do logar da batalha á Villa havia,
Que para dar a morte foi bastante
Á mór parte da gente que fugia.
Nem cessára aqui a morte, se diante
Não achára de grossa artilharia
O cruel vencedor, a furia brava,
Que da Villa os vencidos ajudava.

XXXIII.

O esforçado João, cujo appellido
Era Mendonça, e a Villa tinha em guarda,
Vendo vir o Mogor tão perseguido
Que a morte certa tẽe se o favor tarda,
Faz que co'o acostumado seu ruido
Saia o pelouro ardente da bombarda,
E vá encontrar a gente de Cambaia
Com que além de parar teme e desmáia.

XXXIV.

Torna esta gente atraz com tanta pressa
Quanta para diante antes levára,
Que quiçá tanto o medo agora a apressa
Quanto foi o odio que antes a apressára.
O Mogor de fugir porém não cessa
O muro só o detem, alli só pára,
Porém inda não se ha por bem seguro
Em quanto se não vê dentro do muro.

XXXV.

Buscão para entrar hũa e outra maneira,
A alguns não foi em vão este conceito,
Qual entra pola estreita bombardeira
Qual por outro caminho mais estreito;
Mas porque sem mandado do Silveira
Não podia esta entrada haver effeito,
Não permittem que mais algum entrasse
Até que o Capitão o não mandasse.

XXXVI.

Vendo esta porta os tristes ja cerrada
De novo hum grão temor os atormenta,
Mas qualquer para dentro abrir a entrada
Por meio do interesse logo tenta:
Dá quanto traz, que não lhe fica nada
A quem dentro o salvar desta tormenta,
Mas em balde esta via tenta agora,
E algum dá quanto tẽe, e fica fóra.

XXXVII.

Mas se me ouvis vereis o raro e forte
Poder do amor, que tudo desbarata:
Entre estes a que a branda amiga sorte
Com tanto risco seu hoje arrebata
Das mãos da rigorosa cruel morte
Havia alguns que o nó conjugal ata,
E as mulheres comsigo então trazião
Como nas guerras sempre estes fazião.

XXXVIII.

Hum que com a companheira tão unida
A alma tinha, e hum amor tão nella posto,
Que della só pendia sua vida,
Seu descanso, seu bem, todo seu gosto,
Vendo aquella purpurea côr perdida
Que antes acompanhava o bello rosto,
Agora se enternece, agora se ira,
Teme, desfaz-se em vão, arde e suspira.

XXXIX.

De novo olha, de amor e temor cheio
Aquelles olhos antes vivos raios,
E como de os salvar não vê então meio
Lhe causão não hum só, mas mil desmaios.
Agora tẽe da morte mór receio
Que entre os mais duros golpes dos Cambaios,
Porque menos mortal o imigo achava
Que o perigo de quem vida lhe dava.

XL.

A bellissima Moura, que a vontade
Tẽe tambem ao marido tão sujeita,
Que nem vida, nem gosto, ou liberdade
Sem elle lhe podia ser acceita,
Menos sente em tão fresca e tenra idade,
E tal que o mesmo amor se lhe sujeita,
D'arreceios de morte vêr-se cheia
Que o mal que ao charo esposo então receia.

XLI.

Os olhos nelle põe tão brandamente
Que rompêra a intratavel penedia,
E junto ao amor antigo, o mal presente
Estilar vivas perlas lhe fazia.
O namorado Mouro, a que hum ardente
Fogo n'alma de novo esta agua cria,
Não sabe ja que faça, nem se entende,
Pois o que mata o fogo nelle o acende.

XLII.

E maldizendo emfim o fado imigo
Quer tentar o remedio derradeiro,
Chega-se ao muro, em parte onde hum postigo
Abre algũas entradas por dinheiro:
Sente então não trazer muito comsigo
Com que mais acender possa o porteiro,
Que quanto o mundo tẽe menos o inflama
Que hũa lagrima só da que tanto ama.

XLIII.

Valeroso e esforçado Lusitano
(Diz contra o que o postigo a cargo tinha)
Em cuja mão está o bem ou dano
Meu, e da triste companheira minha,
Se acaso aquella parte tẽes de humano
Que sempre ao grande esprito anda visinha,
Mostrares piedade não duvido
A quem se o tu não salvas he perdido

XLIV.

Usa tu comigo hoje de brandura,
Basta ser-me a fortuna imiga e forte,
Sequer porque esta grande formosura
Ante ti não receba cruel morte.
E tudo o que entre tanta desventura
Me consentio salvar a adversa sorte,
Te dou, que mais riqueza eu não procuro
Que vêr-me com meu bem posto em seguro.

XLV.

O Portuguez, que não era composto
De jaspe, nem estava em odio aceso,
Enternecido assaz do bello rosto
De que o triste Mogor via tão preso,
Diz que os mettêra dentro com grão gosto
Mas que do Capitão lhe era defeso,
Que o que só fazer póde he que ella entrasse
Com tanto que de fóra elle ficasse.

XLVI.

Acceita o Mouro a entrada só da esposa
Por ella ao Portuguez mil graças rende,
Ja sua perdição ha por ditosa
Pois seu amor da morte ella defende.
E inda que a larga ausencia, e trabalhosa
O amor e a saudade mais lhe acende,
Morrer por dar-lhe a vida assaz lhe paga
Todo o mal que causa a nova chaga.

XLVII.

Responde que o partido elle acceitava
E que de ficar fóra he satisfeito,
Porque salvando-se ella, elle salvava
A melhor vida, e o gosto mais perfeito.
E porque hum grão temor o estimulava
Quiz que esta entrada logo houvesse effeito,
Chega-se á porta, e sólta a sua estrella
Tira-se atraz co'os olhos postos nella.

XLVIII.

Co'os olhos postos nella atraz se tira
O triste amante, cheio de saudade,
Em cada passo mais ama e suspira,
Os olhos lá se vão traz a vontade.
A Moura, a quem o amor não consentira
Que d'onde tinha entregue a liberdade
Os olhos apartasse hum só momento,
Bem vio do seu amor o apartamento.

XLIX.

E vendo que ficando elle de fóra
Por salva-la a morrer se offerecia,
Não quer que impiedade a vença agora
Quem agora em amor a não vencia:
Torna atraz com grãa pressa naquella hora
Que para a recolher se apercebia
O Portuguez, porque ha por bem mais raro
Na morte acompanhar o esposo charo.

L.

Que cousa não fará ja o poderoso
Amor, por mais que seja alta e sublime,
Pois que n'hum feminil peito medroso
Tal despreso da morte agora imprime.
Chegada a bella amante ao charo esposo
Não sente cousa ja que alli a lastime
Senão temer que a morte agora a trate
Tão mal que a deixe viva, e lh'o arrebate.

LI.

E porque ambos os leve juntamente
A morte que estar perto lhe parece,
Ou não haja cousa alli que delle a ausente,
Os braços a que a neve alva obedece
Lhe lança tão unida e estreitamente
Quanto a verde era o antigo ulmeiro tece,
Onde de tanta gloria fica cheia
Que a morte mais deseja que arreceia.

LII.

Em meio deste grão contentamento
Que d'amoroso humor lhe banha o rosto,
Sólta a suave voz, o brando accento
Que d'amor e de queixa vai composto:
Amado esposo meu, em quem sustento
A vida, a liberdade, a gloria, o gosto,
(Lhe diz) e sem quem tenho por perdida
A gloria, a liberdade, o gosto, a vida.

LIII.

Quão mal te merecia o que te eu quero
Dar-me a voltas da vida hum mal tão forte,
Que tanto para mim fôra mais fero
Quanto me dilatára mais a morte.
Se de viver sem ti ja desespero,
Sem ti que me poderá dar a sorte
Senão morte cruel, áspera e grave,
Que comtigo terei branda e suave.

LIV.

Como viver sem ti, meu bem, pudéra
Quem de ti vive só, de ti respira?
Quem salvação em ti, e vida espera,
Sem ti bem pódes vêr o que sentira.
Por mais perdida então eu me tivera
Quando em salvo sem ti posta me vira,
De peior morte então fôra captiva
Quando, meu bem, sem ti me achára viva.

LV.

Bem vejo que amor deve desculparte,
Que em ti foi certo amor, a mi imigo,
Mas se queres salvar-me em toda a parte
Fóra de ti me pões no mór perigo.
Não consintas que mais de ti me aparte
Deixa-me ter a morte aqui comtigo,
Não queiras, dilatando-me hũa agora,
Que outras mil mais crueis sinta cada hora.

LVI.

O frio caramello, a branca neve
Não se desfaz assi ao Sol ardente,
Nem a branda materia que em si teve
D'abelha o fructo ja doce e excellente,
Se desfaz tanto a qualquer chamma leve
Que tẽe na pederneira sua semente,
Quanto o Mouro, a suave voz ouvindo
Sente-se pouco a pouco ir consumindo.

LVII.

Menos arde o Vesuvio que o seu peito,
Menos tẽe que os seus olhos agua o Tejo,
Porém em fogo e em agua assi desfeito
Não torna atraz, mas cresce o seu desejo;
Vê-se agora de novo mais sujeito
Áquelle seu antigo amor sobejo,
Porque o que em sua esposa agora entende
O que lhe sempre teve mais acende.

LVIII.

D'amor e de arreceio combatido
O triste não se entende, ou determina,
Não porque sinta então vêr-se perdido,
Mas do seu bem temendo a mór ruina:
O que com tanto amor lhe tẽe pedido
A fazer-lhe a vontade o move e inclina,
O receio de a vêr á morte entregue
Por outra parte o move a que lh'a negue.

LIX.

Com a alma inda confusa e duvidosa
Dest'arte, entre suspiros, a voz lança:
Pedíra-te eu perdão, amada esposa,
Antes hum só meu bem n'hũa esperança,
Se a força d'amor grande e poderosa
A quem nada resiste aonde alcança,
Agora a te anojar não me forçára
Que mal sem esta força eu te anojára.

LX.

Não cuideis, amor meu, que menos forte
Me foi o teu cruel apartamento,
Que se me víra em mãos da cruel morte
Que esperando aqui estou cada momento:
Mas porque em meio desta adversa sorte
Alcançasse este só contentamento
De vêr que por salvar-te me perdia,
O mal de tua ausencia bem soffria.

LXI.

Amor neste meu erro foi culpado
Se o que nasce d'amor erro se chama,
Porém eu a este amor sou tão atado
Que o desejo d'errar-te inda me inflama;
Porque vêr-te em tão triste e imigo estado
Mal o póde soffrer quem tanto te ama,
A custa não só d'hũa, mas mil vidas,
Porque todas por ti são bem perdidas.

LXII.

Por esse mesmo amor que me mostraste
E agora te obrigou a vir buscar-me,
E polo que tu em mi sempre enxergaste
Te peço que isto não queiras negar-me:
Que pois na vida os males me abrandaste
Não queiras mais na morte atormentar-me,
Basta ser-me a fortuna imiga e dura
Não ajudes tu minha desventura.

LXIII.

Eu sempre para ti só quiz a vida,
O que desejei sempre tinha agora,
Mas n'hum grave tormento convertida
Vejo esta gloria estando tu de fóra:
Não queiras que por ti veja eu perdida
A vida, o bem, e o gosto só n'hũ'hora,
Foge, foge, amor meu, do mal presente
Porque vivendo tu, moura eu contente.

LXIV.

Em quanto estas palavras sólta o triste
E sollicito amante, desejando
Dar vida ao seu amor, de novo insiste,
E ao postigo outra vez se vai chegando:
Ella que ao seu amor menos resiste
Quanto mais amor nelle está enxergando,
Das suas rasões mesmas contra elle usa
E com ellas d'entrar então se escusa.

LXV.

Forçado d'hum amor sincero e puro
Esperando qualquer a morte estava,
Porque a Moura não quer ter o seguro
Que a quem he sua vida se negava:
Quando se abre hũa porta que no muro
Livre entrada aos Mogores todos dava,
Porque o Silveira vendo o que he passado
Que os recolhessem ja tinha mandado.

LXVI.

Salteia acaso o lobo carniceiro
Das ovelhas a timida manada
Em ausencia do alão seu companheiro,
E do Pastor de que era antes guardada:
Correm cheias de medo, e a que primeiro
Acerta do curral a larga entrada
Segura fica alli de medo alheia,
Nem morte ou desventura ja arreceia:

LXVII.

Desta sorte os Mogores, que presente
Ter o imigo cruel inda cuidavão,
Vendo que dentro ir ja se lhe consente
Á porta com grãa furia se lançavão;
E querendo entrar todos juntamente
Huns aos outros a entrada embaraçavão,
Que como aqui só esperão de salvar-se
Qualquer então procura adiantar-se.

LXVIII.

Mas como a porta a poucos agasalha
E a todos nella a vida se promette,
Qual d'ilharga o caminho abrir trabalha,
Qual a entrada co'os hombros accommette;
Qual torna hum pouco atraz porque se valha,
Mas d'onde este se alarga outro se mette,
Ora vão atraz todos, ora ávante,
Movimento ao das ondas semelhante.

LXIX.

Porém como na Villa então ja tendo
Poucos a poucos vão recolhimento,
E a porta os começou d'ir recolhendo
Ja com menos revolta e impedimento,
Pouco a pouco se vio ir desfazendo
Aquelle revoltoso ajuntamento,
Não se ouve grita ja porque ja cessa
A revolta, o tumulto, a grande pressa.

LXX.

Sendo todos na Villa recolhidos
Contentes, rendem graças á ventura,
Porque não temem ja vêr-se perdidos
Que a Lusitana gente os assegura.
Todos são do Mendonça recebidos
Com grande humanidade, amor, brandura;
A alguns de quem o sangue então corria
Não faltou o favor da cirurgia.

LXXI.

Inda que o gosto em todos fosse, quanto
Sente o triste que á morte he condemnado,
Se apoz hum temor frio, hum grave espanto,
Acaso succedeo ser perdoado;
Comtudo os dous (de cujo amor meu canto
Atraz ja disse) o tẽe hoje dobrado,
Porque os outros salvárão sós as suas
Vidas, e qualquer destes salvou duas.

LXXII.

Digo daquelles dous, em cujo peito
Mais póde amor que a morte horrenda e fera,
Cópia gentil com cujo amor perfeito
Se exalção Cypro, Paphos e Cythera;
Que vendo cada hum delles desfeito
O perigo em que o Ceo a ambos pozera,
Agora sente dous contentamentos
Como antes ja sentíra dous tormentos.

LXXIII.

O Silveira, que então na fortaleza
Tinha o mando, e na Villa, e na Cidade,
A quem tinha outorgado a natureza
Igual á valentia a piedade,
Que do sangue alto, illustre, e da nobreza
Costumou sempre ser propriedade,
Esta affligida gente, e tão medrosa
Recebe com vontade piedosa.

LXXIV.

E sendo embarcação delles pedida
Que lá para Dabul então os leve,
Lhes foi liberalmente concedida
Com tudo o que á viagem lhes releve.
Não querem dilatar sua partida
Algum espaço então, ainda que breve,
Porque a partir-se os move, acende e obriga
O desejo de vêr a patria antiga.

LXXV.

Mas creio que estareis mui desejosos
De saberdes o fim em que parárão
Aquelles peitos fortes valerosos
Que o esquadrão dos Cambaios penetrárão;
Digo de Mirizam, e dos famosos
Companheiros leaes, os quaes ganhárão
Além da vida, e d'hũa grãa victoria,
Para sempre no mundo fama e gloria.

LXXVI.

Este ousado Mogor, depois que o forte
Braço seu, e da sua companhia,
Com tanta perda, estrago, e tanta morte
Do Cambaio esquadrão que o defendia,
E com tanto favor da amiga sorte
Que sempre he favoravel á ousadia,
Por entre tanto imigo abrio a estrada,
Para o Rio Indo faz sua jornada.

LXXVII.

Porém vendo que não era seguido
Do segundo esquadrão da sua gente,
Suspeitando que póde ser perdido
Se sentio dentro arder impaciente;
A voltas desta furia combatido
D'hũa entranhavel dôr tambem se sente,
Porque não lhe he a victoria tão acceita
Quanto lhe dá de dôr esta suspeita.

LXXVIII.

Mil vezes desejou voltar ao imigo,
Acompanhar os seus que atraz deixára,
Se naquelle mortal certo perigo
Sómente a sua vida aventurára;
Mas como a salvação dos que comsigo
Têe (com cujo favor se elle salvára)
Delle pende, sómente a rasão segue
E lhe faz que hum desejo heroico negue.

LXXIX.

Vai-se traz a rasão deixa a vontade,
Virtude em que o louvor não têe limite,
Leva-o mais a commum necessidade
Que o seu, inda que heroico, alto apetite;
Cousa que ao real sceptro e dignidade
Tanto importa que siga, e sempre imite,
Que sem ella a perder está arriscado
Traz a reputação, a vida e o estado.

LXXX.

Deixa o Mogor o seu honrado intento
Polo que á sua gente relevava,
Mas com dobrada dôr e sentimento
Segue então o caminho que levava;
E sem ter nelle algum impedimento
Chega ao logar para onde caminhava,
Tendo mais de cem leguas ja passadas
Todas de seus imigos habitadas.

LXXXI.

Livre assi do Mogor esta profana
Perfida, desleal, ingrata terra,
Se lhe acende de novo a furia insana
Que contra os Portuguezes em si encerra;
Que entre a gente Cambaia e a Lusitana
Move inda hũa encuberta occulta guerra,
De nenhũa das partes commettida
Mas d'ambas claramente conhecida.

LXXXII.

Entre esta paz forçada e fabulosa
De que fingidamente a furia he serva,
Se passou a sazão que da cheirosa
Bonina despe o prado, e da verde erva.
Neste tempo a Cidade populosa
E de tudo abundante se conserva,
Crescem as mercancias, a riqueza,
Cresce tambem a sua alta nobreza.

LXXXIII.

Chegado aquelle tempo em que ja voa
A lasciva e domestica andorinha,
Parte o Governador da nobre Goa
Com aquelle apparato que convinha:
Cortando o favoravel mar a proa
Direito para Diu então caminha,
E vai as fortalezas visitando
Que em meio da viagem vai achando.

LXXXIV.

A Diu chega emfim com não pequena
Festa dos que lá estão, e dos que leva,
Nem faz d'alli mudança em quanto a amena
Sazão de flôr e fructo o mundo ceva,
Onde com grande industria tudo ordena
Quanto a fortefica-la então releva,
Que sempre acabou tudo a grãa prudencia
Que tẽe por companheira a diligencia.

LXXXV.

Entre as obras que ordena com tal arte
Que a douta antiguidade a não alcança,
Foi hum grosso e espaçoso baluarte
Que entre a Villa dos Rumes e o Rio lança;
Porque possão aqui ter nesta parte
Favor, recolhimento, segurança,
Os Christãos que na Villa residião
Que os officios d'Alfandega servião.

LXXXVI.

E porque á sequidão que a natureza
Naquella terra pôz, remedio desse,
Mandou tambem que lá na fortaleza
Com pressa hũa cisterna se fizesse,
A qual no comprimento e na largueza
Se dilatasse tanto que podesse
Tanta agua recolher, que muitos dias
Bastasse para grandes companhias.

LXXXVII.

Traz isto, porque ja no senhorio
Entrava pouco a pouco do Oriente
O tormentoso inverno, humido e frio,
E o formoso verão lá no Occidente,
O Cunha se recolhe ao seu navio,
E dividindo o mar prosperamente,
Ajudada do vento, a aguda proa
Se vai passar o inverno á real Goa.

LXXXVIII.

Mas antes que os benignos mansos ventos
Fação co'o brando sopro a vella inchada,
Deixa o Cunha d'ávante de seiscentos
Homens a fortaleza acompanhada:
Inhabeis para as armas são duzentos
Destes, e da outra gente he pouca armada,
Ficão tambem entre esta companhia
Muitos da Lusitana fidalguia.

LXXXIX.

Deixar me cumpre agora isto que canto
Que cantar novas cousas determino:
A ti se volta agora este meu canto
Perfido, desleal, falso, malino,
De ti, Cojaçofar, digo que em quanto
Te não vem o castigo de ti dino
Serás unica peste, unico dano
Do valeroso sangue Lusitano.

XC.

Depois que aquelle máo perverso esprito
Do Sultão infiel, da mortal vida
Passou á morte eterna (como he dito)
Co'a Lusitana força não vencida,
De Cambaios hum numero infinito
Lá na chamma infernal nunca extinguida
Os espritos tambem virão envoltos,
Do carcere mortal de todo soltos.

XCI.

Estes, novas lá dão do que passado
Fôra em Diu, e no Reino até aquella hora,
O qual sendo ao Sultão denunciado,
E sabendo que está de todo agora
A parte principal do seu estado,
Com que elle tão temido e honrado fora,
Entregue em mãos do seu maior imigo
Cresce o antigo furor, cresce o odio antigo.

XCII.

Agora mais que nunca desejoso
D'hũa áspera, cruel, dura vingança,
Ja para isto induzir quer o engenhoso
Cojaçofar, em quem tẽe confiança:
Cuida que não será difficultoso
Se do escuro Plutão favor alcança,
Logo ante elle se vai, e com grãa mostra
De dôr, ante os seus pés se humilha e prostra.

XCIII.

Eterno Reî (lhe diz) a quem se inclina
Todo o infernal poder, e monarchia,
Contára-te eu aquella alta ruina
Que na terra me deu quando eu vivia
Hũa gente infiel, impia, malina,
A quem eu o contrario merecia,
Se não víra que he hũa larga historia
Que eu cuido que te he ja assaz notoria.

XCIV.

Basta que eu fui ja Rei, e falsamente
Do meu Reino estes homens me privárão,
Fui rico e poderoso, e juntamente
O poder e a riqueza me usurpárão:
Essa vida que lá tive entre a gente
Elles sem piedade m'a roubárão,
Por elles com enganos vi perdida
A riqueza, o poder, o Reino, a vida.

XCV.

Bem vês que a natural propriedade
Dos que o teu poderoso sceptro honramos,
Não consente que a injuria, a falsidade
Passar sem grãa vingança consintamos:
E tu só por tua alta magestade,
Inda que nós de fracos o soffincluded,
O não deves soffrer, porque temer-te
Quiçá não deixe a terra, e obedecer-te.

XCVI.

Tomar hũa cruel vingança quero
Destes, que com mortal odio persigo,
E por meio d'hum meu vassallo espero
Toma-la, o qual me foi fiel, e amigo;
Mas não póde isto ser, se o teu severo
Poder não me ajudar para o que digo,
E eu fio que para isto elle me acuda
Pois nunca a intentos taes negou ajuda.

XCVII.

Cumpria-me para isto que inspirasse
A Inveja o costumado seu veneno
No meu Cojaçofar, e o provocasse
A fazer isto que eu por elle ordeno:
Se eu fosse tão ditoso que alcançasse
Este favor, dos teus o mais pequeno
Eu sei que será tal que não duvido
Que eu fique bem vingado, e tu temido.

XCVIII.

Logo o Rei infernal, a quem isto era
Bem conforme ao seu gosto e natureza,
Gabando-lhe a tenção damnada e fera,
Incitando-o a mór odio, a mór crueza,
Faz vir alli a pestifera Megera
E lhe manda que vá com grão presteza
Onde a sua morada tẽe a Inveja
E mande que o Sultão nisto proveja.

XCIX.

Eis logo á diligente mensageira,
Co'a cabeça de cobras toda ornada,
Com aspeito feroz, voa ligeira
Do esprito do Sultão acompanhada,
Accrescentando mais nelle a primeira
Furibunda tenção, fera, e damnada,
E tudo o que visita então do mundo
Deixa tambem damnado e furibundo.

C.

Com tal presteza no ar as azas sólta
A ministra infernal e peçonhenta,
Espargindo furor, odio, e revólta,
Que em breve espaço assaz lá se apresenta
Onde está a casa, bruta, e sempre envólta
Em negro sangue, suja e fedorenta,
Onde sua morada a Inveja tinha
E a sua natureza esta convinha.

CI.

Lá n'hũa escura cova está este assento
No mais fundo d'hum valle assaz sombrio,
Onde não têe entrada nenhum vento
E do raio do Sol sempre he vazio;
Tẽe tristeza alli, recolhimento,
Sempre he cheio d'hum grave, e inhabil frio
Nunca alli se vê a luz clara e formosa
Vê-se sempre hũa noite tenebrosa.

CII.

Chegada a furia aqui, e conhecendo
Que aquella era a morada que buscava,
Bate na porta, a qual obedecendo
Logo a entrada na bruta casa dava:
Vê-se estar dentro a Inveja, que comendo
Viboras peçonhentas sempre estava,
Bruto manjar, mas delle se contentão
Os seus vicios, que delle se sustentão.

CIII.

Ella com grão vagar alevantando
Se foi então da terra em que jazia,
E ja meio comidas lá deixando
As viperinas carnes que comia,
Com passo mal composto foi andando
Para onde vio a nova companhia,
Onde vendo o Sultão mostra grão gosto
Só porque o vio estar com triste rosto.

CIV.

O corpo todo tẽe magro e desfeito,
A face triste, pallida, e medonha,
Nunca para ninguem olha direito,
Porém não lhe procede de vergonha;
Os dentes negros tẽe, e sempre o peito
Cheio de fel, e a lingua de peçonha,
Jamais á sua boca o riso veio
Senão quando lh'o trouxe o mal alheio.

CV.

Nunca jamais do doce somno gosta
Que o continuo cuidado o não consente,
Mas sempre está em vigia a triste pósta
Vendo os successos bons que vem á gente:
E tanto só de os vêr arde e desgosta
Què se está consumindo co'o que sente,
O mal que faz, tambem o tẽe comsigo,
Ella mesma, he de si mesma o castigo.

CVI.

A furia, que de longe ja a conhece,
Chegando-se para ella, os ares corta,
E diz: Manda-te o Rei a que obedece
Quanto cerra a profunda Stygia porta
Que a este esprito que elle ama e favorece
Ajudes, n'hum negocio que lh'importa.
Não disse mais, e atraz o passo vólta,
Logo o esprito desta arte a lingua sólta:

CVII.

Vai-te a Diu, e lá o teu veneno inspira
N'hum dos meus que alli tẽe seu gasalhado,
Cojaçofar se chama. E o passo vira
Sem dizer mais; e com accelerado
Curso, torna ao logar d'onde sahira
Da furia que o trouxera acompanhado,
De novo ante Plutão se humilha e estende
E graças da mercê feita lhe rende.

CVIII.

Não quer deter-se a Inveja, constrangida
Do mandado do Rei do Stygio ninho,
Toma hũa aste na mão, torta e cingida
Por toda a parte do pungente espinho;
Logo entre negras nuvens escondida
Lá para Diu faz o seu caminho;
Tudo por onde passa faz que abunde
Da peçonha mortal que em tudo infunde.

CIX.

Os espaçosos campos que esmaltados
De varias flôres vio entre a verdura,
Passando deixa murchos e pisados
Que não póde soffrer tal formosura;
Põe fogo á loura espiga, e polos prados
Faz que as ervas consuma a chamma dura,
E co'o bafo pestifero a malina
Casas, povos, Cidades contamina.

CX.

À Diu chega emfim, e com presteza
Lá de Cojaçofar busca a morada,
Onde entrando se encheo de grãa tristeza
Porque alli de tristeza não vio nada;
E por vêr a abundancia, a grãa riqueza,
A seda e ouro, de que era toda ornada,
E mal deter as lagrimas podia
Porque então alli lagrimas não via.

CXI.

Vai-se a Cojaçofar, que ja o preceito
De Plutão quer cumprir, a que alli veio,
Com ferrugenta mão lhe toca o peito
Que de mil pungimentos deixa cheio;
Faz tambem apoz isto o usado effeito,
Na mais interior parte do seio
Lh'inspira hũa peçonha tão nociva
Que nos ossos lhe fica ardente e viva.

CXII.

Apoz isto ante os olhos lhe apresenta
Quanto ja póde em Diu o novo imigo,
Tal que a grandeza della, alta e opulenta
Muito cedo terá toda comsigo;
Que se este o seu poder novo accrescenta
Elle perderá o seu poder antigo.
Depois que outras mil cousas diz dest'arte
Com que assaz o acendeo, d'alli se parte.

CXIII.

Sente Cojaçofar ja o venenoso
Espinho, que lá dentro o punge e accende,
Ja nem quando o Sol mostra o luminoso
Raio, nem quando o esconde, o somno prende;
Inquieto, sollicito, ancioso,
Mal do infuso veneno se defende,
Que derreter-se lá dentro está vendo
Qual se está ao Sol a neve derretendo.

CXIV.

Vendo o poder, o mando, a preeminencia
Que em Diu tẽe a Lusitana gente,
A quem elle com ter grande opulencia
E grão ser, he tambem obediente,
Sente-se dentro arder d'impaciencia
Qual arde o verde espinho quando sente
O fogo, que não mostra fóra o lume
Mas dentro pouco a pouco se consume.

CXV.

Mil vezes procurar quizera a morte
Por não vêr tanto bem e gloria alheia,
Mas conhecendo então que desta sorte
A sua grave dôr mal remedeia,
Pertende com robusto animo forte
Cumprir sua tenção, d'inveja cheia,
Com grãa ruina assaz, com grave dano
Como logo ouvireis, do Lusitano.

CXVI.

Este depois que a sua authoridade
(Como ja atraz a minha historia escreve)
Fez quietar a gente da Cidade,
E dentro dos seus muros a deteve,
A reputação mesma, e dignidade
Na terra lhe ficou que sempre teve,
Agora o acata mais, mais o venera
A gente, do que nunca antes fizera.

CXVII.

De novo torna ao seu antigo trato,
Meneia a sua grossa mercancia,
Com que esconde o cruel animo ingrato
Que têe contra quem mal lh'o merecia:
Contra os que d'entre a morte e desbarato
Do Sultão, e da sua companhia
O salvárão só vivo. E do seu peito
Cruel, se mostrará lá ávante o effeito.

CXVIII.

Tanto que este infernal Mouro, que estava
Cheio d'odio cruel, de furia acesa,
Que então forçadamente refreava
Com receio da gente Portuguesa,
Vio que as vellas ao vento o Cunha dava
Que a damnada tenção lhe tinha presa,
Cobrando novo esprito ordena quanto
Podereis logo vêr ness'outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO X.

Parte-se Cojaçofar secretamente da Cidade, e vai ter a Amadabad, onde estava ElRei de Cambaia. Traz de lá hum grosso exercito. Dá primeiro hum assalto ao baluarte da Villa dos Rumes: sendo ferido se torna á Novanager. O Capitão Antonio da Silveira se apparelha para defender a Ilha. Torna Cojaçofar com todo o campo a pôr-lhe cerco: e depois d'alguns recontros se sólta a Ilha aos imigos. Contão-se algumas cousas notaveis que neste meio tempo acontecêrão na fortaleza.

1.

Raramente deixou de vêr o effeito
Da causa, inda que grave, a que se applica,
Aquelle que ó secreto seu conceito
Nem a si (se ser póde) inda publica;
Mas aquelle que o centro do seu peito
Descobre a quem não deve, e communica,
Não sómente não acha o que esperava
Mas acha ás vezes mal que não cuidava.

II.

Bem vejo que nos feitos importantes
Ninguem, só, chega ao fim de seu intento,
Mas quem busca favor, lhe cumpre que antes
De se communicar, tenha grão tento,
Se os que fizer de si partecipantes
Souberão ja encubrir seu pensamento,
Que quem não soube o seu ter encuberto
Não encubrir o alheio está mais certo.

III.

Depois da ida do Cunha, era passado
Hum mez, e era no fim ja do em que o louro
Planeta, que guardou d'Admeto o gado,
Em companhia soe andar do Touro,
Quando Cojaçofar, impio, malvado,
Que ja fôra Christão, agora he Mouro,
Se parte da Cidade naquella hora
Que na terra a nocturna sombra mora.

IV.

Com tanta discrição, tal siso e manha
Esta partida ja tinha ordenada,
Que sendo elle senhor de hũa tamanha
Riqueza, que á de Creso era igualada,
Quando agora se vai toda o acompanha
Sem ficar na Cidade della nada,
Porque isto communica com tal gente
Que nem hũa suspeita dá sómente.

V.

E assi com tal segredo o seu caminho
Ordena este sagaz nesta partida,
Que nem do que lhe estava mais visinho
Suspeitada só foi, ou entendida:
Lá polo assento liquido marinho
N'hũa náo sua faz esta fugida,
E vai para Çurrate, o mar cortando
Villa de que elle tinha então o mando.

VI.

Hũa grãa confusão, hum grande espanto
Aos Mouros que vivião na Cidade
Esta partida deu, feita com tanto
Segredo, quietação, sagacidade:
Tambem aos Portuguezes mostrou quanto
Saber deu o Senhor da eternidade
Áquelle máo, rebelde á Santa Igreja,
Quiçá que por mór damno inda te seja.

VII.

Dos ventos e das ondas a bonança
Põe em salvo este máo na Villa aonde hia,
Porém nella não faz longa tardança
Que a damnada tenção o constrangia:
Faz para Amadabad logo mudança,
Cidade do Sertão, onde sabia
Que estava então ElRei, e com tal pressa
Caminha, que hum momento só não cessa.

VIII.

Mas cantar n'outra parte deste espero,
Cumpre que hum pouco aqui delle me aparte,
Porém o que cantar agora quero
Tambem de gosto tẽe hũa grãa parte:
Obras vereis do bellicoso e fero
Inda que pueril, fingido Marte,
Mas que com tanta furia foi tratado
Que foi de sangue e fogo acompanhado.

IX.

E se o Senhor Eterno e Soberano
Com cousas que succedem cá na terra
Costuma a descubrir ao povo humano
O que o futuro tempo esconde e encerra,
Bem mostra isto que canto ao Lusitano
Povo, o ditoso fim que nesta guerra
Que se lhe vai agora apparelhando
Lhe tẽe guardado o Ceo amigo e brando.

X.

Hum dos solemnes dias e sagrados
Que a memoria daquella gloriosa
Resurreição de Deos, fez venerados
Entre a gente fiel, religiosa,
Se juntão quantos moços baptisados
Da Nação Portugueza, alta e famosa,
A fortaleza então dentro em si tinha
Cuja idade inda ás armas não convinha.

XI.

Ajunta-se tambem a quantidade
Dos pequenos escravos que agasalha
A fortaleza, cuja tenra idade
Tambem soffrêra mal o arnez e a malha;
Conformes n'hum querer, n'hũa vontade
Ordenão de se dar hũa batalha,
Sendo menos assaz os Lusitanos
Que o que he natural se acha em quaesquer anos.

XII.

E para isto ser logo concluido
Põem logo em se ordenar grãa diligencia,
Vê-se entre os Portuguezes escolhido
Capitão a que dêem obediencia;
Vê-se o seu estandarte no ar erguido
C'hũa Cruz signalado, e a competencia
Os escravos tambem desta maneira
Elegem Capitão, erguem bandeira.

XIII.

Põem logo os Capitães em ordenança
A sua gente, com tanto artefício
Que a longa experiencia não alcança
Outra com que melhor faça este officio;
Mas como d'arcabuz, espada ou lança
Ter então não podião exercicio,
Qualquer ás armas que acha o braço estende,
Qual co'o páo, qual co'a dura pedra offende.

XIV.

E com tanto fervor, e animo tanto
Que a puerilidade longe excede,
Invocando huns de Compostella o Santo
Outros o peçonhento Mafamede,
Se accommettem, causando hum grande espanto
Em quem aquillo com a idade mede,
E em todos tal vontade então se via
Que isto hum verdadeiro odio parecia.

XV.

Move o moçiço páo o tenro braço
Para o ferro inda mal sufficiente,
Mas como se movêra o subtil aço
Faz das veias o sangue vir corrente,
Durou esta peleja hum grande espaço
Crescendo sempre o saügue e a furia ardente,
Cresce a grita, a revolta, os alaridos,
E as miseraveis queixas dos feridos.

XVI.

Em tudo aqui podia vêr-se agora
Hũa cruel batalha em odio acesa,
Que hum momento não cessa até aquella hora
Que a pouca mocidade Portugueza,
A quem he natural ser vencedora,
A victoria alcançou daquella empresa,
E fez com forte braço, e valeroso
Hum imigo fugir tão copioso.

XVII.

Com grãa festa, prazer, contentamento
Os Portuguezes vão triumphadores,
Recebendo algum damno e detrimento
Dos vencidos, tambem os vencedores.
Huns vão buscar dos Paes o charo assento,
Os outros vão buscar o dos Senhores,
Onde achão gasalhados differentes,
Mas todos igualmente são contentes.

XVIII.

Quanto contentamento n'huns derrama
Tão tristes outros faz, disto a memoria,
Mas todos igualmente acende e inflama
Aquella gloriosa, alta victoria.
Hum desejo á batalha nova os chama
Mas de vingança he n'huns, n'outros de gloria,
Nem muito o effeito delle dilatárão
Mas para o outro Domingo se prepárão.

XIX.

Então ja o que qualquer no peito encerra
A buscar novas armas os obriga,
Novas preparações fazer de guerra
Com que mais se execute a furia imiga;
Porque do pó sulfureo que na terra
Com nada se resiste, ou se mitiga,
Escondidamente hão grãa quantidade,
E outras cousas que são de mór idade.

XX.

Chegado ja o Domingo, de mil partes
Correm aos Capitães os bons soldados,
Ja estendem polo ar os estandartes
D'insignias differentes signalados;
Fazem de pedra solta baluartes
De grossos bastiões acompanhados,
Os Portuguezes, com tal arteficio
Que tẽe das fortalezas o edificio.

XXI.

Dentro sendo ja todos recolhidos
Na ordem que as fortalezas se defendem,
Forão polos escravos commettidos
(Que vingar sua injuria hoje pertendem)
Com tal fervor, taes gritas e alaridos
Que até as mais altas nuvens se estendem,
D'hũa e outra parte a dura pedra voa
Hum fere, outro amedronta, outro atordoa.

XXII.

Traz isto a furia ardente embravecida
Da polvora cruel, a alguns alcança,
Que em varios arteficios convertida
D'hũa parte para outra então se lança;
Faz o engenho infernal, imigo á vida
A sua costumada antiga usança,
Abrazados os tenros corpos deixa
Cresce a revolta, a dôr, e a triste queixa.

XXIII.

Este fogo que os corpos deixa ardendo
Tanto acende os espritos Lusitanos,
Que affrontados d'estar-se defendendo,
E querendo vingar estes seus danos,
Saltão da fortaleza, e accommettendo,
Com tal furor que excede os tenros anos,
Os imigos crueis, de sorte os tratão
Que em mui pequeno espaço os desbaratão.

XXIV.

As costas logo dão com grãa presteza
Que detença o temor lhes não consente,
A grande multidão á fortaleza
Rendida hoje se vio, e obediente.
Esta presente furia, esta crueza
Hoje da livre, e da captiva gente,
Fez derramar mais sangue que a passada
E algũa em vivo fogo ir abrazada.

XXV.

Não se apaga com isto ou se despede
A furia, antes com isto mais se acende,
Mais vezes pelejar se lhes concede
E sempre o Portuguez o imigo rende:
Mas porque o mal que disto lhes succede
Em grande crescimento ja se estende,
Não só ja se lhe nega dar batalha
Mas inda em lh'o vedar se insta e trabalha.

XXVI.

Porém tão cheios ja todos andavão
D'hum aceso furor não reprimido,
Que nem polo Domingo ja esperavão
Nem ser-lhes do Silveira concedido,
Mas em qualquer logar que se topavão
Ou fosse descuberto, ou escondido,
Quaesquer que erão então, se accommettião
Com as armas que alli se offerecião.

XXVII.

E com tanto fervor, com odio tanto
Em qualquer parte então vião tratar-se,
Que põe em quem os olha grande espanto
E o Portuguez vê sempre avantajar-se.
Porém não quer ja mais este meu canto
Nestes pueris feitos occupar-se,
Torna a Cojaçofar, impio, nefando,
Que grandes cousas vai apparelhando.

XXVIII.

Depois que a Amadabad foi arribado
Este falso, e infiel Italiano,
E diante d'ElRei apresentado,
Receioso inda aqui de qualquer dano
Se desculpa do tempo que gastado
Tinha antes entre o povo Lusitano
Sem commetter mais cedo aquella vinda
Que em tal perigo o pôz, que a não crê inda.

XXIX.

E porque ElRei, e os tres que com elle a terra
Regem, sua innocencia vissem clara,
Com quanta discrição seu peito encerra
Com a sua prudencia unica e rara,
Os incita, os apressa, os força á guerra
Que lá contra os Christãos movida achara,
Na qual se offereceo que os serviria
Com a pessoa, e quanto possuia.

XXX.

Entre muitas rasões que então lhes dava
Para vir esta guerra logo a effeito,
Muitas cousas tambem lh'apresentava
De que ha na fortaleza grão defeito,
Com que a tomada assaz facilitava
Sem lhe poder custar muito este feito,
A pouca agua que tẽe a fortaleza
E dos seus baluartes a fraqueza.

XXXI.

Que a forteficação tão engenhosa
Polo Governador antes traçada,
E aquella tão capaz, tão espaçosa
Cisterna que deixava alli ordenada,
He hũa machina immensa e vagarosa
Que apenas inda estava começada,
E que a cisterna inda agua não recolhe
Nem inda o baluarte a entrada tolhe.

XXXII.

Incita-los tambem a isto trabalha
Com lhe mostrar quão pouca cópia agora
Ha de gente Christãa, d'arnez, de malha
Que a Ilha e a Cidade só defenda hũa hora,
E a cópia innumeravel que agasalha
Da gente que o Mafoma falso adora
A terra em si, usada em guerra, e dura
Que do tratante então mostra a figura.

XXXIII.

E que se a Ilha e a Cidade se perdia
(Que suster-se será cousa admiravel,
Pois que quasi sem gente resistia
A hũa cópia de gente innumeravel)
A fortaleza logo se entraria,
Pois a fazia ser indefensavel
Por hũa parte a gente que lhe falta
E por outra ter d'agua grande falta.

XXXIV.

E para que de todo os persuadisse
A esta guerra que então lhes propuzera,
(Como depois se soube) tambem disse
Que elle tinha por certo, e que certo era
Que tanto que de nova flôr vestisse
O valle e o monte a fresca primavera
Alli virião ter com grossa armada
Os Turcos, bem provida e apparelhada.

XXXV.

Velho edificio a quem a antiguidade
Ruina está cada hora promettendo,
Se acaso sente a Austral ferocidade
Quando o inverno he mais bravo e mais horrendo,
Não se rende com tal facilidade
Á grãa força que o estava combatendo,
Com qual ElRei e os tres ficão rendidos
Das rasões deste Mouro combatidos.

XXXVI.

Que com tal força entrárão, tal vehemencia
Os peitos para a guerra ja abalados,
Que sem fazer algũa resistencia,
Não estando inda então muito chegados
A dar-lhe execução, com diligencia
Ajuntão munições, armas, soldados,
Fazem com que o guerreiro anafil soe
E a bandeira nos ares logo voe.

XXXVII.

Posta ja em ordenança toda a gente
Com todo o necessario para a guerra,
Se partio, a Alucão obediente
Que hum dos tres he que então regem a terra,
Esforçado, fiel, nobre, prudente,
E leva só (se a fama aqui não erra)
Cinco mil de cavallo em companhia,
E em numero dobrado a infanteria.

XXXVIII.

O que esta guerra andou sollicitando
Companheiro tambem nella caminha,
Com quasi igual poder, quasi igual mando
Ao que neste negocio Alucão tinha.
Este mil de cavallo vai mandando
E tres mil da outra gente que a pé vinha,
Gente escolhida, pratica, robusta,
Que leva assoldadada á sua custa.

XXXIX.

Duas jornadas sós ao Sol faltavão
Para ter dentro em Cancer gasalhado,
Quando as bandeiras ja desenrolavão
Os Capitães, e com accelerado
Passo, ja Amadabad desamparavão,
E vão pisando o fresco e livre prado.
Mas destes lá adiante será dito,
Porque da fortaleza ouço hum grão grito.

XL.

Desta guerra que o Mouro preparava
Logo entre a Christãa gente a nova veio,
E a vinda dos imigos esperava
Com maior alvoroço que arreceio,
Porque da sua vinda imaginava
(Tendo de confiança o peito cheio)
A voltas d'hũa nobre, alta victoria
Alcançar nova fama, e nova gloria.

XLI.

E em quanto nisto só se têe o tento,
Se vio hũa noite ir ao Ceo subindo
O cruel, ruinador, bravo elemento
Que a povoação hia consumindo;
Que como neste tempo hum grande vento
O fogo com grãa força vai ferindo,
E a secca palha cobre a baixa casa
Levemente a desfaz, consume e abrasa.

XLII.

Sólta, cheio de medo e de tristeza
O triste habitador a casa ardida,
Não trata de salvar bens ou riqueza
Porque apenas salvar póde ainda a vida.
Em breve tempo em toda a fortaleza
A nova deste damno foi sentida,
Corre hum cheio de espanto, outro de magua,
Porém todos gritando vem: Agua, agua.

XLIII.

Corre alli em breve espaço grãa frequencia
Vendo quanto perigo ha na tardança,
Não lhe falta agua então, que a competencia
Qual a traz, qual a chega, qual a lança;
Outros vão derrubar com diligencia
A parte em que inda não alcança,
Todos põem nesta grãa calamidade
Qual obras, qual conselho, qual vontade.

XLIV.

E com tal diligencia, tanta pressa
Hum entre outro, qual soe ir a formiga
Se traz a agua, e no fogo se arremessa
Que se vence o furor da chamma imiga:
A ruina tambem com isto cessa,
O tumulto da gente se mitiga,
E em pequenas quadrilhas se reparte
Fallando-se só disto em toda a parte.

XLV.

Porém com quanto o povo diligente
Por apagar o fogo assaz trabalha,
Como então favorece a chamma ardente
O vento d'hũa parte, e d'outra a palha,
Bem sessenta moradas brevemente
Sem poder haver cousa que lhes valha,
Em leve cinza então se convertêrão
E em muitas as fazendas se perdêrão.

XLVI.

E se tal pressa o povo Lusitano
Para atalhar o fogo não empresta,
Das casas a mór parte com grão dano
Consumíra a cruel, chamma funesta.
Começou-se este mal (se não me engano)
Na torpe casa d'hũa deshonesta
Mulher, que em sensual, bruto exercicio
De si fazia ao inferno sacrificio.

XLVII.

Foi este grão desastre celebrado
Com grãa festa do Mouro povo imigo,
Que com a nova guerra alvoroçado
Ja descobre o entranhavel odio antigo:
Assacão aos Christãos o mal dobrado,
Dobrado, do que tinhão, o perigo,
Que erão os armazens todos ardidos
E que estavão ja perto de vencidos.

XLVIII.

Estas e outras rasões com que fazião
A defeza aos Christãos mais impossivel,
E a guerra que fazer lhes pertendião
Maior, mais perigosa, mais terrivel,
Os Mouros Capitães aos seus dizião
Por lhes fazer a guerra mais soffrivel,
E porque dos imigos a fraqueza
Lhes désse novo esprito, e fortaleza.

XLIX.

Pouco tempo passou traz isto quando
A Fama as leves azas no ar desprega,
E co'a trombeta os ares atroando
A fortaleza em breve espaço chega;
Onde affirma que ja se vem chegando
O exercito infiel, que a Christo nega
E têe de Mafamede a lei malina,
Promettendo aos Christãos a mór ruina.

L.

Esta he aquella gente de Cambaia
Que a damno dos Christãos partio ligeira
D'Amadabad, e vai de Diu á praia
Seguindo a d'Alucão, e a outra bandeira:
Mais se accende e desperta, que desmaia
Com tal nova o magnanimo Silveira,
Provê quanto releva então provêr-se
Ou com que offender possa, ou defendêr-se.

LI.

O que procura então provêr primeiro
He saber a certeza do que ouvia,
Não perdoa a trabalho ou a dinheiro
Que nisto largamente os despendia:
Mas como nova certa, e o verdadeiro
Signal ter-se dos Mouros só podia,
A nova que elles dão he sempre errada
Porque he com má tenção, máo zelo dada.

LII.

Porém apesar desta imiga gente
O tempo descubrio disto a verdade,
Silveira como a certa nova sente
Acode logo á mór necessidade:
Á cisterna dá grande expediente,
E com grãa diligencia e brevidade
Dar ao grão baluarte fim pertende
Que dos Rumes a Villa então defende.

LIII.

E com tal diligencia isto procura
Que antes que muito tempo se passasse
Fez com que o baluarte áquella altura
Que se acha em vinte palmos arribasse,
E que ao que a ordinaria estatura
D'hum homem d'alto têe, tambem chegasse
A sala que, se eu mal não estou vendo,
Junto do baluarte estão fazendo.

LIV.

Estava neste estado a fortaleza
Quando os dous Capitães que caminhavão
De lá d'Amadabad, com grãa presteza
Dentro em Novanager se agasalhavão:
E porque grandes faltas e fraqueza
Achar entre os Christãos imaginavão,
Ordenão que assaltados logo sejão
Por lhes não dar logar que se provejão.

LV.

E inda a formosa Aurora acompanhava
O filho do Troyano Laomedonte,
Quando Cojaçofar co'os seus pisava
Lá caminho de Diu o valle e o monte:
Com tal pressa e silencio caminhava
Que antes que desterrasse do Horizonte
O raio da manhãa, o manto escuro,
Sem ser sentido estava junto ao muro.

LVI.

Onde a gente em batalhas não reparte
Mas junta toda sua companhia,
Commette com grãa furia o baluarte
Que novamente a Villa defendia:
E com quanto não falta nesta parte
Hũa esperta, e sollicita vigia,
Comtudo o Mouro vem tão encuberto
Que não se vê senão de muito perto.

LVII.

Levanta a vella a voz em vendo o imigo
Hũa e outra vez a grita alta repette,
Dá rebate aos Christãos deste perigo
E da gente que os muros accommette:
Mas como então ao doce somno amigo
Inda a cansada gente se submette,
Não se póde este mal que está ja á porta
Com tal pressa atalhar quanta lhe importa.

LVIII.

E como os Portuguezes que o meneio
Da Alfandega da Villa a cargo tinhão
Nella estavão então, como lhes veio
A nova dos imigos que alli vinhão,
Com grande espanto assaz, não sem receio
D'hum mal que elles então mal advinhão,
Logo todos n'hum corpo se ajuntárão
Subir ao baluarte trabalhárão.

LIX.

Sua salvação tẽe nesta subida
Nella põem seu valor, seu braço forte,
Porque ou assi salvar possão a vida
Ou vingar largamente sua morte:
Esta heroica tenção favorecida
Foi da sua propria amiga sorte,
Que tamanho poder deu ao seu braço
Que subírão acima em breve espaço.

LX.

Porém ja da infiel Cambaia gente
Andava entre os Christãos tal quantidade,
Que com quanto á subida expediente
Derão, com mui grãa pressa e brevidade,
Virão quasi perdida totalmente
Ou a vida, ou a chara liberdade:
Mas aquelle a que a sorte favorece
Contra tudo resiste, e prevalece.

LXI.

Não subírão lá tanto a salvamento
Com quanto o Ceo tiverão favoravel,
Que alguns do Lusitano ajuntamento
Não recebessem morte miseravel.
Os vivos com grãa força, esprito e alento
Áquella imiga gente innumeravel
De tal sorte algum tempo resistírão
Que a muitos sem seu damno a vida tirão.

LXII.

Em breve espaço foi disto avisado
O grão Silveira lá na fortaleza,
Que com tal nova assaz sobresaltado
Não perde o seu esprito e fortaleza:
Deixa tudo alli posto a bom recado,
E co'a mór brevidade, mór presteza,
E mais gente que póde d'alli parte
A favor dos que estão no baluarte.

LXIII.

A leôa feroz que carregada
De presa, entra na sua inculta e ruda
Casa, e a vê dos filhinhos despojada
A quem vinha manter e dar ajuda,
Com furia tão cruel, tão denodada
Outra vez o veloz passo não muda,
Buscando o que d'alli lh'os lançou fóra,
Como o forte Silveira leva agora.

LXIV.

Em quanto o Capitão isto concerta
No baluarte assaz se combatia,
Que o numeroso imigo tanto o aperta
Que com mui grão trabalho resistia:
O perigo aos Christãos accende e esperta
E lhes dá tanto esforço e valentia
Que sendo vinte sós os que defendem
Não sómente resistem, mas offendem.

LXV.

Porque além do valor, do esforço antigo
Que os vinte em todo tempo acompanhava,
E na difficuldade e no perigo
Em que agora se vem, se accrescentava;
Vendo que o Capitão (como atraz digo)
Para favorece-los se apressava,
Com dobrado fervor, dobrado esprito
Se defendem do numero infinito,

LXVI.

O Mouro Capitão, d'ira assaz cheio
Por vêr quão pouca gente tanto o offende,
Do Cambaio esquadrão posto no meio,
Com tão feias palavras o reprehende
Que o faz metter na morte sem receio,
Mas nem por isso alcança o que pertende,
Porque se dobra as forças e a vehemencia
Tambem acha dobrada resistencia.

LXVII.

Rompem com isto o Ceo os altos gritos,
Accende-se o furor, cresce a revólta,
Lá da longa espingarda entre infinitos
Chumbos subtis a morte saho envólta,
Que d'infelizes, miseros espritos
Dos corpos infieis grão cópia sólta,
Sem chegar a nenhum da fiel gente
Que assi o quiz o Senhor Omnipotente.

LXVIII.

Entre este alto furor, que tanto dano
Aos Cambaios estava então causando,
Lá d'entre o ajuntamento Lusitano
Acaso hum chumbo ardente sahe voando,
Que contra o renegado Italiano
Os ares tão direito vai cortando,
Que hũa das impias mãos lhe rompe, e o deixa
Cheio de grave dôr, de grave queixa.

LXIX.

Tira-se o triste atraz, co'a côr perdida,
Que a dôr o cobre d'hũa côr defunta.
Esta nova entre os seus sendo sabida
Grãa cópia em derredor delle se ajunta,
Cuidando alguns que estava elle sem vida
Qual chega para o vêr, qual o pergunta:
Mas o Mouro sagaz, que conhece isto
Faz que vivo de todos seja visto.

LXX.

Durando esta revolta, que a braveza
Do combate algum tanto reprimíra,
A gente que de lá da fortaleza
A favor dos Christãos antes partíra,
No baluarte entrou com grãa presteza
Abrazada em furor, acesa em ira,
Com que deu novas forças aos amigos
Encheo de medo os peitos dos imigos.

LXXI.

Sendo da Lusitana alta bandeira
De novo o baluarte acompanhado,
Bem vio Cojaçofar que o grão Silveira
A soccorro dos vinte era chegado:
Juntando esta rasão á outra primeira
Que era vêr-se da mão mui maltratado,
Com pressa se affastou do baluarte
Tendo dos seus perdido algũa parte.

LXXII.

Fica o nobre Silveira assaz contente
De vêr em salvo os seus para quem vinha,
E como era sagaz, era prudente
Os quiz satisfazer co'o que então tinha:
Sólta a lingua perante toda a gente,
Dá-lhe tanto louvor, quanto convinha
A quem com forte esprito hũa tal cópia
Venceo quasi sem damno, ou perda propia.

LXXIII.

Grão proveito trouxe esta leve affronta
Á Portugueza gente que ha na terra,
Porque a fez despertar, fê-la estar pronta
Nas cousas necessarias para a guerra;
E ter melhor noticia, melhor conta
Co'a grande quantidade que em si encerra
A Cidade de bons, fortes soldados
Em differentes trajos disfarçados.

LXXIV.

E porque com pacifica apparencia
Dar alguns sobresaltos intentárão,
Logo o Silveira pôz tal diligencia
Que as armas lhes tomou, quantas lh'achárão;
E sem nunca achar nelles resistencia,
Em ásperas prisões alguns ficárão,
Por causarem na terra alguns insultos
Alguns ajuntamentos e tumultos.

LXXV.

Refreados de sorte os da Cidade
Que ja mais não podião alterar-se,
Os logares provê com brevidade
Fracos, de que podia arreçear-se;
Estes são os que com facilidade
Naquelle Rio podem vadear-se,
O qual da terra firme a Ilha apartava,
E destes grande cópia nelle estava.

LXXVI.

Nos dous destes logares, que aqui digo,
Onde mais que nos outros a agua he rara,
Estão dous baluartes com que o antigo
Tempo, estas faltas ja remedeára;
Os quaes alli Baudur quando do imigo
Mogor, veio fugindo, edificára,
Com que o que creou fraco a natureza
Recebeo do arteficio fortaleza.

LXXVII.

Querendo o Capitão hũa e outra parte
Defender destas duas de que fallo,
Entrega destes dous hum baluarte
A quem bem sem temor póde entregallo;
A hum varão que no esforço era outro Marte,
Cuja alcunha he Falcão, nome Gonçallo,
Outro a Luiz Rodrigues de Carvalho,
Despresador da morte, e do trabalho.

LXXVIII.

A qualquer destes dous bem se podia
Esta obra encarregar com confiança,
Que a muito móres feitos se estendia
O seu heroico esprito, a sua lança.
De gente, munições, d'artilharia
O Silveira os proveo em abastança,
Quanto ser necessaria então entende
Para effeito desta obra que pertende.

LXXIX.

Outro passo ha no Rio, em que o defeito
D'agua, não era aos outros igualado,
Porém porque se via assaz estreito
Era de defensão necessitado:
Deste a Lopo de Sousa (cujo peito
Se mostrou por mil provas forte e ousado)
Foi dada a defensão, com leve frota,
Duas fustas, barcaça, e galeota.

LXXX.

Tambem n'outros logares deste Rio
Que não têe defensão, e fracos erão,
O Silveira fez pôr mais d'hum navio
Com que ter defensão segura esperão,
Cuja capitania e senhorio
Dous bem fortes varões então houverão,
De cuja valentia e fortes peitos
Se pudérão fiar bem móres feitos.

LXXXI.

Francisco de Gouveia hum se chamava,
O qual naquella parte do Occeano
Que da famosa Diu as terras lava
Era o Capitão-mór mais soberano:
O sobrenome ao outro Veiga dava
Sobre o nome do Santo Lusitano,
O qual da fortaleza feitor era,
A ambos o Ceo hum forte esprito dera.

LXXXII.

Estas embarcações Silveira espalha
Polas partes que na Ilha têe fraqueza,
Porque a cisterna em si não agasalha
Inda agua, e outra não ha na fortaleza;
Porque com quanto nella se trabalha
Com mui grãa diligencia, grãa presteza,
Inda estava então mal sufficiente
Para dar de beber áquella gente.

LXXXIII.

Hum momento esta grande obra não cessa
Que he tambem dos soldados ajudada,
E a grãa falta que tẽe tanto os apressa
Que antes de ser de todo ja acabada
Ordena o Capitão que com grãa pressa
Tanta agua seja nella agasalhada
Quanta todos os bois que alli estivessem
Acarretar em odres lhe podessem.

LXXXIV.

Destes o vagaroso passo lento
Costuma de metter toda a Cidade
Do cristalino e liquido elemento
Que contra a sede tẽe propriedade;
E aquella agua que para mantimento
Da Christãa gente, em grande quantidade
Lá na nova cisterna agasalhárão
Dos poços que ha pola Ilha acarretárão.

LXXXV.

A voltas da cisterna, se procura
Dar fim ao baluarte, e á grande sala,
E põe-se então nesta obra tal quentura
Que em breve tempo fazem acabala:
Palmos quarenta a sala tẽe d'altura
E o baluarte nisto a ella se iguala;
Não os cercão de cava, porque vião
Que o sitio nem o tempo o permittião.

LXXXVI.

De munições e grossa artilharia
O Silveira o fornece, e delle o mando
Dá a Francisco Pacheco, o qual sohia
A Alfandega da Villa estar julgando:
Setenta homens lhe põe em companhia
De quem confia assaz. Mas esperando
Cumpre que aqui fiqueis hum pouco, em quanto
A Cojaçofar torna este meu canto.

LXXXVII.

Este, depois que a dôr que o chumbo ardente
Na rota mão lhe tinha antes causado,
O fez retirar a elle e á sua gente
Do baluarte assaz afadigado:
Para Novanager em continente
Do seu grosso esquadrão acompanhado,
Com apressado passo vai direito
Sem vêr de seu intento algum effeito.

LXXXVIII.

A graveza da dôr então o obriga
A deixar algum tempo o que pertende,
De novo estimulada a furia antiga
Se lhe alevanta em dobro, se lhe acende;
E assi tanto que a dôr se lhe mitiga
E o mal que antes sentia pouco offende,
Não faz hum só momento de tardança
Para tomar do novo mal vingança.

LXXXIX.

Outra vez á batalha os seus inclina,
Outra vez em batalhas os reparte,
Promettendo aos Christãos alta ruina
Faz que voe nos ares o estandarte:
Vingar-se desta vez bem imagina
Do mal que recebeo no baluarte,
Sahe de Novanager, e n'hum instante
Dos olhos dos Christãos se põe diante.

XC.

Aos Christãos n'hum instante se apresenta
Porque odio e furia atraz deixão o vento,
Sobre o passo que o Sousa então sustenta
Faz de todo seu campo o alojamento:
Tres mui grossos canhões contra elle assenta
Com que espera dar fim a seu intento,
Sahe com ardente furia arrebatada
O pelouro a buscar do Sousa a armada.

XCI.

Mas o Sousa animoso não desmaia
Antes se acende mais no mór perigo,
Tambem com furia ardente faz que saia
Do seu canhão o duro ferro imigo,
Que aquella imiga gente de Cambaia
De seu atrevimento dá o castigo,
Dando morte cruel a algũa della
De que huns vinhão a pé, outros em sella.

XCII.

Entretanto Alucão não descansava
Nem estava ocioso em festa e em gosto,
Antes com toda a gente que mandava
Lá contra a Ilha tambem estava posto;
Onde quanto podia trabalhava
Por dar morte aos Christãos, pena e desgosto,
Nem tẽe n'hum só logar a gente unida
Mas por diversos passos repartida.

XCIII.

Põe hum grosso esquadrão contra o famoso
Falcão, que hum baluarte defendia,
Outro contra o Carvalho valeroso
A que a defensão d'outro competia:
E sendo este seu campo assaz copioso
Com que abranger a tudo bem podia,
Tambem com gente os dous passos rodeia
Que defendem por mar Veiga e Couveia.

XCIV.

Logo o sulfureo estrondo embravecido
Penetra e atroa o arco senhorio,
E o pelouro infiel mal resistido
Tolhe a navegação do estreito Rio,
Com que o caminho então fica impedido
Por onde costuma ir mais d'hum navio,
Que aos que estavão nos passos, provimento
Leva de munições e mantimento.

XCV.

Como as disposições que se estão vendo
No Rio, favoreção disto o effeito,
Ainda que os que os passos vão provendo
Bem ou mal executem seu conceito,
Disto os Christãos comtudo recebendo
Vão, tanto maior damno que proveito,
Que esta defensão fica mais custosa
Do que a Ilha he necessaria e proveitosa.

XCVI.

A voltas disto, a gente de Cambaia
Sem descansar hũa hora só, pertende
Melhorar suas estancias lá na praia
Que de longo do estreito Rio se estende:
Mais se acende com isto, que desmaia
A valerosa gente que defende
Os passos, qual no mar, e qual na terra
Fazem sanguinolenta, cruel guerra.

XCVII.

D'hũa parte para outra pouco tarda
Aquella irresistivel furia ardente,
Sahe o mortal pelouro da bombarda
Para ruina d'hũa e d'outra gente;
Da delgada tambem, longa espingarda
Hũa e outra parte a furia subtil sente,
Miseros, tristes, mal afortunados
Os que são destas furias encontrados.

XCVIII.

Co'os corpos em pedaços, vão buscando
As almas, o logar de gloria, ou pena,
Que conforme ao que nesta vida obrando
Merecêrão, lá na outra se lhes ordena.
A Região Celeste penetrando
Vai então dos fieis parte pequena,
E de infieis hum numero infinito
Entra lá no immortal, negro conflito.

XCIX.

Mil vezes se travou esta batalha
Entre o povo infiel e o Lusitano,
E com quanto mais sangue sempre espalha
O povo Mahometico e profano,
Comtudo em melhorar-se assi trabalha
Que rompendo por toda a perda e dano
As estancias melhora onde queria,
Sempre estreitando mais a serventia.

C.

Disto o Silveira vio que era escusado
Defender longamente á gente imiga
Que o Rio fosse della vadeado
Por mais que a Christãa gente o contradiga;
Vê que esta defensão lhe tẽe gastado
(Sem que proveito algum della se siga)
De gente e munições muito atégora,
E que lhe vai gastando mais cada hora.

CI.

Por isto, e porque ja tinha acabada
A cisterna, e com pressa e brevidade
Tinha já dentro nella agasalhada
D'aquatico licôr grãa quantidade;
Determina deixar desamparada
Toda a Ilha, e em defensão pôr a Cidade,
E pôr a artilharia toda nella
Quanta pôz na Ilha para defendella.

CII.

Pede em caso tão grave e d'importancia
Conselho, a quem podia aconselha-lo,
Que por fugir soberba ou ignorancia
Não quiz comsigo só determina-lo:
Todos com hũa voz, sem discrepancia
Lhe dizem que devia effeitua-lo
Da maneira que o tinha em si proposto,
Fez-se isto sendo ja nove de Agosto.

CIII.

Concluido isto assí, não se deteve
O sabio Capitão em dar-lhe effeito,
E por dar a isto a pressa, que se deve
A qualquer importante, grave feito,
Faz que aos que estão nos passos disto leve
O recado hum varão, a quem de peito
Animoso dotára a natureza,
E que era Alcaide-mór da fortaleza.

CIV.

Payo Rodrigues este se dizia
E lá dos Araujos traz a linha.
Logo aos passos se vai, e denuncia
Á gente que a defensa a cargo tinha,
Que tanto que o Sol désse fim ao dia
Mandava o Capitão (porque convinha)
Que nenhum mais alli se detivesse
Mas que logo á Cidade se viesse.

CV.

Manda o Capitão a este que tomasse
A barcaça que em companhia andava
Lá de Lopo de Sousa, e a presentasse
Ao baluarte que o Falcão mandava;
E que a recolher nella lhe ajudasse
Quanto no baluarte então estava,
Que para a guerra sirva ou lhe convenha,
Artilharia, ou gente, ou mais que tenha.

CVI.

Manda hũa grande fusta áquella parte
Na qual era o Carvalho obedecido,
Para que quanto tẽe no baluarte
Tambem fosse então nella recolhido.
Traz a barcaça a fusta logo parte,
E sendo destes dous bem entendido
O que manda o que tẽe geral mando
Sem detença o vão logo effeituando.

CVII.

Adiante da estancia encarregada
Ao famoso Falcão, de gloria amigo,
O nobre Capitão pôz hũa armada
Temendo neste passo algum perigo:
D'Antonio da Veiga esta he governada
Como (se vos lembraes) atraz ja digo,
De quem disse que tinha hum grande esprito
Nem me arrependo inda de o ter dito.

CVIII.

Nesta armada que ao Veiga he obediente
Sobre duas galeotas que ahi andavão
Alguns cátures ha, e juntamente
Outras fustas subtís a acompanhavão:
Frota para render sufficiente
Muitos dos que o Alcorão falso adoravão
Se de temor não forão combatidos
Huns peitos sempre fortes e temidos.

CIX.

Veiga, sendo-lhe ja denunciado
Isto que o Capitão Silveira agora
Aos que estavão nos passos tẽe mandado,
Não quer em dar-lhe effeito pôr demora;
A cada Capitão encommendado
Deixa o proprio navio, e salta fóra
Elle na Ilha, e d'ahi com grãa presteza
Por terra veio ter á fortaleza.

CX.

A armada, em tendo tempo (com desejo
D'ir traz seu Capitão) se faz de largo;
O Falcão e o Carvalho neste ensejo
Põem por obra o que lh'era dado a cargo.
Mas porque tão comprido o Canto vejo
Que mais do que devêra ja me alargo,
Perdoai-me se hum pouco agora césso,
Lá ávante vereis destes o succésso.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XI.

Perdem-se duas fustas da armada de Antonio da Veiga. Perdem-se tambem as embarcações em que vem Gonçalo Falcão, e Luiz Rodrigues de Carvalho; e humas e outras vão ter a poder dos inimigos. O Capitão, depois de fazer algumas diligencias necessarias na Cidade, a sólta aos Mouros, e se recolhe á fortaleza. Alucão e Cojaçofar entrão na Cidade, e assentão seus campos. Contão-se algumas cousas que entretanto succedêrão d'hũa e d'outra parte.

1.

Que presta ao Capitão a valentia,
Ser esperto, sagaz, forte e prudente,
Quando de sua gente a covardia
He sómente ao temor obediente,
E o desampara mais naquelle dia
Em que a necessidade he mais urgente,
Só d'hum vão arreceio combatida
De ser posta em perigo a inutil vida.

II.

Cousas são que hũa á outra favorece
O forte Capitão, e a gente forte,
E se destas qualquer á outra falece
Logo segue vergonha, infamia, ou morte:
Por onde as mais das vezes prevalece
Aquella parte a quem a imiga sorte
Quiz dar, para a fazer victoriosa,
Com forte Capitão, gente animosa.

III.

Sendo desamarrada aquella fróta
Que pouco antes o Veiga governára,
Para seguir com pressa aquella róta
Que o geral Capitão antes mandára,
Forçado lhe he passar não mui remóta
D'hũa formosa estancia que assentára,
A damno dos Christãos, naquella praia
Junto do Rio a gente de Cambaia.

IV.

Eolo naquella hora solta tinha
A hum grão vento a prisão que em si o encerra,
Que com grãa força então ferindo vinha
Aquelle Rio, e toda aquella terra.
Tambem a imiga estancia, que visinha
Estava ao Rio, faz áspera guerra
Aos que por elle vinhão navegando,
Co'o ferro que o canhão está lançando.

V.

A imiga artilharia, e o bravo vento
Que com grãa furia a armada visitavão,
Aos Ministros perder fazem o tento
Que as duas galeotas governavão;
Tanto que antes de andarem passos cento,
Sem atinar por onde navegavão,
Dão em logares de agua tão vazios
Que não pódem nadar mais os navios.

VI.

Com verdadeira então, clara apparencia
Desta gente, o temor se pôz na praça,
Pois sem pôr nisto algũa diligencia
Toda por se salvar co'o Rio se abraça:
Nem tẽe a Capitão obediencia
Que ora roga, reprehende, ora ameaça,
Que então nenhum mandado, ou poder segue
Senão o do temor a que está entregue.

VII.

Sós dos dous Capitães acompanhados
Os navios estão (se não me engano)
Que os mais vejo ir nadando accelerados
Traz hum desejo vil, não Lusitano.
De todo os Capitães desesperados
Se vem, de dar remedio áquelle dano,
Porque a força de muitos neste feito
Cumpre haver, não de dous o forte peito.

VIII.

E vendo que por mais que então fizessem
Nenhum salvar podia o seu navio,
Para que elles tambem se não perdessem
Determinão tambem lançar-se ao Rio:
Mas porque as galeotas não viessem
Dos imigos crueis ao poderio,
Quanto fogo pudérão lhes chegárão
E começando a arder ás desampárão.

IX.

Mas com quanto trabalho elles puzerão
Para que dos imigos possuidos
Os navios não fossem, não puderão
Nisto os seus bons desejos vêr cumpridos,
Que os navios emfim ambos vierão
A poder dos imigos mal ardidos,
Com quanta artilharia dentro tinhão
E as mais cousas que dentro nelles vinhão.

X.

Nunca veio hum grão mal sem companhia,
Que a fortuna por pouco não começa.
Na barcaça o Falcão da artilharia
Recolhêra a miuda e a grossa peça,
Nem a grande revolta que lá havia
No baluarte então faz que lhe esqueça
Qualquer cousa das que elle dentro encerra
Que podessem ser boas para guerra.

XI.

E no tempo que os dous navios ardião,
Porque a gente a salvar-se os não ajuda,
Tres ou quatro caixões fóra se vião
Que não póde embarcar, por mais que estuda:
Estes dentro em si todos recolhião
Aquelle negro pó, que com ajuda
De qualquer leve chamma tão mal trata
Que tudo acende, assola, e desbarata.

XII.

Mas como as grossas chammas que abrazavão
Os navios Christãos de que atraz fallo,
Causassem grão temor nestes que estavão
Em companhia então do grão Gonçallo,
Por fugirem do mal que imaginavão
Começão de querer desamparallo,
Ao mal futuro mais obedientes
Que a mil obrigações que têe presentes.

XIII.

O Falcão valeroso que isto entende
Receioso d'algũa desventura,
Por mil vias cura-la então pertende
Qual mostrando aspereza, qual brandura:
Ora os manda, ameaça, ora os reprehende,
Ora os roga, os anima, os assegura,
Ora lhes põe diante a Portugueza
Honra, no mór perigo mais aceza.

XIV.

Não foi de todo em vão, e sem proveito
Deste forte varão o grão cuidado,
Porém delle não vio mais outro effeito
Que não se vêr dos seus desamparado;
Porque ficou em todos inda o peito
D'hum tamanho arreceio acompanhado,
Que por não se deterem mais meia hora
Não trazem os caixões que estavão fóra.

XV.

Nisto põe o Falcão sua eloquencia,
Seu mando, seu poder, sua valia,
Mas acha no temor grãa resistencia
Que então a si sómente obedecia:
E vendo que nenhũa diligencia
Lhe basta a dar effeito ao que queria,
Pondo fogo aos caixões d'alli se parte
E deixa quanto póde o baluarte.

XVI.

Disto, a que o fórça então necessidade
Depois hum grave damno lhe succede.
Porque o resplendor mesmo e claridade
Que então o aceso pó de si despede,
Em meio da cerrada escuridade
Com que a noite aos mortaes a vista impede,
Aos imigos mostrou quão carregada
Vai a barcaça, e mal apparelhada.

XVII.

Elles, a quem hum odio antigo incita
A destruição do imigo Lusitano,
Porque o peito brutal onde este habita
Jamais não se fartou de fazer dano,
Hũa e outra vez levantão a alta grita,
Porque com estas mostras, este engano
D'irem traz os Christãos, os amedrontem,
Ou na ida os embaracem, e os affrontem.

XVIII.

Não lhes sahio em vão seu pensamento
Antes muito melhor do que cuidavão,
Que esta falsa apparencia e fingimento
A que então os Christãos eredito davão,
E aquella grãa tormenta e bravo vento
Que (como disse atraz) então levavão
Põe a barcaça em secco, mas sahíra
Facilmente, se o medo o consentíra.

XIX.

Porém a gente della, que então vinha
D'hum temor entranhavel combatida,
Nem outra salvação cuidou que tinha
Senão só n'hũa vil, torpe fugida;
Sem tratar do que a sua honra convinha
Com deshonra antes quer salvar a vida,
Lança-se com grãa pressa toda ao Rio
Deixa seu Capitão só no navio.

XX.

E com tanta presteza as ondas fende
Que em breve espaço lá na Ilha apparece,
Que como então salvar-se só pertende
Contra a tormenta e vento prevalece:
Outra vez o Falcão roga e reprehende,
Mas nenhum o ouve então, nem lhe obedece,
De baixeza os argue, e d'ira cheio,
Mas tudo então val menos que o receio.

XXI.

E vendo emfim que em vão tẽe consumido
Rogo, mando, brandura, ou aspereza,
Por salvar hum navio ja perdido
Por medo de sua gente, e por fraqueza,
Parte d'hum furor grande combatido,
Parte d'hũa profunda, alta tristeza,
Deixa o que só não póde hum forte peito
Salvar, e lá á Cidade vai direito.

XXII.

Grãa dôr trouxe, e grão damno isto que digo
A gente que o Evangelho Santo estuda,
Mas ao povo infiel, profano e imigo
Deu grão contentamento, e grande ajuda:
Porque houve então dez peças (sem perigo)
D'artilharia grossa, e da miuda,
E armas, e cousas desta qualidade
Das quaes a guerra tẽe necessidade.

XXIII.

Nem com este segundo damno cessa
A sorte desta noite desestrada,
Antes a estou ja vendo que se apressa
Para outra perda igual a esta passada.
O animoso Carvalho com grãa pressa
Na fusta que lhe lá fôra levada
As armas embarcou, e artilharia,
E o que no baluarte mais havia.

XXIV.

Não se detem alli mais hum instante,
Parte logo, e á Cidade vai direito,
Porém nem elle passa tanto ávante
Que chegue em salvo ao fim com este feito.
Porque com menos causa, e semelhante
Modo, de seu intento vio o effeito
Que víra antes do seu o grão Gonçalo,
Sem bastar diligencia a remedialo.

XXV.

Desta terceira perda e desventura
Grão proveito os imigos alcançárão,
Os quaes n'hũa só noite, triste e escura,
E funesta aos Christãos, vi que cobrárão
Cousa, que em largo tempo por ventura
Poderem cobrar delles não cuidárão,
E o peior he que a causa destes danos
Foi temor dos temidos Lusitanos.

XXVI.

Lopo de Sousa aqui se me apresenta,
Delle quero cantar, a elle quero irme,
E nisto que dizer meu canto intenta
Bem sei que folgarão todos d'ouvirme.
Parte-se este tambem, e a grãa tormenta
Lá da parte o lançou da terra firme,
E como ja a maré então vazasse
Forçado foi que em terra alli ficasse.

XXVII.

Aqui se esperta mais o varão forte
Que nunca atreçeou grandes perigos,
E vendo porque via a adversa sorte
Causou a perdição a seus amigos,
Vê que lhe cumpre, por fugir á morte,
Ter mais tento nos seus que nos imigos,
Com quanto os achou sempre acompanhados
De valerosos peitos, e esforçados.

XXVIII.

E para effeito disto que queria
E ter da sua gente segurança,
Alaga o seu batel, que só podia
Dar-lhe de salvação hũa esperança:
E como alli mais largo o Rio se via
Que em todo outro logar nenhum, se lança
A elle, porque se vê desesperado
De se poder salvar então a nado.

XXIX.

Em meio d'hum perigo tal, tão certo
Passão a noite dentro no navio,
Aqui se mostra o Sousa mais esperto
Com quanto de temor não he vazio.
Porém tanto que á terra descuberto
Foi da fresca manhãa o raio frio,
N'outro perigo mór se vio mettido
Que a noite lhe teve antes escondido.

XXX.

Vio que o Rio por onde navegára
Quando a busca-lo o mar de fóra vinha,
Agora que se o mar ao mar tornára
E o Rio se ficou só co'o que tinha,
Hum grande espaço delle se apartára
Deixando-lhe alli a morte mais visinha;
Mas em quem a esperança pôz fraqueza
A desesperação pôz fortaleza.

XXXI.

Esta era aquella gente que o Coutinho
Na galeota alli tinha comsigo,
A qual vendo que agora têe visinho,
Sem podê-lo atalhar, hum tal perigo,
E que não têe então outro caminho
Para escapar das mãos d'hum bravo imigo
Senão o que lhe abrir a sua espada,
A que antes era fraca, agora he ousada.

XXXII.

Mas bem lhes cumpre ter ousado esprito,
De braço forte usar, duro, e constante,
Porque em vendo o infiel povo maldito
Que não póde o navio ir mais ávante,
Ajuntão quasi hum numero infinito
E em derredor o cercão n'hum instante,
Com aquelle furor a que os incita
O grande odio que nelles sempre habita.

XXXIII.

Sahe ao cerrado corro, aonde o rudo
Povo o estava esperando alvoroçado,
O touro inda então manso, inda sisudo
Que a garrocha o não tẽe estimulado;
Mas tanto que o pungente ferro agudo
Por mil partes sentio, cruel e irado
Corre e salta ligeiro, bravo, e forte,
Hum derruba, outro fere, a outro dá a morte:

XXXIV.

Tal vejo cada hum dos valerosos
Peitos que a galeota agasalhava,
Que vendo huns esquadrões tão copiosos
Algum tanto o perigo arreceiava,
Mas tanto que dos ferros sanguinosos
Começa de sentir a furia brava,
De tamanha ira e esforço fica cheio
Que faz temer a quem lhe pôz receio.

XXXV.

Move logo o subtil aço luzente
D'hũa parte o infiel braço Cambaio,
D'outra faz com a usada furia ardente
Da espingarda sahir o subtil raio,
Tudo para que áquella pouca gente
Portugueza então dê morte ou desmaio;
E isto com tantas gritas, taes clamores
Que os Alcides tremêrão, e os Heitores.

XXXVI.

A Portugueza gente que de usada
A estes clamores, ja pouco os estima,
E co'o grande perigo feita ousada
Cada vez mais se acende, e mais se anima,
Tambem com arcabuz, com lança e espada
Aquella imiga gente assi lastima,
Que valer menos vê com sangue e mortes
A fraca multidão, que os poucos fortes.

XXXVII.

Não se apaga com isto a furia acesa
Com que o Cambaio entrou nesta batalha,
Porque com quanto a gente Portugueza
Do seu sangue grãa cópia então espalha,
Comtudo vêr o fim daquella empresa
Com tamanho furor inda trabalha,
Que sem ter conta ja co'as suas vidas
As dos Christãos procura vêr perdidas.

XXXVIII.

Mas com quanto furor e diligencia
Põem agora os Cambaios quasi insanos,
Com dar vidas e sangue a competencia
Por vingar este novo e os velhos danos,
Achão porém tão dura resistencia
No pequeno esquadrão dos Lusitanos,
Que quanto este furor os mais inflama
Tanto mais do seu sangue se derrama.

XXXIX.

Durou esta contenda furiosa
(Tão desigual na gente e na ventura,
Porque muitos da imiga e numerosa
Á região descêrão stigia e escura,
Mas a pouca fiel victoriosa
Toda em salvo ficou, livre e segura)
Até que o mar tornou a entrar no Rio
E fez com que nadar pôde o navio.

XL.

Isto seria então (se não me enleio)
Bem duas horas antes que o Sol chegue
Daquelle arrebatado curso ao meio
Com que forçado a nona Esphera segue.
Tanto que á galeota a maré veio,
Com quanto a grãa tormenta inda a persegue
Dos ventos, quer vencer a pertinacia
Quem dos Mouros venceo a contumácia.

XLI.

O Marinheiro esperto a vella estende
Que sentindo do vento a grãa braveza
Com tal furia o navio as ondas fende
Que á Cidade vai ter com grãa presteza.
O Silveira mil graças ao Ceo rende,
Mil louvores á invicta fortaleza
Da pouca gente, que com forte braço
A tanto resistio tão largo espaço.

XLII.

Vendo a imiga gente de Cambaia
Em salvo os Christãos ir tão apartados,
Deixando cheio o Rio, e cheia a praia
Dos seus corpos sem almas não vingados,
Ora se acende mais, ora desmaia,
Porém todos confusos e pasmados
De fazerem tão poucos tal estroço
Em tristeza convertem o alvoroço.

XLIII.

Tornão-se logo ao seu alojamento
Quiçá com mais temor que confiança,
Menos sentindo a perda e o detrimento
Que não tomarem delle grãa vingança.
Mas como não consente meu intento
Que eu faça n'hum logar longa tardança,
Fiquem-se estes chorando sua tristeza
Que eu d'aqui lá me vou á fortaleza.

XLIV.

Pouco ha que a minha historia vos dizia
Que o famoso Silveira antes mandára
Trazer lá da Ilha toda a artilharia
Que para a defender nella espalhára,
(A qual disse tambem que a covardia
Dos Christãos aos imigos entregára)
Para que co'o favor que ella lhe désse
Defender a Cidade então pudésse.

XLV.

Vendo-a agora em poder da imiga gente,
E não sómente em vão ir seu conceito
Mas que faz que aos imigos se accrescente
O poder, e que o séu tenha defeito,
Menos medroso assaz que descontente
D'hũa grãa confusão se lhe enche o peito,
Mil cousas differentes imagina
Mas em nenhũa emfim se determina.

XLVI.

Determina porém aconselhar-se
Que o bom conselho as menos vezes erra,
E para isto poder effeituar-se
Co'a pressa que convem naquella guerra,
N'hum secreto logar faz ajuntar-se
A Fidalguia toda que ha na terra,
E dos outros qualquer de quem se sabe
Que aconselhar naquillo bem lhe cabe.

XLVII.

Perante todos diz que elle ordenava
Que fosse na Cidade recolhida
A artilharia toda que lá estava
Polos logares da Ilha repartida,
Porque poder com ella imaginava
Ser do imigo a Cidade defendida,
E da Ilha a defensão (que he tão custosa)
Não ser ja necessaria, e ser daminosa.

XLVIII.

Porém pois permittio o Rei que mora
Lá na Eterna e Suprema Claridade
Que cobrasse a cruel gente que adora
Do profano Alcorão a falsidade
A artilharia toda, só n'hũa hora,
Com que então defender quer a Cidade,
E tambem os navios que a trazião,
Agora vissem nisto o que farião.

XLIX.

Com pouca altercação, pouca contenda
Este negocio foi averiguado,
Porque entre elles não ha quem al pertenda
Que o bem commum sem animo damnado:
Nenhum approva então que se defenda
A Cidade, mas foi determinado
Por todos, que se deixe á gente imiga
Sem haver hum só que isto contradiga.

L.

Não move hoje arreceio aquelles peitos
Que nunca a mesma morte arreceárão,
Mas por justas rasões, justos respeitos
Defender a Cidade reprovárão.
Sómente aquelles são illustres feitos,
Aquelles seu author sómente honrárão
Que a rasão e a prudencia têe por guia,
Não hũa temeraria valentia.

LI.

A rasão disto foi, vêr que convinha
Que lá da fortaleza se tirasse
Parte da artilharia que em si tinha
Com que a Cidade então se sustentasse;
A qual como era pouca, e mal sustinha
A fortaleza só, se se espalhasse
E por ambas as partes se reparte
Fica sem defensão hũa e outra parte.

LII.

Via-se na Cidade juntamente
Para se defender tamanho espaço,
E que era alli tão pouca a Christãa gente
E provida tão mal de corpos d'aço
Que poderia ser mui levemente
Por mais forte que tenha e duro o braço
Que desta defensão causa nascesse
Por onde a fortaleza se perdesse.

LIII.

Estas e outras rasões que se aqui derão
A que outras em contrario não se achavão,
Tanto os peitos então satisfizerão
De todos os que alli juntos estavão,
Que todos a hũa voz juntos disserão
Que a defensão de todo reprovavão
Da Cidade, entendendo que este feito
Mil graves damnos traz, nenhum proveito.

LIV.

Nesta hora sendo ja toda a profana
Gente lá dentro na Ilha recolhida,
Agora que não he da Lusitana
Gente, como pouco antes, defendida,
Sahem de lá (se a vista não me engana)
De cavallo tres mil, gente escolhida,
E dos que vem a pé grãa quantidade,
E vão dar vista junto da Cidade.

LV.

Vendo a gente infiel que nella mora
Quão perto estes alli lhe apparecião,
Por mil partes bandeiras logo arvora
Que a profana divisa descubrião,
Dando muitos signaes aos que estão fóra
Do que dentro seus peitos escondião,
Que o peito alvoroçado, e mal qnieto
Não sabe o seu conceito ter secreto.

LVI.

Gerou-se-lhe d'aqui tal ufania
Que causárão na terra alguns insultos,
Virão-se em muitas partes neste dia
Ajuntamentos grandes e tumultos,
D'onde bem claramente se entendia
Que em habitos pacificos e occultos
Em si a Cidade então grãa cópia encerra
De gente imiga usada a andar em guerra.

LVII.

E porque ja fazia fundamento
De deixar a Cidade o grão Silveira,
Manda alguns que co'a força do elemento
Que nas veias está da pederneira,
Com grande brevidade, e com grão tento
Huns navios que estão lá na ribeira,
Que da chumbada faia são levados
Deixassem consumidos e gastados.

LVIII.

E manda que de lá se não tornassem
Até que hũa assaz grande quantidade
D'enxofre e de salitre não queimassem
Que n'hum dos armazens ha da Cidade;
Materias infernaes, que se faltassem
Faltaria tambem a crueldade
Da polvora infernal ruinadora
Com que a morte se fez tão grãa senhora.

LIX.

Partem-se logo aquelles que então tinha
Mandado o Capitão para este feito,
Quem erão não descobre a historia minha
Porque os não conheceo, porém do effeito
Se verá que não têe quanto convinha
Constante, valeroso e forte peito
Para isto que lhes foi encommendado,
Qual foi dos Portuguezes sempre usado.

LX.

Chegão lá ao logar onde apparecem
Os navios ao fogo condemnados,
Arteficios de fogo não fallecem
Mas fallecem então peitos ousados:
Estes a seu temor mais obedecem
Que ao que por mil rasões são obrigados,
Faz-lhes isto desejar com grãa presteza
Tornarem-se outra vez á fortaleza.

LXI.

Deste tão vil desejo combatidos
Tão mal neste negocio se ordenárão,
Que com quanto assaz vão apercebidos
Para isto que tão mal effeituárão,
Nem os seccos navios bem ardidos
Nem o enxofre e o Salitre então ficárão,
Sendo materias todas em que a ardente
Chamma faz seu officio facilmente.

LXII.

Á fortaleza emfim se recolhêrão
Estes, que vida mais que honra querião,
Onde o Silveira e os mais os recebêrão
Co'o gasalhado que elles merecião.
Os navios com tudo o mais vierão
Taes em mãos dos imigos, que podião
Inda delles assaz aproveitar-se.
Mas meu canto ao Silveira quer voltar-se.

LXIII.

Toma este varão forte em companhia
Dos que comsigo têe cincoenta pares,
Entra pola Cidade, e onde se via
Ajuntamento algum (que he em mil logares,
E os mais nas partes onde armas havia)
Huns faz pola garganta erguer nos ares,
D'outros as miseraveis almas lança
Polas portas que lhes abre a tesa lança.

LXIV.

Mas nem erguido no ar recebe a morte,
Nem foi então com lança trespassado,
Senão sómente aquelle a quem a sorte
Adversa permittio que fosse achado
Em habito de guerra, igual ao forte
Esprito de que estava acompanhado;
Mas mais valêra então tê-lo covarde
Que rendido quiçá fôra mais tarde.

LXV.

Manda tambem Silveira que dos vivos
Que sua habitação alli tivessem
Sós quatro Mercadores vão captivos
Da terra os principaes, não porque dessem
Estes algũas causas ou motivos
A algum ajuntamento, ou o soubessem,
Mas porque succeder males podião
Que com elles quiçá se curarião.

LXVI.

Acabado isto assi como aqui digo
Á fortaleza faz recolhimento
O Silveira co'os seus, sem que perigo
Lhe succedesse algum, ou detrimento.
Os Mercadores lá leva comsigo
Aos quaes mandou fazer bom tratamento,
E usando emfim com elles piedade
Depois do cerco os pôz em liberdade.

LXVII.

O que daquelle dia inda faltava
Por passar, se gastou quietamente,
Porém tanto que a luz que alumiava
A terra, se escondeo lá no Occidente,
Logo a gente infiel que dentro estava
Na Cidade, áquel'outra infiel gente
Que estava fóra della agasalhada
Descubrio que ella estava despejada.

LXVIII.

Com alvoroço grande, e com grão gosto
Este recado então foi recebido
Do Cambaio esquadrão, porque disposto
Cuida que tẽe o imigo a ser vencido.
Logo para a Cidade muda o posto,
Onde foi dos de dentro recolhido
Com cousas que á tristeza são contrarias,
Tanger, cantos, folias, luminarias.

LXIX.

E porque hũa sacrilega e maldita
Seita, de que elles são adoradores,
A louvarem Mafoma os move e incita
Por serem tão sem damno vencedores,
Visitão ora hũa, ora outra Mesquita,
Onde lhes dão por isto mil louvores,
E nelles tambem dura este exercicio
Até que torna o Sol a seu officio.

LXX.

Tanto que estes louvores acabárão
Em damno dos Christãos logo entenderão,
Que este acto por tão pio então julgárão
Como est'outro que pouco antes fizerão.
Logo algũas bombardas assentárão
Daquellas que os Christãos antes perderão,
Junto d'hum caes que estava edificado
Lá onde o Mandovim he nomeado.

LXXI.

Fronteiro ao baluarte que defende
O mar, este logar posto se via,
Porém ao baluarte não pertende
Damnar agora aquella artilharia;
Sómente seu furor então acende
Lá contra a embarcação que defendia
Lopo de Sousa, e algũas fustazinhas
Que á fortaleza então erão vizinhas.

LXXII.

E em se mostrando o Sol lá no Horizonte
O Cambaio furor mais não aguarda,
E a damno dos Christãos que tẽe defronte
Logo o aceso murrão chega á bombarda;
Sahe o estrondo, retumba o valle e o monte,
O pelouro traz elle pouco tarda,
Que contra as fustas leva seu caminho
E contra a galeota do Coutinho.

LXXIII.

Não foi de todo em vão e sem proveito
Desta gente infiel o imigo intento,
Que o pelouro cruel vai tão direito
Que duas fustas manda ao fundo assento.
Recebe a galeota neste feito
Alguns tiros, com pouco detrimento,
Mas nos que são nas fustas companheiros
Perdem a vida alguns dos Marinheiros.

LXXIV.

Passado este combate não repousa
O dia inteiro a gente Portugueza,
Mas tambem se dispõe a fazer cousa
Que aos imigos fará pôr-se em defeza.
O Capitão mandou Gaspar de Sousa,
Nobre varão, a quem a mór empreza
Se póde encommendar com confiança,
Que ponha a sua gente em ordenança.

LXXV.

E apoz alguns Christãos faça a jornada
Que têe de seu favor necessidade,
Os quaes tendo antes fóra sua morada
A pressa de se vir, e a brevidade
Fez que de cada hum fosse deixada
Lá fóra, essa pobreza e pouquidade
De que se sustentava, e agora estuda
Torna-la a recolher com sua ajuda.

LXXVI.

Parte logo o varão forte e animoso
E aos roubados Christãos leva comsigo,
A muitos inda então foi proveitoso
O seu favor, porém não sem perigo;
Porque como depressa, cubiçoso
Polas casas andasse ja o imigo,
Alguns Sousa matou, e da sua gente
Poucos feridos vão, morre hum sómente.

LXXVII.

Mas como o tempo ja vejo ir chegando
Do cerco, que na mão me pôz a pena,
Lá aonde o Portuguez não descansando,
Com perda dos imigos não pequena,
O seu grão nome foi eternisando;
Descubrir-vos tambem meu canto ordena
O logar em que o seu pendão arvora
O que honra a Mafoma, e o que a Christo adora.

LXXVIII.

Aquelle Italiano renegado
Que os Cambaios moveo a esta crueza,
De quem atraz ja tenho declarado
O nome, a patria, a vida, a natureza,
Lá no logar que disse ser chamado
O Mandovim, que he junto á fortaleza,
Então da sua estancia pôz o assento
E do seu esquadrão o alojamento.

LXXIX.

Alucão, que o poder e o mando tinha
Geral em todo o campo, lá se encerra
Nas casas que antes forão da Rainha
Que o misero Baudur lançou na terra;
Que estão n'hum logar alto, qual convinha
Á sua antiga idade, a quem a guerra
(Que sempre a inquietações está sujeita)
He mal conveniente e mal acceita.

LXXX.

O Silveira entre tanto não repousa,
Tambem suas estancias lá reparte;
A Gonçalo Falcão, o qual tudo ousa,
De São Thomé encommenda o baluarte;
D'outro que he mais pequeno, ao forte Sousa
Cujo nome he Gaspar, e que na parte
Está posto, onde o canto está do Rio
Deu a Capitania, e o Senhorio.

LXXXI.

Não reparte isto assi, porque arreceia
Que a gente imiga que alli tẽe presente
De tanto esforço e esprito seja cheia
Que combater a fortaleza tente;
Mas porque estes logares que nomeia
Então para guardar á sua gente
Lhe dêem em que se occupe, e em que ja entenda,
E assi mais se alvoroce, e mais se acenda.

LXXXII.

Aquelle illustre Lopo e valeroso
Que das alcunhas tẽe Sousa a primeira,
Na occupação geral não he ocioso
Tambem lhe dá em que entenda o grão Silveira,
Porque então hum negocio perigoso
Com a gente que segue a sua bandeira,
Em que se ha d'occupar, lhe põe diante
Assaz aos Portuguezes importante.

LXXXIII.

Manda que quantas vezes os dourados
Raios do habitador da quarta Esphera
Vir nos cumes dos montes espalhados
Que escondidos no mar antes tivera,
Do Cambaio furor sejão guardados
Por elle aquelles, cujo costume era
Da sede defender huns peitos fortes
Polos quaes defendidos são das mortes,

LXXXIV.

Mas como esta commum necessidade
Tẽe remedio n'huns poços que lá estavão
Pegados com as casas da Cidade,
E aquelles que então a agua acarretavão
São moços, e mulheres, onde a idade
E o medo natural fraqueza davão;
Perigoso logar, gente covarde,
Forçado lhe he que leve quem a guarde.

LXXXV.

Nem he só desta inhabil gente o officio
A de guerra fazer com que agua tenha,
Mas juntamente tẽe por exercicio
Daquellas mesmas casas trazer lenha;
As quaes com militar, douto arteficio
Se mandão derrubar, porque não venha
Hum tempo em que aos Christãos sejão damnosas
Por estarem em partes perigosas.

LXXXVI.

Porém com quanto assola, e a terra deita
Estas casas a gente Portugueza,
Inda o imigo assáz dellas se aproveita
Quando a furia depois foi mais aceza.
O esforçado varão contente aceeita
Aquella, inda que dura, honrada empreza,
Sahe cada dia ao campo, e com seu braço
Faz agua e lenha sahir sem embaraço.

LXXXVII.

Neste exercicio vai continuando
Com perda dos imigos, sem seu dano,
Porém inda até então accrescentando
Bem pouca gloria ao nome Lusitano;
Até que aquelle dia chega, quando
A vigilia a Igreja traz cada ano
Do dia em que a fecunda Virgem Santa
Ao Reino de seu Filho se levanta.

LXXXVIII.

Sahe neste dia o Sousa a dar ajuda
(Como em todos os outros costumava)
Á gente popular, fraca e miuda
Que d'agua e lenha o forte sustentava;
E como assi no mal do imigo estuda
Como no bem daquelles que guardava,
Vendo bom tempo então para este intento
Não quer delle perder hum só momento.

LXXXIX.

Vê que algũa daquella gente imiga
Que de Cojaçofar segue o estandarte,
Solta, e sem Capitão a que então siga,
Sem ordem, d'hũa vai para outra parte;
Trava logo com ella áspera briga,
Com furia que temor puzera em Marte;
Muitos delles sem vida alli ficárão,
E os mais em sangue envoltos, se salvárão.

XC.

Os tenros pintainhos que apartados
Acaso estão da mãe, picando a terra,
Sendo da imiga ave salteados
Que hum deixa ensanguentado, n'outro afferra,
Os que escapão não vão tão apressados
Até que a mãe nas azas os encerra,
Como estes vão em quanto os não recolhem
Os arraiaes dos seus, aonde se acolhem.

XCI.

Porém depois que lá dentro se mettem
Trabalhão desculpar sua fraqueza,
O desmando hũa vez e outra repettem
Dos que sahírão lá da fortaleza:
Hũa victoria certa aos seus promettem
Se os Christãos vão buscar com grãa presteza,
Que o numero pequeno, e o grão desmando
Os começão ja d'ir desbaratando.

XCII.

A esta nova se abala o campo inteiro,
D'hũa parte para outra a gente tece,
E com tal furia sahe, qual o ribeiro
Traz, que no inverno lá do monte dece;
E como nenhum quer ser derradeiro
Em tanta quantidade a gente crece,
Que quem nella quizera pôr o tento
Bem vira que era quatro vezes cento.

XCIII.

Este grosso esquadrão se vai direito
Ao pequeno esquadrão do Sousa imigo,
Que para este importante e duro feito
Quatorze homens sós têe então comsigo;
Mas sabendo que têe tão forte peito
Que não duvidarão o mór perigo,
Não sómente então trata d'espera-los
Mas presume tambem desbarata-los.

XCIV.

A causa porque o Sousa então se via
De tão poucos dos seus acompanhado,
Em parte onde o perigo requeria
D'hum esquadrão bem grosso e bem armado,
He porque dos de sua companhia
Outros quarenta lá tinha espalhado
Na Cidade, porque segura venha
A gente que agua della traz e lenha.

XCV.

Mas como aquella rua de que tinha
Elle a guarda, era estreita e defensavel,
E vê que tẽe os seus quanto convinha
Ousado coração, braço incansavel,
A gente de Cambaia, que visinha
Ja alli tẽe (com quanto era innumeravel)
Quer commetter, que ja mal se defende
Do grão furor que dentro o move e acende.

XCVI.

Nesta sua tão alta confiança
Mais ousada quiçá do necessario,
O conselho fez pôr qualquer tardança
D'hum, cujo voto disto era contrario.
Sousa vendo que nunca gloria alcança
Quem segue hum apetite temerario
E dá ao siso as costas, e á prudencia,
Deu então ao conselho obediencia.

XCVII.

O que tambem então fez ser seguido
O voto do que atraz vos tenho dito,
Foi ter-se por mil provas conhecido,
Seu siso, seu valor, seu grande [illegible]
Quem delle quer saber nome e ap[illegible]
E o que disse, lá ávante o tẽe escrito,
E lá achareis tambem disto o succésso,
Agora perdoai se hum pouco césso.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XII.

Lopo de Sousa Coutinho desbarata os imigos. A armada dos Turcos chega a Diu. Dá-se a rasão porque esta armada veio á India. E contão-se algumas cousas particulares que succedêrão no meio de sua navegação.

I.

Quamanhos feitos ja, quão necessarios,
E da victoria assaz certeficados,
Por vãa gloria de peitos temerarios
Vimos de todo ser desbaratados.
Querer [illegible] houve ja que dos contrarios
Forão soberbamente despresados,
A que o conselho deu não só victoria
Mas quasi sem seu damno eterna gloria.

II.

Claramente mostrou a experiencia
Que sempre têe mais prosperos effeitos
Os poucos que se vão traz a prudencia
Que os muitos que á soberba vão sujeitos:
D'onde se mostra com clara apparencia
Que a prudencia val mais que os fortes peitos,
E que he mais para as guerras necessaria
Que a multidão com guia temeraria.

III.

Disse atraz que hum varão forte e prudente
Hum pouco fez deter o Sousa ousado,
Que para commetter a imiga gente
De todo estava ja determinado:
Se quereis conhecê-lo claramente
Sabei que o seu nome he Simão Furtado,
O qual nos grandes feitos sempre alcança
Grãa gloria co'o conselho e com a lança.

IV.

Este algum tanto o Sousa fez co'a sua
Pequena companhia então deter-se,
Até que dos imigos cheia a rua
Das suas armas possão mal valer-se:
E possivel será que elle os destrua
Por quão mal assi podem defender-se,
Que grande multidão em campo estreito
Aos muitos damno, aos poucos he proveito.

V.

Approva o Sousa, e acceita este conselho,
Dá por elle ao Furtado mil louvores:
E vendo que assi tẽe grande apparelho
Para os seus poucos serem vencedores,
E fazerem, sem damno, o chão vermelho
Co'o sangue dos Cambaios cercadores,
Manda que páre a sua companhia,
Obedece ao conselho a valentia.

VI.

Refreando dest'arte o forte braço
Aceso então d'esprito mais que humano,
A gente Christãa pára algum espaço
Para vencer depois com menos dano,
Até que de Cambaia o luzente aço
Faminto assaz do sangue Lusitano,
Mostrando ja por obra esta vontade
Lhe põe de combater necessidade.

VII.

Vendo a gente infiel que a Portugueza
Do logar em que está não passa ávante,
Como tanto então vem em odio aceza,
Quanto brava, feroz, quanto arrogante,
Querendo ja dar fim áquella empreza
A que cuidava dá-lo n'hum instante,
Alguns delles subindo-se aos telhados
D'alli vão commetter os baptisados.

VIII.

Ja agora o nobre Sousa bem entende
Que a mór prudencia he usar d'espada e lança,
E que quanto em mór furia então se acende
Da victoria terá mór esperança :
E vê que se ja então se não defende
E naquelle logar faz mais tardança,
Os poucos que alli tẽe menos serião
E aos imigos peior resistirião.

IX.

Desta necessidade estimulado
E mais do natural esprito duro,
Co'os poucos de que vai acompanhado
Com cujo esforço se ha por bem seguro,
Co'o furor com que Boreas bravo e irado
Encontra o novo fructo, mal maduro
Que cahe da planta, e fica murcho em terra,
Os imigos commette que a rua encerra.

X.

Qual com a tesa lança então daquella
Gente infiel o imigo sangue espalha,
Qual sobola cabeça ergue a rodella
E lá por baixo fende, fura e talha :
Ja d'hũa mortal côr, triste e amarella
Se vê cuberta aquella vil canalha,
Que correr do seu sangue vê infinito
E os Portuguezes sãos com novo esprito.

XI.

Porque como a rua onde pelejavão
Não soffre multidão tão copiosa,
A mesma multidão, em que escoravão
Depois lhes veio a ser a mais damnosa:
E como os Portuguezes bem bastavão
Para outra empresa mór, mais perigosa,
Do esforço e do logar favorecidos
Pouco he se seus imigos são vencidos.

XII.

Breve espaço durou esta contenda
Entre estes esquadrões em tudo varios,
Não ha entre os infieis quem ja pertenda
Mais que escapar das mãos de seus contrarios:
Ja nenhum delles ha que se defenda,
Os que não fogem se hão por temerarios,
Porque todo o que quiz mostrar-se forte
Virão entregue em mãos da cruel morte.

XIII.

Em mãos da cruel morte entregue virão
Todo o que quiz mostrar rosto direito,
Por onde com mór medo se retirão
Do que trouxerão antes forte peito.
Oh quantas vezes chorão e suspirão
Porque aquelle logar he tão estreito,
Pois quanto lhes dilata esta fugida
Tanto cresce o perigo de sua vida.

XIV.

Mas como o grão temor, o grão perigo
As forças corporaes sempre accrescenta,
Os que mais perto estão do ferro imigo
Por poderem fugir a esta tormenta,
Naquella estreita rua, que atraz digo,
Que ante os olhos a morte lh'apresenta,
Empuxão com tal força os dianteiros
Que os fazem dar caminho aos derradeiros.

XV.

Sahida ao campo largo a fraca gente
Com furor se defende impetuoso,
Não co'a força cruel do aço luzente
Meneado do braço valeroso;
Os pés a defensão fazem sómente,
O mais ligeiro se ha por mais ditoso,
Que em meio d'hũa morte descuberta
Este cuida que a vida tẽe mais certa.

XVI.

Empresta-lhe então forças a fraqueza
Vendo que está sua vida em ir ávante,
E assi corre com tanta ligeireza
Que alcançar o navio era bastante
Que recolhe na vella a grãa braveza
Ou d'Aquilo, ou de Noto, ou de Levante;
O Marinheiro a rija escota encolhe,
Divide a proa o mar, e algum recolhe.

XVII.

Mas nem este veloz curso ligeiro
Que pudéra deixar atraz o vento
Os levou tanto em salvo, que primeiro
A trinta do Cambaio ajuntamento
Não mostrasse alli o dia derradeiro
O braço Portuguez sanguinolento,
E outros tantos abrisse a dura espada
Por mil partes ao sangue larga estrada.

XVIII.

Não succede aos Christãos igual o dano
Que em tudo o mais tẽe grãa desigualdade,
Que o Sousa, do subtil ferro profano
Na perna esquerda sente a crueldade;
Hum Pagem seu, do raio soberano
Só n'hum olho recebe a claridade;
A outro homem hũa perna nesta affronta
Tambem penetra do aço a subtil ponta.

XIX.

Com este pouco custo esta gente houve
Hũa rara victoria nunca ouvida.
Não queiras, gente minha, que eu te louve,
Louve-te a tua espada não vencida.
Tanto que o costumado signal ouve
Sousa, que a recolher-se ja o convida,
Deixa todo o furor, deixa toda a ira,
Co'os seus á fortaleza se retira.

XX.

Onde com grão prazer, grande alegria,
Com mil graças ao Ceo, a elles louvores,
O Silveira co'a sua companhia
Recebe os gloriosos vencedores:
Os feridos entrega á cirurgia,
Os sãos a outros trabalhos não menores,
E tanto agrada ao são trabalho novo
Quanto ao ferido pannos, oleos, ovo.

XXI.

Em quanto a enferma perna ao Sousa ousado
Continuar o seu officio impede,
(Dôr, de que então se vê mais lastimado
Que da outra que da chaga lhe procede)
Ora o Falcão, Gonçalo nomeado
Ora Caspar de Sousa lhe succede
Naquella guarda que antes elle tinha
Que a qualquer destes dous assaz convinha.

XXII.

Hum dos dias que a guarda estava dando
Este que Sousa têe por sobrenome,
E d'hum dos pios Magos, que guiando
Veio a Belém a Estrella, têe o nome,
Acaso succedeo que pelejando
Hum discreto e entendido Mouro tome,
Que d'entre as crueis mãos, d'entre a braveza
Dos seus, vivo levou á fortaleza.

XXIII.

D'hũa e outra parte vem correndo a gente
Grãa cópia em derredor delle se ajunta,
O Mouro que ha que a morte tẽe presente
Se cobre d'hũa negra côr defunta:
O Silveira de vê-lo assaz contente
Por novas que lhe importão lhe pergunta,
Do exercito que está lá na Cidade
E dos Rumes se ha algũa novidade.

XXIV.

O Mouro, a que o benigno tratamento
Que no Silveira achou, ja anima e move
A que o calor vital, o esprito, o alento
Que co'o temor perdeo, se lhe renóve,
Perante aquelle nobre ajuntamento
Responde que mil vezes dezenove
Soldados a Cidade dentro encerra
Que alli trouxe Alucão para esta guerra.

XXV.

E que a principal causa, e confiança
Com que fazer aquella guerra vinhão
Era só hum sentimento, hũa esperança
Que da vinda dos Rumes então tinhão;
Com cujo só favor, com cuja lança
Ja agora nesta guerra se sustinhão,
Com quanto se não tẽe por certa ainda
A nova que lhe dão lá desta vinda.

XXVI.

Porque a que lá se sabe sómente era
Haver tres dias sós que se soava
Que a Mangalor ter hũa náo viera,
Cidade de Cambaia, que o mar levava,
E que a gente que nella vem dissera
Que em Adem hũa grossa armada estava,
A qual hũa grãa cópia em si trazia
Dos soldados que á terra deu Turquia.

XXVII.

Porém que se não tinha lá por certo
Isto que se dizia desta armada,
Porque entre os seus não era descuberto
Author, de que esta nova fosse dada.
Não disse mais, mas o Silveira esperto
Com isto que ouve só, não deixa nada
Do que á defensão cumpre, porque entende
Quão mal o descuidado se defende.

XXVIII.

O triste Mouro foi logo levado
Receioso inda assaz d'hum grão perigo,
Onde estão os que pôz no mesmo estado
Ou sua fraqueza, ou o esforço imigo.
Foi nisto o enfermo Sousa restaurado
Á saude da perna, e ao cargo antigo,
Sem replica dos dous que tenho dito
Que tẽe a confiança igual ao espirito.

XXIX.

Torna a continuar o que deixára
Sousa até então por sua enfermidade,
Até que hum dia achou que se lançára
De mortal rosalgar grãa quantidade
Nos poços, com cuja agua costumára
Remediar-se a commum necessidade;
Faz isto com que mais agora tarda
Esta atégora tão frequente guarda.

XXX.

Entre tanto tambem d'hũa e outra parte
A grossa artilharia assaz trabalha,
Porque o canhão cruel que o baluarte
Da villa, e a fortaleza em si agasalha,
Lá naquelles que seguem o estandarte
De Cambaia infiel, grãa cópia espalha
De pelouros perdidos, mas não tanto
Que aos imigos não tragão damno e espanto.

XXXI.

Mas se a alguns infieis a vida tirão
Tambem isto fez damno á fiel gente,
Porque em tiros perdidos consumirão
Grãa cópia da cruel polvora ardente,
De que grãa falta assaz depois sentirão
Sendo a necessidade mais urgente.
Tambem sóltão sua furia os canhões Mouros
Mas fazem pouco damno os seus pelouros.

XXXII.

Nestes tão livres feitos foi passando
Todo o mez em que a luz que a terra aquenta
Os menstruaes hospicios visitando
D'Erigone na casa se aposenta.
Então ja lá no Oriente moderando
Vai o inverno a cruel brava tormenta,
E ja lá a embravecida onda salgada
Soffre da aguda proa ser cortada.

XXXIII.

E vendo o Capitão que a grãa braveza
Do mar ja se sujeita á subtil proa,
Despacha hum que se vá com grãa presteza
Ter co'o Governador lá dentro em Goa,
E lhe diga o que cá na fortaleza
Até então succedeo, e o que se soa.
Parte-se o Mensageiro diligente,
Faz quanto lhe he mandado brevemente.

XXXIV.

Sendo o Governador bem instruido
Do que passava em Diu, e se dizia,
E tendo do que ouvio bem entendido
Que soccorrer os nossos lhe cumpria;
Manda de gente hum numero escolhido
Qual hum tempo tão breve permittia,
Alguns de illustre sangue, outros de menos,
Porém todos d'espritos não pequenos.

XXXV.

Entre tanto o Silveira, a que então dava
O que da armada ouvíra, hum grão cuidado,
Hũa fusta manda ir, quando ja andava
No cabo o mez que atraz tenho contado,
Lá contra Mangalor, a vêr se achava
Nova de virem Rumes, ou recado,
Dos quaes se começava a ter mais certo
Sentimento, e signal mais descuberto.

XXXVI.

Parte logo o subtil veloz navio
A cumprir o que então a cargo tinha,
Miguel Vaz nelle o mando e senhorio
Leva, segundo alcança a historia minha;
Esprito de temor assaz vazio.
Fende a proa a quieta onda marinha,
Nem o favor do vento lhe fallece,
Que tudo a seu intento favorece.

XXXVII.

Poucos dias no mar a vella sólta
Logo acha do que busca nova certa,
Para onde traz a popa a proa vólta,
E mais ligeira então, e mais esperta
Lá de Diu outra vez se faz na vólta.
E a quatro de Setembro descuberta
Foi lá da fortaleza a sua vinda,
Com quanto de bem longe se vê ainda.

XXXVIII.

Vê-se logo tambem grãa quantidade
Dos que em Mafoma têe a confiança,
Nos logares mais altos da Cidade
D'onde a vista mais longe o raio lança,
Como que vêem algũa novidade
Que inda da fortaleza não se alcança:
Desejão os Christãos, que isto não vião,
Descubrir o que os Mouros descubrião.

XXXIX.

Mas como as altas rochas que correndo
Ao longo vão alli da brava costa,
Tanto lá para o Ceo se vão erguendo
Que a fortaleza fica abaixo posta,
Os Christãos não podião gostar, vendo
O de que a infiel gente vendo gosta,
Que têe lá na Cidade tanta alteza
Que deixa muito atraz a fortaleza.

XL.

O natural desejo d'hũa parte,
D'outra aquelle tão alto impedimento,
Nova altura buscar faz e nova arte
Aos Christãos para o fim de seu intento.
Acaso estava então no baluarte
De São Thomé hum mastro, onde o vento
Tremulava hum pendão, em que a pintura
Descuberta, da Cruz tinha a figura.

XLI.

E como era este mastro tão comprido
Que do mais alto delle bem podia
Descubrir-se o que então tinha escondido
A alevantada rocha e penedia,
Não faltou então hum tão atrevido,
E de vêr desejoso o que não via,
Que a subi-lo se atreva, e que o tentasse,
E que este seu intento effeituasse.

XLII.

Mas para que podesse dar effeito
A esta difficuldade que pertende,
Junto co'os pés e mãos este direito
Mastro, aquelle atrevido logo prende;
Ja com grãa força o abraça, e o chega ao peito,
Ora se encolhe todo, ora se estende,
E caminhando ao Ceo desta maneira
Não pára senão lá junto á bandeira.

XLIII.

Ao mais alto do mastro emfim subindo
As altas rochas ja lhe obedecião,
Então ja elle tambem vai descubrindo
O que antes sós os Mouros descubrião.
Diz que sete navios vir abrindo
Lá da parte da Arabia o mar se vião,
E que mais emmarada vê outra fróta
Que trazia tambem a mesma róta.

XLIV.

Cria entre todos esta novidade
Hũa inquietação, hum rumor brando,
Qual de navios vê grãa quantidade
N'outra parte, e co'o dedo os vai mostrando,
Qual jura, qual affirma, por verdade
O que o juizo lhe está representando,
Qual serem Turcos diz, e certefica,
O que quiçá o temor lhe prognostica.

XLV.

Dura esta confusão em quanto a armada
Mal se divisa, e mal inda apparece,
Porém tanto que foi bem divisada
Ser de Turcos ja claro se conhece;
Que a cópia de navios que a chumbada
Faia leva (que assaz grande parece)
Lhe certefica e mostra claramente
Que não era esta armada d'outra gente.

XLVI.

Apoz isto tambem chega a ligeira
Fusta, a qual a esse effeito antes mandára
(Como ja disse atraz) o grão Silveira,
E que pouco antes ja se divisára;
Esta, a nova máis certa e verdadeira
Da armada que se via, então declara,
E diz que aquelles mesmos Rumes erão
Que tantos annos ha na India se esperão.

XLVII.

E porque elle ainda assi se não contenta
Destas novas, que em summa tinha dadas,
Cinco galés reaes sobre quarenta
Diz que deixa na armada bem contadas;
Cem outras, de que atraz vio com mais lenta
Força as marinhas ondas ser cortadas,
Que de muitos navios que lá via
De toda sorte, vem em companhia.

XLVIII.

Não perde hoje o Silveira aquelle esprito
Sempre na mór affronta mais ousado,
Antes com hum valor quasi infinito
Se mostra mais alegre e confiado:
Comtudo escreve logo hum breve escrito,
O que diz a ninguem he declarado.
Ao mesmo o dá que pouco antes viera,
E que as novas da armada lhe trouxera.

XLIX.

Diz-lhe que com ligeiro curso leve
Córte o mar, e de Goa siga a róta,
E que ao Governador o escripto leve
E lhe conte o que vio daquella fróta.
Não tarda Miguel Vaz, e em tempo breve
Levanta o ferro, ao mar o remo bóta,
E polo assento liquido marinho
Com grãa velocidade faz caminho.

L.

Porém como era ousado e verdadeiro
Quer de novo affirmar-se na verdade,
Com quanto tinha ja visto primeiro
Toda a fróta, com grã curiosidade:
E assi guia o veloz curso ligeiro
Não mui longe da grande quantidade
Daquellas infieis, imigas vellas,
Porque mais certo possa tratar dellas.

LI.

Neste tempo ja toda a armada vinha
Surgir com favoravel manso vento
Junto d'hũa Mesquita que alli tinha
Sobre o mar, lá n'hum alto seu assento,
Que vendo a Christãa fusta tão visinha,
Havendo-o por affronta, e abatimento,
Fazem doze galés traz ella a via
Para lhe castigar esta ousadia.

LII.

O forte Portuguez, que bem entende
Que se tarda, se perde, não desmaia,
Mas com tanta presteza as ondas fende
Quanta lhe empresta o linho, e a longa faia:
Tambem a imiga fróta, que pertende
Dar mostra hoje de si aos de Cambaia,
Estende o grão bastardo, a borda encolhe,
Para alcançar a fusta que se acolhe.

LIII.

Qual o ligeiro cervo perseguido
D'inimigos libres, d'imiga gente,
Que com hum importuno alto ruido
Dar-lhe morte cruel tratão sómente,
Co'o collo inda soberbo, e em alto erguido
Passa por monte e valle, em quanto sente
Nas costas o perigo, e a turba imiga,
Nem descansa em quanto ha quem o persiga:

LIV.

Tal vejo ir a ligeira fusta aguda
Dos navios imigos perseguida,
Que n'hum perigo tal que a côr lhe muda
Inda soberba vai, inda atrevida:
Mas por mais que trabalha, e mais que estuda
Mal pudéra hoje aos seus salvar a vida
Se não tivera o vento favoravel,
Sem o qual hia sendo indefensavel.

LV.

As profanas galés com tal presteza
O navio fiel vão perseguindo,
Que por mais pressa que usa e ligeireza
Parece ja que em balde vai fugindo.
Os Christãos que estão lá na fortaleza
Ja esta perda começão d'ir sentindo,
Que as galés infieis vêem ir tão perto
Que alcançarem a fusta tẽe por certo.

LVI.

Nem este seu receio os enganára
(Ou mal por conjecturas advinhão)
Se o vento que pouco antes ajudára
As imigas galés ao seu caminho
Aquelle sopro então não refreára
Com que antes hia inchando o Turco linho,
Não sei se de piedade, ou de correr-se
De anojar quem não póde defender-se.

LVII.

Cessa o curso veloz da armada imiga
Tanto que o favoravel sopro falta,
A fusta, que não têe quem a persiga,
Livre, com mór alento corre e salta:
A imiga gente, em quem a furia antiga
Crescendo agora vai com esta falta,
Não sente cousa então que tanto a anoje,
Porque a fusta Christãa das mãos lhe foje.

LVIII.

Mas porque este furor, este odio insano
Mais agora a estimula, acende, e inflama,
Por não lhe ficar cousa que hoje em dano
Não tente dos Christãos, que assi desama,
Chega o fogo ao cruel bronzo profano,
Sahe logo envolta em fumo a ardente chama,
Sahe traz ella o mortal ferro redondo,
Enche tudo de horrendo, bravo estrondo.

LIX.

Lá contra a Christãa fusta vai direito
Que d'entre a cruel morte antes fugira,
Mas nem isto tão pouco chega a effeito,
Arde o Turco de novo em odio e em ira.
A fusta, que de todo vê desfeito
O perigo em que pouco antes se vira,
Com mais quieto curso que o primeiro
Dá descanso, dá folego ao Remeiro.

LX.

Fende o mar com prazer, com gosto tanto
Quanto foi o perigo que antes tinha.
Mas cumpre deixa-la, porque em quanto
Ella fendendo vai a onda marinha,
Aos Turcos se converte este meu canto
Porque lá me manda ir a historia minha,
Onde com tal materia me convida
Que tambem dará gosto em ser ouvida.

LXI.

Sendo as doze galés desesperadas
De alcançarem a fusta que fugia,
Nem co'as vellas em alto levantadas
Nem co'os raios crueis d'artilharia,
Se tornão para as outras, que ancoradas
Estavão no logar, que atraz dizia,
O qual naquelle canto estava posto
Da Cidade que têe ao Sul o rosto.

LXII.

Porém esta pequena adversidade
Se paga com geral contentamento
De vêr-se, onde com grãa facilidade
Cuidão chegar ao fim do seu intento:
Cria isto lá entre a gente da Cidade
Diverso parecer, e pensamento,
De que varios effeitos se seguírão,
Como por obra então logo se vírão.

LXIII.

Alucão, que atraz disse que mandado
Por Capitão geral fôra da gente
Que tinha na Cidade gasalhado,
Sahe-se de dentro della incontinente
E vai-se á terra firme, acompanhado
De cinco ou seis mil homens tão sómente,
Porque conhece ja com grãa certeza
Dos Turcos a insoffrivel natureza.

LXIV.

O restante da gente (que estou vendo
Em sós treze mil homens concluido)
Na Cidade ficou, obedecendo
Ao infiel que em Italia foi nascido,
Digo Cojaçofar, que bem entendo
Que de todos assaz he conhecido,
E d'aqui não se aparta em quanto a guerra
A Turca gente faz naquella terra.

LXV.

Mas a rasão me move, antes me obriga
A que d'aqui meu canto hum pouco aparte,
Porque a causa da vinda aqui vos diga
Dos que do Turco seguem o estandarte,
E a causa porque veio a armada imiga
Mais a esta fortaleza que a outra parte:
Não demando attenção, porque eu espero
Que a historia por si alcance quanto eu quero.

LXVI.

Contado tenho atraz que o miseravel
Baudur, quando vivia, com receio
Que lhe hia sendo o Ceo mal favoravel,
Presago ja do mal que depois veio,
Mandou de ouro hũa cópia innumeravel,
Affirmão que tres contos são e meio,
A Judá, porque alli determinava
Fugir ao mal que quâsi advinhava.

LXVII.

E isto mandou entregue á confiança
Do nobre Acefarcão, fiel vassallo,
Que teve em seu poder tal segurança
Que melhor não pudéra segurallo:
Mas Baudur seu desejo não alcança
Que veio a cruel morte a salteallo
Co'as Portuguezas armas, e lhe vejo
Do seu receio o fim, não do desejo.

LXVIII.

Parte a Fama, e nos ares despregando
As azas, e a trombeta á boca posta,
O Estreito do Mar Rôxo vai passando
Quando a hũa parte, e quando a outra se encosta,
E a morte do Sultão vai publicando
Lá no secco sertão, na humida costa,
Nem aqui se detem, aqui se fica,
Mas tambem passa ao Cairo, e lá a publica.

LXIX.

Entregue então do Cairo era o governo
A Çoleimão Baxá, e mando inteiro,
Janizario, e daquelles a quem o Eterno
Rei, na terra chamou secco madeiro,
Que ja vassallo antigo, e mais interno,
Tambem da sua camara porteiro,
Foi de Sultão Selim, Senhor indino
Da Cidade que foi de Constantino.

LXX.

Porém este Selim então ja estava
Entre o fogo immortal, nunca apagado,
E Sultão Solimão senhoreava
Que do mesmo Selim fôra gerado,
O qual ja agora em parte escura e cava
Tambem a eterna morte he condemnado,
E seu filho Selim possue o Imperio
Com damno dos Christãos e vituperio.

LXXI.

Tanto que co'o metal que arremeda o ouro
Pola Fama, no Cairo foi sabido
O desestrado fim que o Sultão Mouro
Tinha dos Portuguezes recebido,
Manda logo o Baxá que o grão thesouro
Sem detença lhe fosse alli trazido
Que tinha Acefarcão em Judá junto
Por mandado do triste Rei defunto.

LXXII.

Receia Acefarcão, e não o nega
Que o que manda o Baxá ninguem o quebra,
Vem o thesouro ao Cairo, e se lhe entrega
Sem detrimento algum, sem perda ou quebra:
Depois que em vê-lo algum tempo se emprega
E ora se espanta delle, ora o celebra,
Ao Turco o faz saber com brevidade
Creio que com mais medo que vontade.

LXXIII.

O Turco lh'o agradece, e que elle o leve
Manda a Constantinopla em companhia,
O Baxá que hum temor não menos leve
Do que os outros delle hão, do Turco havia,
Se parte sem detença, e em tempo breve
Entra lá na Cidade para onde hia,
Ao Grão Turco o infinito ouro apresenta
Que de vê-lo se admira, e se contenta.

LXXIV.

E vendo que lá d'hũa terra estranha
E d'hum remoto Rei, assi lhe veio
D'ouro hũa quantidade tal, tamanha,
Sem guarda, sem perigo, sem receio,
Imagina que aquella que acompanha
No Reino o proprio Rei, será sem meio,
E que he lá muito mór a cópia d'ouro
Que a grande fama que ha do seu thesouro.

LXXV.

Sólta a rédea á cubiça, e o desatina,
Ja não acha logar o aceso peito,
Ja cego, vai seguindo o que imagina,
E da imaginação procura o effeito.
Oh cega condição, vil, baixa, e indina
De pessoa real, real conceito,
O qual (se não perverte a natureza)
He senhor, não escravo da riqueza.

LXXVI.

Faz o Turco ajuntar mais d'hum navio
Com que ordena hũa armada, grande e grossa,
Porque o seu peito aceso torne frio
E dos Cambaios bens farta-lo possa,
E para tomar da India o senhorio
Senhoreâda ja da gente nossa,
Havendo isto por pouco duvidoso
Que por facil ha tudo o cubiçoso.

LXXVII.

As novas desta armada, e o seu intento
Por alguns que a vida então deixárão
Vão ao centro da terra, e lá no assento
Averno, em breve espaço se espalhárão:
E d'huns n'outros correndo, n'hum momento
Ao Cambaio Baudur tambem chegárão,
Que estava triste assaz, por quão avesso
Tivera pola Inveja o seu successo.

LXXVIII.

Este, vendo que em vão fôra a passada
Obra da Inveja contra a Christãa gente,
Sendo com isto nelle então dobrada
A furia, e no peito o odio em dobro ardente,
Com a cabeça baixa, e derrubada,
Triste, e da companhia sempre ausente,
Imaginando está que modo tenha
Com que o seu máo intento a effeito venha.

LXXIX.

O sentido por cá, por lá derrama,
Mil modos de vinganças imagina,
Porém tanto a Christãa gente desama
Que em nenhuma se assenta ou determina,
Porque o odio insaciavel que lhe inflama
O infernal peito, tanto o desatina,
Que nenhũa vingança acha que farte
Do seu menor desejo a menor parte.

LXXX.

Tanto que agora lá foi descuberto
O que contra Cambaia o Turco intenta,
Inda que o mal dos seus têe por mui certo
Comtudo se alvoroça e se contenta;
Cuida que agora têe caminho aberto
De destruir a quem tanto o atormenta,
Dá-lhe da desejada sua vingança
A nova occasião, nova esperança.

LXXXI.

Mas vendo que não póde ser cumprido
O desejo que têe de novo agora,
Se tambem de Plutão favorecido
Não he desta vez, como fôra outr'ora,
A elle se vai, ja menos atrevido
E menos confiado que antes fôra,
Mas mais por isso humilde, a lingua envólta
Em vergonha e temor, dest'arte a sólta.

LXXXII.

Senhor, natureza he do triste e afflito
Que de remedio está necessitado
Importunar alli onde lhe he dito
Ou sabe que será remediado.
Natureza he tambem do grande esprito
Não negar o remedio importunado,
Antes de mór grandeza aquelle he cheio
Que mais vezes soccorre o mal alheio.

LXXXIII.

Ja te fui importuno, eu o conheço,
Sê-lo agora de novo não devera,
De ti recebi mais do que mereço,
Mas foi como quem és, não como eu era:
E se não foi o fim qual o começo,
Se inda agora consente a minha fera
Sorte, que o meu imigo o meu possua,
Fraqueza foi dos meus, não falta tua.

LXXXIV.

Porém nem isto allivia o grande peso
Deste odio que me acende o aceso peito,
Antes tanto o mais sinto agora aceso
Quanto menos a inveja teve effeito;
Tanto de odio e furor estou mais preso
Quanto te importunei mais sem proveito,
Nem sei se o rigoroso Radamanto
Castigo póde dar que doa tanto.

LXXXV.

Mas nem por isso eu ja te importunára,
Soffrêra antes meu mal que importunarte,
Se a nova occasião me não mostrára
Modo de me eu vingar, e de tu honrarte:
Bem sabes que o Grão Turco hoje prepára,
Porque o seu cubiçoso animo farte,
Soldados, Capitães, armas, navios,
Para conquistar da India os senhorios.

LXXXVI.

Manda a Cubiça pois, que mova e instigue
A Çoleimão Baxá para esta empreza,
E com promessas mil o acenda e obrigue
A fazer guerra á gente Portugueza;
Que impossivel será que não castigue
A Turca gente, de cubiça acesa,
A soberba Christãa, e que eu vingado
Não fique desta vez, e sem cuidado.

LXXXVII.

Por este meio cuido, antes sei certo
Que será satisfeito o meu desejo,
Pois dos Turcos não te he, creio, encuberto
O não vencido esforço, alto e sobejo;
E se esta occasião eu não acerto
Desesperado d'outra tal me vejo,
Acabe o que te peço hoje comtigo
O mal do teu vassallo, e o bem do imigo.

LXXXVIII.

O Stigio Rei, que nunca repugnancia
Para estas cousas tĕe, mas as acende,
Gabando-lhe outra vez a grãa constancia
Daquelle odio, e vingança que pertende,
Chama outra vez Megera, e com instancia
Lhe manda que se vá lá aonde entende
Que Pluto se agasalha, e que lhe diga
Que o Sultão obedeça nisto, e siga.

LXXXIX.

De novo ante Plutão se prostra o esprito
Pola nova mercê que lhe fizera,
E menos triste ja, menos afflito
Porque vingar-se largamente espera;
Não lhe soffrendo o seu odio infinito
A menor dilação, pede a Megera
Que ao que manda Plutão logo obedeça
E nisto com a pressa o favoreça.

XC.

Parte-se com veloz curso ligeiro
A furia tambem nisto diligente,
O esprito do Sultão por companheiro
Leva tambem agora juntamente;
O qual agora mais que de primeiro
Alvoroçado vai, ledo e contente.
Porque leva hũa grande confiança
Que ao seu odio igual terá a vingança.

XCI.

Mil vezes no caminho a furia incita
A que se desça á terra, imaginando
Que em qualquer dos logares que vê habita
A Cubiça que então hião buscando;
Porque segundo a todos sollicita
A sede d'ir o seu accrescentando,
Crê não só que a Cubiça alli estaria
Mas qualquer dos que vê crê que o seria.

XCII.

Não se detendo a furia, lhe responde:
Não me espanto de teres esse engano,
Que o seu doce veneno Pluto esconde
Em todo o peito que he mortal, e humano;
E mui poucos serão os peitos onde
Não reine este apetite cego e insano,
Isto faz tantas vezes enganarte
E cuidar que vês Pluto em toda a parte.

XCIII.

Tanto nesta hora ja tinhão andado
Porque qualquer ligeiro então voava,
Que ja o assento vêem que gasalhado
Aquelle que buscavão em si dava.
Este n'hũa alta cova está assentado
Lá onde em maior cópia o ouro se cava,
Pobre, mal petrechado, mal composto,
Mas tẽe em torno hum forte muro posto.

XCIV.

Vê-se no meio delle hũa ferrada
Porta, d'hũa materia forte, e dura,
A qual o mais do tempo está cerrada
Mas nem com isto Pluto se assegura.
Tanto que a furia aqui faz a chegada
Dar fim a isto a que vem logo procura,
Chega-se á porta, e bate quanto póde,
Porém de dentro lá ninguem lhe acóde.

XCV.

Pouco se espanta a furia, que este o antigo
Uso he, do que naquelle assento mora,
Insta em bater de novo onde atraz digo
Acesa ja de si pola demora;
Logo na porta abrir sente hum postigo
E vio hum que a cabeça lança fóra,
E pergunta de lá que quer, quem era,
Irada lhe responde assi Megera:

XCVI.

Abre a porta, que a ti do alto e témido
Plutão mandado sou, bem se conhece.
Treme Pluto sómente em ter ouvido
O nome de quem só teme e obedece,
Cérra o postigo, e lá por escondido
Logar sahe fóra, e ante elles apparece:
Espanta-se o Sultão do que então via,
Porém a furia não, que o conhecia.

XCVII.

Vê-se-lhe hũa presença veneranda,
Digna assaz de real sceptro e coroa,
Com velhos trajos, vis, e sujos anda,
Mal ornado, e composto na pessoa;
Mostrando-se vem côxo d'hũa banda,
D'outra se lhe vêem azas com que voa,
Cego he de todo, e quem põe nelle o tento
Vê que ás vezes lhe falta o entendimento.

XCVIII.

Tanto que a furia o vio, logo o preceito
Do temido e infernal Plutão lhe disse;
O Sultão (que isto ja tinha por feito)
Diz, que a Constantinopla se partisse,
E a Çoleimão Baxá, de si o peito
Enchesse, e a fazer guerra o persuadisse
Logo á gente Christãa que em Diu tinha
A fortaleza, e que isto lhe convinha.

XCIX.

E que elle e a furia irão lá juntamente
Por verem seu saber, sua vehemencia.
Pluto áquelle mandado obediente,
Tendo ja deste caso experiencia,
Fende os ares co'os dous ligeiramente,
E põe no caminhar tal diligencia
Que lá a Constantinopla então chegárão
Quando á terra as Estrellas se mostrárão.

C.

Entrão lá no aposento onde sabião
Que estava Çoleimão agasalhado,
Só, e triste o vêem, mas todos conhecião
A causa da tristeza, e do cuidado;
Tanto que veio aquella hora em que o vião
Do brando somno ja senhoreado,
Pluto por acabar isto que trata
A elle se chega, e a lingua assi desata:

CI.

Grãa dôr, grão sentimento, grãa tristeza
Com rasão deves ter, pois quê do seio
Te roubárão aquella alta grandeza
Do thesouro que lá de Judá veio;
Mas d'outro mór thesouro, mór riqueza,
Presente occasião, presente meio
Tẽes agora na mão, segundo vejo,
Que satisfaça a perda, e teu desejo.

CII.

Trabalha porque o Turco te encommende
A governança desta grossa armada,
Com que senhorear a India pertende
Que agora he dos Christãos senhoreada;
Porque se tu entrares nella, entende
Que de riquezas he tão abastada
Que não só poderá dellas fartar-te
Mas poderá tambem enfastiar-te.

CIII.

Mas para effeituares esta empreza
A Diu te cumpre ir, e fazer guerra
E dar a morte á gente Portugueza,
Que esta logra o melhor daquella terra:
Nem póde ella fazer-te grãa defeza
Por quão pouca, e sem armas lá se encerra.
Se isto fazer quizeres, eu te fico
Que sejas bem contente, farto, e rico.

CIV.

Apoz estas palavras, logo inspira
Nelle hum desejo avaro, e cubiçoso,
Bafeja-lhe tambem Megera hũa ira,
Hum desejo cruel, e furioso.
Apoz isto ao logar d'onde sahira
Torna qualquer dos tres não vagaroso,
Contente cada hum do que tẽe feito
E o Sultão mais que todos satisfeito.

CV.

Com grande sobresalto, grande espanto
Acorda Çoleimão, co'o que passára,
Contempla na promessa, e vê que he tanto
Que duvida se o ouvio, ou se o sonhára;
Mas ja sentindo o effeito em si de quanto
Qualquer dos seus então nelle inspirára,
Dá credito á visão, e determina
Fazer o que ella manda, e elle imagina.

CVI.

E porque vêr o fim de seu intento
Conceder-lhe o Grão Turco agora queira,
Como não fia em seu merecimento
Tenta nova invenção, nova maneira;
Faz com que neste seu requerimento
Lhe queira a Mãe do Turco ser terceira,
A que o conhecimento antigo obriga
A lhe ser favoravel nisto, e amiga.

CVII.

E o Baxá, porque faça inda mais justa
A sua petição, diz que he contente
De fazer todo o gasto á sua custa,
Que artilharia só lhe dêem, e gente;
Mas a alterosa náo, a subtil fusta,
Com tudo o mais á guerra pertencente,
Elle porá do seu naquelle feito.
Tanto póde a esperança do proveito!

CVIII.

Presenta a Mãe ao Filho isto que pede
O Baxá, e com mil rogos lh'o apresenta:
O Turco, a quem então isto succede
Conforme á condição cega, avarenta,
Com grãa facilidade lh'o concede,
Antes d'hum tal acerto se contenta,
Com que com pouco gasto, ou nenhum, veja
O fim disto que tanto ja deseja.

CIX.

Contente o Baxá assaz, sua partida
Logo ordena com grande brevidade,
E na Cidade ajunta para esta ida
De Janizaros grande quantidade;
Mil e quinhentos são, gente escolhida,
Bastantes a qualquer difficuldade,
Tambem para esta guerra que pregoa
Dous mil Turcos ajunta, gente boa.

CX.

Com esta companhia deixa a terra
De Constantino, e ao Cairo faz a via,
E recolhe tambem para esta guerra
Outros tres mil á sua companhia;
Huns dos que Damiata dentro encerra,
Outros dos que creou Alexandria,
Outros dos que outros portos habitavão
Dos que as Mediterraneas ondas lavão.

CXI.

E porque sendo assaz exercitados
Nos officios navaes, e os entendião,
E se cumpria ter peitos ousados
Tambem a espada e a lança revolvião,
Ora servem de bons, fortes soldados
Ora ás cousas navaes se convertião,
Assi quando se o duro imigo offende
Como quando no mar se a vella estende.

CXII.

Entra o Baxá no Cairo, e não dilata
Hũ'hora a execução disto a que vinha,
Mas para a ter melhor, sólta e desata
A cruel condição que presa tinha:
Com tyrannia estranha avexa e trata
A gente da Cidade, e a que he visinha,
Porque com geral custo a guerra faça
Que por seu só proveito ordena e traça.

CXIII.

Nem basta que nos bens os tristes preme
Mas tambem aos seus corpos volta a folha,
Porque como ás galés falte quem reme
Quantos ha mister toma, e os aferrolha:
Não val ao que resiste, ou roga, ou geme,
Para que este trabalho então lhe tolha,
Que contra o duro peito inexoravel
Do Baxá, tudo fica indefensavel.

CXIV.

Fornecido ja tudo o que bastante
Lhe pareceo então para este feito,
Passa a gente a Suez, logar distante
Do Cairo hum grande espaço, que no Estreito
Do Rôxo Mar está lá tanto ávante
Que no fim delle está, e lá direito
Vai o Baxá co'os seus, porque ancorada
Estava neste porto a sua armada.

CXV.

Tanto que em Suez entra logo manda,
Com pena que o mais forte amedrontava,
Que, por não ser sentida esta demanda
Lá na India, para onde elle caminhava,
Nem do Torom, ou Judá, que estão da banda
Da Arabia, nem do mar que o Egypto lava,
Algum navio então faça caminho
Que lá no Indio mar estenda o linho.

CXVI.

Porém porque não falta algum que attenta
Na cópia dos navios, e outro aguarda
Ouvi-la aqui dizer, ja lh'o apresenta
Meu canto, atégora lhe não tarda:
São as galés sómente cincoenta,
Qual real, qual subtil, e qual bastarda,
Quatro albetoças mais, e seis formosos
Galeões, de duas gaveas, alterosos.

CXVII.

Esta armada os passados fabricárão
Que tiverão do Cairo a governança,
Porque com ella ter imaginárão
O Estreito do Mar Rôxo segurança.
A estas sessenta vellas se ajuntárão
As sete em que atraz disse (se ha lembrança)
Que Acefarcão levou, Capitão Mouro,
A Judá, de Cambaia grão thesouro.

CXVIII.

Nem com estas sós náos se acaba desta
Armada a numerosa quantidade,
Vão tres de Amezuy mais a esta festa
Que lá no Cairo têe grãa dignidade:
ElRei de Judá duas mais empresta
Se por força não sei, se por vontade,
Com que de alheias vellas, e de suas
Arma o Baxá em Suez setenta e duas.

CXIX.

Mas ja na obra começa d'ir mostrando
O espirito cruel que nelle habita,
Porque em quanto está as cousas preparando
Necessarias á armada acima dita,
E a mal usada chusma apremiando
No meio dos remos exercita,
Soffrendo elles mal vêr tão mal tratar-se
Procurão, com seu damno, de livrar-se.

CXX.

Porque vendo que com cruel imperio
Os constrangem ao remo mais que inclinão,
Os que têe das galés o ministerio
Tanto os move esta dôr, tanto se inclinão,
Que havendo-o por affronta e vituperio
Bem quatrocentos delles se amotinão
E negão hum serviço tal, tão forte.
Tristes, que caminhaes á vossa morte!

CXXI.

Chega a nova ao Baxá, e em tal fogo arde
Qual o Siculo monte ou o Campano,
Nem soffre que em vingar-se mais aguarde
O seu peito cruel, impio e tyrano,
Mas por cedo que vai, cuida inda ir tarde
A derramar aquelle sangue humano,
Manda que, porque o seu furor se farte,
Dos quatrocentos morra a meia parte.

CXXII.

Não foi pronunciado o Edicto fero
Quando logo se vio posto em effeito.
Perdoai vós agora, cruel Nero,
Que inda este cruel tẽe mais cruel peito.
Este espantoso exemplo, impio e severo
Reprime os que ficárão de tal geito
Que acceitão por menor mal e destroço
Remo na mão, que espada no pescoço.

CXXIII.

Feita prestes a armada copiosa
E favoraveis sendo então os ventos,
Enche-a o Baxá de gente assaz lustrosa
Em cópia de seis mil, sobre quinhentos;
De grossa artilharia, e temerosa,
De muitas munições, e mantimentos,
De doutos Capitães em toda a guerra
Que ou polo mar se faz, ou pola terra.

CXXIV.

Destes direi alguns, dos quaes merece
Cada hum que o seu nome aqui se diga,
Hum he Baram Baxá, em que apparece
Da Janizara gente a insignia imiga,
Outro Baram, e Mustafat, que dece
Qualquer da Mameluca gente antiga,
O quinto Mahamud Queá se chama,
E todos entre os seus tẽe nome e fama.

CXXV.

Mas porque á longa idade mal convinha
De Çoleimão ja ter capitania,
Capitão-mór do mar faz hum que vinha
De grande esforço, em sua companhia,
Chamado Jhuof Hamed, que tambem tinha
Este cargo no mar d'Alexandria,
Porém para si fica resguardando
O governo o Baxá, de tudo, e o mando.

CXXVI.

Com esta grossa armada, esta ordenança
Ao vento sólta o linho, ao mar a faia,
Com grão desejo assaz, grãa confiança
De lograr os thesouros de Cambaia;
E navegando o mar com grãa bonança
De Judá em breve tempo ferra a praia,
Aqui soa o Piloto, alli o apito,
Com rouca voz, e com agudo grito.

CXXVII.

Chegado aqui o Baxá, não se defende
Do cubiçoso esprito, que o acompanha,
Por onde haver á mão logo pertende
Daquella terra o Rei com arte e manha;
Mas elle, que a perfidia bem entende
Do Baxá, e a crueza rara e estranha,
Sólta a Cidade, e foge áquelle dano,
Fica em vão o conceito do tyrano.

CXXVIII.

O qual em grave dôr, e furia ardente
Por lhe sahir em vão aquelle intento,
Faz levantar o ferro descontente
E de novo soltar a vella ao vento;
E navegando o mar prosperamente
Em Azebibe vai fazer o assento,
Que está na costa lá do mar Arabio
Possuido d'hum Rei mal cauto e sabio.

CXXIX.

Nocodá Hamed este era chamado
Que na infiel Turquia foi nascido,
Do qual com grande festa e gasalhado
O perverso Baxá foi recebido;
Porém delle não foi gratificado
Como lhe tẽe por obras merecido,
Mas como a inclinação sua lhe ensina
Cubiçosa, perversa, impia, malina.

CXXX.

Porque o Baxá sabia que este herdára
Este Estado, de que he senhor agora,
D'hum que Mirescandel se nomeára
Tambem da falsa lei que o Turco adora,
O qual da obediencia se isentára
Do Cairo, a quem sujeito sempre fora,
E por meios rebeldes e tyrannos
Isento o mando assi teve alguns annos.

CXXXI.

Por isto, e creio mais por lhe ser dito
Que este Turco he senhor de grãa riqueza,
Sem mais outra rasão, outro delito
Para hũa tal justiça, antes crueza,
Manda que o triste Turco renda o esprito,
Que por obra se põe com grãa presteza;
Cahe do corpo a cabeça, o esprito logo
Entra no inextinguivel bravo fogo.

CXXXII.

Esta paga o Baxá da obra e vontade
Dá a quem o recebeo com ledo rosto,
Porém a grãa cubiça e crueldade
Não conhecem rasão mais que o seu gosto:
O mando desta terra, e dignidade,
De que o misero Turco foi deposto,
Dá o Baxá a Mustafat, que eu disse que era
Hum dos Capitães que elle alli trouxera.

CXXXIII.

Concluido ísto assi, de novo bóta
O remo ao mar, e vella ao vento larga,
Do Reino de Adem ja seguindo a róta
D'Azebibe a veloz proa se alarga:
Despede diante hũa galeóta
O Baxá, que com voga pouco larga
Ferre a terra diante da outra armada
E pronuncie ao Rei hũa embaixada.

CXXXIV.

Sólta o remo o subtil navio ligeiro,
Com apressado curso a voga arranca,
Envermelhece a face ao nú Remeiro
Que ou pallida antes tinha, ou tinha branca:
Este furor, este impeto primeiro
Antes de vêr-se o porto não estanca,
Mas tanto que se d'Adem ferra a praia
Se sólta o ferro, e se ferrilha a faia.

CXXXV.

Salta em terra o que então a cargo tinha
Do falso Çoleimão a legacia,
E presentado a ElRei, diz que elle vinha
Da parte do Baxá, que lhe pedia
Que lhe màndasse dar quanto convinha
Mantimento a esta armada que trazia,
Mas que este mantimento quer que entenda
Que de graça o não quer, mas que lh'o venda.

CXXXVI.

Apoz isto tambem diz, que comsigo
(Vêde a avara tenção que ardís ensina!)
Muitos doentes traz em grão perigo
Por falta do favor da medicina;
Polo qual lhe pedia como amigo,
Porque elle lá manda-los determina,
Que lhes mande dar casas na Cidade
Em que elles curem sua enfermidade.

CXXXVII.

O pouco cauto Rei, que da apparencia
Daquella enferma gente, miseravel
Se enche de piedade, e de clemencia
Havendo que no mar era incuravel,
E não tendo inda inteira intelligencia
Do esprito cruel, insaciavel
Que habita no Baxá, quanto lhe pede
Com alegre vontade lhe concede.

CXXXVIII.

Neste tempo ja toda a grossa armada,
Que sentíra o favor do amigo vento,
Recolhendo no porto a vella inchada
Imprimíra hum geral contentamento.
Ja com vário refresco he visitada,
Ja se lhe enche o payol de mantimento,
Recebe o triste Rei com alvoroço
Hũa morte cruel, hum grão destroço.

CXXXIX.

Não tarda Çoleimão em dar effeito
A este engano que traz imaginado,
Aceso da esperança do proveito
E d'animo cruel, nunca domado.
Mas sinto ja tão fraco e rouco o peito
Que em vão soltar a voz tenho tentado,
Descansemos hum pouco, e tudo quanto
Fez o Baxá, direi ness'outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIII.

Manda o Baxá os fingidos enfermos á Cidade, e a voltas delles mette nella muita gente de guerra, a qual salteia os Paços d'ElRei, e o toma vivo, e por mandado do Baxá he enforcado e posto á porta da Cidade, e ella mettida a saque. A armada dos Turcos chega a Diu com algumas vellas menos. Dão os Janizaros hum assalto á fortaleza. A armada com tormenta se recolhe d'alli para Madrafabat. Os Turcos se preparão para as baterias. Ordenão hum espantoso ardil de guerra: os Christãos lh'o desfazem. Contão-se algumas cousas particulares que succedêrão neste tempo.

I.

Nunca se vio cubiça agradecida
Nem de sangue jamais farta crueza:
Esta, inveja sempre ha d'alheia vida,
Do alheio bem aquella, e da riqueza:
Por mais que ande qualquer dellas mettida
No que lhe pede a sua natureza,
Não lhe mata a grãa cópia a bruta sede,
Antes lh'a acende mais, e mais lhe pede.

II.

Do peito cruel, perfido, avarento
Não têe o beneficio, ou a amizade
Outra paga, outro agradecimento
Senão roubo, perfidia, crueldade;
Sente na triste vida detrimento,
Destruição nos bens, e faculdade;
Nem me espanto que o lobo carniceiro
Mal poderá gerar manso cordeiro.

III.

Quanto este mais recebe, mais se acende
Não em gratificar o recebido,
Senão em adquirir o mais que entende
Que de quem recebeo he possuido:
E d'aqui claramente se comprehende
Que com rasão de muitos hoje he crido
Que a boa obra empregada em má pessoa
Muito mais têe de má que d'obra boa.

IV.

Vendo o falso Baxá ja posto em termos
Seu intento de ser effeituado,
Manda logo os fingidos seus enfermos
Qualquer de tres ou quatro acompanhado;
E estando despejados então, e ermos
Os logares que ElRei tinha mandado
Dar-lhes, para curar-se, hum par ficavão
Dos que a qualquer enfermo acompanhavão.

V.

São d'esprito feroz, d'ousado peito
Os enfermos, e os que os acompanhárão,
E por dissimularem mais, hum leito
A qualquer dos enfermos ordenárão,
E nelle (com quanto era assaz estreito)
Suas armas comsigo então levárão;
Alegremente o triste Rei recebe
A peçonha que pouco a pouco bebe.

VI.

E sem que os naturaes, disto innocentes,
Sentissem traição tão engenhosa,
Antes que cinco vezes entre as gentes
O Sol mostrasse a fronte luminosa,
Entrão quinhentos, lá destes doentes
D'enfermidade tão contagiosa
Que as gentes penetrou, pouco advertidas,
Nas miseras fazendas, e nas vidas.

VII.

Tendo ja preparado este encuberto
Engano Çoleimão, que vai urdindo,
E ja aos fortes enfermos dado hum certo
Signal, a que acudissem em o ouvindo,
A ElRei, que hum deshonrado fim mui perto
Ja têe, o qual não vai inda sentindo,
Manda que venha ter onde elle estava,
Porque fallar com elle lh'importava.

VIII.

D'escarnecer ElRei, de rir não cessa
Do recado, e daquelle que o trouxera;
Faz o Baxá o signal, e com grãa pressa
A turba, antes enferma agora fera,
Fóra do gasalhado se arremessa
Que para se curar ElRei lhe dera;
Descobre á gente a falsa enfermidade
Em que achou verdadeira piedade.

IX.

E quando o agradecido peito humano
Agradecêra a ElRei tal beneficio,
Estes, que do Baxá falso e tyrano
A doutrina seguião e o exercicio,
Trabalhão por lhe dar o ultimo dano
Cheios tambem do cubiçoso vicio;
Cercão-lhe logo as casas em que habita
Com subito furor, com alta grita.

X.

Dão-lhe hũa bateria áspera e horrenda
Desejosos d'abrir ao alto a entrada.
Breve espaço durou esta contenda
Entre a gente feroz, e a amedrontada,
Que como não ha dentro quem defenda
Abrírão facilmente larga estrada.
Entra logo a perversa turba ingrata,
Tudo, sem resistencia, desbarata.

XI.

Que este inesperado mal, e repentino
D'onde esperavão graças e louvores,
D'hũa tal confusão, tal desatino
Encheo daquella terra os moradores,
Que nem esprito então houve, nem tino
Nos que pudérão ser-lhe defensores,
Para que a aguda espada e a lança tesa
Podesse então fazer qualquer defesa.

XII.

Vendo o misero Rei hum tal perigo
(De que estava seguro e descuidado)
Quando das boas obras, que atraz digo,
Cuidou ser do Baxá remunerado,
Sem defensão se entrega a seu imigo
Inda nas mesmas obras confiado,
Nas quaes de vida têe mais esperança
Que na mór defensão d'espada e lança.

XIII.

Levão logo ao Baxá o Rei ja preso
Os Soldados com pressa não pequena,
O qual em crueldade e furia aceso
Sem replica ao mortal laço o condena.
Ja do misero Rei o frio peso
Pendurado se vê da longa entena,
E apoz isto, por mais desaventura,
Na porta da Cidade se pendura.

XIV.

Nem paga o triste Rei só com a vida,
Que este só da crueza foi o effeito,
A cubiça, de bens que he só homicida,
Tambem quer sua parte neste feito:
Logo a Cidade a saque foi mettida
Com tal desejo em todos de proveito
Que nem a pobre presa nella fica
Quanto mais ouro, prata, e a joia rica.

XV.

Não póde aqui o Baxá ter soffrimento,
Que igual têe a cubiça á crueldade,
E sem lhe ser então impedimento
Disposição pesada, longa idade,
Salta da galé em terra n'hum momento
E põe-se a hũa das portas da Cidade,
Porque nenhũa cousa della venha
Em que elle ou parte, ou tudo então não tenha.

XVI.

Eis logo, á baixa presa obediente,
Com apressado passo mais que tardo,
Se vem chegando á porta aquella gente
Pouco antes mais feroz que o leão pardo:
Qual das mãos o grão sacco traz pendente,
Qual nos hombros sustenta o grosso fardo,
Qual o ouro e a joia traz ao peito atada,
O peior logar têe agora a espada.

XVII.

Mas nem estes bens logrão, que ganhárão
Co'os seus braços crueis, quanto esforçados,
Porque tanto que á porta elles chegárão,
E por seguros se hão, e descansados,
Com perigo maior então topárão,
Porque do Baxá todos são buscados,
Que o dinheiro lhes toma, e quanto via
De preço, e só lhes deixa o sem valia.

XVIII.

Recolhe assi do livre e do captivo
Çoleimão do ouro e prata hũa grãa copia,
Mas mór a recolheo d'hum odio vivo
Co'a gente natural, e co'a sua propia;
Que debaixo do ardente Sol estivo
Não ferve tanto a areia da Ethiopia,
Quanto huns e outros em odio estão fervendo
Todos porque roubados se estão vendo.

XIX.

A Cidade, que vê dados em presa
Seus bens d'hum duro imigo, e deshumano,
Fica (pois mais não póde) em odio acesa
Contra o authór deste mal, impio e tyrano.
Os Soldados, que vêem que desta empresa
Outrem leva o proveito, elles o dano,
Tambem se enchem d'hum odio assaz furioso
Contra hum tal Capitão, tão cubiçoso.

XX.

Acabado o cruel feito desta arte
Com damno universal, só seu proveito,
Passados quinze dias d'alli parte
Odioso aos Soldados mais que acceito:
E despregando as vellas, e o estandarte
Lá para a Indîa o Baxá se vai direito,
Com toda a bem provída, grossa fróta,
E do Porto de Diu segue a róta.

XXI.

Porém antes que as vellas no ar despregue,
E com aguda proa as ondas fenda,
Deixa a Baram Baxá a Cidade entregue
(O que Janizaro era) que a defenda;
E porque mais ousado se encarregue
Daquella defensão que lhe encommenda,
Lhe deixa alli duzentos defensores
De trabalho e perigos soffredores.

XXII.

E como da cubiça e tyrannia
Nem inda está segura a pouquidade,
Tres náos de Malabares que alli havia
Não escapárão desta tempestade:
Toma-lh'as Çoleimão, e á companhia
Daquella sua grande quantidade
De vellas as ajunta, fornecidas
Do que estão para esta ida mal prôvidas.

XXIII.

A segunda rasão que nesta guerra
Move o Baxá que a Diu a proa traga,
Mais que a outra fortaleza, das que encerra
Em si a oriental remota plaga,
Foi o infiel, que Italia deu á terra,
Quiçá tendo inda n'alma viva a chaga
Do que aqui recebeo, e agora estuda
Poder-se bem vingar com tal ajuda.

XXIV.

Este, que do Senhor que atraz he dito
Que de Azebibe teve o mando antigo,
E em mãos de Çoleimão rendeo o espirito,
Era, além de parente, grande amigo;
Por muitas vezes ja lhe tinha escrito
Que se a armada que os Turcos traz comsigo
Á India acaso vir determinasse
Com que viesse a Diu trabalhasse.

XXV.

Pois se alguem conquistar o sceptro tinha
Do Indico senhorio em pensamento,
Ter aquella Cidade lhe convinha
Por dar mais facil fim a seu intento;
A qual he forte assaz, e ao mar visinha
E pósta de toda a India a barlavento,
Com bom porto, e logar assaz conforme
Em que a náo destroçada se reforme.

XXVI.

Em Azebibe foi dado este aviso
Ao Baxá, que ao Rei morto foi mandado,
E pesando-o com grão discurso e siso,
E ante os seus Capitães apresentado,
A nenhum pareceo digno de riso.
E do que ouvio em sonhos bem lembrado
Faz com nova esperança esta jornada,
Que largamente atraz deixo contada.

XXVII.

De Zefiro entretanto o sopro brando
Enchia o Turco linho, antes vazio,
E sempre Çoleimão mais desejando
Penetrar de Cambaia o senhorio:
Pouco a pouco se lhe hia ja chegando
Quando lhe apparece hum subtil navio
Que vem a elle direito lá da terra
Com mais signaes de festa, que de guerra.

XXVIII.

Este a Cojaçofar em si trazia
(Assaz he conhecido, bem o creio)
No qual tudo descobre a alta alegria
De que o perverso peito leva cheio:
O anafil, o estandarte, a artilharia,
O concerto da fusta, o seu arreio,
Que vendo hum tal soccorro, ja tão perto,
O fim dos Portuguezes têe por certo.

XXIX.

Ferra a armada, e ao Baxá feito presente
Com esta festival, leda apparencia,
Lhe dá conta de si primeiramente
Apoz toda a devida reverencia.
Louva-lhe logo a armada, louva a gente,
As obras, a tenção, a alta potencia,
Que nada então lhe esquece do que entende
Que ajudará ao fim do que pertende.

XXX.

Aconselha-o de novo, antes o incita
Que contra Diu lá faça a jornada,
E entrar-se a fortaleza facilita
Por quão pouca era a gente, e mal armada
Que para defendê-la nella habita,
E da contínua guerra ja cansada
Que elle fez, com que falta vai sentindo
De quanto a defensão lhe está pedindo.

XXXI.

Do Italiano a rasão se segue e acceita
Que guarda o que Mafoma ou manda ou tolhe,
Com mór gosto o Baxá faz ir direita
A armada a Diu, e em breve lá a recolhe;
Da proa o curvo ferro ao mar se deita,
Cahe logo a entena, a vella ja se encolhe,
As Luas polos ares ja se estendem,
O anafil e o canhão os ares fendem.

XXXII.

Mas não chega aqui tanta quantidade
De vellas, como de Adem ja partírão,
Que seis dellas por força, e por vontade,
Differente caminho então seguírão:
Assi porque de grossa tempestade
Hum furioso encontro então sentírão,
Como porque o Baxá mais furioso
Era, que o grosso mar tempestuoso.

XXXIII.

Hum dos seis, que era hum forte e bem armado
Galeão, lançou na India a onda marinha
Lá nos Ilheos, a quem de si tẽe dado
O nome a sempiterna, alta Rainha,
Onde hum forte varão, que era chamado
Soutomaior d'alcunha, e nome tinha
Do glorioso Antonio, corta o largo
Mar em fustas subtis que tẽe a cargo.

XXXIV.

Conhece este o navio, a elle se lança,
Que hum imigo furor o move e acende,
Seu desejo com grão trabalho alcança,
Que o Turco com grãa força se defende;
Mas vendo que em vão move a espada, e lança
Ao Portuguez imigo emfim se rende,
Depois d'hum dia inteiro de batalha,
Em que d'hum e outro sangue assaz s'espalha.

XXXV.

Tomado o galeão, nelle se achárão
Dos Turcos que elle dentro em si levava
Alguns que acaso vivos escapárão
Lá d'entre a Lusitana furia brava,
Que ao Soutomaior denunciárão
Da armada que lá a Diu navegava:
Elle a Goa os faz ir com pressa grande
Porque a certeza disto ao Cunha mande.

XXXVI.

Mas á armada outra vez quero voltar-me
Onde outra vez me manda ir o meu canto,
Porque hum tal caso lá vejo esperar-me
Quiçá causará duvida e espanto;
E se cousa podia cá mostrar-me
O que lá determinava o Summo Santo,
Esta que contarei, claro podia
Mostrar a perdição dos de Turquia.

XXXVII.

A noite que esta armada aqui chegára,
Quando a segunda vella hia passando,
Hũa trave de fogo se vio clara
Lá da Cidade os ares vir cortando,
A qual sobola imiga armada pára,
E por todas as partes scintillando
Vivas chammas está de ardente lume
Até que sobre os Turcos se consume.

XXXVIII.

Geral espanto disto se concebe
Mas vário parecer, juizo diverso,
Qual por facil agouro isto recebe,
Qual o têe por funesto agouro adverso:
Confiança o Christão, e alento bebe,
Arreceio o infiel Turco perverso,
Mas trata hum e outro então d'aperceber-se
Qual para commetter, qual defender-se.

XXXIX.

Nas orelhas hũa alta voz me soa
Do Silveira de lá da fortaleza,
O qual em conhecendo a Turca proa,
E vendo seu poder, sua grandeza,
Que he muito mór que a fama apregoa,
Não perde a costumada fortaleza,
Antes lhe aviva mais o esforço antigo
A grãa necessidade, o grão perigo.

XL.

Trabalha com a sua alta prudencia
Remediar as faltas que então sente,
Para o qual com grãa pressa e diligencia
As estancias entrega á nobre gente,
Varões a que hũa dura resistencia
Os fortes peitos seus movem sómente;
Não os nomeio aqui, que em breve espaço
Os virá a nomear seu forte braço.

XLI.

Qualquer delles a estancia remedeia
Como melhor então póde, e imagina,
Que inda que a imiga furia se arreceia
Refrea-la porém se determina:
Qual ajunta a estacada, qual a ameia,
Qual com agua a capaz e grossa tina,
Nenhũa cousa então alli fallece
Com que hum fraco logar se fortalece.

XLII.

Repara-se tambem o baluarte
Que o da Villa dos Rumes ser dizião,
Lá onde setenta homens o estandarte
De Francisco Pacheco então seguião:
E porque elle assentado estava em parte
Onde, durando o cerco, não podião
Soccorrê-lo a miudo, se lhe lança
Então do que ha mister grande abastança.

XLIII.

Provido desta sorte, e reparado
Quanto na fortaleza, e fóra havia,
Çoleimão, soberbo inda, e confiado
Na grãa cópia de gente que trazia,
Por mostrar seu poder ao baptisado
Povo, em apparecendo o novo dia
Setecentos Janizaros em terra
Manda saltar, dos mais doutos na guerra.

XLIV.

Sahe a turba feroz, presumptuosa,
Mostrando a natural soberba em tudo,
Com várias sedas vai ríca, e lustrosa,
Qual setim, qual brocado, qual velludo,
Branco, amarello, azul, e a côr da rosa,
E quantas soube achar engenho e estudo,
E com tão várío arreio e sumptuoso
Dá espectaculo bello, e temeroso.

XLV.

Nas cabeças huns feltros vão mostrando
(Insignia dos Janizaros Soldados
Com que se estão dos outros divisando)
Que em todos são de fino ouro bordados;
Dos quaes ao Ceo se vão alevantando
Differentes plumagens, que tocados
D'hum brando ventosinho, então lhes davão
Grão lustro aos atavios que levavão.

XLVI.

Marcha a turba arrogante á fortaleza
Porque em tomá-la ja cuida que tarda,
Dos quaes qual se vê então com grãa destreza
O curvo arco tratar, qual a espingarda;
Traz esta alta arrogancía, esta braveza
Nenhum lá na Cidade dentro aguarda
Dos que alli da infiel Cambaia terra
Trouxe antes Alução para esta guerra.

XLVII.

Huns então traz si leva a confiança
De mostra tão feroz, e embravecida,
Esperando de verem sem tardança
Entrada a fortaleza, e destruida;
Outros que a Portugueza forte lança
Tinhão melhor tratada, e conhecida,
Vão por vêr em que pára, ou em que céssa
Tal determinação, tão grande préssa.

XLVIII.

Qual soe quando o penedo antigo e duro
Encontra a alevantada onda marinha,
Achando-o sempre mais firme e séguro
Humilhar o furor com que antes vinha;
Tal chega esta soberba gente ao muro
Que por indefensavel então tinha,
Porém acha lá quem tão mal a trate
Que com seu damno a furia humilha e abate.

XLIX.

Chega logo a feroz, soberba gente
Ou a espingarda ao rosto, ou o arco ao peito,
Sahe a frecha subtil, e o chumbo ardente
E contra o Christão muro vai direito:
Não fica então de todo descontente
O Turco deste seu primeiro feito,
Porque a seis dos Christãos a vida tolhe
E a vinte faz que o proprio saugue molhe.

L.

Não lhe tarda o castigo deste ufano
E venturoso seu contentamento,
Porque como entre o povo Lusitano
A espingarda tambem tres vezes cento
Movem com grãa destreza, vendo o dano
Que lhe fez o infiel ajuntamento,
Qualquer delles sahir, em odio aceso,
Faz da espingarda o ardente, mortal peso.

LI.

Em meio da infiel, soberba banda
Da Janizara gente se apresenta,
Cincoenta almas ao Reino Stigio manda,
De muitos só co'o sangue se contenta.
Ja teme o que era ousado, ja não anda
Confiado qual soe, mas só ja attenta
Por logar d'onde então sem seu perigo
Mande o chumbo mortal ao muro imigo.

LII.

Apartada com isto esta primeira
Damnosa, inda que breve bateria,
Fica esta nova gente por fronteira
A voltas da outra antiga, que seguia
Do Italiano Mouro hoje a bandeira,
A qual (como ja atraz disse) seria
Cópia de treze mil, e neste conto
Os que d'Alucão tinha, tambem conto.

LIII.

Lá para a armada o Turco o rosto vólta
Menos ufano ja, mais receioso,
E tanto que de novo a usada vólta
Começa o grão planeta luminoso,
De lá do meio dia a prisão sólta
Eolo ao feroz Austro impetuoso;
Sahe logo a embravecida furia inchada,
Da nuvem grossa e negra acompanhada.

LIV.

Vai com hum apressado curso leve
Polo marinho assento discorrendo,
Eis se incha a onda, que mansa antes esteve,
E vai-se em grossa escuma revolvendo,
Eis se abre o Ceo, e mostra o raio breve,
Succede do trovão o estrondo horrendo,
Encobre-se do Sol a claridade,
Cria-se a furiosa tempestade.

LV.

Em breve a grãa tormenta lá apparece
Onde esta imiga armada antes surgira,
A mansa se engrossa e se embravece
Do negro Sul sentindo a furia e a ira.
Teme o Turco, desmaia, e se entristece,
Alegra-se o Christão, roga e suspira
Inda a Deos que accrescente o bravo Noto.
Pola bonança faz o Turco voto.

LVI.

Cresce a revolta, quanto cresce o vento,
Que cada hora mais bravo o mar combate,
Porém não se descuida hum só momento
O comitre infiel neste combate.
Ja se curulha o longo palamento
Tambem o grosso mastro ja se abate,
Cahe de novo da proa o ferreo dente
Desapparece do alto toda a gente.

LVII.

O Piloto tambem no alto navio
Para poder salvar-se tudo ordena,
Levanta a rouca voz, de temor frio,
Lança ao mar nova amarra, desce a entena;
E o que se sente d'agua mal vazio,
Com revezada força, e não pequena,
Meneia a fedorenta, longa bomba,
Em quanto a alevantada onda retomba.

LVIII.

Alguns bateis pequenos que se vírão
Ir e vir lá da terra para a armada,
A que as ondas então não permittírão
Á terra, ou aos navios a chegada,
Pouco a tamanha furia resistírão,
Alagou-os a soberba onda salgada:
Os tristes que alli pôz a adversa sorte
Bebem a voltas d'agua a triste morte.

LIX.

Fez o vento feroz, de furor cheio
Que a tormenta hum espaço alli durasse,
Com que a muitos a morte sobreveio,
E a todos grão temor que ella os tomasse;
Até que o inchado Sol, ja com receio
Que Neptuno outra vez alli o topasse,
Se torna ao seu assento antigo e cavo,
E deixa sereno o ar, manso o mar bravo.

LX.

Vendo o Turco de todo despedida
A tormentosa furia, que o persegue,
Com que a armada vio quasi perdida
E a si cada momento á morte entregue;
Com quanto de a vêr salva e a si com vida
Dá graças a Mafoma, que honra e segue,
Não esperar alli propõe comsigo
O segundo furor do vento imigo.

LXI.

E quando o novo Sol sólta a ligeira
Roda lá no Oriente, porque siga
De novo a costumada sua carreira
Com que fugir a negra sombra obriga,
Temor de furia igual á outra primeira
D'alli faz abalar a armada imiga:
Ja se recolhe o ferro, ja se estende
A vella, o remo cahe, o mar se fende.

LXII.

Corta a frota infiel inda arrogante
Contra Madrafabat a onda marinha,
Rio que da Cidade estar distante
Cinco leguas, ja disse a historia minha;
E não sendo passada ainda ávante
A fortaleza vio assaz visinha,
Faz-lhe a devida salva e cortezia
Co'o furor da mortal artilharia.

LXIII.

Sahe o redondo ferro que se esconde
Lá no bronzo infiel, com grãa braveza,
Cortando os ares vai direito aonde
A fortaleza está, com grãa presteza.
Co'a mesma cortezia lhe responde
O bronzo Portuguez da fortaleza,
Mas não acho que houvesse hoje algum dano,
Ou no povo infiel, ou no profano.

LXIV.

Seu caminho os navios não deixárão,
Revolve o remo o mar com voga larga,
Pouco a entrar no rio então tardárão,
O cansado Remeiro o remo larga.
Mas todos os navios não entrárão
No rio então, que quatro dos de carga
Ao entrar se perdêrão, e o que resta
Entra com grão prazer, com grande festa.

LXV.

Esta entrada de todos se festeja
Porque de gosto à todos encheo a alma,
Não ha ja quem do mar medroso esteja
Que aqui nunca embravece, sempre he calma.
Aqui a galé ja immunda se despeja,
De novo aqui se alimpa, aqui se espalma,
A gente se prepara para a empreza
Que toma contra a gente Portugueza.

LXVI.

E como o Turco ufano pertendia
Que aquelle baluarte sinta a brava
Força da sua primeira bateria
Que da Villa dos Rumes se chamava,
Tres Basiliscos, e outra artilharia
Que pelouro menor de si lançava,
Faz Çoleimão que saia logo em terra
Com que se dê começo áquella guerra.

LXVII.

Manda-la em companhia determina
Lá de Baram Baxá, e d'outra gente,
Com que espera que tenha alta ruina
O baluarte imigo incontinente.
Succede-lhe porém ao que imagina
Effeito vário assaz, e differente,
Que em tudo achou hum grande impedimento
Para alcançar o fim de seu intento.

LXVIII.

Parte o Turco feroz, que por vencido
O Christão tendo ja, nada arreceia,
Mas logo o faz ser menos atrevido
D'hũa parte o caminho, d'outra a areia,
Porque sendo ella solta, elle comprido,
E hum tão grosso canhão mal se meneia,
Por mais força que põe, por mais que estuda
Pouco ou nada a carreta então se muda.

LXIX.

Sua a gente porém, e mais se acende
Quanto sente mais dura a resistencia,
Mas quanto mais trabalha, mais entende
Que em vão he seu trabalho e diligencia.
O Capitão, que vê que em vão pertende
Com força, ou com engenho, ou com prudencia
Mover por tal caminho a leve roda,
Com a necessidade se accommoda.

LXX.

Entre as tres grossas peças hũa escolhe,
E outras que podem ser bem meneadas
E que a areosa estrada então não tolhe
De duros, rijos braços ser levadas;
As demais outra vez em si recolhe
A armada, d'onde alli forão tiradas,
E estas levárão sós para o combate
De que espero que ávante hum pouco trate.

LXXI.

Vinte dias primeiro se passárão
Que deixe a armada imiga aquella estancia,
Os quaes ociosamente não gastárão
Os Turcos, inda cheios d'arrogancia:
Mas neste tempo tudo alli prepárão
Com grão cuidado assaz, grãa vigilancia,
Quanto ser necessario então entendem
Para dar os combates que pertendem.

LXXII.

Tratão disto os rebeldes á Igreja Santa
Baram e Mahamud (bem se conhecem),
Põem de dia e de noite pressa tanta
Que em breve tempo feitos apparecem
Trincheira, bastião, reparo, e manta,
E as outras cousas mais que os favorecem,
Qual para a defensão da sua gente,
Qual para o canhão ter expediente.

LXXIII.

Entretanto não dorme a fortaleza
Que mostrar suas forças determina,
Vendo a preparação, vendo a braveza
Que lhe está ameaçando alta ruina;
Tambem com grão cuidado, grãa presteza
Os intentos do imigo contamina
Quanto soffre do tempo a brevidade,
A pouca gente, e a grãa necessidade.

LXXIV.

Qualquer porta, ou estreita, ou espaçosa,
Que dá desta Christãa, fiel morada
Sahida lá á Cidade irreligiosa,
Com grosso muro foi logo cerrada:
Lá na cava tambem funda e lodosa
Não faz ja a levadiça ponte estrada,
Dentro na fortaleza pósta fica,
E tudo o mais que importa se fabrica.

LXXV.

Durando esta obra d'hũa e d'outra parte
Com grão cuidado assaz, com pressa immensa,
Em que se põe engenho, se põe arte,
Qual para defensão, qual para offensa,
Quer o imigo cruel que o baluarte
Da Villa, o grão furor, a furia intensa
(Como ja atraz a minha historia pinta)
Em si do seu primeiro assalto sinta.

LXXVI.

E porque o effeito disto que hoje intentão
Mais facil possa ser, menos custoso,
Hum grande estratagema então inventão
De aspeito assaz terrivel e espantoso;
E segundo se delle então contentão
E sahe bem fabricado e curioso,
Quiçá lhes põe então mór esperança
Do que põe nos Christãos desconfiança.

LXXVII.

Louvão-lhe mais a grãa curiosidade
Do que recebem delle algum espanto,
Mas para que o entendaes, com brevidade
Vo-lo quer ir pintando este meu canto.
Hũa barcaça havia na Cidade
Que ja de Baudur fôra, capaz tanto
Que ella sómente as náos descarregava,
A qual mui grandes pesos sustentava.

LXXVIII.

Armão neste navio grande altura
De madeira, qual cumpre neste feito,
Que mostrando da casa está a figura
A que se vê faltar por cima o teito:
Cheia logo se vê de grãa mistura
De materiaes vários, cujo effeito
Por fedor, ou por fumo mal se sofre,
Quaes são salitre, rama, esterco, enxofre.

LXXIX.

Sendo feita de todo a alevantada
Maquina, horrenda mais que inexpugnavel,
Fica em meio do rio situada
Firme com quatro amarras, e immudavel,
Esperando que alli faça tornada
O alternado das ondas, e incansavel
Movimento, que as aguas vivas traga
Com que o mar em mór cópia a praia alaga;

LXXX.

Para que ao muro então possa encostar-se,
E se lhe chegue então a chamma ardente,
Com cujo favor crêem poder tomar-se
Aquelle baluarte facilmente,
Ou quiçá sem a espada menear-se,
Sem perda, ou damno algum da sua gente:
Crêem que só poderá tanto a fumaça
Que lhes dará a victoria então de graça.

LXXXI.

Com quanto a Christãa gente lá imagina
Esta obra d'apparato mais que dano,
Fazer porém queima-la determina
Antes que as aguas vivas traga o Occeano;
Não porque della então tema a ruina
Que procura o infiel povo profano,
Senão para elle vêr que em vão pertende
Render a manha, a quem força não rende.

LXXXII.

Tendo o Silveira ja determinado
Que este artefício, que elle não receia,
Sinta o furor em si que foi tirado
Com força do fuzil, da dura veia,
O cargo disto logo encommendado
Foi por elle a Francisco de Gouveia,
Nobre varão, cujo esforçado peito
Mais se alegra que espanta co'o grão feito.

LXXXIII.

Nem sómente esta empresa lhe recebe
Mas por grão beneficio lh'a agradece,
Que ter d'aqui grãa parte em si concebe
Do louvor que co'as armas se merece.
Com grãa pressa e cuidado se apercebe
De quanto necessario lhe parece,
Duas fustas provê de tudo logo
Em que leve á barcaça o Christão fogo.

LXXXIV.

E quando a occidental onda marinha
As douradas do Sol rodas banhava,
E de ursos, cabras, serpes ao Ceo vinha
A luz, que a mór luz antes apagava,
O Gouveia, que em tudo o que convinha
Para este feito ja prestes estava,
Faz que da subtil fusta logo caia
E mansamente as ondas córte a faia.

LXXXV.

E inda que hum tenebroso, escuro manto
O claro raio aos olhos impedia,
E elle então navegando hia com quanto
Silencio em tal logar se permittia,
Encubrir-se porém não pòde tanto
Que do Turco, que o rio assaz vigia,
Não fosse naquell'hora emfim sentido,
Soa o infiel clamor com grão ruido.

LXXXVI.

Eis se revolve o campo, eis se vai pondo
Lá pola praia a gente alvoroçada,
Dá-se fogo ao canhão, com bravo estrondo,
Sahe a chamma de fumo acompanhada;
Sahe com ella o mortal ferro redondo,
Onde a morte cruel faz ã morada,
E caminhar direito lá trabalha
Onde o remo Christão o rio espalha.

LXXXVII.

De cá, de lá o infiel canhão não cessa
Que impedir-lhe o caminho então pertende,
E esta continuação, esta grãa pressa
Tanto fogo na escura noite acende,
Que Phebo a seu pesar mesmo confessa
Que a sua luz maior hoje se rende
Á luz que a artilharia de si deita
Que inda he mais que a do Sol clara e perfeita.

LXXXVIII.

Mas nem com tão mortal furia medonha
Póde tanto o canhão bravo e espantoso,
Que ou arreceio, ou duvida então ponha
Naquelle Portuguez peito animoso:
O esforço natural junto á vergonha
He tanto, que os canhões mais furioso,
Que o sulfureo furor não he bastante
A fazer que elle então não passe ávante.

LXXXIX.

Rompe por ferro e fogo aquelle ousado
Peito, mais forte que hum, mais que outro aceso,
E tanto que á barcaça foi chegado,
Que de ninguem lhe póde ser defeso,
Faz logo o que lhe foi encommendado,
Dá por mil partes fogo ao grosso peso;
Bebe-o a secca materia, e dentro o chama,
Sahe logo o negro fumo, e a rôxa chama.

XC.

Alguns a que a profana, imiga gente
Para guarda puzera do navio,
Em sentindo o furor da chamma ardente
Polos ossos lhes corre hum temor frio,
E por fugir ao mal que têe presente
Sem detença se lanção logo ao rio;
O que tinhão a cargo desampárão
E inda elles com trabalho se salvárão.

XCI.

Nem contente de vêr que era ja agora
A grãa chamma voraz em alto erguida,
Sendo tal o perigo naquell'hora
Que entre mil mortes têe hũa só vida,
Comtudo faz alli tanta demora
Gouveia, até que em cinza convertida
A grãa maquina seja, onde a profana
Perenne artilharia não lhe dana.

XCII.

Mas vendo que têe ja posto em effeito
Da perigosa empresa o heroico intento,
D'alli se move então, e lá direito
Á fortaleza faz o movimento;
Onde em novo odio aceso o infiel peito
Faz que o canhão não césse hum só momento,
Mas quem mal o acertou á ida primeiro
Não foi depois na vinda mais certeiro.

XCIII.

Passa o Gouveia em salvo polo meio
D'odio, d'ira, de fogo, ferro, e morte,
E se lá dentro sente algum receio
Bem o encobre de fóra o peito forte.
Á fortaleza emfim sem damno veio,
Onde mil graças rende a sua sorte,
E o Capitão, e os baixos, e os maiores
O recebem com festa, e com louvores.

XCIV.

Á fortaleza neste tempo guia
Dous cátures o vento amigo e brando,
Hum que ao Governador obedecia
E lá de Goa as ondas vem cortando;
Dentro hum nobre varão em si trazia,
Cuja alcunha he Moraes, nome Fernando,
Que têe no militar, heroico officio
Grande esforço e saber, largo exercicio.

XCV.

N'outro que de Chaul faz a jornada
Vem hum, cujo apellido Guelez era,
E o nome Pero Vaz, mas pouco ou nada
Este na fortaleza então espera;
No seu mesmo cátur faz a tornada
Para o mesmo Chaul d'onde viera,
Mandado do que então o governava,
Que Simão tambem Guelez se chamava.

XCVI.

Tambem logo o Moraes tornar-se estuda
Para Goa outra vez, mas resistencia
Acha no Capitão, que disto o muda
Dizendo: Com qualquer leve advertencia
Vereis quanto me importa agora a ajuda
Do vosso grande esforço, e experiencia.
Obedece o Moraes com grande pejo
Aos rogos do Silveira, ao bom desejo.

XCVII.

Na fortaleza então dentro apparece
O Pacheco, a quem disse a historia minha
Que da Villa dos Rumes obedece
Agora o baluarte, e diz que vinha
A ordenar tudo quanto lhe parece
Que a quietar sua alma lhe convinha,
E para a quietação ser verdadeira
Quer dar ao testamento a ordem primeira.

XCVIII.

E sendo devedor em quantidade
De dinheiro elle ao Rei de que he vassallo,
Trata de o arrecadar com brevidade
Aquelle a quem compete arrecadallo,
Em tão pia tenção, pia vontade
Desejando tambem quiçá ajudallo;
Mas queixa-se elle disto, e mal o sofre
Que a alma descarregar vem, não o cofre.

XCIX.

Sólta sem tento a lingoa asperamente
Contra aquelle de quem isto he tratado,
E á verdade o tempo era mais decente
Então a grangear qualquer ousado:
Mostra-se tão queixoso e impaciente,
Tão offendido na honra, e tão damnado,
Que desta sua queixa tão sobeja
Qual ri, qual escarnece, qual pragueja.

C.

E posto ante o Silveira, com destento
O cargo que até então tinha lhe engeita,
E que o proveja diz, porque hum momento
Elle d'alli em diante o não acceita.
Replica o Capitão com soffrimento,
Aconselha-o, porém pouco aproveita,
Que o Pacheco obstinado em sua queixa,
E nisto que então diz, se vai, e o deixa.

CI.

Não quiz o Capitão dar-lhe o castigo
Qual merecia então sua soltura,
Porque n'hum tempo tal, n'hum tal perigo
Lhe cumpria soffrer, e usar brandura:
Mas chama inda o Moraes, intimo amigo
Do Pacheco, cuja honra inda procura,
E que vá aconselha-lo lhe encommenda
Porque hum tal erro possa ter emenda.

CII.

Não faz isto o Silveira porque a ausencia
Deste homem, faça falta nesta parte,
Porque o Sousa Coutinho, com vehemencia
Lhe pede a defensão do baluarte;
Mas porque natural he da prudencia,
E muito mais no perigoso Marte,
Trabalhar porque não caia em affronta
O Soldado antes tido em boa conta.

CIII.

Vai-se logo o Moraes a dar effeito
A isto que o Capitão então lhe manda,
Nem foi esta sua ida sem proveito
Que com muitas rasões o move e abranda.
Dos conselhos do amigo satisfeito
O Pacheco se volve n'outra banda,
E tanto que d'Estrellas o Ceo se orna
Para o seu baluarte elle se torna.

CIV.

Poucas vezes depois o que a formosa
Daphne fez converter em verde louro,
Lá sobre a opaca terra, e ponderosa,
Estendêra e encubríra o raio de ouro,
Quando na hora que a Aurora ruciosa
Quer soltar o cabello crespo e louro,
Põe junto á fortaleza a aguda proa
Hum cátur que de lá vinha de Goa.

CV.

Este por novas deu que pouco havia
Que ja na oriental praia aportára
A Portugueza armada, e que trazia
Hum novo Viso-Rei, tambem declara,
Cujo nome diz que era Dom Garcia
Da Noronha, familia antiga e clara,
E diz que traz comsigo juntamente
Mui copioso poder, mui nobre gente.

CVI.

Logo ao nobre Silveira se apresenta
Hũa carta, que lá de Goa veio
Do Viso-Rei, que persuadi-lo intenta
Que estê de confiança e esforço cheio.
Alegra-se o Silveira, e se contenta,
Cobra novo fervor, perde o receio,
E sendo a nova em todos espalhada
Com grãa festa e prazer foi celebrada.

CVII.

O Fernando, que atraz a historia minha
Disse, que tẽe Moraes por apellido,
Pergunta se para elle carta vinha
Do Viso-Rei. Não vem, lhe he respondido.
Logo em publico diz, que pois não tinha
O respeito o Noronha a elle devido
Tornar-se para Goa he seu intento,
Nem tardará alli mais hum só momento.

CVIII.

Presenta-se ao Silveira sem detença,
Suas queixas perante elle renova,
E pede que lhe queira dar licença
Para se ir no cátur que trouxe a nova.
Mostra-lhe o Capitão quão mal pertença
A sua honra aquella ida, e lh'a reprova,
Quiçá de tirar com isto desejoso
Grãa materia ao praguento, ou invejoso.

CIX.

Mais insiste o Moraes, aconselhado
Responde o Capitão, com ledo rosto:
I-vos, que eu só me quero acompanhado
De quem de acompanhar-me tẽe grão gosto.
Fica o Moraes traz isto inda obstinado,
Nem da sua tenção muda inda o posto,
E na hora que n'hum véo escuro envólta
Fica a terra, se embarca, e a Goa vólta.

CX.

No nobre Capitão logo se acende
Hum desejo entendido claramente,
Que lá no baluarte que defende
O Pacheco, esta nova se apresente.
Lopo de Sousa, que isto delle entende,
Lhe promette, que quando o Sol luzente
Descansar no maninho usado leito
Seu desejo verá posto em effeito.

CXI.

Acceita o Capitão a honrada offerta,
E com muitos louvores lhe agradece,
E em quanto o raio d'ouro inda encuberta
Tẽe a sombra que o claro ar escurece
Tudo o Sousa provê, tudo concerta
Quanto ser necessario lhe parece
Para effeito daquillo que queria,
Armas, embarcação, e companhia.

CXII.

N'hũa fusta que alli só foi achada
(Tendo para o que quer tempo opportuno)
Entra, e com grão silencio, abrindo a estrada
Vai polo humido assento de Neptuno.
Mas porque a mi ja cansa, a vós enfada
Este Canto, ja assaz largo e importuno,
Césso aqui, porque césse algum espaço
O vosso enfadamento, e o meu cansaço.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIV.

Lopo de Sousa chega ao baluarte de Francisco Pacheco, e torna á fortaleza em salvo. A armada dos Turcos sahe de Madrafabat, e vai ancorar em Diu. Dá-se o combate ao baluarte, e o successo delle. Contão-se algumas cousas que succedêrão neste meio tempo. Chega á fortaleza hum homem do baluarte de Francisco Pacheco, e a que vinha.

I.

Parecer foi da douta antiguidade
Que não falta a fortuna ao atrevimento,
Isto abraçou depois a nova idade,
Dá-se-lhe hoje tambem consentimento.
Qual o provou co'o exemplo da verdade,
Qual co'o exemplo o provou do fingimento;
A poesia co'o que ella finge e inventa,
A historia co'o que o tempo lh'apresenta.

II.

Se qualquer escriptor isto pertende
Ou seja fabuloso, ou verdadeiro,
No braço Portuguez, a quem se entende
Que nenhum outro foi nunca primeiro,
Conhecido ja onde o Sol estende
O seu primeiro raio, e o derradeiro,
Mil feitos achará mais espantosos
Que os verdadeiros seus, ou fabulosos.

III.

Feitos, que mais ao vivo estão provando
Quanto ajuda a fortuna á ousadia.
Que quantos a verdade está mostrando,
Ou quantos imagina a fantasia.
O que agora começo de ir cantando
Só para prova disto bastaria,
Mas esta prova fazem mais bastante
Os que cantei, e espero que inda cante.

IV.

Fendendo as ondas vai a proa aguda
Sem ter algum favor de linho ou faia,
Porque como encubrir-se o Sousa estuda
Não quer que ou hum se estenda, ou outra caia;
O curso da maré só lhe dá ajuda
Para ir buscar do baluarte a praia,
Mas tão depressa vai co'o favor della
Que bem póde escusar o remo e a vella.

V.

Não foi de todo vão este conceito
Que algum tempo se encobre com esta arte,
Porém como era o rio assaz estreito,
E vigiado assaz por toda a parte,
Daquelle ardil não pôde vêr o effeito,
Porque antes de chegar ao baluarte
Das espertas vigias foi sentido;
Soa logo a alta grita, o grão ruido.

VI.

Traz isto o bombardeiro diligente
Salta d'hum canhão n'outro, e aceso o sólta,
Sahe entre fogo e fumo o ferro ardente,
E lá da Christãa fusta vai na vólta.
Não desmaia com isto a fiel gente,
Inda que então n'algum temor envólta,
Pois então cada hum vê combatida
De mil mortes crueis hũa só vida.

VII.

Não deixa d'ir ávante com grãa pressa
Com quanto a jornada he de morte cheia,
Arde o Turco, de blasfemar não cessa
Por se ir este tambem como o Gouveia:
Nem a solida chuva mais espessa
Cahe de lá da nimbrosa, escura veia,
Que do infiel canhão o mortal peso
Inda em mór odio cahe que fogo aceso.

VIII.

Mas dos mortaes pelouros a frequencia
Emfim foi vãa, e vão foi todo o estudo,
Que em vão se ajunta ao odio a diligencia
Contra quem da fortuna leva o escudo.
O Sousa emfim sem outra resistencia
Senão a do seu peito ousado em tudo,
A que a fortuna então favor não nega,
Sem damno ao logar chega, aonde navega.

IX.

Levanta logo a voz, sendo chegado,
Polo Pacheco brada com instancia;
Acode elle em ouvindo ser chamado,
Que não lh'o impede então a alta distancia:
Pergunta logo o Sousa polo estado
Em que estão, elle, os seus, e a sua estancia,
Dá-lhe a nova que traz, que elle ha por bôa,
D'estar a armada ja do Reino em Goa.

X.

Apoz isto lhe diz que elle queria
Deixar a embarcação, saltar em terra
A dar-lhe algũas cousas que trazia,
De que hũa he de refresco, outra de guerra:
Que tenha aberta a porta lhe pedia
A qual da sala a entrada impede e cerra,
E para que elle possa ir lá seguro
Co'os seus o favoreça lá do muro.

XI.

Recusa o Capitão aquella entrada
Do Sousa onde elle está, nem lh'a concede,
Dizendo que com muro tẽe cerrada
A porta, que elle estar aberta pede,
E delle ao baluarte está atalhada
Ja a communicação, porque lh'a impede
O grão vallo que o imigo pôz na parte
Que entre elle posta está, e o baluarte.

XII.

E que de mais não tẽe necessidade
Senão que a sua ajuda lhe não negue
O Rei que habita lá na Eternidade
A quem tudo obedece, e tudo he entregue;
Mas pola obrigação, pola amizade
Que deve hum Capitão a quem o segue,
Elle ao Silveira pede por ajuda
Que dando elle signal, de lá lhe acuda.

XIII.

Aquelle espaço todo que gastárão
Nesta prática os dous que aqui nomeio,
Os profanos pelouros não cessárão,
Que por serem mortaes davão receio;
E tão espessos vão que lhes cortárão
Mil vezes as palavras polo meio,
Mas a prática fica concluida
Inda que foi mil vezes repetida.

XIV.

Despedido atraz isto o varão forte
Ao primeiro perigo a fusta entrega,
E rompendo outra vez por fogo e morte
Com invencivel peito o mar navega;
E tal favor então da amiga sorte
Sentio, que á fortaleza em salvo chega,
Apesar do perenne fogo ardente
A detê-lo apressado e diligente.

XV.

Nenhum peito a grãa festa dissimula,
Nenhuma lingua o seu louvor encobre,
Qual entre os mais heroicos o intitula,
Qual então hum geral gosto descobre:
Nem sómente ao Silveira isto estimula
Mas a gente tambem plebeia e nobre,
Todos liga união pura e sobeja
Em nenhum detracção reina, ou inveja.

XVI.

Gastou-se nisto o espaço que o dourado
Planeta pôz na usada sua carreira,
Mas quando elle nas ondas descansado
Fez que mostrasse a irmãa a luz primeira,
A fusta só que tinha, com recado
A Goa ao Viso-Rei manda o Silveira,
E nella os que a doença grave e dura
Necessitados fez alli de cura.

XVII.

Tendo o Turco, que em nada pôz tardança,
Então ja preparada a bateria
Que ao baluarte, cuja governança
Têe Francisco Pacheco, dar queria,
Não lhe soffre o furor, e a confiança
Que o possa dilatar mais hum só dia,
Crendo que por não ser ja commettido
Não era o baluarte ja rendido.

XVIII.

E ja no fim do mez em que pisando
As estradas do Ceo co'o carro aceso
O autumnal Equinocio vai mostrando
O planeta do amor de Daphne preso,
Na hora que d'entre as ondas, levantando
Phlegom, e os outros tres o claro peso,
Desterrárão o manto tenebroso,
Começa o bravo assalto, e temeroso.

XIX.

Eis se ouve o grão clamor, vê-se a revólta
Lá no povo fiel, e lá no imigo,
Sahe a ruina e a morte em fogo envólta,
Lá do grão basilisco, que atraz digo
Que da armada alli veio, e tambem sólta
Com estrondo menor, menos perigo
Seu furor outra peça mais miuda
Que entrada ao baluarte abrir estuda.

XX.

Mas em quanto trabalha nesta entrada
A profana bombarda horrenda e fera,
Eu lá a Madrafabat faço a jornada
Onde a frota infiel sei que me espera.
Esta estando ja assaz bem preparada
Do que a sua tenção necessario era,
Não quer alli deter-se mais hũa hora,
Pois tẽe o mar e o vento brando agora.

XXI.

Sendo ja chegada a hora da partida
Hum manda, outro executa o mandamento,
Sahe logo a ancora curva, constrangida
De duros braços, lá do fundo assento,
Sóbe a entena ao mais alto, onde estendida
A vella, em si recolhe hum manso vento,
O remo cahe, e as ondas revolvendo
Faz com que a aguda proa as vá fendendo.

XXII.

Fendendo as ondas vai a aguda proa
Ufania mostrando em tudo, e gosto,
O estandarte de varia seda voa
Com ordem em logares varios posto,
O tambor, e o clarão guerreiro soa
Com mais horrendo som que bem composto,
Na popa o rico toldo roçagante
De que o mar he tambem partecipante.

XXIII.

Este gosto que em tudo mostra a fróta
Em todo vai a gente descubrindo,
Da Christãa fortaleza segue a róta
Favoravel o vento e o mar sentindo:
Hũa bem concertada galeóta
Vai diante, a quem todos vão seguindo,
A qual Jhuof Hamed em si trazia
Que tẽe do mar a mór capitania.

XXIV.

Com esta ordem que digo que levava
Esta armada infiel, soberba e ufana,
Na hora que o baluarte começava
Sentir em si a cruel furia profana,
Começa a apparecer onde a alcançava
Ja claramente a vista Lusitana,
Que d'hum tal apparato, tal arreio
Mais alvoroço toma que arreceio.

XXV.

E sendo o dia claro, o vento brando,
O mar quieto, manso, e bonançoso,
E a aguda proa os ventos vai cortando
Com curso mais veloz que vagaroso,
Em breve tempo a armada foi chegando
Defronte ao baluarte onde o animoso
Gouveia tinha o mando, e ó regimento,
Ao qual a barra deu o nome e o assento.

XXVI.

Aqui logo a profana imiga gente
Começa a descubrir o aceso peito;
Faz do canhão sahir o ferro ardente
Que contra a fortaleza vai direito;
Mas por isto não ser confusamente
Passa hum navio entre outro, e de tal geito
Se ordenão, que em tirando alli, o primeiro
Dá logar ao segundo, este ao terceiro.

XXVII.

Soltando com esta ordem toda a armada
Dos canhões a fulminea tempestade,
Faz que na fortaleza tenha entrada
De pelouros mortaes grãa quantidade:
E cuidando quiçá vêr destroçada
Só com isto a Christãa ferocidade,
Só n'hum tão forte, quanto triste, moço
De infinitos canhões pára o destroço.

XXVIII.

O infelice mancebo, que no muro
Acaso estava então d'armas ornado,
Lá onde o seu feroz esprito duro
Para seu damno o tinha então guiado,
Quiçá na hora que estava mais seguro,
E d'hum tão grave mal mais descuidado,
Eis sólta das galés a horrenda e fera
Mortal furia, hũa grossa, brava espera.

XXIX.

Esta, que sempre traz por companheira
Hũa morte cruel não resistida,
Direita ao moço lá faz a carreira
A dar morte ao que então começa a vida:
Encontra-o polo ventre, e da maneira
Que cahe a nova planta, combatida
Do machado, que o duro braço afferra,
O triste moço cahe pallido em terra.

XXX.

Pallido em terra cahe o moço triste
Com as entranhas feitas em pedaços,
A lagrimas e a dôr, ninguem resiste
Senão sós os penedos, sós os aços.
Tu, mal afortunada que o pariste
Apparelha os cansados, velhos braços,
Em que n'hũ'hora vejas consumido
O que vinte annos ha que tẽes parido.

XXXI.

Viva alli a Mãe ao moço inda guardára
Para esta desventura acaso a sorte,
A qual ja n'outro tempo arrebatára
O charo companheiro a cruel morte.
Com vida inda, e com falla á velha e chara
Mãe, foi levado o moço, e com tão forte
Esprito o recebeo, que dôr tamanha
Com lagrimas as faces não lhe banha.

XXXII.

Nos braços o agasalha, e inda procura
Que a cirurgia a tanto mal proveja,
Mas o moço, que vê que a sepultura
Só lhe fallece então, e o mais sobeja,
Lhe diz: Consenti, Mãe, que d'alma a cura
Antes que as vossas lagrimas eu veja,
Para que a vossa dôr não possa agora
Impedir-me o que cumpre a esta ultima hora.

XXXIII.

A animosa mulher, em quem se esconde
Esforço, que ao mais forte déra espanto,
Estando ella então só quieta, onde
Os mais rompem o Ceo com triste pranto,
Com socegado rosto lhe responde:
Filho, d'estar teu fim ja perto tanto
Que a cura d'alma só te está pedindo
Está a minha hũa grave dôr sentindo.

XXXIV.

Mas inda que esta dôr tanto me alcança
Quanto me obriga o amor, e o mal presente,
Faz-ma porém soffrer bem a esperança
Com que ja hum grande allivio esta alma sente,
Que lá na Eterna Bemaventurança
Irá reinar tua alma eternamente.
Sê esforçado em morrer, na fé constante
Que isto a me consolar será bastante.

XXXV.

Ja nesta hora comsigo o moço via
O Sacro Sacerdote, e diz-lhe: Ouvi-me.
Aparta-se então toda a companhia,
Descobre-lhe o pesado, e o leve crime,
Recebe absolvição, e neste dia
Entra em estado santo, alto e sublime.
Tornão aquelles logo acompanha-lo
Que o Sacramento fez desampara-lo.

XXXVI.

E dos braços da Mãe, que d'infinito
Esforço e piedade estava cheia,
Manda este corpo lá o pio esprito
Onde vida ha de ter, de morte alheia:
Eis sóbe logo ás nuvens o alto grito,
Mana dos olhos a salgada veia,
Qual com dôr de hũa morte assi immatura,
Qual sentindo da Mãe a desventura.

XXXVII.

Aquella só que ao morto filha dava
No charo seio então recolhimento,
Nas lagrimas communs enchuta estava,
Na impaciencia commum tẽe soffrimento;
Se alguem a consola-la se chegava
Della consolação recebe e alento.
Esforço sublime inusitado
Digno de eternamente ser cantado.

XXXVIII.

Á fortaleza torno, onde me espera
Hum desestrado caso lamentavel.
Disse que a artilharia imiga e fera
Soltando a horrenda furia insuperavel,
Na Christãa fortaleza entrar fizera
Quasi hũa quantidade innumeravel
De pelouros mortaes, e esta só guerra
Ou toma-la cuidou, ou pô-la em terra.

XXXIX.

Porém a forte gente que a defende,
Que em tão leve perigo segura anda,
Tambem os seus mortaes canhões acende,
Tambem o aceso ferro á frota manda;
Mas não lhe segue o effeito ao que pertende,
Porque a sorte então mais dura que branda
Faz que o horrendo furor do Lusitano
Canhão, traga aos seus, mais q̃ aos Turcos dano.

XL.

Do baluarte da barra, e do que tinha
Do Santo antes incredulo o apellido,
Neste tempo o pelouro ardente vinha
De lá do ruinador bronzo sahido,
E tendo a imiga frota tão visinha
Que lá alcança o furor não resistido,
Sós duas galés o sentem pouco ou nada,
Pois não passa da enxarcia, e paliçada.

XLI.

Dos seus mesmos canhões a Portugueza
Gente, sente o mór dano, a mór ruina,
Porque dos que alli têe para esta empreza,
Espera, basilisco, columbrina,
Quando aquella soberba furia acceza
Com mór pressa e furor joga e fulmina,
Dous grossos basiliscos arrebentão
Que da polvora a força não sustentão.

XLII.

Hum de metal, de ferro outro era feito,
Ambos fortes, mortaes, impetuosos,
Porém d'ambos não segue hum mesmo effeito,
Só d'hum os que alli estão ficão queixosos.
O de metal, com quanto alli desfeito
Se vê em mortaes coriscos furiosos,
De tal sorte porém seu furor lança
Que dos que em torno estão nenhum alcança.

XLIII.

Mas o ferreo canhão em desarmando
Os arcos de que fôra antes composto,
Por cá, por lá sua furia executando,
Qual ferindo no peito, qual no rosto;
A quatro logo as almas arrancando
Faz dos corpos deixar o antigo posto,
Outros dez no seu proprio sangue banha,
Nos sãos causa tristeza, e dôr estranha.

XLIV.

Esta cópia de mortos e feridos
No baluarte da barra só se achárão,
Mas os fados crueis endurecidos
Neste só desastre hoje não parárão.
D'outros canhões que estavão repartidos
N'outras partes, alguns arrebentárão,
E por todos vêem sete o ultimo dia,
Quinze vão ter em mãos da cirurgia.

XLV.

Deu causa a este successo miseravel
Applicar-se ao serviço da bombarda,
Por erro mal sabido, e desculpavel,
O negro pó, que serve na espingarda.
Mas hum feito assaz raro, assaz notavel,
E de memoria digno, lá me aguarda
No baluarte da Villa, ir-me lá quero,
Onde causar espanto e gosto espero.

XLVI.

Porém antes me cumpre entrar na armada
Que com instantes vozes me importuna,
Porque d'hum vão trabalho ja cansada
Segura estancia ja busca, e opportuna;
Com a ordem que ja atraz tenho contada,
Contraria ao que cuidou tendo a fortuna,
Dispára a frota imiga a alta braveza
Dos seus canhões lá contra a fortaleza.

XLVII.

Ora hum dispára, ora outro, com grãa pressa,
Polos ares retumba o estrondo horrendo,
Succede-lhe a fumaça negra e espessa
Que apoz a Aurora a noite está trazendo.
Espantado o Ciclopa hoje confessa
Que lá onde o corisco está fazendo
Tão grosso fogo e fumo a Etnea fragoa
Não lançou de si nunca como hoje a agoa.

XLVIII.

Dado fim ao furor da fulminosa
Artilharia, que não he infinita,
Entre a escura fumaça, e temerosa
Que ora a espanto, ora a gosto o peito incita,
Passa encuberta a frota copiosa,
E vai surgir lá junto da Mesquita
Onde disse que o ferro ao mar lançára
Quando alli de Suez antes chegára.

XLIX.

Em quanto estes canhões cá nesta parte
Os redondos coriscos no ar espalhão,
Os que batendo estão o baluarte,
Em que os fortes soldados se agasalhão
Que do Pacheco seguem o estandarte,
Com grande instancia assaz tambem trabalhão
Para romper o muro, e nelle houvesse
Porta por onde o Turco entrar pudesse.

L.

Este bravo combate, começado
Subindo a luz primeira no Oriente,
Até aquella hora foi continuado
Em que o Governador do carro ardente,
Além do meio curso costumado
Quatro horas caminhára ao Occidente,
Sem estar hum momento ou quedo ou mudo
Nem o grosso canhão, nem o miudo.

LI.

Nem fez ao baluarte em vão a guerra
Esta furia perenne, alta, e funesta,
Porque aquella grãa sala põe por terra
Que lá no baluarte mesmo entesta,
Tal que a parede com que antes se cerra
Essa mesma d'escada agora presta,
A qual naquella parte se acabava
Que o baluarte mais alta mostrava.

LII.

Nem pára nisto a horrenda bateria
Porque odio tudo prova, tudo intenta,
Hũa parte tambem da frontaria
Do baluarte sente esta tormenta;
Tambem lhe cegão toda a artilharia,
De que se alegra assaz, e se contenta
O imigo, que ha que tẽe, com grande gloria,
Pois subida ja tẽe, certa a victoria.

LIII.

E vendo ella que o fim de seu intento
Com tal occasião se lhe apparelha,
Não se quer mais deter hum só momento
De furia estimulada, nova e velha,
E logo ao som do bellico instrumento
Seguindo de corrida hũa vermelha
Bandeira grande assaz que hia diante,
Sahe soberba, feroz, sahe arrogante.

LIV.

Desce lá do intratavel cume Alpino
O arrebatado rio, caudaloso,
Quando o Sol dos de Leda entra no sino
Co'a derretida neve mais furioso;
Se em meio do furor, do desatino
Com que move o seu curso impetuoso
Encontra do penedo a grãa firmeza
Torna atraz, e desvia a alta braveza:

LV.

Tal se me representa esta profana
Gente feroz, e cheia d'arrogancia,
Que entrando impetuosa, ousada, e ufana
A detem hũa firme, alta constancia.
Setecentos serão (se não me engana
A vista) os que vão lá da Turca estancia
Traz o pendão purpureo, erguido em alto,
Preparados ao fero, horrendo assalto.

LVI.

E como têe a empresa por vencida
Ir cada hum diante então trabalha;
Sóbe o animoso alferes de corrida
Lá pola ruinada, alta muralha,
Acompanhado foi nesta subida
De quantos o logar em si agasalha,
Que como não esperão resistencia
Vão ja traz a victoria a competencia.

LVII.

E porque mais ousado hoje e atrevido
Siga o Turco esquadrão o que pertende,
Foi de muitos dos seus favorecido,
Qual co'a frecha subtil que os ares fende,
Qual co'o chumbo mortal, que despedido
Lá da espingarda, tudo abate, e rende,
Que vão contra os Christãos, para impedir-lhes
Mostrar-se aos infieis, e resistir-lhes.

LVIII.

E sendo os Turcos ja quasi igualados
Co'o mais alto logar do roto muro,
Tendo os Christãos ja por desbaratados
E o fim daquella empresa por seguro,
Forão de sós dous homens encontrados
D'esprito mais que forte, mais que duro,
Que sobre o andaime lá do baluarte
Fazem parar dos Turcos o estandarte.

LIX.

Qualquer dos dous estende a tesa lança
Contra infinitas lanças, sem receio.
O Turco, inda com riso e confiança,
Não duvida acabar isto a que veio,
Mas porque a resistencia mór tardança
Lhe põe do que cuidava, d'ira cheio,
Blasfemando a Mafoma, que lhes nega
Seu favor, só nos dous a furia emprega.

LX.

Porém os dous, em quem hum tal perigo
Maior esforço põe que espanto e medo,
Contra o grosso furor do povo imigo
Com tal constancia têe o rosto quedo,
Que o mais grosso Carvalho, e mais antigo,
Nem a mobil constancia do penedo,
Não resiste melhor ao movimento
Ou da furiosa onda, ou do grão vento.

LXI.

Os Christãos que lá da fortaleza
Aquelle raro esforço dos dous vião,
Movidos ora a dôr ora a braveza
Porque então ajuda-los não podião,
Não sabendo se a causa era fraqueza
Ou se outras cousas são as que fazião
Que os outros aos dous sós deixão em tanto
Perigo, em todos entra hum grande espanto.

LXII.

Cresce esta sua dôr, vendo faltar-lhes
Navios, com que então o mar fendendo
Sequer algum favor podessem dar-lhes,
E em lagrimas a ardente ira envolvendo
Mandão-lh'os peitos lá onde mandar-lhes
Nenhum póde o seu braço, e o ferro horrendo,
Mas co'o mortal canhão, bravo e terrivel
Os ajudão de lá quanto he possivel.

LXIII.

Mas a gente infiel, que desatina
E dentro se consume, e desespéra,
Vendo que podem dous o que imagina
Que toda a Christãa gente não pudéra,
Com dobrado furor, se determina
Vencer aquella invicta cópia féra,
Meneia com imigo, duro braço
Hum a comprida lança, outro o curto aço.

LXIV.

Porém tendo qualquer dos dous o peito
Invencivel, feroz, forte, incansavel,
E o logar em que estão he tão estreito
Que bem lhes dá de si ser defensavel,
Ambos sós o defendem de tal geito
Contra hum imigo quasi innumeravel,
Como se os que estão no baluarte
Áquella defensão tiverão parte.

LXV.

Agora a tesa lança penetrando
Os corpos infieis, faz seu officio,
Agora o aceso barro arremessando,
Agora outro flammifero artefìcio,
Que os de dentro lh'estavão ministrando
Para aquelle sanguineo exercicio,
Fazem sós o que os mais que têe comsigo
Não por difficuldade, e por perigo.

LXVI.

Logo daquelles braços não vencidos
Entre os Turcos se segue o effeito duro,
Porque huns neste logar são constrangidos
Mandar as almas lá ao reino escuro,
Outros co'os pés nos ares estendidos
Precipitados vão lá do alto muro
Com grão damno ou das pernas ou das frontes,
Achárão-se hoje aqui mil Phaetontes.

LXVII.

Nem seguem tanto em salvo esta contenda
Que o seu sangue não faça humida a terra,
Porque como sómente a elles pertenda
Fazer esta copiosa turba a guerra,
Inda que os muitas vezes não offenda
O tiro penetrante, porque os erra,
Outros muitos tambem os acertárão
Que cruelmente os corpos lhes passárão.

LXVIII.

Mas nem faltos de sangue, e trabalhados
De resistir a imigos infinitos,
Se lh'abatem hum ponto os indomados,
Magnanimos, leaes, duros espritos.
E tanto hoje são delles maltratados
Aquelles infieis peitos malditos,
Que perdêrão de todo a confiança
De prevalecer hoje a sua lança.

LXIX.

Dura este bravo assalto e furioso
Até que de Latona o filho louro
Nas ondas ja mettia o luminoso
Carro, d'onde espalhára os raios d'ouro.
Confuso então assaz, e ja medroso
Aquelle antes soberbo, e ousado Mouro,
Não se atreve a esperar a força brava
Que antes como a vencida despresava.

LXX.

Desce lá do alto muro com mór pressa
Da com que antes subio, a imiga gente,
Por cá, por lá se espalha, e se arremessa
Por fugir a outro mal que tẽe presente;
Porque hum momento só então não cessa
De busca-la o redondo ferro ardente,
Que lá da fortaleza fulminando
O canhão furioso está lançando.

LXXI.

Aquelles que hoje ir vivos o Ceo manda
Das mãos dos dous, e da mortal bombarda,
Só co'os pés dão fim a esta demanda,
Por mais ditoso se ha quem menos tarda;
D'estorninhos no Outono a negra banda
Que sente o tom inigo da espingarda,
No temor e desordem com que foge
Não chega á que esta gente levava hoje.

LXXII.

Mas com medo e desordem correm tanto
Que ás estancias vão ter em breve espaço,
E inda os lá acompanha hum grande espanto
D'hum tão raro valor, tão forte braço.
Vós fortes dous varões de quem eu canto
Soffrei-me não louvar-vos, pois o faço
Porque o maior louvor do vosso peito
He só dizer o que hoje tendes feito.

LXXIII.

Sendo com tão glorioso vencimento
Lançado d'alli hum áspero adversario,
Vão logo os dous buscar recolhimento
Qual entendem que lhes era necessario.
Recebidos com grão contentamento
Dos companheiros são, e co'o ordinario
Favor da cirurgia sustentados
Os corpos por mil partes trespassados.

LXXIV.

Não deixárão porém aquelle muro
Que tẽe com tanto esforço defendido,
Até que descobrio o manto escuro
A noite, e o Ceo d'Estrellas foi vestido;
Porque esta escuridão lhes dá seguro
Que não será de novo combatido,
E inda o seu forte esprito lhes renova
Para outro assalto novo, força nova.

LXXV.

Depois de ser passada a maior parte
Da noite que seguio a hum tão bom dia,
Quando o sanguinolento, horrido Marte
Ao molle e brando somno obedecia,
Sahe hum do combatido baluarte
E á fortaleza faz direito a via,
Que por nome Faleiro Antonio tinha,
E com pressa lá chega aonde caminha.

LXXVI.

Confuso o Capitão, suspenso fica
Tanto que lhe chegou disto o recado,
Porque esta vinda então lhe prognostica
Algum estranho mal, e não cuidado;
Mas nada então de fóra notifica
O que o seu peito tẽe dentro encerrado,
O sobresalto o apressa, elle o primeiro
Deseja d'ir buscar logo o Faleiro.

LXXVII.

Mas vence emfim co'a força da prudencia
Este impeto que tanto o perturbára,
E fazendo alli vir com diligencia
Todos os da familia illustre e clara,
E os mais a quem o esforço e experiencia
Para estes autos taes habilitára,
Ao Faleiro mandou (que presente era)
Que dissesse a rasão que alli o trouxera.

LXXVIII.

Elle então posto em pé, logo endireita
Para onde o Capitão via que es'ava,
Dá-lhe hũa longa carta, que ser feita
De tres ou quatro dias mostras dava.
Esta era do Pacheco, onde da estreita
Peleja do outro dia não tratava,
Nem d'outra cousa das que disse agora
O Faleiro, a que alli mandado fora.

LXXIX.

Esta carta em logar do sobrescrito
Que declara a pessoa a quem se escreve,
Diz que lá a tudo quanto lhe fôr dito
Polo Faleiro então, fé dar se deve.
Logo isto ao perspicaz, esperto esprito
Motivo e occasião deu, e não leve
De cuidar que esta vinda extraordinaria
Era forjada mais que necessaria.

LXXX.

O Faleiro apòz isto diz que quando
Fez lá do baluarte elle a partida,
O Pacheco (que tinha delle o mando)
Tão perto estava ja do fim da vida,
Que elle comsigo estava imaginando
Que de todo a teria ja perdida,
E que hũa enfermidade grave e forte
Que teve o tempo atraz, o trouxe á morte.

LXXXI.

Entre este ajuntamento era presente
O Lopo, que d'alcunha tinha Sousa,
Este ao Faleiro diz, que ante tal gente
Como dizer se atreve hũa tal cousa,
Porque elle havia dous dias sómente
Que do Pacheco a voz ouvíra, e que ousa
Dizer que aquella voz estava em termo
Que era voz de homem são mais que d'enfermo.

LXXXII.

Pouco o Faleiro disto se contenta
Que em grão perigo vê sua verdade,
E como inda procura, ainda intenta
Do Pacheco provar a enfermidade,
Grãa cópia de rasões logo apresenta,
Mas todas sem vigor, e authoridade,
Para dar a entender que ser podia
O que lhe o Sousa então contradizia.

LXXXIII.

E cuidando que estava ja bastante
Mente com taes rasões acreditado,
Polo que começou segue inda ávante,
E diz que no combate antes passado
Soffrendo os seus com animo constante
O barbaro furor imigo e irado,
A dez ou quinze coube o fim das vidas,
E aos vivos, crueis, mortaes feridas.

LXXXIV.

D'onde nasceo que quando a competencia
Os commetteo a gente Sarracena,
Ella achou em tão poucos resistencia,
Mas nem por isso fraca nem pequena;
Antes aquella imiga alta potencia
Que os Christãos a cruel morte condena,
Havendo-os ja de todo por perdidos,
Vencida he dos que havia por vencidos.

LXXXV.

E diz que as cousas todas são gastadas
Quantas á defensão se requerião,
Ardida acaso a polvora, e arrombadas
As pipas que em si a agua recolhião;
Co'os tiros as mais lanças são cortadas,
Cegas as bombardeiras que impedião
Da bombarda o meneio, e desta sorte
Não têe ja defensão senão na morte.

LXXXVI.

E que vendo o Pacheco, e os seus soldados
Em tudo o necessario hum tal defeito,
De se salvarem ja desesperados,
Tanto o desesperar lh'acende o peito
Que estavão de ir morrer determinados
(Em se tornando o Sol ao usado leito)
Entre os Turcos, que pois lhes era forçada
A morte, fosse ao menos morte honrada.

LXXXVII.

Porém que elle impedíra effeituar-se
O que esta gente então determinava,
Dizendo que melhor era buscar-se
Remedio áquelle aperto em que se achava;
E quando não podesse remediar-se
Então esse remedio lhes ficava
Da morte que buscar queria agora,
Que para morrer nunca falta hũ'hora.

LXXXVIII.

Toda a mais companhia isto approvára
Que só em desesperar tinha esperança,
Elle a hũa bombardeira então chegára
D'onde co'a fria luz que de si lança
A bella Trivia, que era então bem clara,
Que da de seu irmão grãa parte alcança,
Vê por baixo passar hum que a doutrina
Segue de Mafamede, e se lh'inclina.

LXXXIX.

Deixa a materna lingua em que nascera,
E usando a que usa lá a Arabia terra
Diz ao Turco: Escusar-se rasão era
Esta sanguinolenta, cruel guerra,
Se Tesifone, Alecto, se Megera
Dentro nos vossos peitos não se encerra;
Busque-se hum meio bom com que se evite
Tanto sangue, e que ás mortes dê limite.

XC.

Ao qual lhe respondeo, que esta demanda
Elle aos seus Capitães presentaria.
Parte-se logo, e torna áquella banda
Com tal pressa que então cuidava que hia,
E dissera que Cojaçofar manda
Que para se dar a isto a melhor via
Algum descesse lá do Christão muro,
O qual poderia ir assaz seguro.

XCI.

E que aquelle Christão ajuntamento
Com sentença por todos approvada
O elegêra, por ter conhecimento
Da lingua que em Arabia he costumada,
Porque esta tambem lá no Turco assento
Não he entendida só, mas mui tratada,
Para que algum partido lá pratique
Com que em salvo honra e vida a todos fique.

XCII.

Logo abaixo descêra, e presentado
Aos Turcos Capitães, foi recebido
Com alegre semblante e gasalhado,
Onde fôra, por elles commettido
Que se quizessem dar, pois têe provado
Que em vão o seu poder he resistido,
E que de Çoleimão ninguem duvida
Que a todos liberdade dará, e vida.

XCIII.

E sendo isto altercado longamente
Com mil várias rasões de parte a parte,
Dissera elle que a Portugueza gente
Não se entregará a si, e o baluarte;
Antes com pertinaz furor ardente
Se defenderão contra o mesmo Marte
Por mais que mostre sua crueldade,
Senão salvar a vida, e a liberdade.

XCIV.

Mas que nenhum concerto, ou de seu gosto,
Ou de sua honra fosse, ou seu proveito,
Entre elles ficará por obra posto
Sem ser ao Capitão geral acceito.
A isto os Turcos respondem com bom rosto,
E dizem que elle fosse dar-lhe effeito,
E que havida a licença, tratarião
Do pacto que entre si fazer podião.

XCV.

E que os do baluarte a isto o mandavão
Para que co'o Silveira o consultasse,
A cujo parecer se sujeitavão,
E elle nisto o melhor determinasse;
Que elles para morrer promptos estavão
Se elle para morrer os incitasse,
Mas que faltar-lhes tudo saiba certo
Quanto os póde ajudar em tal aperto.

XCVI.

Aqui conclue a prática o Faleiro
De quem se concebeo juizo vário,
Qual o julga por pouco verdadeiro
Qual o julga tambem polo contrario:
Porém o Capitão geral, primeiro
Que lhe responda, tẽe por necessario
Consultar os que estão naquella junta,
Logo os seus votos nisto lhes pergunta.

XCVII.

Destes inda que alguns então ficárão
Com má suspeita em si, sem a dizerem,
Vendo com quanta instancia lh'affirmárão
Que não tẽe defensão senão morrerem,
Todos sem discrepancia aconselhárão
Que o melhor pacto fação que puderem,
Que de morrer não deve dar motivo
Quem quando isto aconselha fica vivo.

XCVIII.

O Silveira tambem nisto concerta
Co'o parecer daquella companhia,
E responde que pois tanto os aperta
A falta que de tudo lá havia,
Que elles mesmos escolhão a mais certa
E de sua saude a melhor via.
Torna o Faleiro aos seus, tendo licença,
Que esta resposta só lhes põe detença.

XCIX.

Na fortaleza foi logo affirmado,
Sem saber inda alguem disto a verdade.
Que o Pacheco co'os Turcos, quando o usado
Raio do Sol esconde a claridade,
Tinha duas ou tres vezes fallado,
E algũas cousas desta qualidade,
Que se soube depois serem passadas
Como forão então advinhadas.

C.

Pouco espaço depois que o passo vólta
Faleiro para os seus, não vagaroso,
A bella Aurora em nova luz envólta
Deixa a conversação do velho esposo,
E ante o Sol os cabellos de ouro sólta
Não sem grãa mágoa de Titon cioso,
A quem a ausencia desta chara amiga
A suspiros, e a lagrimas obriga.

CI.

Logo toda a plebeia e nobre gente
Que a fortaleza então dentro em si tinha,
Qual detraz, qual diante, promptamente
Ao baluarte os olhos encaminha,
Para vêr o Faleiro diligente
Co'os Turcos em que pacto ou quando vinha,
Mas isto não se vio senão ja quando
O Sol ao meio curso hia chegando.

CII.

Nesta hora a ruinada parede alta
Serve de escada á gente Sarracena,
O que não póde só não corre e salta,
Todos hão toda a pressa por pequena;
Outro a quem esta escada agora falta
Encosta á bombardeira a longa entena,
Por ella quanto póde vai ligeiro,
Trabalha cada hum ser o primeiro.

CIII.

Desta sorte a infiel gente perdida
Dentro no baluarte teve entrada,
Onde por terra foi posta e abatida
A bandeira com Cruz assignalada,
E em seu logar indignamente erguida
Outra vermelha em côr, grande e farpada,
Insignia do que o sceptro alto meneia
Que o largo imperio Turco senhoreia.

CIV.

Este acto tão nefando, e indigno tanto
Do que hũa e outra bandeira merecia,
Com grave sentimento e largo pranto
Contemplado então foi da gente pia.
Bem desejárão todos mostrar quanto
Esta religião os accendia,
Se o distante logar não lh'impedira
O effeito de tão justa, e tão pia ira.

CV.

Mas entre esta revolta que causárão
No baluarte os infieis soldados,
Religiosos peitos não faltárão,
Os quaes da honra da Cruz estimulados,
Ou acabar alli determinárão,
Sendo na terra e Ceo eternisados,
Ou erguer o pendão da insignia santa
E abater o que o Turco impio levanta.

CVI.

Foi author deste santo, honrado feito
Hum que Pires d'alcunha se nomeia,
E o nome tẽe do Santo que no peito
Do Senhor se encostou na Sacra Ceia;
Homem a quem nas forças grão defeito
Dava a cansada idade, d'annos cheia,
Mas d'hum grande esprito inda acompanhado
Que por mil provas tinha antes mostrado.

CVII.

Vendo este posta a Cruz branca e vermelha
Em tamanho despreso, e irreverencia,
A quem Ceo, terra, e inferno se ajoelha,
Aceso d'hũa santa impaciencia
Com outros seis ou sete se aconselha
Que o quizerão seguir, e a competencia
Se chegão á bandeira, e fazem quanto
Não diz aqui de rouco este meu canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XV.

João Pires e seus companheiros são mortos polos Turcos. Antonio Faleiro traz ao Capitão Antonio da Silveira huma carta de Francisco Pacheco, e leva a resposta della. Os Turcos assentão a artilharia, batem o baluarte de Gaspar de Sousa, dão-lhe hum assalto, e o successo delle.

I.

Consumidor he o tempo, insaciavel
De tudo quanto cria a natureza,
Ou seja a cousa em si forte e duravel
Ou feita com engenho e subtileza:
Ante este imigo emfim fica domavel
Antes de todo perde a fortaleza,
E á que parece mais constante e forte
Tambem guarda seu genero de morte.

II.

Que grande Imperio d'ouro, e d'armas feito,
Que bem fundada torre, que Cidade,
Que espantoso, immortal, que heroico feito,
Que forte, que robusta mocidade,
Que dôr posta no centro lá do peito,
Que desesperação, que saudade,
Ou se cousa inda ha mais dura e constante
A resistir ao tempo foi bastante?

III.

Tudo se rende emfim, tudo obedece
A este segundo fogo, vagaroso,
Só contra suas forças prevalece
Hum magnanimo esprito valeroso;
Porque este, quando a força desfalece
Se torna mais feroz, mais animoso,
E o decurso do tempo, ou morte esquiva
Não sómente o não gasta, mas o aviva.

IV.

Não he isto que digo cousa nova,
Mil exemplos cada hora o têe mostrado.
Ousado Pires, claro em ti se prova
Que o tempo não consume o peito ousado,
Antes co'o tempo cresce e se renova,
E o domador geral delle he domado,
Mostra-lo-hão tuas obras nunca ouvidas
Do teu esprito só favorecidas.

V.

Com impeto feroz, com furor santo
Á bandeira infiel Pires se lança,
Do baluarte fóra a deita quanto
A sua antiga e fraca força alcança;
E ajudado dos mais de que atraz canto
Que aqui lhe dão favor e confiança,
Alli d'onde o pendão purpureo arranca
Arvora logo a Cruz vermelha e branca.

VI.

Eis o soberbo Turco acceso em ira
Que aquella injuria têe em grande estima,
De novo abate a Cruz, de cima a tira,
Ergue a sua bandeira, e põe-na em cima.
Pires arde outra vez, geme e suspira,
E a sua companhia acende e anima,
Tenta outra vez co'os seus este combate
Ergue o pendão Christão, o Turco abate.

VII.

Não se acaba com isto esta contenda,
Faz que de novo o Turco e o Christão gema,
Porque o Turco não quer que hoje se renda
A sua insignia á Cruz, que elle blasfema,
E Pires tambem quer que o Turco entenda
Que esta he a rasão que só se exalce e tema,
E tres ou quatro vezes foi no ar visto
Ora o pendão do Turco, ora o de Christo.

VIII.

Até que vendo o Turco impaciente
Que não poderá no ar durar erguida
A sua insignia, em quanto a Christãa gente
Tẽe, para erguer a sua, força e vida,
Ja menos d'honra então que d'ira ardente,
Deixa a bandeira ja mal defendida,
E volta o ferro contra a companhia
Que o fim do seu intento lh'impedia.

IX.

Qual faz que da espingarda o chumbo saia,
Qual meneia o luzente ferro agudo,
Trabalhando porque esta gente caia
Que o seu esforço só tẽe por escudo;
Mas a esforçada gente não desmaia,
Que a vida estima ja menos que tudo,
Quanto o perigo he mór mais se defende,
Tambem meneia a espada, a lança estende.

X.

O pequeno navio que engolfado
No Occeano se vê largo e espaçoso,
Quando Orion d'espessa chuva armado
Mostra a força do inverno tormentoso,
De cá o combate o grosso mar inchado,
De lá o bravo vento impetuoso,
E por mais que trabalha o bom Piloto
Emfim se rende aos bravos mar e Noto.

XI.

Desta sorte me mostra o pensamento
Que estes poucos Christãos estar devião
Entre este copioso ajuntamento
Dos que só sua morte pertendião,
E que com maior força que a do vento,
E que a do bravo mar, os combatião,
Não lhes faltando então por toda a parte
Quanto póde ensinar, ira, odio, e Marte.

XII.

Entre aquella tão grossa tempestade
Algum tempo os fieis se defenderão,
Mas tal dos Turcos era a quantidade
Que defender-se muito não puderão:
Em mãos emfim da imiga crueldade
Os corpos, que só á morte se renderão,
Antes despedaçados, que rendidos,
Deixárão hoje os espritos não vencidos.

XIII.

Nem contente com isto aquella impura
Turba cruel, que em odio inda ardia,
Dá no rio a estes corpos sepultura
Que inda despedaçados os temia.
Fica a sua bandeira então segura
Depois que lhe faltou quem lh'a abatia,
Com tanto sangue seu, que esta victoria
Mais lhes trouxe de damno, que de gloria.

XIV.

Estes corpos fieis que hoje no rio
Pola barbara mão forão lançados,
Cujos espritos no Alto Senhorio
Com gloria eterna são agasalhados,
Por permissão do Eterno Poderio
Forão do mesmo rio então levados
A hũa das portas lá da fortaleza
Com curso repugnante á natureza.

XV.

Manda o Alto Rei tomar nova carreira
Ao liquido elemento naquella hora,
Porque estes em que a Fé foi tão inteira
Logrem na terra a casa em que elle mora;
Dando com isto mostra verdadeira,
Que pois com tal milagre quiz agora
Dar-lhes na terra aos corpos tal morada,
Tambem no Ceo ás almas lh'a tẽe dada.

XVI.

Com morte destes poucos, cuja vida
Suspendeo grande espaço esta victoria,
Aquella estancia aos Turços foi rendida
Que por ser Portugueza lhes deu gloria.
A maneira de que foi concluida
Do pacto a condição, não foi notoria
Na fortaleza, até que a loura fronte
De novo ergueo Apollo no Horizonte.

XVII.

Nem tinha inda chegado bem ao meio
Do arrebatado seu curso ligeiro,
Quando da parte lá de fóra veio
Da fortaleza aquelle máo Faleiro,
No trajo, e na arte ja de todo alheio
Do que representando hia primeiro,
De brocadilho ornado, e de grãa fina,
Cortados á feição que o Turco ensina.

XVIII.

Chama com alta voz na estancia, onde
Gaspar de Sousa tẽe seu estandarte;
Sousa, a quem esta voz alta não se esconde,
Se lhe mostra de lá do baluarte;
Pergunta-lhe o que quer, elle responde
Que o Pacheco o mandava áquella parte
C'hũa carta que ao grão Silveira escreve,
A qual cumpre que logo se lhe leve.

XIX.

E dando-a a hum, de que vem acompanhado
Que do Mafoma segue a immunda seita,
Manda que dentro a deite; elle chegado
Com pressa ao baluarte, dentro a deita;
Recolhe o Sousa a carta, e com cuidado
Faz com que ella ao Silveira vá direita;
Faleiro, que lh'a vê na mão ja posta,
Lhe encommenda a presteza da resposta.

XX.

Dizendo que o Pacheco, que ficava
N'hũa casa, que perto alli se via,
(Signalando co'o dedo onde ella estava)
E têe Cojaçofar em companhia,
Por má disposição que o mal tratava
Deter-se muito espaço não podia,
Antes para poder remediar-se
Lhe cumpria d'alli logo tornar-se.

XXI.

Em quanto ao grão Silveira vai voando
A carta que o Faleiro alli trouxera,
Fica elle largamente declarando
As honras e mercês que lhes fizera
O Baxá Çoleimão, e que em chegando
Cabaias de grão preço a todos dera;
E com grande fervor, grande eloquencia
Louva a sua real magnificencia.

XXII.

Tambem com mil palavras engrandece
O seu raro saber e authoridade,
O grão poder que traz e lh'obedece,
E outras mil cousas desta qualidade,
D'onde com claras mostras apparece
Aquella pouca fé, pouca verdade,
Aquelle desleal peito fingido
Que neste antes ja foi quasi entendido.

XXIII.

Chega entretanto a carta á fortaleza,
E sendo ao Capitão apresentada
Faz logo ante si vir toda a nobreza
Que alli estava então agasalhada,
E outros muitos, a quem alli a grandeza
Do saber e do esprito dera entrada,
E juntos abre a carta, que inda tinha
Cerrada, e nesta fórma escripta vinha:

XXIV.

Senhor, eu me entreguei ao poderoso
Grão Baxá Çoleimão, porque elle dado
Me têe seguro firme e valioso
N'hum formão seu, de chapas d'ouro ornado,
Polo qual como nobre e grandioso
Não sómente nos têe assegurado
Que as vidas nos dará, e as liberdades,
Mas escravos tambem, e faculdades.

XXV.

De nós a artilharia quiz sómente,
E as armas, com que tanto o maltratamos,
E por ser da victoria mais contente
Que fazer-lhe á galé çalema vamos.
Levado fui d'alli com toda a gente
E todos na Cidade logo entramos,
Na qual em aposentos apartados
Fomos de dous em dous agasalhados.

XXVI.

D'aqui á galé bastarda eu fiz abalo
Em que têe Coleimão seu aposento,
Foi lá Antonio Faleiro, e foi Gonçalo
D'Almeida tambem neste ajuntamento;
Achámos nelle mil, que aqui não falo,
Honras, mercês, traz bom recebimento,
De que em chegando foi logo o comeco
Dar-nos senhas cabaias de grão preço.

XXVII.

Depois que algum espaço alli pratica
Comnosco, lhe disse eu: Se o teu esprito,
Senhor, he tal, qual teu poder publica,
Cumpre o que este formão teu nos têe dito.
Outra vez com palavras ratifica
O que nos promettêra por escrito,
Dizendo que sem falta cumpriria
Quanto no seu formão nos promettia.

XXVIII.

Mas por quanto assentado elle ja tinha
Combater com instante furia aceza
Logo essa fortaleza, e a isso só vinha,
Nem cessar sem victoria desta empreza,
Para isto haver effeito lhe convinha
Que eu, e a mais companhia Portugueza,
Deste seu arraial não me apartasse
Todo o tempo que nisto se gastasse.

XXIX.

E que se com favor do Céo amigo
A esta sua tenção o effeito segue,
Sem haver mais detença, ou mais perigo,
Fará que a Christãa gente á India navegue:
Mas que se o Ceo lhe fôr tão inimigo
Que de sua tenção o effeito negue,
Eu com todos os mais livres seremos
E á fortaleza livremente iremos.

XXX.

Mas porque a execução desta vontade
Hum só momento mais não se dilate,
Desembarcar mandou com brevidade
Dous basiliscos ja para o combate,
Cuja horrenda e mortal ferocidade
Tudo abraza, destrue, assola, e abate,
Nem são sós estes dous, que nesta guerra
Póde quantos quizer lançar em terra.

XXXI.

Elle manda avisar-vos, que render-vos
Queiraes, e em seu poder entregar tudo
Sem menear espada, ou defender-vos,
Porque se usaes contra elle lança e escudo
Em vão depois haveis de arrepender-vos,
Pois com inexoravel ferro agudo
Fará de vosso sangue o chão vermelho.
Agora o vêde, e havei lá bom conselho.

XXXII.

Com mui grande attenção a carta ouvida
Foi de toda esta nobre companhia,
E sendo então de todos entendida
Claramente a tenção que ella trazia,
Com pouca alteração foi concluida
A resposta que dar-lhe então cumpria.
Toma tinta e papel logo o Silveira
E a resposta formou desta maneira:

XXXIII.

Para hum tal Capitão, tão poderoso
Como dizeis que esse he, fôra devido
(Pois he proprio do esprito generoso)
Cumprir o que vos tinha promettido;
Mas não me espanto ser-vos mentiroso
Quem he de natureza fementido,
De vós me espanto, que tão livrèmente
Me escreveis que cá o bom conselho attente.

XXXIV.

Dizei-lhe lá que mostre neste feito
A quanto seu poder e ira se estende,
Que tudo ha de ser vão e sem proveito
Pois não ha de alcançar o que pertende;
Porque cá o mais covarde e fraco peito
Em tamanho furor hoje se acende,
Que por não se perder a mais pequena
Pedra, aqui dar o sangue e a vida ordena.

XXXV.

E vós ficai d'aqui bem avisado
(Se não vos quereis vêr em grão perigo)
Que não me mandeis outro tal recado,
Nem m'o tragaes por vós com som d'amigo,
Porque sereis de mi tão maltratado
Quanto o fòra o cruel, mortal imigo,
E como a tal farei que a brava e horrenda
Bombarda a sua furia em vós dispenda.

XXXVI.

Concluida a resposta foi desta arte
E na mão ao Faleiro logo a derão,
Elle sem mais tardar, d'alli se parte
E se vai aonde lá juntos o esperão
O que ja governou o baluarte
De que os Turcos então senhores erão,
E o máo Cojaçofar, e alli não párão
Mas todos d'alli juntos se apartárão.

XXXVII.

Desejo geral he, se não me engano,
Saber o fim que teve a Christãa gente
Que se entregou em mãos do imigo insano
Sempre falso e cruel, nunca clemente.
Estes depois por ordem do tyrano
Baxá, dos Portuguezes mal contente,
Se diz que fôrão todos degolados
Sendo a Azebibe os Turcos arribados.

XXXVIII.

A nova desta carta que se espalha
Por toda a fortaleza n'hum momento,
Na que antes era baixa e vil canalha
Imprime hoje fervor e atrevimento;
Mais desejo que medo ha da batalha
No nobre e no plebeo ajuntamento,
E para defender-se estão tão fortes
Que inda mil lhe parecem poucas mortes.

XXXIX.

O forte Capitão que bem merece
Desta tão forte gente ter o mando,
Tudo soccorre, tudo favorece
Com peito liberal, altivo, e brando.
Se alguem qualquer fraqueza em si conhece
Só pôr os olhos nelle o está animando,
Com grande ordem, cuidado, e brevidade
Tudo ordena o de que ha necessidade.

XL.

Os Turcos entretanto, desejosos
De poderem dar fim á sua empreza,
Hum momento não gastão só ociosos,
Mas com vontade agora mais aceza
Assentão canhões grossos, furiosos
Para ruina da gente Portugueza,
Em qualquer dos logares que se via
Ser mais conveniente á bateria.

XLI.

Afóra estes canhões que se applicavão
Á ruina do grosso muro forte,
Por diversos logares se assentavão
Outros canhões tambem de vária sorte,
Cujas horrendas furias se empregavão
Em ruina da gente, e cruel morte,
E qualquer destes seu assento tinha
Na casa á fortaleza mais visinha.

XLII.

A cópia dos canhões que a fortaleza
Combatem, rasão he que aqui se veja,
São nove basiliscos de grandeza
Não usada até então, nova, e sobeja,
Mostrão os seus pelouros, a braveza
Destes canhões, e saiba quem deseja
Saber que peso tẽe, que os mais pequenos
Pesão de cem arrateis pouco menos.

XLIII.

Em companhia destes basiliscos
Espalhafatos cinco estavão postos,
Cuja furia, onde chega, em grandes riscos
Põe tudo, e faz perder a côr aos rostos;
Destes os bravos, horridos coriscos,
(Os quaes de pedra dura erão compostos)
Em roda (vêde se isto espanto mette)
Qual cinco palmos tẽe, qual seis, qual sette.

XLIV.

Nem com isto se farta, ou se contenta
Aquella imiga furia, antiga e fera,
Quinze aguias e leões tambem assenta
Com que ajudar a seu intento espera;
De canhões mais pequenos põe oitenta,
Em que põe o falcão, e a meia espera,
Põe o selvagem, põe a espera inteira,
E outros muitos tambem desta maneira.

XLV.

Depois durando o cerco, se aproveita
Da brava, horrenda furia, alta e temida
D'hum medonho quartão, que de si deita
Hũa morte cruel, não resistida.
Este, o que sempre a barba mais direita
Teve, quando em mór risco tinha a vida,
Faz agora tremer, e põe receio
No que antes de temor foi sempre alheio.

XLVI.

Dous Capitães tinha esta artilharia
D'assaz várias nações, e nascimentos,
Hum era Jhuof Hamed, d'Alexandria,
Outro o rebelde aos Sacros Mandamentos.
Estes, dos que nascêrão em Turquia
Têe comsigo continuos vinte centos,
E tambem toda aquella gente os segue
Que ao Latino infiel estava entregue.

XLVII.

O Baxá, que isto tudo governava,
Nunca a frota deixou, nella se encerra,
Assi porque guarda-la a elle tocava
Por estar nella a força desta guerra,
Como porque de todo lhe negava
A sua antiga idade vir a terra,
Ou por outro respeito extraordinario,
Mas d'alli provê tudo o necessario.

XLVIII.

Aquella artilharia que prantada
Para bater estava alli sómente,
Está por vários postos situada,
A qual forteficou a imiga gente
Com grandes bastiões, acompanhada
De mui grandes trincheiras juntamente,
E para que estar mais segura possa
Faz que tambem a ampare a manta grossa.

XLIX.

Nenhum destes canhões, cuja arrogancia
Só de morte ou ruina se contenta,
Da fortaleza têe a sua estancia
Mais que só passos cento e cincoenta;
Mas antes alguns ha cuja distancia
Da fortaleza he só passos sessenta,
E entre elles e ella está posto inda o assento
Que dá á gente de guerra alojamento.

L.

E com tanto saber, arte, e doutrina,
Está alli aquelle assento situado,
Que por cima o canhão joga e fulmina
Sem damno do que alli está alojado;
E para não temer qualquer ruina
Com larga cava está fortefiéado,
E com outras defensas, d'admiravel
Arteficio, assaz forte, e defensavel.

LI.

Preparado ja tudo quanto lh'era
Necessario a bater o muro imigo,
Tendo o Planeta então da quarta esfera
Quatro vezes andado o curso antigo,
Depois que entrou o mez que á cruel fera
Que a terra produzio para castigo
D'Orion, por seu mal soberbo e ufano,
Hũa vez agasalha em si cada anno;

LII.

Tanto que começou lá no Horizonte,
Abrindo o radioso seu thesouro,
Erguer a luminosa, loura fronte
O que fez tornar Daphne em verde louro,
Eis que logo retumba o valle e o monte,
Sahe com estrondo horrisono o pelouro
Da grossa artilharia, e da miuda
Que em damno dos Christãos sómente estuda.

LIII.

Dura este seu feroz commettimento
Em quanto o resplendor que Apollo cria,
Ora visitando hum, ora outro assento,
Duas vezes alterna a noite e o dia;
Em que da infiel gente foi o intento
Cegar toda a Christãa artilharia
E desfazer-lhe tudo o que a defende,
E bem faz a seu salvo o que pertende.

LIV.

E não sómente agora effeituárão
O que nestes dous dias pertendêrão,
Mas inda alguns canhões tambem quebrárão
Com que o damno foi mór do que quizerão:
Foi hum destes que alli rotos ficárão
Hũa ferrea selvagem, e outros erão
Hum camalete, e a boca a hum leão forte,
E outras peças miudas d'outra sorte.

LV.

Mas porque ja bastantemente agora
Têe dado execução a seu conceito,
Começão em tornando a nova Aurora
Á cruel bateria dar effeito:
E vendo o baluarte cá de fóra
Que era a Gaspar de Sousa então sujeito
Com menos defensões que os outros tinhão,
O seu furor primeiro a elle encaminhão.

LVI.

Vêem que até meio rosto só têe cava
Em que nenhum travéz póde ajudallo,
Do baluarte do mar só esperava
Ter favor, se d'alguem póde esperallo.
Oito peças aqui daquella brava
Artilharia põe, de que atraz fallo,
Que nesta frontaria sóltão logo
O ruinador ferro envolto em fogo.

LVII.

N'outros postos tambem está batendo,
Onde o pelouro ao muro peior trate,
Mais d'hum grosso canhão medonho e horrendo
Cujo furor assola tudo, e abate:
Tambem algũas peças se estão vendo
Em parte onde qualquer o muro bate,
Co'a sua costumada alta braveza
Sobre a porta lá da fortaleza.

LVIII.

D'aqui grão damno o povo Christão sente
Que lá na fortaleza então trabalha,
Pois d'aqui o roto muro á infiel gente
Mostra o logar onde elle se agasalha:
Dos pelouros tambem a furia ardente
Que a larga bateria no ar espalha,
Do baluarte o travéz encontrar vinha
O qual de São Thomé o nome tinha.

LIX.

Começava esta horrenda bateria
Quando o Delio profeta o carro sólta,
D'onde espalha na terra o novo dia
Pouco antes inda em noite e somno envólta;
E dura até aquella hora em que fazia
Outra vez ao salgado leito a vólta,
E a escuridão da noite que succede
Ao bombardeiro esperto a vista impede.

LX.

Então os canhões todos carregavão,
E nas partes que são mais importantes
Ao fiel defensor, os assestavão,
As quaes elles batêrão ja pouco antes;
E em sentindo os Christãos que as reparavão
Sóltão logo os pelouros penetrantes;
Nem foi sempre lá em vão esta sua ida
Que algũas vezes tirão sangue e vida.

LXI.

Não falta ao Portuguez entendimento,
Nem astucia que est'outra desbarata,
Que antes de dar principio a seu intento
Manda hum que c'hum picão no muro bata:
Logo o Turco, que nisto têe o tento,
A furia dos canhões em vão desata,
E atalhado dest'arte aquelle engano
Cresce a obra com menor receio e dano.

LXII.

Cinco dias traz vinte não cessárão
Os Turcos de bater, com grande instancia,
Mas como o que primeiro elles tentárão
Era do valeroso Sousa a estancia,
Porque (como atraz disse) a divisárão
Com menos defensões, menos constancia,
E menos a damnar apparelhada
Quando fosse por elles assaltada;

LXIII.

Dilatar muito tempo não quizerão
A victoria que havião por segura,
E dentro em cinco dias (os quaes derão
Começo á bateria áspera e dura)
Com furia, das ameias lhe baterão
Tambem das contra-ameias a grossura,
E o mais tanto a bombardada o dannifica
Que quasi até o entulho roto fica.

LXIV.

Dentro nos cinco dias, que atraz fallo
Que o baluarte a furia imiga sente,
O Silveira tambem manda atalhallo
Para se defender mais facilmente:
E tambem para mais forteficallo
Hum reparo lhe lança juntamente
D'hũa parede forte, e não estreita,
A qual era de pedra e barro feita.

LXV.

Tanto era esta parede ao ar alçada
Quanto tẽe qualquer homem de comprido,
A qual lá pola borda vai lançada
Do que a Turca bombarda tẽe batido;
Por dentro he com degráos forteficada
D'onde bem pelejar póde o atrevido:
E este atalho e reparo a terça parte
Occupavão daquelle baluarte.

LXVI.

Neste tempo ja vendo à gente imiga
Que lhe dá larga entrada o roto muro,
Confiança, ousadia, e odio os obriga
A ir tomar o que havião por seguro;
E quando de Titon a chara imiga
De novo desterrou o manto escuro,
Hum dia apoz os cinco que gastárão
Em bater, para o assalto se prepárão.

LXVII.

Provê-se cada hum d'armas agora
Que hoje mais necessarias ser-lhe entende,
E quando o Sol chegando hia áquella hora
Em que a sombra entre nós menos se estende,
Sahe do seu forte assento a gente fóra,
Cuidando inda acabar o que pertende
Sem seu trabalho, quanto mais sem dano,
Mas com ambos vio logo seu engano.

LXVIII.

Cincoenta vão sós na dianteira
D'aço ornados assaz e d'ufania,
Seguindo traz a usada sua bandeira
Vão buscar o que abrio a bateria:
A mais gente que lhes era companheira
No logar da peleja não cabia,
Em baixo ficão todos postos, onde
A nossa cava em si dentro os esconde.

LXIX.

Mas nem o tempo aqui passa ociosa
Que d'aqui largamente os seus soccorre,
Pois quando na batalha sanguinosa
Vê que dos seus algum, ou cansa, ou morre,
A competencia sahe de lá animosa
E com grãa pressa ao alto logo corre,
Para encher o logar desamparado
Do que delle sahio morto ou cansado.

LXX.

Sóbem ousadamente os cincoenta
Pola pedra e caliça que esparzida
Deixou da bateria alli a tormenta
Por onde ao alto tẽe facil subida;
Mas tanto que lá vão se lh'apresenta
Hum pequeno esquadrão, mas d'escolhida
Gente; este he o Sousa, e os companheiros fortes,
Prestes não só para hũa, mas mil mortes.

LXXI.

Logo aquella infiel gente profana
Com grãa grita á Christãa se vai direita,
Qual move o pique, qual a partasana,
Qual tambem do zarguncho se aproveita;
D'outras armas tambem com que mais dana
Usa então, que a panella cheia deita
Do negro pó, deita outros arteficios
Que lançar fogo têe por seus officios.

LXXII.

O forte Sousa e os seus, a quem a usança
De semelhantes casos hoje dava
Neste menos temor que confiança
Pouco temendo a imiga furia brava,
E movendo tambem espada e lança
Ousados vão buscar quem os buscava,
Tambem no ar levantando hũa alta grita
Que os peitos alvoroça, acende, e incita.

LXXIII.

Arremette a infiel á fiel gente
Co'o furor que o grande odio ensina e Marte,
Mas acha a defensão bem differente
Do que cuidava lá no baluarte.
Deste grande furor, deste odio ardente,
Com assaz damno d'hũa e d'outra parte,
Logo o effeito cruel se está mostrando,
Pois a ambas sangue e vida está custando.

LXXIV.

A Christãa companhia que defende
O reparo que pouco antes foi feito
Revolve a aguda espada, a lança estende,
Sente-o a perna infiel, o braço, o peito:
O Turco, inda que assaz tambem a offende,
Comtudo seu trabalho he sem proveito,
Pois quanto mais insiste na victoria
Tanto alcança mais damno, e menos gloria.

LXXV.

Cahe d'hũa e d'outra parte o miseravel
A que o ferro encontrou, morto ou ferido,
Faz isto o odio e o furor insaciavel,
Das armas cresce o estrepito e o ruido;
Soa entre esta revolta o lamentavel
Com hum confuso tom triste gemido,
Que do que ainda em pé está, a vontade
Move a vingança mais que a piedade.

LXXVI.

Nesta alta defensão, nesta constancia
O esquadrão Lusitano prevalece,
Até que sahe de lá da sua estancia
Qualquer dos Capitães, e o favorece;
Que o Silveira, que com grãa vigilancia
Contemplando está sempre o que parece
Que em cada parte então fazer convinha,
O que agora direi mandado tinha.

LXXVII.

Mandou que quando o Turco ajuntamento
Hũa destas estancias assaltasse,
Qualquer dos Capitães que o regimento
Das outras tẽe, alguns a si ajuntasse
Dos melhores que tẽe, e n'hum momento
A favor do assaltado se passasse;
E isto que nos assaltos ordenára
Tambem no assalto d'hoje se guardára.

LXXVIII.

Co'o favor que dos outros Sousa teve
Tanto nelle, e nos seus cresce a braveza,
Que no imigo feroz, em tempo breve
Imprime grande espanto, grãa fraqueza.
Tal que ja desmaiado não se atreve
Soffrer mais tempo aquella alta crueza,
Contra a qual quanto mais se mostra forte
Procura para si mais damno e morte.

LXXIX.

Vai-se atraz com grãa pressa retirando
Cheia de sangue assaz, mas mais d'espanto,
Todos vão de Mafoma blasfemando
Que outro poder não crêem que possa tanto.
Alguns dos seus os corpos cá deixando
Mandão as almas lá ao eterno pranto,
Dos Christãos sós dous vão á eternidade
Mas dos feridos he grãa quantidade.

LXXX.

Inda que o máo successo que este dia
Teve esta imiga gente, lhe reprime
A sua alta soberba, alta ousadia,
Que faz que a seus imigos pouco estime,
Comtudo a natural sua ufania
Hum ardente des jo nella imprime
De tomar desta affronta grãa vingança,
E inda lhe dá para isto confiança.

LXXXI.

D'aqui nasceo ao Sousa hum grão perigo
De damno, mas de gloria acompanhado,
Pois cada dia, em quanto o Turco imigo
Sustentar este cerco foi ousado,
Lá naquelle reparo que atraz digo
Foi duas e tres vezes assaltado,
Lá onde o que commette, e o que defende
Sempre derrama sangue, e esprito rende.

LXXXII.

E com quanto os imigos combatião
De mais alto logar que os defensores,
E no logar daquelles que morrião
Mettem sempre dos vivos os melhores,
Tambem o Sousa e os seus se defendião
Que emfim sempre ficárão vencedores,
Que não póde hum trabalho intoleravel
Domar aquelle esprito alto, indomavel.

LXXXIII.

Mas em quanto o assaltou desta maneira
O Turco pertinaz com tanta instancia,
Sempre teve comsigo companheira
Gente e Capitão d'outra algũa estancia;
Porque ordenado assi tinha o Silveira
Que por sua ordem vão, com vigilancia
Todos ao ajudar, depois que sente
Que alli se inclina mais a imiga gente.

LXXXIV.

Neste tempo em que ja mais de verdade
O imigo mostra a sua alta braveza,
Sobreveio geral enfermidade
Em quasi quantos ha na fortaleza:
Na boca he todo o damno e adversidade,
Que a muitos trata então com tal crueza
Que com dôres immensas e excessivas
Orfãas e sós lhes ficão as gengivas.

LXXXV.

Por toda a parte se ouve o piedoso
Gemido do que a dôr grave atormenta,
Que de todo o suave e saboroso
Somno, do trabalhado corpo ausenta;
E assi o áspero arroz e escandaloso
(Manjar que então só têe) o descontenta,
Que soffre antes com fome ter a morte
Que a dôr d'hum tal manjar áspero e forte.

LXXXVI.

A causa deste damno foi nascida
Da cisterna, segundo o que suspeito,
Que sendo d'hum betume guarnecida
Cujo nome he charú, e em Ormuz feito,
Foi a agua dentro nella recolhida
Sendo o betume fresco, e de tal geito
A agua lh'infeccionou, que a esta pesada
Nojosa enfermidade abrio a estrada.

LXXXVII.

Mas em meio d'hum mal que os tanto aperta
Nenhum se nega então, ou quando o imigo
Os chama á sua mortal, dura referta,
Ou quando a trabalhar os chama o amigo:
Mais os incita então, mais os desperta
O perigo geral, que o seu perigo,
Com quanto a fraca força então lh'impede
O effeito do que o duro esprito pede.

LXXXVIII.

Porém como a doença hia crescendo,
E as feridas e mortes cada dia
Os poucos Christãos menos vão fazendo,
Tambem mais grave o peso se fazia,
Porque pequena cópia está soffrendo
O que hũa grande cópia antes soffria;
E assi quanto mais hião trabalhando
Mais se hião do trabalho sujeitando.

LXXXIX.

E como o pouco somno, e mantimento
Os debilita assaz e os enfraquece,
Pudérão receber grão detrimento,
Pois cresce o peso, e a força desfallece,
Se então o feminil ajuntamento,
Que tambem aos trabalhos se offerece,
Em varonil esforço, e em honra aceso
Não tomára grãa parte deste peso.

XC.

Põe-se ao trabalho a fraca, inhabil gente
Para alentar os fortes ja cansados,
De que cada hum tal vergonha sente
Que n'huns membros ja assaz debilitados
Renova tal fervor, è esprito ardente,
Que da desconfiança estimulados
Emprehendem cousas taes, que a natureza
Impossiveis as faz a tal fraqueza.

CXI.

Destas mulheres animosas erão
Muitas no marital jugo mettidas,
E algũas cujas vistas bem puderão
Render mil almas nunca antes rendidas:
Se quereis vêr quem são, e o que fizerão,
Cousas dignas assaz de ser ouvidas,
Detende-vos aqui hum pouco, em quanto
Eu dou repouso á voz para outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XVI.

Declara-se quem são estas mulheres, e o que fizerão. Os Christãos se fortefição o melhor que pódem. Os Turcos, por meio d'hum ardil assaz engenhoso, melhorão as suas estancias. Dão hum assalto ao baluarte de Gaspar de Sousa, e o successo delle. Contão-se algumas cousas particulares que alli acontecêrão neste meio tempo.

I.

Cousas no mundo fez maravilhosas
A natureza sempre em toda a idade,
Mas com quanto são raras e espantosas
Seguem sua natural propriedade;
Polo qual ainda as faz mais monstruosas
N'algũa parte a grãa necessidade,
Pois que a mudar o ser as move e obriga
Que lhes pôz com grande arte a mestra antiga.

II.

Que o varão forte ao grão feito se atreva
Sendo humano e mortal, digno he d'espanto,
Mas como o natural esprito o leva
Louvo-o, mas do que faz menos me espanto;
Isto me espanta mais, e mais me enleva
Vêr que a necessidade póde tanto
Que em peitos feminis põe fortaleza
Os quaes fracos creou a natureza.

III.

Cousa he esta que espanta em só ouvilla
E inda alguem a terá por desatino,
Mas bem o prova Harpalice e Camilla
E a que foi mulher d'hum, mãe d'outro Nino.
Porque a causa, a quem bem quer advertilla,
Do esforço destas, d'altos peitos dino,
Só de necessidade foi nascida
Ou do Reino, ou do pae, ou de ter vida.

IV.

Se alguem de duvidar ha tão amigo
Que estes exemplos hoje não admitta,
Porque hum tão largo tempo e tão antigo
Perante elle os quiçá desacredita,
Novo exemplo achará no que aqui digo
Que esta duvida assaz lhe facilita,
Se não está a não crêr tão costumado
Que o presente não crê como o passado.

V.

Bem me lembra que tenho promettido
De vos dizer aqui o que fizerão
Aquellas que com peito não vencido
Grande allivio e fervor aos varões derão:
De todas não he o nome aqui sabido,
Duas, de que só o sei, direi quem erão,
Cuja persuasão, e authoridade
Das outras obrigou a isto a vontade.

VI.

Hũa Izabel da Veiga se nomeia
Que então da idade passa a flôr primeira,
E na beldade pouco se arreceia
Da que no Ceo a Esphera tẽe terceira,
E com quem no saber tambem se enleia
A primeira inventora da oliveira,
E o ornamento que n'alma se requere
Deste que tẽe no corpo não differe.

VII.

Esta interior sua formosura,
Por mil provas alli ja signalada,
Das linguas maldizentes a assegura
Para não ser sua honra alli arriscada:
Esta do matrimonio a ligatura
Ajuntára a hum varão de nobre e honrada
Casta, que Manoel tinha por nome
E Vasconcellos era o sobrenome.

VIII.

Porém antes que passe mais ávante
E á segunda mulher o verso mude,
Consenti que aqui desta hum caso cante
Que prova seu valor, sua virtude;
E inda que ja atraz outro semelhante
Cantei, não me fará que não estude
Cantar este tambem, porque os bons feitos
Sempre os fez a mór cópia mais accêitos.

IX.

Quando o illustre Silveira, que em si tinha
Da fortaleza a summa dignidade,
(Como ja disse atraz a historia minha)
Hũa fusta mandou com brevidade
A Goa ao Viso-Rei, ao que convinha,
Onde alguns que a grave enfermidade
De cura tinha assaz necessitados
Mandou tambem que lá fossem levados;

X.

Aquelle Manoel que junto estava
Com matrimonio á Veiga valerosa,
Temendo que se o Ceo a mão voltava
Contra a gente fiel religiosa,
E forças e poder ao imigo dava,
D'hũa barbara mão despiedosa
Despojo venha a ser a sua chara
Esposa, que de si o despojara;

XI.

Ordena de a mandar naquella fusta
Que para Goa vai, como atraz digo,
Porque hũa e outra cousa ha por cousa justa,
Ter ella a salvação, elle o perigo;
E tambem porque mais caro lhe custa
O receio de a vêr em mãos do imigo
Barbaro, sem primor, e sem clemencia,
Que vendo-a posta em salvo, a sua ausencia.

XII.

A Goa a quer mandar, onde imagina
Que ella poderá estar seguramente,
Porque lá o velho pae della, a Divina
Providencia inda tẽe vivo entre a gente:
Com isto que comsigo determina
Inda que d'hũa parte está contente
D'outra começa a estar arreceoso
Do mal que sente hum peito saudoso.

XIII.

Mas como da sua alma está mais perto
O mal della que o seu, a ella se vólta,
E de hum novo arreceio então cuberto
De amor nascido, a lingua assi lhe sólta:
Amada esposa minha, he tão incerto
O fim que a guerra tẽe, que esta alma envólta
Em mil cuidados trago differentes
Todos tristes porém, e descontentes.

XIV.

Cuido que se de lá da mór altura
Para castigo nosso está ordenado
Que fique co'os Christãos a desventura
E fique vencedor o Turco ousado,
Que poderá ser essa formosura
Entregue em mãos do barbaro soldado;
Esta lembrança ja tão mal me trata
Que sómente o temor disto me mata.

XV.

Faz-me isto que deseje vêr-vos ida
Onde eu possa perder este receio,
Porque pondo eu em salvo a vossa vida
Eu do maior perigo fico alheio;
Mas se torno a cuidar na despedida,
E que fica sem vós hum peito cheio
D'amor vosso, e lembrança tambem vossa,
Tambem temo outro mal com que eu não possa.

XVI.

Mas este mesmo amor que esta alma agora
Com tão vários temores sollicita,
Quer do mal que vos temo vêr-vos fóra
E para isso de todo ja me incita;
Cresça da saudade o mal embora
Que em mi habitará sempre, e ja habita,
Que pois he por bem vosso, me he acceito,
Antes ja não he mal, mas he proveito.

XVII.

Queria que fizesseis a jornada
A Goa, nesta fusta que se parte,
Onde de vosso pae acompanhada
Mais segura estareis que em outra parte,
Assi de toda a má lingua damnada
Como tambem do incerto, cruel Marte,
E a mi do vosso bem a segurança
Soffrivel me fará a vossa lembrança.

XVIII.

E se a guerra o fim têe, qual eu espero,
Eu vos irei lá vêr mui brevemente,
Mas se o Ceo contra nós se mostrar fero
De vos vêr posta em salvo irei contente;
Possa agora comvosco o que eu vos quero
Quererdes-vos guardar do mal presente,
Porque eu com isso em todo o mal futuro
Possa tambem estar ledo, ou seguro.

XIX.

Com grande sobresalto, grande espanto
Ouvio a nobre Veiga o charo esposo,
Porque não sabe então se elle de tanto
Amor como lhe têe he duvidoso;
Detem-se em responder-lhe hũ pouco, em quanto
O peito palpitante, e arreceoso
Se quieta, e segura, e ja quieto
Lhe descobre assi d'alma o mais secreto:

XX.

Senhor meu, para quem eu só desejo
A vida, e em quem agora a só sustento,
Se neste grande amor, puro e sobejo
Que em vós pôz todo o meu contentamento,
Se na vontade, na obra, ou no desejo
De vosso gosto algum apartamento
Vistes que duvidar de mi vos faça
Rasão he que meu erro eu satisfaça.

XXI.

Mas se este meu amor, esta vontade,
Este desejo meu, sempre em vós posto,
Tive (como sabeis) tão de verdade
Que sempre o vosso só foi o seu gosto,
D'onde nasceo em vós tal crueldade
Que queiraes contra mi voltar o rosto,
E apartar-me de vós naquelle dia
Que eu mais desejo vossa companhia?

XXII.

Amor he o que vos fórça, eu assi o digo,
Porque isso he o que este amor meu vos merece,
Mas vêde vós se he amor, ou se he imigo
O que contra mi tanto se endurece,
Que só para livrar-me d'hum perigo
Incerto, a morte certa me offerece;
Porque não cuideis vós que esta partida
Me poderá custar menos que a vida.

XXIII.

Se o meu perigo a vós tanto vos dana
Que nem podeis soffrer delle o receio,
Como posso eu ser tal, tão deshumana,
Tendo do vosso amor o peito cheio,
Que no tempo que a imiga furia insana
De mil mortes crueis vos tẽe no meio,
Possa eu estar sem vós, e este tormento
Me não mate cada hora, ou n'hum momento?

XXIV.

Que gosto a grãa delicia póde dar-me,
(Que não me faltará na patria casa)
Se cá comvosco o amor ha de ficar-me,
Que em saudoso fogo lá me abrasa?
Que cousa poderá lá consolar-me,
Se em meio d'hum furor que tudo arrasa
Todo meu bem me fica cá mettido
A mil mortes cada hora offerecido?

XXV.

Em meio desta furia embravecida
De que vós trabalhaes que eu seja ausente,
Nada me póde dar ou gosto, ou vida,
Senão comvosco em tudo ser presente.
Vêde agora pois bem que esta partida,
Com que segura vós vêr-me e contente
Cuidaes, a ordena a minha adversa sorte
Para mór damno meu, mais grave morte.

XXVI.

Assi quando cuidaes vêr-me segura
Ao mór perigo então me ides chegando,
Que então mais perto estou da sepultura
Quando de vós me vou mais apartando;
E ajudardes vós minha desventura
Não o soffre este amor, que desejando
Está, ter comvosco antes morte grave,
Que sem vós tudo o que he doce e suave.

XXVII.

Se a guerra der no fim contentamento
Quero lograr comvosco esta bonança,
Forrarei (se fôr viva) lá o tormento
Que me dará qualquer vossa tardança;
Mas se co'os Turcos fica o vencimento,
De que o esprito me dá vária esperança,
Mate-me antes comvosco o imigo ousado,
Que sem vós outro mór, que he meu cuidado.

XXVIII.

Polo qual se esse amor sobejo e puro,
Bem merecido assaz do que eu vos quero,
Vos obriga a querer pôr-me em seguro,
Eu só comvosco estar segura espero.
Não queiraes que hum incerto mal futuro
Se atalhe co'o presente certo, e fero,
Deixai-me estar aqui, porque eu vos digo
Que esse remedio me he o mór perigo.

XXIX.

Isto que a Veiga disse, foi bastante
A mudar a tenção do esposo charo,
Que composto não he de diamante,
E esta ida assaz tambem lhe custa caro,
Porque vê-la tambem, tê-la diante
He o seu maior gosto, o bem mais raro,
E assi d'amor movido lhe concede
O que de amor movida ella lhe pede.

XXX.

Quiz então ao mór damno aventurar-se
Só para lhe fazer nisto a vontade,
E porque elle tambem possa guardar-se
Do mal que o mata mais, que he a saudade.
Mas porque deste incerto mal salvar-se
Hũa filha que tẽe de tenra idade
Pudesse, a Goa então esta mandárão,
E a fortuna sós ambos esperárão.

XXXI.

Mas ja agora a rasão me move e obriga
Que volte á outra mulher a minha historia,
Pois tambem assaz della ha que se diga,
Tambem assaz he digna de memoria;
Porque inda que ja a sua idade antiga
Dava ao cego menino pouca gloria,
O seu mais que viril esprito forte
A dava então bem grande ao grão Mavorte.

XXXII.

Anna Fernandes esta se chamava,
De louvor por mil várias obras dina,
Que com nó conjugal ligada estava
A hum que era professor de medicina,
A quem Fernando o proprio nome dava,
E tẽe do Santo a alcunha a que a Divina
Graça tanto ajudou, que d'hũa banda
Assado ja, voltar-se da outra manda.

XXXIII.

Obras nella se achão quaes convinhão
A caridoso peito, e forte braço,
Porque os desamparados que alli vinhão
Trespassados do imigo cruel aço,
De seu damno o remedio nella tinhão
Como n'hum maternal, charo regaço,
E a conserva, e o manjar della guisado,
E isto faz a qualquer necessitado.

XXXIV.

Nem tanto nesta pia obra se assenta
Que nella só consuma a noite e o dia,
Mas quando o Sol nas ondas se aposenta
E a noite polas terras se estendia,
Arrimada a hum bordão, em que sustenta
O seu pesado corpo, se sahia
Ella de casa então, a dar effeito
Ao que lhe pede o forte, viril peito.

XXXV.

Nesta hora que os mortaes a hum doce, e brando
Repouso, do diurno peso chama,
Ella ao seu debil corpo então negando
O devido favor da molle cama,
Sóbe no muro, e em torno rodeando
A fortaleza, os que acha move e inflama
Com palavras de esforço, e confiança
A não terem temor da imiga lança.

XXXVI.

Apoz isto tambem lhes põe diante
Quanto era a cada hum cousa devida,
Contra hum tão forte imigo, e tão possante
Usar d'esforço, e força não vencida,
Assi para que possa ser bastante
A defender a propria amada vida,
Como para alcançar grande honra e gloria
Com que eterna fará sua memoria.

XXXVII.

Nem pára nisto o seu peito esforçado,
Antes quando o combate horrendo e duro
Faz com que perca a côr o mais ousado
Ella a casa não vai pôr-se em seguro,
Mas, como se do mais forte soldado
Tivera a obrigação, se sóbe ao muro,
Sem mostra de temor d'hum tal perigo
Que a morte por mil vias traz comsigo.

XXXVIII.

Onde o que a cruel morte arrebatára
Ella com pressa o cobre, e d'alli o muda,
O que sómente o sangue derramára
Ella o aperta, e a descer d'alli o ajuda,
O triste em quem acaso ella enxergára
Covardia, não lhe acha a lingua muda,
E fôra-lhe melhor, agora nisto
Ser do seu Capitão, que della visto.

XXXIX.

Ella alli tinha hum filho, a quem devido
Por seu grande valor, grão louvor era,
Moço, a quem dera Mendes o apellido,
E o grão Santo d'Assis o nome dera;
Da velha mãe com tal amor querido
Qual o filho da que honra a alta Cythera
Nunca soube imprimir naquelle peito
Que elle fazer a si quiz mais sujeito.

XL.

Todo o tempo que a Turca imiga gente
Cercado o Christão povo teve, e preso,
Este moço hum feroz esprito ardente
Mostrou no mór perigo mais aceso;
Até que permittio o Omnipotente
Rei, que no fim do cerco o plumbeo peso
Saia lá da espingarda impia, funesta,
E rompa a juvenil, ousada testa.

XLI.

Succede áo moço desta cruel morte
Honra na terra, e gloria no Alto Assento,
E a mãe qualificou hoje o seu forte
Esprito, n'hum heroico soffrimento;
Porque nesta alta dôr, com que lhe a sorte
Trespassou a alma com mortal tormento,
Seu esforço mostrou tão de verdade
Quanto o mostrou na alheia adversidade.

XLII.

Esta, e aquella Izabel que atraz nomeio
(Tanto lá dentro iguaes, diversas fóra)
Forão a occasião, forão o meio
Com que qualquer das outras que aqui móra
Perdendo o natural seu arreceio
D'hum desusado esprito se encha agora,
E tome sobre si a grave carga
Que então ja por fraqueza o forte larga.

XLIII.

Eis o femineo côro forte e honesto
A que hum viril desejo estimulava,
Pouco curando então do lindo gesto
A que antes de curá-lo só curava,
Qual sustentando a alcofa, qual o cesto,
A pedra e o necessario acarretava
Sobre os louros anneis, que enternecião
Inda as pedras que sobre si trazião.

XLIV.

Pedra, terra, e o mais tudo se acarreta
Sobre madeixas d'ouro crespo e fino,
Que faz inveja ao claro, alto planeta
Quando sólta o seu raio matutino;
A bella face, d'onde a aurea seta
Sólta aquelle cruel, cego menino,
Feita co'o grão trabalho ruciosa
Se faz a quem a vê mais perigosa.

XLV.

A linda Cytherea, que então via
A grave occupação, mais digna e propria
Da escura gente a que isto competia,
Nascida lá na terra da Ethiopia,
Que daquella formosa companhia
Em que ella dos seus bens mostrou grãa cópia,
Havendo-o por affronta, determina
Tomar disto vingança della dina.

XLVI.

Deixa de seu terceiro orbe o governo
E o caminho lá faz soberba e irada
Direita ao Ceo Empirio, onde o superno
Jupiter tẽe a sua alta morada;
E tocada d'hum odio novo e interno
Vai no amor de seu pae mui confiada
Que a vingará da Portugueza gente
A quem disto ella culpa põe sómente.

XLVII.

Mas não tinha inda ávante muito andado
Quando ao caminho vem Marte encontra-la,
Que vendo nella o brando peito irado
Contra os seus, procurar quer de applaca-la,
Temendo que se o pae della, informado
Conforme ao que lhe quer, quizer vinga-la,
Que corre muito risco a gente sua
Que de todo a consuma elle, e a destrua.

XLVIII.

E com semblante alegre, humilde, e brando,
Inda rendido a tanta formosura,
Lhe disse: Branda Venus, que a teu mando
Os corações sujeitas com brandura,
Quem te vai de ti tanto hoje apartando
Que te obriga a mostrar condição dura
Contra hũa gente que isso não merece,
E tambem de ser tua se engrandece?

XLIX.

Não te espantes se os fortes Lusitanos
A hum peso intoleravel são rendidos,
Porque como em mortaes corpos humanos
Tẽe postos os espritos não vencidos,
Que espanto he se huns continuos, graves danos
Os tẽe cansados ja, e enfraquecidos,
Pois não póde ser o animo constante
Na carga corporal partecipante.

L.

E se de ajuda são necessitados
(Culpa do peso só, não dos seus peitos)
De quem devem melhor ser ajudados
Que daquellas a quem elles são sujeitos?
Tendo os seus mesmos peitos esforçados
Lhes forão quiçá sempre pouco acceitos,
E se agora a ajúdá-los se movêrão
He pola honra quiçá que disso esperão.

LI.

Tua affronta não he, nem da formosa
Gente tua, isto em que ellas se occupárão,
Antes a hei por empresa gloriosa
E com que (se ser póde) inda te honrárão;
Porque como da forte e valerosa
Gente minha hoje o officio ellas tomárão,
Ambas as honras tẽe ellas sómente
A que eu á minha dou, tu á tua gente.

LII.

Isto não tira a grãa, e a neve ao rosto
Com que os mais livres peitos desbaratão,
E quem de jaspe o seu não tẽe composto
Doe-se do que os crueis fados maltratão;
Bem he que de dar vida tenhão gosto
Aos mesmos que de amores ellas matão,
E antes queirão que os mate a formosura
Dellas, que a cruel furia, iniga e dura.

LIII.

Assi que tu não tẽes por que queixar-te
De tomar o teu côro tal empreza,
Nem menos tẽes rasão para vingar-te
Do que fez nisto a gente Portugueza;
E pois servir-te quiz, não anojar-te,
D'amor deves estar, não d'odio, aceza,
Guarda, guarda a vingança e a má vontade
Para o que offender tua magestade.

LIV.

Torna-te ao teu governo, e o furor muda
Tão contrario de tua natureza,
Que honra tua he que a tua gente acuda
Aos fortes que mostrando vão fraqueza;
E se os meus não merecem tua ajuda
Por seu alto valor, e fortaleza,
Polo que eu sei de mim, bem te convinha
Que tu lh'a dês por serem gente minha.

LV.

Quietamente a bella Cypria attenta
O que Marte então brando está dizendo,
E como inda não he de todo isenta
Vai-se-lhe pouco a pouco enternecendo;
Vêr mostras d'amor nelle lh'aviventa
O fogo em que ja andou por elle ardendo,
E pondo os olhos nelle inda se sente
De fazer-lhe a vontade assaz contente.

LVI.

Responder-lhe tentou, porém do meio
Da boca, a voz ao peito se recolhe,
Que o passado erro seu, que então lhe veio
Ao pensamento, a lingua e a voz lhe tolhe;
E como têe d'amor o peito cheio
Por a melhor resposta então escolhe
Fazer-lhe tudo o que elle lhe pedia
Pois seu gosto tambem nisto fazia.

LVII.

Logo cheia d'amor perde toda a ira,
E não sómente muda o pensamento
Mas lá no seu formoso côro inspira
Para o que faz hum novo esprito, e alento.
Co'os olhos inda hum no outro se retira
Lá para o seu celeste antigo assento,
Contente cada hum do que têe feito,
Pois tirárão d'aqui gosto, e proveito.

LVIII.

Porém Marte nesta hora contemplando
Que aquella gente sua do ordinario
Trabalho, se hia tanto sujeitando
Que o favor feminil lhe he necessario;
Vendo-a em tamanho aperto, arreceando
Que a grande contumacia do adversario
Em risco de cahir ponha aquella alta
Constancia, se o favor lhe tarda ou falta;

LIX.

O caminho buscou com que mais perto
A nova disto em Goa fosse dada,
Para que o Viso-Rei a tanto aperto
Acuda com favor de gente armada;
Logo direito vai lá aonde certo
Sabe que o Somno tẽe sua morada,
Porque por meio delle determina
Dar com grãa pressa effeito ao que imagina.

LX.

Lá junto dos Cimmerios hũa escura
Profunda cova está, que do luzente
Sol nunca vio a luz dourada e pura
Ou seja Oriental, ou do Occidente;
Grossas nevoas de si a terra dura
Exhalando alli está continuamente,
Com que hũa incerta luz alli se espalha,
E aqui o inhabil Somno se agasalha.

LXI.

Alli da vigilante cristada ave
Não denuncía o canto a nova Aurora,
Nem do pato, ou do cão soa a voz grave,
Nem da fera, ou do gado, em alguma hora;
Os ramos de grão vento, ou d'ar suave
Movidos, nem humana voz lá fora
Fazem qualquer rumor, qualquer ruido
Com que o silencio seja interrompido.

LXII.

Não se sente alli cousa que inquiete,
Mas tudo tão calado se está vendo
Que hũa quietação longa promete,
E por brancos seixinhos vem correndo
Hum ribeiro que traz aguas de Lete,
Cujo brando rumor favorecendo
Não sómente está o somno ao que dormia,
Mas convidando ao somno o que vigia.

LXIII.

Entre as portas da cova alta e profunda
A dormideira está sempre, e florece,
D'outras èrvas alli a terra abunda
Com cujo çumo a noite se enriquece
De somno, que por toda a terra infunda,
Com que a gente descansa e se adormece,
E do mais que a dormir move, e convida
Se vê aquella terra bem provida.

LXIV.

Não ha portas em todo aquelle assento
Em que está o molle Somno agasalhado,
Para que da couceira o movimento
Não faça o seu ruido costumado;
Tudo o que póde ser impedimento
Ao Somno, d'alli estava desterrado;
E esta porta que estava sempre aberta
Nenhũa guarda têe fiel e certa.

LXV.

Aqui n'hum leito sempre molle e brando
Qual os seus molles membros o pedião
Estava sempre o Somno repousando,
Junto delle jazer tambem se vião
Vãos Sonhos, que o estão sempre acompanhando,
E em mil fórmas cada hora se varião,
Cujo numero he tal, que senhoreia
As Estrellas do Ceo, da praia a areia.

LXVI.

Tanto que entra aqui Marte, e de diante
Os Sonhos com as mãos de si affastára
Que lhe impedem a entrada, a rutilante
Luz sua, toda a casa tornou clara;
Nem das armas o estrepito bastante
Sendo então, ou a luz que nella entrára,
Para que o Somno sinta a menor parte,
Logo para onde o vê se chega Marte.

LXVII.

Hũa e outra vez o bolle, e o preguiçoso
Estende o braço e a perna, e inda dormindo
Ergue os olhos, pesado e vagaroso,
Mas deixa-se outra vez logo ir cahindo.
Bolle-o Marte outra vez mais furioso,
Elle o peito co'a barba inda ferindo,
Os olhos co'as mãos esfrega, e esta hóra
Emfim a si de si se lança fóra.

LXVIII.

E sobre o cotovello hum pouco erguido
Ergue o rosto para elle a vêr quem era,
E sendo Marte delle conhecido
Nas armas, e presença horrenda e fera,
Com rouca voz, e mal inda entendido
Lhe pergunta o que quer, e a que viera.
Marte agora o furor usado esconde,
E com aspeito brando lhe responde:

LXIX.

Somno, em quem têe repouso toda a gente,
De cuidados sollicitos imigo,
E os que a morada têe no Ceo luzente
Grão repouso tambem tomão comtigo,
Que ao corpo que o diurno peso sente
Dás suave descanso, brando, e amigo,
A quem os Sonhos todos obedecem
Que em differentes fórmas apparecem.

LXX.

Manda hum delles a Goa, que encuberto
Co'a figura do meu forte Silveira
Ao Viso-Rei Noronha faça certo
(Apressando a veloz sua carreira)
Dos meus que estão em Diu o grande aperto,
Porque mandar-lhes logo ajuda queira;
Os quaes a tanto estremo são chegados
Que das mulheres ja são ajudados.

LXXI.

Apoz estas palavras se sahia
Da casa soporifera em que estava,
Porque soffrer então ja não podia
O somno que de si ella espalhava;
E sentindo que o somno que alli via
Penetra-lo por dentro começava,
Com grãa pressa se vai, e lá caminha
Para o quinto orbe, que elle a cargo tinha.

LXXII.

Mostra o Somno por obra quanto gosto
Têe, de fazer a Marte o que lhe pede,
Faz logo deixar Morfeo o molle encosto;
Este a todos os Sonhos muito excede
Em exprimir o andar, a falla, o rosto
Da gente, e nenhum ha que assi arremede
Os trajos, os vestidos, os arreios,
As palavras, os termos, os meneios.

LXXIII.

A este agora encommenda disto o effeito,
E ja então outra vez a si tornado
A cabeça encostou no molle leito
E outra vez adormece repousado.
Morfeo voando, a Goa vai direito
A fazer o que lhe era encommendado,
E sem que as azas fação quando voa
Qualquer ruido, em breve chega a Goa.

LXXIV.

Onde do leve corpo então deixando
As pennas com que no ar se alça e sustenta,
Do Silveira a figura em si tomando
Que mais ao vivo então o representa,
Affrontado, suado, e inda offegando
Ao leito do Noronha se apresenta,
E mostrando em caliça, e em pó envólta
A barba e o rosto, a lingua assi lhe sólta:

LXXV.

Cumpre, Senhor, que seja em breve espaço
De Diu a fortaleza soccorrida,
Porque a gente que tinha, ou do Turco aço
Ou do trabalho he muita consumida;
Tal que ja o Lusitano invicto braço,
Ja a força Lusitana he constrangida,
Para ter defensão a fortaleza,
Tomar favor da feminil fraqueza.

LXXVI.

As mulheres tambem em si tomárão
Grãa parte do trabalho alli ordinario,
Porque nos varões fortes enxergárão
Menos forças do que era necessario.
Elles com grãa vergonha lh'o acceitárão,
Porém a contumacia do adversario
E a grande quantidade póde tanto
Que pôz fraqueza, em quem não põe espanto.

LXXVII.

D'aquí verás o estado perigoso,
O aperto em que está posta aquella gente,
Nem te diz isto incerto, ou duvidoso
Author, mas quem o passa, e quem o sente;
Que se o continuo peso trabalhoso
Mudado me não tẽe, bem claramente
Verás que a fortaleza a cargo tenho
Que avisar-te só disto agora venho.

LXXVIII.

Tão proprio contrafez Morfeo nesta hora
A voz, do que no mais contrafizera,
Que o Noronha, inda mal esperto agora,
Em tudo imaginou que o Silveira era;
Emfim de si de todo lança fóra
O somno que até então em si tivera,
E quanto no que vio mais imagina
Mais mandar o soccorro determina.

LXXIX.

Tanto que foi manhãa não tarda ou cessa
Em fazer prestes hũa grossa fróta,
Mas como o ouvido aperto o move e apressa
Logo quatro cáturos ao mar bóta;
Gente, e o mais nelles mette, e com grãa pressa
Lá de Diu seguir lhes manda a róta.
Mas em quanto elle ordena a grossa armada
A fortaleza faço eu a tornada.

LXXX.

O femineo esquadrão, formoso e lindo
Que era de Anna e Izabel estimulado,
E agora hum novo esprito hia sentindo
Co'o divino favor nelle inspirado,
Comsigo o grão trabalho repartindo,
Tambem aos varões faz soffrer dobrado
Trabalho, do que a força lhes soffria,
Tanto a vergonha então os acendia.

LXXXI.

Mas neste tempo vendo ja acabar-se
Toda a pedra que havia então na terra,
Com que ao Christão forçado he reparar-se
Para se defender naquella guerra,
Toda a casa se vê logo arrasar-se
Que a fortaleza dentro em si encerra,
Porque co'a pedra que ella de si désse
O reparo importante se fizésse.

LXXXII.

E como o Turco hũ'hora não socega,
Que não lh'o soffre o imigo cruel peito,
Tambem dos seus canhões a furia emprega
No Sacro Templo então, pouco antes feito;
Não soffre vêr em pé o que arrenega,
E em pouco tempo o bate de tal geito
Que quasi todo foi por terra posto,
Com mágoa dos Christãos, e grão desgosto.

LXXXIII.

Neste tempo tambem ja a imiga e grossa
Bombarda, que hum momento não cessava
Senão em quanto o Turco a gente nossa
Com assaltos crueis sollicitava,
Porque mais facilmente cumprir possa
Hum desejo que o tanto estimulava,
Tinha aquelle reparo derrubado
Que atraz disse que fôra edificado.

LXXXIV.

O Portuguez porém se fortefica
De novo com grãa pressa, e com grande arte,
Outro reparo mais dentro edifica
Que outro terço occupou do baluarte;
De maneira que ao Sousa ja não fica
Do baluarte, mais que a terça parte,
D'onde então se defende, e os offensores
D'ambos os outros terços são senhores.

LXXXV.

Porém como o logar que a Christãa gente
Para defensão sua possuhia
Outro novo reparo não consente,
Que era o remedio só que a defendia,
D'aqui veio a entender-se claramente
Que durar alli muito não podia,
Se o mal que desta falta se arreceia
Por outra via não se remedeia.

LXXXVI.

Engenho e diligencia não fallece
Onde a necessidade está exhortando,
Fazem que hũa grãa torre se comece
Pola parte de dentro d'ir creando
Junto do baluarte, e esta apparece
Tão alta em breve tempo, que igualando
Se foi co'o baluarte, a quem defende,
Tanto alli o geral bem se pertende.

LXXXVII.

Nos dias que o fiel que a Christo adora
Põe em se reparar grãa diligencia,
Tambem a infiel gente, naquella hora
Que a noite mostra a escura sua potencia,
As estancias com grãa arte melhora
(Sem poder dos Christãos ter resistencia)
Em que a sua vanguarda se alojava,
E vai-as pôr lá junto á nossa cava.

LXXXVIII.

O modo ouvi, com que isto effeituárão
Os Turcos, bem espertos nesta guerra,
Huns fardos assaz grandes ordenárão
Da pelle que o boi ja trouxe na serra,
Que na fórma redondos se tornárão
Depois que os occupou por dentro a terra,
E outras ballas tambem grandes fizerão
Que de brando algodão tambem encherão.

LXXXIX.

Detraz de cada peça destas hião
Tres ou quatro infieis dos que alli estavão,
Co'os joelhos por terra, e assi seguião
O que elles com as mãos mesmos levavão;
E tão bem detraz dellas se escondião
Que com quanto os Christãos bem trabalhavão
Para lhes defender o que pertendem
Elles emfim debalde lh'o defendem.

XC.

Sahe o chumbo mortal para este effeito
Da espingarda, que a mão fiel meneia
Lá contra o fardo, e a balla vai direito,
Porém pouco este damno remedeia;
A qual rompe a cabeça, a qual o peito,
A qual abre de sangue grossa veia,
Mas nem ou sangue, ou morte foi bastante
Para tolher ao imigo ir por diante.

XCI.

Rompe por sangue e morte, e assi se iguala
Co'a nossa fortaleza, atraz ja o digo,
Onde se fortefica logo, e valla
Em altura que sem temor do imigo,
Ajuntando ao seu vallo o fardo e a balla
Anda em pé bem seguro e sem perigo,
Porque tão bem se esconde detraz disto
Que de cima do muro não he visto.

XCII.

D'aqui com militar arte e doutrina
Outras cavas lançou por onde possa
Seguramente andar, e com faxina,
Com terra e pedra solta, o vallo engrossa,
Tal que não só o segura de ruina,
Mas que o canhão lhe faça qualquer mossa,
E desta arte commette bem seguro
Quando quer, o que está posto no muro.

XCIII.

E porque quando a sua artilharia
No Christão baluarte se empregava,
Com a caliça e terra que cahia
Bater no vivo então se lhe estorvava,
A gente de Cambaia constrangia
Que com Cojaçofar no campo estava,
A lhe alimpar aquillo, sem que attente
Quantas vidas custa isto áquella gente.

XCIV.

Entra o triste Cambaio em mãos da morte
Constrangido de quem espera a vida,
Hoje o amigo lhe he mais que o imigo forte
O mesmo companheiro lhe he homecida.
Mil queixas sólta em vão de sua sorte,
Pois tão cruel a sente e endurecida
Que tēe a morte alli mais certa e dura
Onde a vida ha que tinha mais segura.

XCV.

Nestes dias que o Turco de ira cheio
Faz com que o seu canhão o muro bata
Do baluarte do Sousa, como creio
Que pouco atraz a minha historia trata;
Naquella hora que o Sol de novo o freio
Põe a Flegon, e aos mais, e as rodas lh'ata,
Sendo hum dia apoz quinze ja passado
Do mez que ao Escorpião dá gasalhado;

XCVI.

Aquelle grão Falcão, de que atraz fallo,
(Creio que haverá delle grãa lembrança)
Aquelle cujo nome era Gonçallo,
E hum grão louvor da Portugueza lança,
Querendo ja o Ceo gratificallo
Com dar-lhe a Eterna Bemaventurança,
O alto esprito rendeo, mas com tal gloria
Que da segunda morte houve a victoria.

XCVII.

Este varão famoso pertendendo
Que do seu baluarte o furioso
Canhão, sólte o furor mortal e horrendo
No infiel esquadrão tão copioso,
Com quanto claramente estava vendo
Descuberto o logar, e perigoso
Em que tẽe posto a sua artilharia,
Nem do que então pertende, isto o desvia.

XCVIII.

Nem tanto aquelle grão perigo estima
Que deixe elle de ser o dianteiro,
Nem o officio que tẽe tanto o sublima
Que não seja ao que cumpre elle o primeiro;
E com se aventurar, esforça e anima
Para o seguir o amigo e companheiro,
A que o pelouro imigo tanto enfreia
Que descubrir-se então muito arreceia.

XCIX.

Este seu bom desejo tanto o acende
Que oppõe a hum grão perigo o forte peito,
Que sem aventurar-se bem entende
Que nunca se effeitua o grande feito;
Porém disto que então elle pertende
Segue a sua tenção diverso o effeito,
Porque a morte d'aqui a elle se gera
Que elle ao soberbo imigo dar quizera.

C.

Posto entre os seus canhões então estava
Em logar assaz cego, e sem abrigo,
Lá d'onde a sua gente elle animava
Para não duvidar este perigo,
Quando hũa horrenda espera sólta a brava
Ruinadora furia d'entre o imigo,
Sahe o ferro que dentro estava preso
Direito ao Falcão vai em fogo acceso.

CI.

Encontra-o na cabeça, e alli esparzido
Lhe deixa o cerebro entre a sua gente,
Pallido e inhabil cahe o não vencido
Braço, dos grandes feitos só contente.
Hoje da cruel morte foi rendido
O que rendido foi della sómente,
Mas co'a fama que cresce de hora em hora
Venceo a sua mesma vencedora.

CII.

Com grave sentimento recebida
Foi esta repentina morte dura
Da sua companhia, que na vida
Só do seu Capitão se ha por segura.
Na fortaleza foi logo esparzida
Com dôr de todos esta desventura,
Pois bem dava a entender seu braço forte
Quanta perda alli trouxe a sua morte.

CIII.

Nesta hora, a Turca armada que visinha
Estava da Mesquita, onde ancorada
A deixei (como disse a historia minha)
Se leva, e vai surgir n'hũa enseada,
A qual posta defronte de si tinha
A nossa fortaleza, que arredada
Meia legua só têe lá contra o assento
Que sempre aos Rumes deu recolhimento.

CIV.

Passou-se a este logar o esperto Mouro
Onde os navios mais se seguravão,
Por ter alli amparado o surgedouro
Dos ventos que a soprar ja começavão,
E por ter melhor desembarcadouro
Que o logar onde então elles estavão,
E mais perto o licôr brando e suave
Que da sede reprime a força grave.

CV.

Nesta mesma manhãa que este famoso
Falcão sóbe á Celeste Monarquia,
O Turco pertinaz, nunca ocioso,
Que o damno dos Christãos só pertendia,
Assalta o baluarte que o animoso
Sousa co'a sua boa companhia,
Com grande louvor seu, com grão perigo,
Mil vezes defendêra deste imigo.

CVI.

Sessenta são sómente os atrevidos
Que aquelle baluarte hoje assaltárão,
Mas do Sousa e dos seus são recebidos
Co'o valor com que sempre costumárão;
Rompem o Ceo os altos alaridos
Quando os imigos braços se ajuntárão,
Vê-se com sangue e morte em breve espaço
Quanto odio nelles ha, quão forte braço.

CVII.

Aceso em ira o Turco o ferro move,
Move o ferro o Christão em ira aceso,
Faz isto que n'hum e outro se renove
O odio, de que antes ja estava preso;
D'aqui nasce tambem que hum e outro prove
Do ferro imigo o grave e mortal peso,
Mas o Turco se vê sem paciencia
De tão dura e contínua resistencia.

CVIII.

E vendo que os sessenta em vão pertendem
Desbaratar os fortes defensores,
Que com tamanho esforço se defendem
Que vencidos não são, mas vencedores,
Mandão muitos de novo com que offendem
Com revezadas forças e maiores
Estes poucos Christãos, e os seus ajudão,
Mas nem com isto a usada sorte mudão.

CIX.

Porém por mais que aquella alta constancia
Do Sousa se defenda e prevaleça,
Reveza-se porém com tanta instancia
O Turco, porque nunca desfalleça,
Que he forçado vir lá da sua estancia
Qualquer dos Capitães, e favoreça
Dos Christãos a pequena companhia
Que sempre a forças novas resistia.

CX.

Entra esta descansada gente forte
Onde resiste a forte mas cansada,
A tempo que a dous tẽe levado a morte
E que oito tẽe ao sangue aberta a estrada.
Querendo esta tambem tentar a sorte
Contra a gente mil vezes revezada,
Faz que o Sousa co'os seus d'alli se aparte
Toma ella a defensão do baluarte.

CXI.

Succede no logar ao Sousa ousado
E tambem na ousadia lhe succede,
Ja sente o Turco o braço descansado
Mas nem isto lhe faz que atraz se arrede;
Mostra agora o furor mais obstinado
Quando a necessidade mais lh'o pede,
Com nova força agora entrar pertende
O que com nova força se defende.

CXII.

Mas esta força nova acha tão dura
Que elle pertende em vão desbarata-la,
Comtudo hũa e outra parte insta, e procura
Ella defender-se, elle de entra-la.
Fende a espada cruel, a lança fura,
A alta grita de novo ao Ceo se iguala,
Hum dos Christãos aqui só perde a vida
Outros sómente ao sangue dão sahida.

CXIII.

Destes a que espalhou o imigo tanto
Sangue, que ja da morte estavão perto,
Fonseca he hum, que o nome têe do Santo
Que ja habitou de Pathmos o deserto.
Deter-se hum pouco aqui quer o meu canto
Para que seja ao mundo descuberto
Do raro esforço deste hum raro exemplo
Que da fama honra assaz o Sacro Templo.

CXIV.

Este mancebo (que era ao estandarte
Do valeroso Sousa obediente)
Quando no combatido baluarte
Mostra o Turco e o Christão a furia ardente,
Da espingarda cruél que lá na parte
Imiga se meneia, a furia sente,
Mas não foi por logar que o tão mal trate
Que logo a chara vida lhe arrebate.

CXV.

Co'o seu furor usado a elle endireita
Este ardente, cruel, mortal pelouro,
Que acaso para aquella parte deita
A espingarda de lá do esquadrão Mouro;
Polo collo lhe entrou da mão direita
E acha a sahida lá no sangradouro,
Tudo deixa desfeito, e em fogo aceso,
Molle carne, osso duro, nervo teso.

CXVI.

O verde ramo a quem o desestrado
Caso, ou da imiga mão, ou do grão vento,
Deixou da sua planta pendurado
Com grande damno seu, grão detrimento,
Murcho e secco se torna, e perde o usado
Seu preço, seu valor, seu ornamento,
Tal este forte braço hoje estou vendo
Perdido o seu valor, estar pendendo.

CXVII.

Mas nem a falta d'hum tão importante
Membro, algũa causou no forte peito,
Que inda que à dôr que tinha era bastante
A sujeitar o nunca antes sujeito,
Nenhum nelle o sentio, dos que diante
Alli tinha, ou no rosto, ou n'algum geito,
Que mais o aperta o esprito não domavel
Que aquella grave dôr intoleravel.

CXVIII.

E porque a esta grãa falta então acuda
De sorte, que não seja descuberta,
Ao decepado braço a adarga muda
E com a esquerda mão à lança aperta;
Levanta ao hombro à adarga quanto o ajuda
O fraco braço, e á bellica referta
Torna com grão fervor e esforço, onde
A maior parte desta falta esconde.

CXIX.

Mas por mais que escondê-la elle trabalha
Não a póde esconder quanto queria,
Porque como o logar desta batalha
Recolher doze ou treze sós podia,
Muitos de fóra estão vendo o que espalha
O sangue, ou o que á morte se rendia,
Para que no logar que este deixasse
O que estiver mais perto logo entrasse.

CXX.

E como então só nisto se attentava
Não pôde elle encubrir-se grande espaço,
Que a grãa cópia de sangue que lançava
De si o dependurado roto braço,
Veio a mostrar emfim qual elle estava
A hum que co'o seu valor, e co'o duro aço
Fez conhecer seu nome em toda a parte,
Vasconcellos traz Mendes e Duarte.

CXXI.

Estas alcunhas, e este nome tinha
Este que do Fonseca a falta alcança,
O qual vendo que então alli o detinha
Força não, mas esprito e confiança,
Pucha por elle, e diz, que pois convinha
A cura, e não mover adarga e lança,
Ao estado em que está, da cura trate
E lhe dê logar que entre no combate.

CXXII.

Fonseca não o ouvindo por ventura,
Polo tento que tẽe na gente imiga,
Ou sendo-lhe pesada cousa e dura
Deixar o seu logar, durando a briga,
Do que diz Vasconcellos pouco cura,
Não lhe torna resposta, nem mitiga
O esforço natural que o está movendo,
Antes com isto mais lhe vai crescendo.

CXXIII.

Vasconcellos porém, em quem o esprito
Heroico cada vez mais se aviventa,
Ao Fonseca repete o que antes dito
Lhe tinha ja outra vez, e lhe accrescenta,
Que pois hum desestrado, e fortuito
Caso, que assaz a todos descontenta,
Faz que o direito braço elle não mude
Lhe dê a elle o logar, pois tẽe saude.

CXXIV.

Fonseca, d'hũa honrada ira ja cheio,
Agora que o bem ouve, não he mudo.
Como sois de rasão (diz) tão alheio
Que se eu do esquerdo braço inda me ajudo
Me pedis o logar? porque inda eu creio
Que em quanto eu este tenho, tenho tudo:
Não queiraes nisso o tempo aqui gastar-me
Que eu posso aproveitar em mais honrar-me.

CXXV.

Traz isto inda se volta com ardente
Esprito, onde o desejo o está guiando.
Achou-se acaso o Sousa aqui presente
Que tẽe por nome Lopo, e contemplando
Tão honrada questão, instantemente
Pede ao Fonseca, e quasi o está forçando
A que se vá curar, e elle se queixa.
O logar o outro toma que elle deixa.

CXXVI.

Vai Fonseca a curar-se, inda queixoso
De quem para viver o encaminhára,
Vasconcellos entrou no perigoso
Logar, que por si mesmo elle buscára.
Neste Fonseca sempre hum valeroso
Esprito em todo o cerco se enxergára,
Porém da mão emfim fica aleijado
Com que alli se fizera tão honrado.

CXXVII.

Nesta hora o grão furor, a alta ufania
Com que o soberbo Turco combatera
Quando a cansada gente resistia
A quem os seus mil vezes refizera,
Com as forças da nova companhia
Que os cansados Christãos favorecera,
Tanto ja torna atraz, tanto se abate
Que começa a affrouxar o grão combate.

CXXVIII.

Sentindo isto o Silveira ja no imigo
Manda a Lopo de Sousa que descesse
Á cava, co'os que têe alli comsigo,
E os Turcos com grãa furia accommettesse.
Pouco duvída o Sousa o grão perigo
Inda que então bem claro o conhecesse,
Faz recolher os seus logo á bandeira
Vai cumprir o mandado do Silveira.

CXXIX.

Com pressa ao baluarte lá endireita
Que do incredulo Santo se nomeia,
E da parte que ao mar olha direita
Ata hũa rija corda n'hũa ameia;
Por ella, sem temor, logo se deita,
Que este perigo então não se arreceia,
Por onde co'os seus desce bem seguro
Ao releixo que está entre a cava e o muro.

CXXX.

Menos o grão perigo então duvida
Quando mais perto delle ja se achava,
D'aqui lança hũa escada tão comprida
Que em quarenta degráos se limitava;
De corda esta era feita, que descida
Ao Sousa deu, e aos seus d'alli á cava,
Que mais que n'outra parte aqui era alta,
Desce a gente animosa, e nella salta.

CXXXI.

Nem inda a cava todos dentro tinha
Quando de cima foi Sousa avisado
Que lá d'hũa Mesquita que a marinha
Onda vê, foi d'hum Mouro elle enxergado,
O qual com grande pressa ja caminha
Ás estancias dos seus, dar-lhes recado
De sua ida, que cumpre ter grão tento
Que de lá não receba detrimento.

CXXXII.

Não esfria isto ao Sousa o peito ardente
Sempre no grão perigo ardente peito,
E co'os que tẽe em baixo (que sómente
Trinta e cinco serião) faz o effeito;
Não se quer deter mais a forte gente,
Porque com se deter não perca o feito,
Logo o Sousa, a quem mais isto compete,
Os descuidados Turcos accommette.

CXXXIII.

Muitos lá no alto estão do baluarte,
Muitos nas quebras delle descansando,
Que de qualquer perigo desta parte
Pouco se estão então arreceando.
Sousa soltando no ar seu estandarte
E o furor aos que o vão acompanhando,
Faz com que sinta o Turco em pouco espaço
Quão bem sabe cortar o Christão aço.

CXXXIV.

A cortadora espada Lusitana
Derrama o sangue imigo sem piedade,
Mas aquella infiel turba profana
Sentindo esta inesperada crueldade,
Inda hoje a natural soberba a engana,
Inda de resistir mostra vontade,
E os que cá mais em baixo tẽe o posto
Mostrão contra os Christãos direito o rosto.

CXXXV.

Faz-lhes mover o ferro o esprito ufano
E quanto lhes he possivel se defendem,
Mas logo lhes mostrou seu proprio dano
Que defender-se então em vão pertendem,
Pois debaixo do ferro Lusitano
As almas infieis seis delles rendem,
E co'os mais de tal sorte áperta o Sousa
Que deter-se alli mais nenhum ja ousa.

CXXXVI.

Procura de salvar-se o que he mais forte
Por onde o medo e o tempo então o ensina,
Vendo os que em cima estão, a dura sorte
Dest'outros, tambem temem sua ruina,
Qualquer delles tambem fugir á morte
Que alli tẽe por mui certa, determina,
Mas tal foi o remedio que buscárão
Que a morte então mais certa nelle achárão.

CXXXVII.

Qualquer delles, sem tento, então se lança
Polas quebras que mostra o roto muro,
Mas logo de viver perde a esperança,
Porque o caminho que elle por seguro
Busca, tomado achou, e assi na lança
E na espada vai dar do imigo duro,
Onde perdem alguns delles a vida
Sem detrimento ou damno do homecida.

CXXXVIII.

Com isto o baluarte em tempo breve
Foi do soberbo imigo despejado,
E com grão damno seu tambem fim teve
O assalto tantas vezes revezado.
Sousa porém na cava se deteve
Em quanto ao general manda hum recado,
Avisando-o de cousa que então sente
Ser ao tempo em que estão conveniente.

CXXXIX.

Manda dizer que porque a gente imiga
Os soldados Christãos cada momento
Com pequenos combates não persiga,
Nem seja ao trabalhar impedimento,
Parece que a rasão e tempo obriga
A que lá do fiel ajuntamento
Se mande sempre gente revezada
Da qual a cava esteja acompanhada.

CXL.

Nem vá esta gente lá, para que o amigo
Destes leves combates defendesse,
Senão para fazer que o Turco imigo
Com mór cópia e poder o commettesse;
E inda que isto ao Christão he mór perigo,
Comtudo como o Turco conhecesse
Que outro mór numero e ordem lhe convinha
Menos vezes virá do que então vinha.

CXLI.

E que d'aqui terá hum grão proveito
O fiel defensor, porque teria
Tempo de trabalhar, e dar effeito
Ao reparo importante que fazia.
Isto approva o Silveira, e lhe he acceito,
Louva o Sousa, e agradece o que dizia,
O qual ficou na cava até que a escura
Sombra encobre a diurna formosura.

CXLII.

Esta ordem de metter gente na cava
O Silveira mandou que se guardasse,
A qual quando a que lá em cima estava
De lá algum signal certo lhe mostrasse,
Contra os Turcos irá, mas lhe mandava
Que da boca da cava não passasse,
Nem tanto ao imigo então se descubrisse
Que elle a sua pequena cópia visse.

CXLIII.

Isto d'alli em diante foi seguido,
Nem foi de todo vão, mas proveitoso,
Porque o imigo cruel foi constrangido
Dar mais socego ao povo religioso,
Pois forçado era então ser commettido
Com outro mór poder, mais copioso,
D'onde ás vezes o povo Lusitano
Menos perda recebe, e menos dano.

CXLIV.

Mandando polo estylo atraz escrito
Oito homens o Silveira, dos que tinha
Comsigo aquelle Sousa Lopo dito,
Tambem Simão Furtado entre elles vinha,
Varão a cujo siso, idade, e esprito
Qualquer feito importante bem convinha,
E foi mandado á cava lá de cima
Porque se houver desmando elle o reprima.

CXLV.

Apoz este esquadrão hum moço segue
Que dezoito annos sós inda fizera,
Cujo nome he João, o qual entregue
Ao serviço de Lopo de Sousa era;
E temendo quiçá que elle lhe negue
A licença, pedir-lh'a não quizera,
Nem leva outra algũa arma em sua ajuda
Que a comprida espingarda, e a espada aguda.

CXLVI.

Com pressa á cava lá busca a descida
O pequeno esquadrão, mas forte e ousado,
Em tempo que o feroz Turco homecida
(Como meu verso atraz ja tẽe cantado)
Faz que o Cambaio, á custa da sua vida,
A immundicie que cahe do ruinado
Muro lhe alimpe, a qual então tolhia
Ser lá no vivo a sua bateria.

CXLVII.

E para effeito disto se sahirão
Alguns da estancia lá que os alojava,
Os Christãos lá do muro quando os virão
Logo o signal fizerão aos da cava;
Elles, que no signal bem advèrtirão,
Porque só cada hum nelle attentava,
Salteão sem tardança a Turca gente
Que tardança em furor não se consente.

CXLVIII.

O moço que seguio, como atraz digo,
Os oito, e tambem lá na cava entrára,
Pouco duvida agora o grão perigo,
Mas seguindo o furor que o estimulára
Salteia elle tambem o incauto imigo,
E a mortal espingarda n'hum dispára,
Traz isto a espada arranca; mas lá ávante
Esperai que o que fez com outro cante.

O PRIMEIRO
CERCO DE DIU.

CANTO XVII.

O moço dá a morte ao outro Mouro, e torna em salvo á fortaleza. Manoel de Vasconcellos entra duas vezes com gente na cava, e o que lhe succedeo. João da Nova persuade aos Christãos que entreguem a fortaleza. Os Turcos a batem por diversas partes, e lhe dão alguns assaltos. Ordenão-lhe huma mina, e indo Gaspar de Sousa reconhecê-la he morto polos Turcos. Inventão os Christãos hum ardil com que algum tempo se defendem dos inimigos. Entra na fortaleza soccorro de Goa.

I.

Que nome, que louvor, que honra, que gloria
O verdadeiro esforço não merece?
Que cousa ha hi mais digna de memoria
Que o que por seu esforço se engrandece?
Em quem com mais rasão se emprega a historia
Do engenho que no mundo mais florece,
Que n'hum braço tão forte e valeroso
Que se faz por si eterno e glorioso?

II.

Materias dignas são, que em toda a parte
Dellas cante o subtil engenho agudo
A virtude, a sciencia, o governo, a arte,
Dote hum da natureza, outro do estudo;
Mas as obras do fero, horrendo Marte
Como em honra e louvor passão por tudo,
Assi tambem materia são mais dina
Do que mais gastou d'agua Cabalina.

III.

Provar-se com rasão será escusado
O que a mesma rasão está provando,
Pois merece aquelle ser cantado
Que a vida está cada hora aventurando,
E de mil crueis mortes rodeado
Sempre hum invicto esprito está mostrando,
Que aquelle que faz guerra ao tempo imigo
Com trabalho menor e sem perigo.

IV.

E se o melhor engenho he tão devido
A qualquer que do Marte segue a banda,
E inda áquelle que está envelhecido
Nas perigosas cousas que elle manda,
A que o uso faz não ser delle temido
O que o novo soldado temendo anda,
Que se deverá áquelle que he tão forte
Que entrou ja não temendo a mesma morte?

V.

Tal foi daquelle moço o forte peito
De que atraz prometti cantar cá ávante,
Que entrou n'hum perigoso, bravo feito
Com animo feroz, duro e constante;
Assaz merecedor que o mais perfeito
Verso, este seu heroico feito cante,
E tanto mais heroico quanto a idade
Tenra, lhe punha mór difficuldade.

VI.

Depois que da espingarda não se ajuda
Este Marte novel, logo com pressa,
Apertando na mão a espada aguda,
Traz hum dos outros Turcos se arremessa;
Impedir-lh'o o Furtado assaz estuda,
Mas de seguir o Turco elle não cessa,
Que mais he então ao seu esprito ardente
Que ao que manda o Furtado obediente.

VII.

O Turco d'entranhavel medo cheio
Dá-lhe as costas, ligeiro quanto o vento,
Com tal pressa porém traz elle veio
O moço, que lhe chega n'hum momento;
Bem desejou o Turco então ter meio
D'entrar lá onde os seus têe seu assento,
Mas a pressa do moço he tão sobeja
Que o faz desesperar do que deseja.

VIII.

E vendo que chegar ja não podia
Ás estancias dos seus lá junto á cava,
Onde então mais segura e certa via
Aquella salvação que desejava,
E pôr-se em defensão não se atrevia
Contra o moço feroz, que o maltratava,
No rio o rosto põe, com grande mágua,
Determinando ja salvar-se n'agua.

IX.

Direito ao rio vai com tal presteza
Qual nelle põe hum grave temor frio,
O moço, que lhe he igual na ligeireza,
Junto com elle vai tambem ao rio,
Onde sempre lhe faz com grãa crueza
Sentir da dura espada o agudo fio
Em quanto lhe durou esta corrida,
Mas nem com isso faz que perca a vida.

X.

Nem foi isto escondido á imiga gente
Que mais de mil lhe tẽe direita a fronte,
E qual soe o libré que o touro sente,
Ou sente o javaly correr no monte,
Salta de cá e de lá, feroz e ardente
Por ferrar o animal que tẽe defronte,
Mas reprime-o a tesa e dura trella,
E o astuto caçador que afferra nella :

XI.

Tal vejo cada hum dos que atraz digo
Que os dous da Turca estancia estavão vendo,
Os quaes vendo o furor do moço imigo
Em vingadora furia estão ardendo;
Bem desejão d'ir lá, mas o perigo
Tanto estão dos mortaes tiros temendo
Com que os Christãos ao moço dão ajuda,
Que nenhum d'onde está o passo muda.

XII.

Nenhum a propria vida aventurando
Quer segurar a alheia naquella hora,
E assi nenhum faz mais que estar olhando
Cômo salvar-se o seu trabalha agora;
O qual chegado ao rio, tanto entrando
Foi pola agua, que os hombros sós tẽe fóra;
Entra tambem traz elle o ousado moço
Até que lh'agua deu polo pescoço.

XIII.

Tão differentes erão na estatura
Que inda que o Mouro estava ávante posto
E o moço atraz, onde ha menos altura,
Comtudo a agua mais perto tẽe do rosto;
Pára aqui o triste Mouro, que outra dura
Sorte arreceia n'agua, e outro desgosto,
Temendo que se lá mais dentro entrasse
A corrente tambem traz si o levasse.

XIV.

Procura o moço assaz por dar effeito
Áquella obra que tinha começada,
Mas elle e o Mouro estão de tão máo geito
Que alcançá-lo mal póde com a espada.
Aquelle Sousa a quem elle he sujeito
Que no muro está então, de lá lhe brada
Que encolha o braço a si, depois o estenda,
E co'a ponta da espada o imigo offenda.

XV.

O moço, cujo esprito forte e ousado
No perigo maior mais prevalece,
Tambem agora está tão acordado
Que do Senhor a falla bem conhece;
E havendo-se por bem aconselhado
Logo neste conselho lhe obedece;
Ja não levanta o braço, e d'alto fende,
Mas para si o encolhe, e logo o estende.

XVI.

Hũa e outra vez encolhe e estende o braço,
Mas nem o que pertende assi alcança:
O triste Mouro em todo aquelle espaço
Nem sómente lhe veio hũa lembrança,
Que tambem traz ao lado o subtil aço
Com que de se salvar tenha esperança,
Que tanto o aperta o medo, que imagina
Que têe na salvação maior ruina.

XVII.

O moço, a quem hum furor então ja cega
Porque chegar ao Mouro a agua lhe impede,
Comtudo quer tentar se o que ella nega
Póde o esforço acabar, mas mal succede.
Entra pola agua mais, nem assi chega
Ao fim do que o desejo então lhe pede,
Que como a agua na altura o senhoreia
Vão-se-lhe os pés por baixo, e cahe na areia.

XVIII.

Vê-se então mais que nunca perigoso,
Porque d'agua ficou todo cuberto,
E o Mouro em defender-se antes medroso
Para offender se mostra agora esperto;
Salta logo sobre elle, desejoso
De o fazer affogar, e muito perto
Esteve esta tenção de vir a effeito,
E os que de fóra o vêem o dão por feito.

XIX.

Mas aquelle valor raro e sobejo
Na mór necessidade mais se acende,
Que inda que o moço ja cansado vejo,
E das mãos a espingarda hũa lhe prende,
E bebéra agua assaz, vendo o desejo
Do Mouro, que affogá-lo então pertende,
Vólta a espada para elle, e faz que lhe entre
Lá tres ou quatro vezes polo ventre.

XX.

Corre o sangue infiel em grosso fio
A quem o moço deo larga sahida,
Começa-se a tornar o corpo frio
A que o sangue traz si levava a vida,
Perde a côr natural a agua do rio
E de branca em purpurea he convertida,
E o contrario á infiel face acontece
Que sendo antes purpurea amarellece.

XXI.

Do mortal ferro o Mouro trespassado
Sólta de todo o moço, e o desafferra,
E logo posto em pé, desatinado
Correndo d'agua vai lá para a terra;
Porém apenas era nella entrado
Quando o esprito infiel que o corpo encerra
Blasfemando desceo á eterna queixa
Solto do corpo ja, que em terra deixa.

XXII.

O moço, que de todo se ja sente
Livre d'hum tal trabalho e tal perigo,
Tambem se põe em pé, assaz contente,
Inda envolto no fresco sangue imigo.
Desatina de novo a imiga gente
Porque lhe tolhe ir a elle o que atraz digo,
Mas co'o que póde então lhe faz que veja
O que o seu peito imigo lhe deseja.

XXIII.

Qual da espingarda lança o chumbo fóra,
Qual faz que a subtil frecha córte o vento,
Porém nenhum tão certo atira agora
Que execute no moço o duro intento;
Elle fazendo alli qualquer demora
Em quanto algũa força toma, e alento,
Ufano d'agua sahe, com vagaroso
Passo, mais confiado que medroso.

XXIV.

Na mão direita a espada sustentando,
E na esquerda a espingarda, faz a via,
E junto lá co'os Turcos caminhando
Jamais delles o rosto não desvia:
Por entre mortaes tiros vai passando
Com mostras de despreso, e de ufanía,
E assi, apesar da imiga furia brava,
Inteiro e são entrou dentro na cava.

XXV.

Recebido de todos foi com tanto
Prazer, que a pouco mais fôra infinito,
Porém mór que o prazer foi inda o espanto
Vendo em tão pouca idade tanto esprito.
Não quero em teu louvor soltar o canto
Famoso moço, porque o que he só dito
De ti, materia ja será bastante
Para que todo o engenho de ti cante.

XXVI.

Apoz este esquadrão, outro caminha
Para a cava tambem ao mesmo effeito,
Seguindo hum Vasconcellos, o qual tinha
Por nome Manoel, d'ousado peito;
Salteia a imiga gente alli visinha,
Mas não teve esta vez naquelle feito
O successo tão bom qual o tivera
O Sousa, que o principio a esta obra dera.

XXVII.

Não foi a falta então do peito ousado,
Que em todos a ousadia então sobeja,
Mas como menos vai acautelado
Do que em tão arduo feito se deseja,
Não vai tão encuberto, e tão calado
Que não o sinta o imigo, e não o veja,
E quando delle foi accommettido
Ja sobre aviso estava, e prevenido.

XXVIII.

Não fazem os Christãos o que pertendem,
Que os prevenidos Turcos os maltratão,
E inda que duramente se defendem
Alguns feridos vão, hum só lhes matão;
Alguns Turcos tambem alli se estendem
Que as almas das mortaes prisões desatão,
E na infernal e eterna são mettidas;
Alguns só dão o sangue, e não as vidas.

XXIX.

Aquelle a que hoje o justo Ceo permitte
Render a alma entre a imiga alta crueza
Christovão tẽe por nome, e se lhe admitte
O apellido dos Sousas, e a nobreza;
Da juvenil idade inda o limite
Não passára, porém a tanta alteza
Chegou o seu esprito alto e sublime
Que até no mesmo Marte inveja imprime.

XXX.

Este grave infortunio o peito forte
Do nobre Manoel não amedronta,
Antes para vingar do Sousa a morte
Quer outra vez tentar a mesma affronta,
Crendo que pois lhe fôra imiga a sorte
Porque elle pouco cautamente e pronta
Os Turcos salteou, se se castiga,
E cauto e prompto vai, a terá amiga.

XXXI.

De novo se prepara e se concerta
Com ordem, da passada differente,
E quando a conjunção o chama e esperta
Com impeto salteia a imiga gente;
E tanto desta vez a damna e aperta
Que vinga o mal passado largamente,
Com damno e perda assaz dos salteados
Sem perda ou damno algum dos baptisados.

XXXII.

Mas o Turco feroz nunca ocioso,
Que o damno dos Christãos só pertendia,
Quiçá então de vingar-se desejoso
Do damno que da cava recebia,
Prepara hum novo assalto e furioso
Para aquella hora quando o novo dia
Mostra lá do Oriental dourado assento
O que tẽe do quarto orbe o regimento.

XXXIII.

Logo naquella noite, aquella parte
Da vella que á manhãa he mais visinha,
Coube áquelles que seguem o estandarte
Do Sousa que por nome Lopo tinha;
Este forte varão, no baluarte
Que os assaltos crueis então sustinha
Foi vigiar, no tempo que atraz digo,
E grãa parte dos seus leva comsigo.

XXXIV.

E quando ó novo raio, fresco e puro
Subindo no Horizonte, a Aurora estende,
Commette o irado Turco aquelle muro
Que mil vezes em vão tomar pertende;
Mas tanto como sempre hoje acha duro
O valeroso braço que o defende,
Porque o Sousa co'os seus que o vigiárão
Na defensão o não desampararão.

XXXV.

Antes em maior furia se acendêrão
Quanto com mór furor são commettidos,
E assi os ferozes Turcos recebêrão
Com golpes tão mortaes, não resistidos,
Que em breve espaço assaz se arrependêrão
De se terem mostrado hoje atrevidos,
Porque hoje o Lusitano braço forte
Como sempre os encheo de sangue e morte.

XXXVI.

Porém d'entre esta furia imiga e fera
Hoje em salvo o Christão não se recolhe,
Porque hum pelouro, que hũa meia espera
Lá d'hum travéz lançou, o Sousa colhe
Por hũa espadoa, a qual a direita era,
E inda que então a vida não lhe tolhe
Trata-o porém tão mal que o inhabilita
Para aquillo a que o seu esforço o incita.

XXXVII.

Logo o forte varão d'aqui he levado
E lá na sua estancia se aposenta,
Onde he do Cirurgião remediado
Co'o melhor que a sua arte lhe apresenta;
Nem co'o damno que ao Sousa têe causado
Este mortal pelouro se contenta,
Tambem colhe outros tres, e grãa sahida
Ao sangue lhes abrio, e quasi á vida.

XXXVIII.

Ja a fortaleza então grãa falta sente
De quanto á defensão lhe pertencia,
Mas a falta mór, he da forte gente
Que a melhor defensão nella fazia;
Pois muita ja descansa eternamente,
Muita estava em poder da cirurgia,
E esta, muitos dos sãos traz occupados,
Que andão na sua cura embaraçados.

XXXIX.

Sente tambem de todo ir-se acabando
A polvora cruel, com que a espingarda
Nos ares o mortal chumbo soltando
Faz que a morte onde elle entra pouco tarda;
Vê todo o outro artefício ir ja faltando,
E o fulminar contínuo da bombarda
As longas lanças ter tão maltratadas
Que dellas a mór parte erão cortadas.

XL.

Mas sobre tudo a côr do rosto muda
Á gente popular, vêr que não vinha
O Viso-Rei, que espera dar-lhe ajuda,
Nem d'outra parte algum soccorro tinha;
Nem fortaleza algũa ha que lhe acuda
Co'o que a tamanho aperto lhe convinha,
O qual o Capitão, bem previnido,
Por vezes ás visinhas têe pedido.

XLI.

Aquelle a quem Chaul era sujeito
(Seu nome he Simão Guellez) só mandára
Do pó com que a espingarda faz effeito
Duas arrobas sós, se aproveitára;
Mas foi todo este pó lá sem proveito,
Porque em desembarcando se arrombára
O barril em que vem, e o damnifica
O salgado licôr que dentro fica.

XLII.

D'hũa parte haver tão pouca lembrança
Nas outras fortalezas, do seu dano,
E d'outra haver ja tão pouca esperança
De soccorro, que o tẽe por desengano,
Encheo muitos de tal desconfiança
Que lhes abateo o esprito antes ufano,
Com que as cousas Christãas então mostravão
Que para o máo successo declinavão.

XLIII.

Mas em quem cada vez mais se renova
Hum intrinseco medo, hum grão receio,
Foi n'hum que déra ja mais d'hũa prova
De esprito de temor assaz alheio;
Este por nome tẽe João da Nova,
D'hum tão estranho medo agora cheio
Que causou nelle effeitos desusados
Nunca ouvidos quiçá, nunca cantados.

XLIV.

No tempo que a outra gente forte e ousada
Se occupa no trabalho, e na peleja,
Toda a outra estancia deste he rodeada
E a qualquer dos que encontra, diz, que veja
Que pois a defensão he ja escusada
D'outro melhor remedio se proveja,
Que devia entregar-se em quanto espera
Achar clemente a imiga gente fera.

XLV.

Moveo logo isto riso em cada estancia
E em todas se julgou por zombaria,
Mas vendo-o importunar com grande instancia
Nenhum na sua estancia o consentia,
Temendo que isto abale a grãa constancia
Que em toda a popular gente se via,
A qual sempre em crêr tẽe facilidade,
Nem tẽe respeito algum, mais que a vontade.

XLVI.

Vendo o triste João, que não sómente
Alli este seu conselho se não segue,
Mas que em nenhum logar se lhe consente
Tratar ja deste medo a que era entregue,
Anda por cá, por lá, como o que sente
A grande dôr e aguda que o persegue,
Que mil logares busca, hum e outro tenta,
E em nenhum se quieta, ou se contenta.

XLVII.

D'hum logar n'outro o triste não parava,
Mas não acha logar, nem se socega,
E como salvação não esperava
Todo a hum grave temor o peito entrega;
Que o espirito vital que o sustentava
O seu favor usado ja lhe nega,
Com que do rosto a côr desapparece
E a força corporal lhe desfallece.

XLVIII.

Tanto a força lhe foi desfallecendo
Que em mãos veio cahir da medicina,
O Medico a doença conhecendo
Só co'o esforço curá-lo determina;
Elle mal a esta cura obedecendo,
Sem febre, ou dôr, que cause tal ruina,
Emfim rendeo o esprito, a quem a porta
Abrio só o grão temor que dentro o corta.

XLIX.

Que mais cruel, que mais estranho effeito
Fez nunca o fogo ardente, e o ferro agudo,
Do que faz o temor no fraco peito
Contra o qual este póde mais que tudo?
Pouco val ao que ao medo está sujeito
Usar para salvar-se de arte e estudo,
Porque dentro em si traz o imigo forte
E as armas com que lhe elle causa a morte.

L.

Mas vejamos se o Turco previnido
Passa entretanto o tempo descuidado.
Vendo elle o baluarte combatido
Assaz bastantemente ja arrasado,
E que não cumpre ja ser mais batido
Para poder subir ja nelle o ousado,
Trata logo o que entende que he mais dano
Do valeroso imigo Lusitano.

LI.

E porque as forças ja enfraquecidas
Dos Christãos, co'os trabalhos que passavão,
Sendo em diversas partes repartidas
Mais fracas se tornassem do que estavão,
Fazem logo os imigos ser batidas
As casas que o Silveira agasalhavão,
Batem tambem a estancia onde inda agora
Lopo de Sousa o seu pendão arvora.

LII.

Porém com quanto emprega n'outra parte
Os redondos coriscos, fulminantes,
Nem por isso deixou o baluarte
Em que os costumava empregar antes;
A bombarda cruel tambem reparte
Com elle dos pelouros penetrantes,
Temendo que se livre e solto fique
D'algum reparo o imigo o fortefique.

LIII.

Quatro dias o Turco se deteve
Do Silveira em bater sempre a morada,
Porém d'hum contra-muro em tempo breve
Toda por dentro foi forteficada.
Mas a estancia do Sousa com bem leve
Bateria cahio, porque a delgada
Parede a poucos tiros obedece,
Cahe, e a madeira lá dentro apparece.

LIV.

Mas entendendo bem o esperto imigo
Que o baluarte do mar então podia
Dar favor aos logares que atraz digo
Com a força da sua artilharia,
Determina tambem logo comsigo
Empregar nelle a horrenda bateria,
Que se tomá-lo póde, tẽe por certo
Que o Christão de perder-se está mais perto.

LV.

Sólta o grosso canhão a furia ardente,
Retumba o válle, e o monte cavernoso,
E ao baluarte vai direitamente
Que póde ser aos outros proveitoso;
Disse que era o do mar, que obediente
Era a hum nobre varão, forte e animoso,
A quem o proprio nome Antonio punha
E que tambem dos Sousas tẽe a alcunha.

LVI.

Lá na entrada da porta este profano
Pelouro agora vai fazer o effeito,
Onde o Sousa, temendo qualquer dano,
Hum bom reparo tinha então ja feito;
Bate o canhão tambem do muro o pano
Que para a fortaleza olha direito,
E a torre da menagem buscar veio
Que está do baluarte posta em meio.

LVII.

Mas em quanto o canhão profano e horrendo
Nos logares que digo a furia emprega,
O Turco o baluarte combatendo
Que combateo mil vezes, não socega;
E com quanto o Christão sempre vencendo
De seu desejo ao Turco o effeito nega,
A victoria porém sempre lhe vinha
Com perda da melhor gente que tinha.

LVIII.

Ja o imigo outra vez, não descuidado
Melhorára as estancia, onde estava,
Que por estar ao muro mais chegado
Dentro da boca as pôz da nossa cava;
E como seu intento, seu cuidado
Em damno dos Christãos só se empregava,
Pois a seu salvo póde, determina
Fazer ao baluarte hũa alta mina.

LIX.

Digo aquelle que tinha ja vencido
Mil vezes o furor do imigo duro,
Porque este delle foi mais perseguido,
Cuja constancia o faz menos seguro.
Logo o agudo picão, sem grão ruido,
Porque o Christão não sinta o mal futuro
Que desta obra o cruel Turco lhe ordena,
A começa com pressa não pequena.

LX.

Nem se move a fazer o que pertende
Porque fazer mais raso lhe importasse
O muro do que está, mas porque entende
Que se esta mina então se effeituasse,
O elemento voraz que tudo acende
Junto ao pó salitrado que o ajudasse,
A muitos dará a morte nesta parte
Que em guarda sempre estão do baluarte.

LXI.

E com quanto o Christão não recebia
Desta mina inda algum conhecimento,
Mas só de quando em quando hum tom ouvia,
E sentia hum pequeno movimento,
Comtudo o grão receio que sentia
De pôr o esperto imigo nisto o tento,
Só polo tom que ouvio, lhe faz que creia
Que póde ser verdade o que arreceia.

LXII.

O Silveira, que vê quão importante
Lhe he que se este receio verifique,
Ordena, antes que o mal vá mais ávante
Hum meio que a certeza lhe publique:
Manda hum que com grande animo e constante
As estancias salteie e damnifique,
Porque entretanto veja se he ja feita
A mina, ou quiçá o engana esta suspeita.

LXIII.

Logo a Gaspar de Sousa elle apresenta
Aquelle honrado assaz, mas grão perigo,
Sousa da honrada empresa se contenta
Que da mais perigosa he mais amigo;
Bem armados varões lhe dão setenta
Que leve neste feito então comsigo,
Os quaes a commetterem grandes feitos
Move o valor sómente dos seus peitos.

LXIV.

Apoz isto tambem logo o prudente
Silveira manda alguns que abaixo desção
Tanto que o Christão dér na imiga gente,
E da mina a verdade bem conheção,
E vejão quanto ja entra attentamente;
E aos que ficão mandou que favoreção
Lá de cima a qualquer que determina
Ou saltear o imigo, ou vêr a mina.

LXV.

Tendo o Sousa ja prestes tudo agora
Quanto entende que cumpre a tão grão feito,
Antes que a namorada clara Aurora
Deixe do charo esposo o usado leito,
De lá da fortaleza se sahe fóra
E lá na cava vai entrar direito,
Co'o seu forte esquadrão, em furia envolto,
Co'o usado seu guião nos ares solto.

LXVI.

Porém antes d'entrar nesta contenda
Dos seus mais espertos a si chama,
Logo a hũ a bomba, e a lança a outro encomenda,
D'onde sahe a cruel, ardente chama,
E mandou a qualquer que inflamme e acenda
A balla d'algodão, e a secca rama
Que nas estancias tẽe os Turcos posta
De que grãa parte dellas he composta.

LXVII.

Ordenado isto assi, fica esperando
Só tempo e conjunção ao que pertende,
Mas porque o caso o estava convidando
Em quanto co'os imigos não contende
Com palavras d'esforço está animando
A quem o esforço proprio anima e acende,
A tento e a valentia exhorta e anima
A quem sua honra mais que a vida estima.

LXVIII.

Breve espaço gastado nisto tinha
Quando chegou o tempo desejado,
Cuja ausencia sómente alli o détinha
Sem commetter o imigo descuidado;
Logo com siso e esforço qual convinha
A douto Capitão, forte Soldado,
As estancias entrou, em que haveria
Quinhentos sobre mil dos de Turquia.

LXIX.

Mostra o curto esquadrão quanto he possante,
Co'o grão clamor a terra e o Ceo retomba,
Ousado passa, e quanto acha diante
Rompe, destrue, abate, assolla, e arromba;
Faz tambem seu effeito n'hum instante
A flammifera lança, a acesa bomba;
Tudo recebe em si a chamma ardente
Quanto a recebê-la he sufficiente.

LXX.

O Turco, que este mal não receava,
A que o diurno peso trabalhoso
E a frescura desta hora convidava
A hum brando somno, doce e saboroso,
Não sente hum mal que tanto o maltratava
Senão depois que o braço valeroso
Do esquadrão Lusitano ousado e forte
Encheo tudo de fogo, sangue e morte.

LXXI.

Porque o Sousa, entendendo que na pressa
Está seu bem, e o damno na tardança,
Por cá, por lá, com furia se arremessa,
Com tal pressa que o vento o não alcança;
Hum momento o cruel ferro não cessa,
Triste o que então da imiga espada ou lança
O grão golpe sentio, pois não se farta
Senão depois que o corpo da alma aparta.

LXXII.

Grãa parte com a furia com que entrárão
Dos Turcos bastiões vão discorrendo,
E com quanto impedir-lh'o trabalhárão
Os que a guarda nesta hora estão fazendo,
A impedir-lh'o comtudo não bastárão,
Que o primeiro furor do ferro horrendo
Lusitano desfez em breve espaço
Com morte do que o pôz, este embaraço.

LXXIII.

Em quanto a valerosa companhia
Do Sousa os Turcos trata deste geito,
Aquell'outra a que agora competia
Reconhecer a mina, faz o effeito;
Ousada logo abaixo faz a via,
Que isto tambem requer hum forte peito,
Com attenção a mede, olha-a com tento,
E logo se recolhe a salvamento.

LXXIV.

O Sousa ja nesta hora contemplando
Quão bem lhe tinha o caso succedido,
Porque afóra os que o sangue estão soltando
Mais de sessenta o esprito tẽe rendido,
Logo os seus companheiros ajuntando,
Dos quaes vio que nenhum tinha perdido,
Com ordem se recolhe, e peito forte
Sem deixar por fazer cousa que importe.

LXXV.

O Turco somnorento e descuidado
Que o repentino mal e assalto sente,
Tanto então do somno desacordado
Quanto d'haver que he mais a Christãa gente,
As estancias deixou desatinado,
E lá se retirou ligeiramente
Onde vio outros muitos que acudirão
D'outras partes á grita que cá virão.

LXXVI.

Estes que dos mortaes sanguinolentos
Golpes dos Lusitanos vão fugindo,
Com apressados passos mais que lentos,
Juntos aos que ao clamor vem acudindo,
O numero de mil sobre quinhentos
Em breve espaço alli forão cumprindo,
Com que não temem ja, nem se retirão,
Mas seguem os de quem antes fugirão.

LXXVII.

Feita n'hum esquadrão a copiosa
Companhia infiel, que junta estava,
Traz os Christãos se lança furiosa
Que ja perto da boca vão da cava.
Sousa, que nesta empresa tão honrosa
Hum prospero fim ja vêr desejava,
Fica detraz dos seus, e faz com que andem,
Porque não haja alguns que se desmandém.

LXXVIII.

Porém vendo nesta hora que ficavão
Dous ou tres dos que trouxe alli comsigo
Em parte onde, se não se retiravão,
Corrião de perder-se grão perigo,
Mandando andar ávante os que alli estavão,
Com quanto ja bem perto via o imigo,
Só se torna ao logar onde apartados
Vio os dous que lhe andavão desmandados.

LXXIX.

Está neste logar inda hũa antiga
Porta, que o velho muro aberta tinha,
O qual tamanho fez a gente imiga
Que naquelle logar fenecer vinha;
Aqui o Sousa chegou, mas para a briga
Menos provido ja do que convinha,
Porque na mão só traz a nua espada
Que a lança ja a deixára antes quebrada.

LXXX.

Chegado o Sousa á porta onde enxergára
Os seus que arreceava vêr perdidos,
Já alli os não achou como cuidára,
Que erão por outra parte recolhidos;
E querendo tornar aos que deixára,
Os imigos crueis embravecidos,
Que erão ja alli chegados, o rodeião,
E co'o furor que pódem o saltéião.

LXXXI.

Meneia a espada e lança, d'ira cheio,
Contra hum só imigo o imigo copioso,
Sousa, que de temor foi sempre alheio,
Nem a morte diante o fez medroso,
Por não dar qualquer mostra d'arreceio
Não quer dar pressa ao passo vagaroso,
Antes quer arriscar agora a vida
Que salvá-la com mostras de fugida.

LXXXII.

Volta ao imigo a espada e o forte peito
Que agora para a morte o incita e exhorta,
E sendo alli o logar assaz estreito
Faz ao Turco sentir quanto ella corta;
Trata os que acha diante de tal geito
Que faz que outra vez entrem pola porta
Que estar no muro velho disse agóra,
Até que com elles sahe ao largo fóra.

LXXXIII.

Não quer da imiga turba a má vontade
Perder a occasião que têe presente,
Mas logo o cérca em tanta quantidade
Quanta o logar e o imigo lhe consente;
Sousa, vendo-se em tal necessidade,
Resiste mais que nunca duramente,
Em mil partes a espada fura e fende
O imigo, que de mil partes o offende.

LXXXIV.

Mas que presta hum só braço, hum peito ousado
Se a fraca multidão o senhoreia?
Sousa, que em toda a parte está cercado
De tanta imiga gente d'odio cheia,
Render-se á multidão lhe foi forçado
Que por lhe dar a morte a não receia,
E com seu damno assaz lhe faz tal guerra
Que decepado o faz cahir em terra.

LXXXV.

Cahe decepado em terra o Sousa forte,
Mas não lhe cahe o esprito, antes lhe crece,
Pois com quanto se vê visinho á morte
Do seu usado esforço não se esquece;
Mas em quanto a cruel imiga sorte
Que hum apressado fim ja alli lhe tece
Lhe dá forças e alento, ousado insiste,
E quanto póde ao imigo inda resiste.

LXXXVI.

Porém pouco ja val a resistencia
D'alento e forças ja debilitadas,
Contra os que o vão buscar a competencia
Com forças novas sempre, e revezadas;
E assi de todo deu a obediencia
Ás imigas, crueis, duras espadas,
Que lhe derão por mil partes sahida
Não ao sangue sómente, mas á vida.

LXXXVII.

Pallido em terra ja morto se estende
Este, de quem só a morte houve a victoria,
Porém se a morte he certo que se rende
Ás obras immortaes, á immortal gloria,
Heroico varão, claro se entende
Do que de ti cantou a minha historia,
Que se á morte o mortal corpo rendeste
Co'os teus immortaes feitos a venceste.

LXXXVIII.

Este tão desestrado fim, tão duro,
Deste a quem com a vida a honra crescia,
Parte foi visto dos que estão no muro,
Parte dos que alli trouxe em companhia;
E inda que hũa e outra parte o mal futuro
Antes de succeder ja o conhecia,
Ninguem lhe deu soccorro neste feito,
Porque se o déra, fôra sem proveito.

LXXXIX.

Nem só no forte Sousa hoje se emprega
Dos imigos crueis a furia brava,
Outro á morte cruel tambem entrega
Que quasi recolhido era na cava;
Dos mais ha dous a quem o Ceo não nega
A vida, que hoje aos outros todos dava,
Mas dá-lh'a com tal custo, e de tal arte
Que perdem do seu sangue hũa grãa parte.

XC.

O Turco, inda não farto nem contente
Desta morte cruel do Sousa imigo,
Em quanto, inda que morto, o têe presente
Esquecer-se não póde do odio antigo;
A cabeça lhe córta cruelmente
Inda quiçá temendo algum perigo,
Corta-lhe os pés e as mãos, inda medroso
Quiçá daquelle braço valeroso.

XCI.

Toma a turba infiel delle a vingança
Em tudo o com que foi delle offendida,
Dá-lhe para isto esprito e confiança
Vêr que não póde ja ser resistida;
A cabeça lhe põe n'hũa alta lança
E lá polas estancias foi trazida,
Com que em trajos d'opprobrio lhe foi dado
Hum triumpho assaz nobre, assaz honrado.

XCII.

Nem co'o disforme corpo a gente imiga
Agora quiz usar mais piedade,
Que inda esta cruel morte não mitiga
Hum ponto a seu furor e má vontade;
Lá na praia o lançou, para que siga
A deshonra apoz tal disformidade,
Porque tambem se vinguem com deshonra
De quem com elles ganhou sempre tanta honra.

XCIII.

Achado foi depois, e conhecido
Vendo-lhe hũa das pernas que o profano
Chumbo, que da espingarda foi sahido,
Lhe quebrou, lá no Estreito Gaditano;
D'aqui á sepultura foi trazido
Com lagrimas de todo o Lusitano
Ou popular, ou nobre ajuntamento,
Que em todos foi igual o sentimento.

XCIV.

Esta furia e braveza com que veio
Os Turcos commetter o Sousa forte,
Os pôz em grão temor, e em grão receio
Que lhes viesse a ser imiga a sorte:
Tambem disto o Christão não fica alheio
Vendo que a larga guerra, e a cruel morte
Lhe vão sempre os melhores consumindo
Com que as forças lhe vão diminuindo.

XCV.

Os que forão lá abaixo a saber certo
O que se está da mina suspeitando,
Tornando acima, dizem, que mui perto
De meio baluarte vai ja entrando:
Logo o nobre Silveira, em tudo esperto,
O perigo desta obra contemplando,
Lhe applicou o remedio que então sente
Ao tempo e conjunção ser pertencente.

XCVI.

Manda que lá no mesmo baluarte
Se faça hũa profunda contra-mina,
Com tal pressa que o Turco infiel Marte
Não possa effeituar o que imagina:
Mas nem por isso lá naquella parte
D'onde arreceia ter qualquer ruina
(Como atraz disse) a torre cessa agora,
Antes cresce com mór pressa cada hora.

XCVII.

Esta capitania que vagára
Polo defunto Sousa, que aqui digo,
O Silveira a hum Proença encommendára
Que antes de ter Proença têe Rodrigo,
Varão a quem o Ceo junto dotára
De esprito sem temor do mór perigo,
E d'hũa corporal força e dureza
Que o mór trabalho soffre, antes despreza.

XCVIII.

Naquelle mesmo dia que apresenta
No Ceo o seu esprito o Sousa ousado,
Entre os Christãos hum novo ardil se inventa
Quiçá nunca antes visto, nem usado:
Descubrir delle o author mil vezes tenta
Meu canto, mas foi sempre em vão tentado,
Pois nem a fama disse quem elle era,
Que bem o soubera eu se ella o dissera:

XCIX.

Mas d'esconder-se o author pouco me curo
Que encubri-lo eu por isso erro seria.
N'hũa praça que lá no roto muro
Fez a força da grossa artilharia,
Lá d'onde o pertinaz imigo duro
Contra os do baluarte combatia,
Fez ajuntar a gente Portugueza
Grande cópia de lenha em fogo aceza:

C.

Nem de levar ao fogo lenha cessa
Com esta que primeiro alli lhe leva,
Antes mais lenha ajunta, e lhe arremessa,
Com que cada vez mais e mais o ceva;
E assi tanto cresceo, com grande pressa,
O fogo, que ninguem ha que se atreva
Não sómente de perto conversá-lo,
Mas nem de muito longe inda esperá-lo.

CI.

Contra esta grossa chamma penetrante
Que tanto ao longe estende a furia ardente,
O reparo que têe posto diante
De tal sorte defende a Christãa gente,
Que inda que não está muito distante
A póde então soffrer mui levemente;
Levemente lhe faz tambem soffrella
O proveito e descánso que têe della.

CII.

Mas o Turco cruel, que só pertende
A ruina do imigo Lusitano,
Vendo hum tão novo ardil que lhe defende
Poder-lhe então chegar, fazer-lhe dano,
N'outro fogo maior o peito acende,
Agora he mais que nunca irado, e insano,
Tambem tenta remedio com que possa
A força desfazer da chamma grossa.

CIII.

Sólta o canhão o ferro que têe preso
Que lá dentro no fogo entrar trabalha,
Encontra o aceso ferro o lenho aceso,
Agora o fogo ao fogo dá batalha;
Em tocando os tições o duro peso
A viva chamma morre, e logo espalha
As vivas brazas lá por toda a parte
De que grãa cópia entrou no baluarte.

CIV.

Estas mór damno lá a alguns causárão
Do que causára o imigo ferro horrendo,
Pois a quantos diante de si achárão
Fazem ficar em vivo fogo ardendo;
Porém com isto os sãos não desampárão
O fogo que os estava defendendo,
Porque se em poucos faz cruel effeito
A muitos dá descanso, e dá proveito.

CV.

Grande cópia o Christão de lenha ajunta
E d'acender o fogo outra vez trata,
Ja resuscita a chamma antes defunta
Porém logo o canhão a desbarata;
Eis logo apparece outra lenha junta
Mas o canhão a encontra, e a chamma mata,
Prevalecer hum e outro então pertende,
Ou o que apaga o fogo, ou o que o acende.

CVI.

Porém a maior força prevalece,
Fica a que era menor della vencida,
O grão fogo á bombarda ja obedece,
Que esta de tudo he sempre obedecida.
Vendo o fogo apagado lhe parece
Ao Turco que tẽe ja facil subida;
Sobem com pressa ja muitos ao alto,
Preparados a hum bravo, horrendo assalto.

CVII.

A natural soberba a isto os anima
Que esta sempre animou mais do que deve,
Mas como inda lá estava tudo em cima
Penetrado do fogo que alli esteve,
Tanto a quentura lá todos lastima
Que parar muito lá nenhum se atreve;
Torna com passo atraz não vagaroso
D'hũa tal defensão assaz queixoso.

CVIII.

Aquelles que nos braços sustentavão
As panellas que dentro em si trazião
O salitrado pó, e os que levavão
Arteficios que em fogo se acendião,
Subir lá muito acima não ousavão
Vendo quanto perigo lá corrião,
E em tornar-se não são os derradeiros,
Mas tornão com mais pressa que os primeiros.

CIX.

Proença naquella hora contemplando
Quanto aquelle remedio lhe aproveita,
Nova lenha outra vez alli ajuntando
Lá no mesmo logar acesa a deita,
Com que a chamma feroz sempre cevando
Faz com que logo ás nuvens vá direita.
Applica-lhe o remedio o Turco logo
Com que antes apagou ja o outro fogo.

CX.

E tanto desta vez insiste e dura
Em desfazer aquella chamma esquiva,
Que com quanto o Proença insta e procura
Pola sustentar sempre acesa e viva,
Não póde emfim tolher que aquella dura
Força, que a força mór rende, e captiva,
Não venha a effeituar a sua empresa
Extinguindo de todo a chamma acesa.

CXI.

Sendo ja quasi então mortificáda
Co'o perenne furor da artilharia
A aspereza da chamma alevantada,
E a do fogo que as pedras acendia,
Commette lá outra vez de novo a entrada
Hũa assaz numerosa companhia
De soberbos imigos bem armados,
De nova ira e furor estimulados.

CXII.

Lanção lá nós Christãos mil differentes
Arteficios de fogo, com que espalhão
Sulfureas e mortaes chammas ardentes
Nos que naquella parte se agasalhão:
Traz isto confiados e contentes
Os imigos entrar dentro trabalhão,
Havendo que a taes chammas, e ao seu braço
Durará a resistencia pouco espaço.

CXIII.

Porém não lhes responde agora a sorte
Conforme á sua grande confiança,
Porque achão braço lá muito mais forte
Que o seu, que de vencer lhes dá esperança,
E peitos sem temor da mesma morte
Quanto mais do seu fogo, espada ou lança,
Com que não são sómente resistidos
Mas com seu grave damno inda vencidos.

CXIV.

Porque acudindo alli com grande instancia
Qualquer dos Capitães, que encarregado
Estava então de qualquer outra estancia,
Como ja disse atraz que era ordenado,
Dão no imigo infiel com tal constancia,
Com impeto tão bravo e denodado,
Que o constrangem de todo a retirar-se
Sem poder defender-se, ou reparar-se.

CXV.

Tão apressado então desce e medroso
Quão soberbo e apressado antes subira,
Mas sempre de vingança desejoso
Cresce com isto mais em odio e em ira:
A muitos o Christão victorioso
Lá das veias, sómente o sangue tira,
E quarenta a que o ferro melhor chega
A furia do trifauce cão entrega.

CXVI.

Mas em salvo não sahe deste perigo,
Porque a quatro hoje a morte senhoreia,
E a cinco sobre vinte o ferro imigo
Faz o sangue correr da Christãa veia:
Entre estes vinte e cinco que aqui digo
Hum se chama Francisco de Gouveia,
Outro era o Manoel que he conhecido
Por ter de Vasconcellos o apellido.

CXVII.

Outro he hum que por nome tẽe Duarte
E com Mendes d'alcunha se conhece,
Que qualquer de Bellona e do seu Marte
Co'o forte braço o nome honra e engrandece.
Qualquer dos mais tambem que nesta parte
Deixou ou sangue ou vida, bem merece
Que se diga o seu nome, e esforço raro,
Mas eu porque o não sei o não declaro.

CXVIII.

Estes, inda que assaz os apertassem
As dôres que as feridas lhes fazião,
E mais a descansar os obrigassem
Que aos trabalhos que alli se offerecião,
Fez-lhes a necessidade que engeitassem
O descanso que assaz mister havião,
E que como o mais são que alli se veja
Entrem, ou no trabalho, ou na peleja.

CXIX.

O Turco vendo então desfeito em vento
O subterraneo ardil, com que imagina
Dar a todo o Christão ajuntamento
Ou grave damno, ou ultima ruina,
Porque ja tinha hum claro sentimento
De se fazer lá dentro a contra-mina,
Manda que a mina cesse, porque via
Que embalde então ja nella procedia.

CXX.

Mas com quanto da mina está ja fóra
Por vêr que em vão ja nella trabalhava,
A bombarda não quer que cesse hũ'hora
Que o baluarte do mar batendo estava :
O Sousa que tẽe delle o mando agora,
Co'a sua companhia que o ajudava,
Tratão de reparar quanto he possivel
O que arromba a cruel furia terrivel.

CXXI.

Neste tempo em que ja grãa falta sente
De tudo o Portuguez quanto convinha
Para se defender bastantemente
D'hũa furia infiel que tẽe visinha,
E que a falta he maior da forte gente
Que consumida a larga guerra tinha,
Tal ajuda lhe vem de lá de Goa
Que inda que he assaz pequena, he assaz boa.

CXXII.

Chegão quatro cátures que mandados
Forão do Viso-Rei a dar-lhe ajuda,
Quando ainda o planeta dos dourados
Raios, do usado leito não se muda.
Vem de fortes varões acompanhados,
Dos quaes só cada hum deseja e estuda
Ser dos perigos ja partecipante
De que a fortaleza he bem abundante.

CXXIII.

Alguns nomearei dos que fizerão
De Goa nos cátures o caminho:
Hum Gonçalo, do qual alcunhas erão
Primeiramente Vaz, logo Coutinho;
Dous Pachecos, aos quaes os nomes derão
Gabriel, hum Vaz, outro apoz Martinho;
Dous Mendes Vasconcellos alli estavão
Que hũ Francisco, outro Antonio se chamavão.

CXXIV.

Junto com estes cinco que aqui digo
Outros vinte e oito vem em companhia,
Desejosos tambem do grão perigo,
Cheios tambem d'esforço e d'ousadia:
E inda que nada então trazem comsigo
De quanto á defensão lhes pertencia,
Grão gosto a sua vinda a todos dava
Que a melhor defensão nelles estava.

CXXV.

Achão estes que lá na fortaleza
Têe quarenta os espritos ja rendidos
Em mãos da pertinaz Turca braveza,
E mais de sessenta achão mal feridos;
Achão tambem nos sãos ja grãa fraqueza,
Que cansados os têe e enfraquecidos
O contínuo trabalho intoleravel,
Mas o esprito assaz forte inda, e incansavel.

CXXVI.

E como estes que agora aqui chegárão
Viessem descansados, e ociosos,
E os seus animos sempre desejárão
Empregar-se nos feitos duvidosos,
Logo hũa grande parte em si tomárão
Daquelles graves pesos trabalhosos,
Com que os enfraquecidos e cansados
Ficárão grandemente alliviados.

CXXVII.

Mas o Silveira esperto assaz deseja
Que o cauto e perspicaz imigo, quanto
Foi pequeno o soccorro, então não veja,
E o como isto ordenou lá ávante o canto.
Agora porque temo que vos seja
Ja de largo pesado este meu Canto,
Lá ness'outro ouvireis, dando audiencia,
Do nobre Capitão a grãa prudencia.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XVIII.

O Capitão Antonio da Silveira manda que os cátures que vierão de Goa se tornem a partir antes que seja manhãa. Os Turcos commettem tres vezes o baluarte do mar, e tornão desbaratados com morte do seu Capitão. Tomão-se dous Turcos vivos, e o que se fez delles. Os inimigos dão hum cruel assalto ao baluarte dos combates, e o successo delle. Conta-se hum feito notavel que aqui fez hum Soldado particular. Contão-se tambem algumas cousas notaveis que neste tempo acontecêrão na fortaleza.

I.

Mostrado têe o tempo claramente,
E com exemplos bem verificado,
Que inda que ao Capitão, conveniente
Seja ter braço forte, e peito ousado,
Comtudo se não he sabio e prudente
Está sempre á ruina aventurado,
E tanto vem a ser mais perigoso
Quanto mais sem prudencia he animoso.

II.

O que têe de prudencia cheio o peito
Seguro em tudo está, nada receia,
Porque o mais impossivel, duro feito
Elle só co'a prudencia o remedeia;
D'onde se diz, que o fado lhe he sujeito,
E que elle cá na terra senhoreia
Os celestes influxos, soberanos,
A que o Ceo fez sujeitos os humanos.

III.

Por onde inda que a douta antiguidade
No Capitão perfeito demandava
Ousadia, saber, felicidade,
Comtudo a experiencia lhe mostrava
Que do saber têe mais necessidade,
Pois a falta este só remediava
Da fortuna e do esforço, e a falta deste
Faz que o esforço e a fortuna pouco preste.

IV.

Entendendo o sagaz Silveira esperto
Quão necessario então, e importante era
Ser aos cautos imigos encuberto
Quão pequeno soccorro lhe viera,
Antes lhe cumpre ter elles por certo
Que foi soccorro tal, qual elle o espera,
Usa d'hum novo ardil, que foi effeito
D'hum prudente, advertido, ousado peito.

V.

Ja tinha bem sabido que a profana
Gente, que têe na armada seu assento,
Víra a pequena frota Lusitana,
E têe de ser Christãa conhecimento,
Porque a luz da nocturna alma Diana,
Que então ja hia em grande crescimento,
Não sómente os cátures lhe mostrára,
Mas serem Portuguezes lhe declara.

VI.

Manda logo o Silveira que os navios
Que de lá de Goa então alli vierão,
Pois estavão de todo ja vazios
Dos famosos varões que alli trouxerão,
Antes que a Aurora espalhe os raios frios
E descubra os segredos que esconderão
As sombras que a nocturna Phebe sólta,
Fação sem mais detença a Goa a vólta.

VII.

Apoz isto mandou com desusada
Festa, maior quiçá do que convinha,
Celebrar-se lá dentro aquella entrada
Do pequeno soccorro que então tinha.
Sólta a vella com pressa a breve armada
E tão ligeira corta a onda marinha,
Que quando a Aurora os frios raios lança
Ja nem a mais aguda vista a alcança.

VIII.

O Turco, que esperando está aquella hora
Para que melhor veja o que antes vira,
Como a frota Christãa não vio agora
Lá por todo o Horizonte os olhos vira:
Confuso assaz, e quasi de si fóra
Torna a cuidar se foi quiçá mentira,
Ou representação da fantasia
Que o faz imaginar o que não via.

IX.

Olhão huns para os outros, perguntando
Cada hum, ao que vê, disto a verdade,
Mas juntamente todos affirmando
Que verdade isto foi, não vaidade:
Ficárão entre si todos julgando
Que era de mór substancia e quantidade
O soccorro que veio á Christãa gente,
Crendo que a conjectura aqui não mente.

X.

Mas agora me cumpre ir a outra parte
Que memoria e louvor assaz merece,
Porque me ouço chamar do baluarte
Do mar, que ao Sousa atraz dito obedece;
Obras aqui tambem do horrendo Marte
A descubrir meu canto se offerece,
Que quiçá não darão menos espanto
Que as que ja descubrio atraz meu canto.

XI.

Vendo ja neste tempo o mal soffrido
Imigo pertinaz, que de tal geito
Do mar o baluarte he ja batido
Que hum caminho assaz largo he nelle feito
Por onde póde ja ser commettido,
De novo se lhe acende o aceso peito,
Toma novo furor e confiança
De tomar neste do outro grãa vingança.

XII.

E porque a dilação lhe descontenta
Deste furor que o tanto estimulava,
Sem detença o combate logo intenta
Que ja para o outro dia preparava:
Logo faz ajuntar bem cincoenta
Barcas, da grossa armada que alli estava,
Qual deita o galeão, qual tambem deita
A galé, e d'hũa e d'outra se aproveita.

XIII.

Faz nellas embarcar grãa companhia
De gente bem armada, e bem lustrosa,
Em que bem setecentos haveria
Bastantes a qualquer empresa honrosa.
Este grosso esquadrão obedecia
A Mahamud, que a grande e perigosa
Empresa, tambem fólga ter diante,
Tamanho he seu valor, alto e constante.

XIV.

E tanto que o pastor almo e luzente
Que lá ao longo do Anfriso trouxe o gado
Mostrou a nova luz lá no Oriente
Começando o seu curso costumado,
Entra nas barcas logo a infiel gente
Que tudo então ja tẽe bem preparado
Quanto para o combate lhe convinha,
E começa a cortar a onda marinha.

XV.

Soa alli do atambor o estrondo horrendo
Com mal composto som, mas bellicoso,
A grita as altas nuvens vai rompendo
Do Soldado, inda então forte e orgulhoso:
O remo as mansas ondas revolvendo
Com curso mais veloz que vagaroso,
Em breve espaço a barca põe na parte
D'onde se ha de assaltar o baluarte.

XVI.

Mas a gente que está na fortaléza
Vendo as barcas tão perto vir ja agora,
Chega o aceso murrão com grãa presteza
A bombarda cruel, ruinadora;
Sahe com a sua usada alta braveza
O pelouro mortal da prisão fóra,
Contra as imigas barcas vai direito
E faz o seu cruel usado effeito.

XVII.

Inda ellas juntamente vem cortando
Mas perto ja da terra, a onda salgada,
Quando o pelouro ardente fulminando
Em meio dellas todas faz a entrada;
E inda que a todas vai amedrontando,
Em duas sós deixou effeituada
A sua impetuosa furia imiga,
Que em pedaços ao fundo ir as obriga.

XVIII.

Mas nem por isso as outras detiverão
O curso, ou perde a gente a confiança,
Antes á praia todos se vierão
Com mór pressa, e desejo de vingança;
Saltando logo em terra os que couberão
No desembarcadouro, sem tardança,
Nenhum subir acima então duvida,
Que em toda a parte vê facil subida.

XIX.

Os mais que lá nas barcas se agasalhão
A que a praia não deu recolhimento,
Não estão ociosos, mas trabalhão
Por ajudar dos seus o duro intento;
Huns frechas, outros chumbos no ar espalhão
Com que dão aos Christãos impedimento
Para que nos reparos appareção,
Mandando os tiros lá a que obedeção.

XX.

Sóbe com tal favor o Turco, cheio
De confiança, esforço, e d'ufania,
Mas logo a recebê-lo o Sousa veio
Co'a sua valerosa companhia;
Arteficios de fogo assaz, no meio
Delles lança, e com tal furia e ousadia
Os encontra apoz isto a lança tesa
Que os faz ja duvidar daquella empresa.

XXI.

Inda comtudo mostrão peito forte,
Mas pouco lhes durou tal presupposto,
Porque os Christãos os tratão de tal sorte
Que ja não ousão ter direito o rosto.
Com damno seu assaz, com sangue e morte
Tornão lá para o mar mudar o posto,
Dos vencedores braços constrangidos,
Que pouco antes havia por vencidos.

XXII.

Os das barcas, que tambem de lá despedem
Qual a frecha subtil, qual chumbo ardente,
De todo os tiros mal não lhe succedem
Que alguns ferem então da Christãa gente;
Isto aos outros obriga que se arredem
Lá de traz do reparo, onde o presente
Mal, se póde evitar, que causa o Mouro
Ou co'a frecha subtil, ou co'o pelouro.

XXIII.

Eis aquelles que ja não se atrevêrão
Ter contra o imigo são, rosto direito,
Vendo o porque os Christãos se recolhêrão,
Tendo por grave o damno que lhes he feito,
O temor que então têe logo perdèrão,
Enchem logo de novo ardor o peito,
Ousado cada hum torna ligeiro
A tentar o que em vão tentou primeiro.

XXIV.

Torna a subir de novo alvoroçado
E em entrar, com grãa força dura e insiste,
Porém acha diante o Sousa ousado
Que agora como sempre lhe resiste,
Do qual emfim se vê tão maltratado
Que outra vez desta empresa ja desiste,
Outra vez desce abaixo com grãa pressa
E dentro lá nas barcas se arremessa.

XXV.

Com mór pressa nas barcas vão entrando
Da com que ao baluarte antes subírão,
E ja as ondas começão de ir cortando
Para tornar-se lá d'onde partírão;
Mas como entre si vão arrezoando
De quão pouca gente era a quem fugírão,
Em todos tal vergonha sobreveio
Que póde então mais nelles que o receio.

XXVI.

Tanto os lastima então, tanto os magoa
Esta vergonha, e tanto os move e acende
Que fazem outra vez voltar a proa,
E morrer ou vencer qualquer pertende;
Outra vez o tambor guerreiro soa,
Outra vez a alta grita as nuvens fende,
Ja põe a proa em terra a leve barca,
Com grãa pressa o Soldado desembarca.

XXVII.

Não se descuida então, nem he ocioso
O que na fortaleza se agasalha,
Mas o imigo outra vez vendo, animoso
Em seu damno outra vez insta e trabalha:
Outra vez o mortal e furioso
Pelouro manda lá, que no ar espalha
Assi a grossa e horrisona bombarda
Como a leve, subtil, longa espingarda.

XXVIII.

Mas aquelles a quem encarregada
Estava a defensão do baluarte,
Cuidão, vendo dos Turcos a tornada,
Que a salvá-los não basta ou força ou arte:
Determinão com hũa morte honrada
Eternisar seu nome em toda a parte,
E venderem tão cara esta victoria
Que fique ao vencedor mais dôr que gloria.

XXIX.

Dá-lhes isto tal fervor e atrevimento
Que não pódem lá estar dentro encerrados,
Correm todos ás barcas, n'hum momento,
E inda os Turcos não são desembarcados
Quando lhes fazem tal recebimento
Com golpes tão mortaes, tão apressados,
Que poucos vir a terra então puderão,
Estes d'estarem lá se arrependerão.

XXX.

E tanta foi a força, tanta a pressa
Com que o bom Sousa e os seus os accommettem,
E o damno dos pelouros, que arremessa
O canhão, que dão mortes e as promettem,
Que o segundo furor no Turco cessa,
Renova-se o temor, e lá se mettem
Nas barcas outra vez, que o mal presente
Fez a vergonha ao medo obediente.

XXXI.

Pouco ja da vergonha então curárão
Quando a morte diante os faz medrosos,
E de tornarem vivos mais tratárão
Que de poder tornar victoriosos:
Os que das barcas mais perto se achárão
Estes então se tẽe por mais ditosos,
Que estes hão que tẽe mais segura a vida
Mais longe do Christão ferro homecida.

XXXII.

Tanto que são nas barcas recolhidos
Logo as ondas começão d'ir ferindo,
E ainda que a hum grave medo vão rendidos
Tambem os vai vergonha perseguindo.
Eis lá da fortaleza os alaridos,
Os apupos e as gritas, que seguindo
Os vão, em quanto pódem, lh'accrescentão
A vergonha e temor que os atormentão.

XXXIII.

Não deixárão porém de recolher-se
Até que a hum caes chegárão da Cidade,
Onde de novo tornão a acender-se
Ausentes da Christãa ferocidade:
Tratão de quanto devem de correr-se
De vêr que tão pequena quantidade
De gente, hũa e outra vez os desbarata,
E tanto a salvo seu tão mal os trata.

XXXIV.

O forte Mahamud, de que ja conta
A minha historia atraz, que os governava,
A quem aquella vergonha, aquella affronta
Lá dentro ao centro d'alma então chegava,
Vendo que elles de novo mostrão pronta
Vontade, para o que elle desejava,
Porque de todo os mova a darem vólta
Em taes palavras logo a lingua sólta;

XXXV.

He possivel, ó fortes, bons soldados,
Que tão poucos, e fracos defensores
Contra tantos de nós, tão esforçados
São hoje duas vezes vencedores?
Eu creio que a Fortuna e os duros Fados,
E outros deoses alguns, se os ha maiores,
Lhes quizerão dar hoje esta victoria
Com tanta affronta nossa, e sua gloria.

XXXVI.

Que possivel não fôra, d'outra sorte,
Que pudéra ficar victorioso
O que menos forte he do que he mais forte,
E o que he menos do que he mais copioso;
Por onde se em nós houve affronta e morte,
E nelles fim sem damno, e glorioso,
Nem cá affronta, nem lá honra se deve,
Pois toda a parte nisto o Fado teve.

XXXVII.

Mas com quanto nos dá disto a certeza
De não termos affronta, e segurança,
Bem se póde porém ter por fraqueza
Deixarmos hoje os mortos sem vingança;
E pois propriedade e natureza
Da Fortuna, he fazer logo mudança,
Creio que já terá virada a roda
E a terra em favor nosso posta toda.

XXXVIII.

Eia sus, outra vez a elles tornemos,
Agora que a Fortuna os desampara,
Com quanto ja em vencer pouco faremos
Sendo nós tanta cópia, elles tão rara;
Mas vençamos porém, porque vinguemos
Os que deixárão lá a vida chara,
E elles vejão que ess'outro foi effeito
Do divino favor, não do seu peito.

XXXIX.

Agora que a victoria está no braço
Mostrai-lhe vós qual he forte e constante,
Rompa sem piedade hoje o vosso aço
Polo imigo Christão, hoje arrogante:
Nisto não podeis ja ter embaraço
Pois a Fortuna e a mi levaes diante,
Segui-nos, que com ella, e mais comigo
Não podeis ja temer nenhum perigo.

XL.

Apoz estas palavras, logo estuda
De dar execução ao que pertende,
Toda a gente tambem para isto o ajuda
Que co'o que têe ouvido mais se acende:
Ja a barca outra vez vólta a proa aguda
E contra o baluarte as ondas fende,
Agora que o furor mais os incita
O alvoroço he maior, mais alta a grita.

XLI.

Posto diante vai este esforçado
Capitão Mahamud, d'armas luzente,
De soberba inda mais que d'aço armado,
Das victorias Christãas impaciente;
Em seu braço e valor tão confiado
Que por vingado se ha da imiga gente,
E assi qualquer detença mal o trata
Que então esta vingança lhe dilata.

XLII.

Mas não lhe tardou muito o desengano
Com que a soberba o justo Ceo castiga;
Chegado ao baluarte Lusitano
Eis de lá sólta hum berço a furia imiga,
A Mahamud encontra, e com grão dano
Lhe abate a natural soberba antiga,
E faz que alli vencido apparecesse
Onde cuidou que tudo elle vencesse.

XLIII.

Pallido agora cahe, este que agora
Fazer cahir mil pallidos cuidava,
E inda que não vio logo a ultima hora
Comtudo ja mui perto della estava,
Porque quando de novo a nova Aurora
As estradas ao Sol apparelhava,
A sua alma infiel com grão tormento
Foi a beber o eterno esquecimento.

XLIV.

Quando a gente infiel (mais confiada
Quiçá no Capitão que n'outra cousa)
Se vio d'hum tal favor desamparada
Com que o imigo esta vez commetter ousa,
De novo a hum grão receio deu entrada
Vendo outra vez diante posto o Sousa,
E as espadas crueis diante postas
A que ja duas vezes deu as costas.

XLV.

Cresce este seu temor co'o peso horrendo
Que a bombarda Christãa contra elles sólta,
Porque este lá nas barcas vai mettendo
Grãa confusão, grão medo, grãa revólta:
Fez-lhes isto, e o Capitão, que estavão vendo
Mal ferido, com pressa dar a vólta,
Com dobrada vergonha, e sem lembrança
De tentar outra vez esta vingança.

XLVI.

Nestes combates todos atraz ditos,
Que os Turcos, por seu mal, sempre intentárão,
Quarenta dos infieis, impios espritos
Ás sombras de Plutão hoje mandárão,
E o seu sangue tambem quasi infinitos
Dos que ficárão vivos, derramárão.
Dos Christãos sóbem dous ao Reino Santo,
Cinco feridos sós acha o meu canto.

XLVII.

Das barcas que arrombou a artilharia
Alguns a salgada onda agora molha,
Que como então o mar ao mar corria
Faz com que a barca sãa os não recolha.
Manda logo o Silveira hũa almadia,
Pois que não ha ninguem ja que lh'o tolha,
E nella dous que dentro os recolhessem
Para que vivos todos lh'os trouxessem.

XLVIII.

Vai-se logo o subtil, leve navio
Lá contra aquelles tristes caminhando
Que co'as mãos e co'os pés o senhorio
Andão do Rei marinho inda apartando,
Por fugirem da Parca que ja o fio
Subtil, para o cortar, lh'anda buscando.
Mas, tristes, que fugis? que a Parca fera
N'outro maior perigo vos espera.

XLIX.

Porque qualquer dos dous que então se embarca
No navio subtil, leva comsigo
Hum odio tão mortal, de tanta marca
Contra hum tão triste e tão rendido imigo,
Que quiz tomar o officio á cruel Parca
Por satisfazer parte do odio antigo,
E contra o que o Silveira lhes permitte
Manda quantos encontra ao escuro Dite.

L.

Porém tanto os que estavão lá na estancia
Do baluarte da barra, então fizerão,
Bradando hũa e outra vez com grande instancia
Aos dous, que o cruel ferro detiverão,
E com grão pesar seu, grãa repugnancia
De seu feroz esprito, dous trouxerão
Vivos á fortaleza, e lá diante
Espero que meu verso delles cante.

LI.

Sousa, vendo ja ida a imiga gente
E os combates de todo ja acabados,
Á fortaleza manda os que então sente
Da cirurgia estar necessitados;
Manda hum Fernando entre estes juntamente
Que o sobrenome tẽe dos Penteados,
Mancebo de valor, e esforço raro,
Logo disto vereis exemplo claro.

LII.

Agora me quero ir vêr a profana
Gente, que de temor e espanto cheia,
Por fugir á grãa furia Lusitana
Pouco ja da vergonha se arreceia.
Esta vendo-se em salvo, ja a engana
A soberba outra vez, e a senhorcia,
Determina vingar-se, mas não ousa
Tentar o baluárte ja do Sousa.

LIII.

Toda a ira e desejo de vingança
Sólta lá contra aquelle baluarte
Do qual têes tu, Proença, a governança,
Porém tu saberás tambem guardarte.
De se vingar aqui têe confiança
Do mal que recebêra n'outra parte,
Dá-lhe isto tal fervor, tamanho alento
Que não se quiz deter mais hum momento.

LIV.

Logo com àltas gritas e clamores
Dão começo á cruel, dura batalha,
Entrão lá contra os duros defensores
Quantos Turcos a entrada em si agasalha:
Ja reluzem os aços cortadores,
E penetrar então qualquer trabalha
O imigo que diante se apresenta,
E quanto o damno he mór, mais se contenta.

LV.

O vingativo Turco desejando
De não fazer alli longa detença,
Cada momento os seus vai refrescando
Porque assi com mór pressa e damno vença;
E de tal sorte assi vai apertando
Os que a bandeira seguem do Proença,
Que mostra este furor embravecido
Querer cobrar o que antes têe perdido.

LVI.

Mas o forte Proença acostumado
A mil encontros a este semelhantes,
Do seu forte esquadrão acompanhado
Que em mil affrontas ja o seguíra antes,
E vendo-se tambem aqui ajudado
Dos que de Goa, a ser partecipantes
Nestas cousas, vierão novamente,
Pouco teme o furor do imigo ardente.

LVII.

Recebe com mór furia, a furia imiga,
E com aço mais duro, o seu duro aço,
Acende o odio o furor, e faz que siga
Traz o peito feroz hum e outro braço:
Cresce com isto tanto a cruel briga
Que d'hũa e d'outra parte em breve espaço
Co'os espritos, alguns cahem rendidos,
Afóra hũa grãa cópia de feridos.

LVIII.

Durando esta revolta horrenda e fera
Que tantos para a morte hoje encaminha,
Aquelle Penteado que viera
Buscar a cura alli que lhe convinha,
Chega onde o Cirurgião, cujo nome era
Mestre João, diante de si tinha
Hum a quem dava a cura a isto ordinaria,
E muitos a que ella era necessaria.

LIX.

Mas como o grande estrondo, a grande grita
Do combate nesta hora não cessava,
Tanto isto o Penteado acende e incita
Que, esquecendo-se ja do que esperava,
Não lhe soffre o valor que nelle habita,
Que inda mais que a ferida o estimulava,
Que não se ache tambem no baluarte
E do que passa nelle tenha parte.

LX.

E assi não esperando que lhe seja
Applicado o remedio á grãa ferida,
Diz para o Cirurgião que outro proveja
Que elle vai arriscar de novo a vida.
E correndo entrou lá onde a peleja
Se mostra mais feroz, e embravecida;
Porém lá muito nella não atura
Que com dobrada causa torna á cura.

LXI.

Porque como lá então hũa e outra espada
Não esteja hum momento só ociosa,
E elle quiz, em fazendo lá a entrada
Que a sua aos infieis fosse damnosa,
A primeira ferida acompanhada
Foi logo d'outra, grande e perigosa,
Que na cabeça fez seu duro effeito,
Lá onde a outra tambem o tinha feito.

LXII.

Dobrada occasião o fórça agora
A se tornar de novo á cirurgia,
E como o Cirurgião têe naquella hora
Dobrada occupação da que sohia,
Forçado lhe he fazer qualquer demora
Em quanto os de mais perto elle provia
Da cura, de que estão necessitados,
Que tambem são do imigo maltratados.

LXIII.

Cresce entretanto o estrondo temeroso
E as nuvens outra vez penetra e fende,
Que o Turco de vingança desejoso
Com revezada força o imigo offende,
Mas o imigo tambem forte e animoso
Com dobrado furor se lhe defende;
Causa isto grãa revolta em toda a estancia,
E hũa medonha e triste dissonancia.

LXIV.

Ouvindo o Penteado esta revólta
De novo se alvoroça, e dentro ferve,
Nem podendo ja ter-se, a cura sólta
Que buscou porque a vida lhe conserve:
De novo ao baluarte faz a vólta,
Que então á honra mais que á vida serve,
E inda que o logar he cheio de morte
Alli só têe quieto o esprito forte.

LXV.

Revolve o duro ferro, e com mais dura
Força commette o imigo revezado
Do que podia haver em quem a cura
Duas vezes ja tinha antes buscado.
Porém nem desta vez muito aqui dura,
Porque o direito braço trespassado
Em breve espaço vio d'hum largo pique
Que o faz que muito tempo aqui não fique.

LXVI.

Este terceiro encontro ja lhe impede
De todo o que tres vezes intentára,
E forçado o que o esprito então lhe pede
Se torna ao Cirurgião que antes deixára.
Desusado valor, que bem excede
O mais raro valor, força mais rára,
Os mais invictos peitos, soberanos
Que o tempo têe mostrado em largos anos!

LXVII.

Recebe agora a cura juntamente
A tres mortaes encontros bem devida,
E della, co'o favor Omnipotente
Recebe desta vez saude e vida.
Este que d'entre o imigo fogo ardente,
D'entre o ferro infiel, duro, homecida,
Mil vezes escapou, depois o vento
E o mar, o consumírão n'hum momento.

LXVIII.

Dura inda este combate hum grande espaço
Com damno do fiel, e do profano,
Porém sentindo o Turco que o seu aço
Com furor revezado, sempre insano,
Ja contra o Portuguez vencedor braço
Quanto têe mór constancia he mór seu dano,
Se torna agora atraz, e se retira
Para o mesmo logar d'onde sahira.

LXIX.

Deixão nova ousadia lá no imigo,
Grande gloria e prazer na fortaleza;
Novo damno e temor levão comsigo,
Affronta para os seus, e grãa tristeza;
Cento feridos vão, vinte o castigo
Vão receber á eterna profundeza;
Dos Christãos sóbem tres á Eternidade,
Dos feridos he grande a quantidade.

LXX.

Ja nesta conjunção a Portugueza
Gente, grãa falta assaz de tudo tinha
Quanto para poder pôr-se em defeza
Contra hum tão duro imigo lhe convinha;
Nem com vontade assi menos acceza
Se vem á defensão do que antes vinha,
Que em todos hum constante animo forte
Mais despreso que medo põe da morte.

LXXI.

A continuação da longa guerra,
E dos bravos assaltos a frequencia,
Cubrírão cincoenta ja de terra
Dos que fizerão ja mais resistencia:
Dos mais que a fortaleza em si encerra
Quasi todos sentírão a violencia
Do imigo aço, de que huns ja sãos estavão,
Outros, inda que enfermos, ajudavão.

LXXII.

Afóra estes que a morte têe levados
Tambem outros setenta aqui se vião
A que esta guerra têe tão maltratados
Que sustentar as armas não podião:
Assi que os que alli pódem vir armados
Duzentos e setenta mal serião,
Contando os que de Goa alli vierão,
De que huns mortos, feridos outros erão.

LXXIII.

As munições tambem vão fenecendo,
E o pó com que a bombarda faz o effeito
(Porque então nos canhões se estava vendo
No usado fulminar hum grão defeito)
O vão, com quanto he pouco, convertendo
N'outras cousas então de mais proveito,
Qual delle as bombas faz, qual as panellas,
Porque depois o fogo acenda nellas.

LXXIV.

Tambem aquelle pó he ja bem raro
Com que a espingarda o chumbo o fogo acende,
E he delle o espingardeiro tão avaro
Que nenhum tiro ja em vão dispende,
Mas só o dispende então quando lhe he claro
Que o Turco alli com elle o esprito rende,
E não qualquer, senão o que parece
Que aquelle tiro em tal tempo merece.

LXXV.

Bem cuido eu que estão muitos desejando
Vêr meu verso aos dous Turcos convertido
Que lá no baluarte do mar, quando
De Mahamud em vão foi commettido,
Tomados lá no mar forão nadando;
E eu me lembro que tenho promettido
Tratar delles cá ávante, e bem depressa
Espero de cumprir minha promessa.

LXXVI.

Com força de crueis, duros tormentos
Forçados estes dous então publicão
Dos seus os mais intrinsecos intentos,
Tambem o estado delles certificão:
Dizem que então ávante de seiscentos
Homens, lá no arraial mortos ja ficão,
E os que vivos o sangue derramárão
O numero de mil sobrepujárão.

LXXVII.

Dizem que do Baxá se colligia,
Não que affirmá-lo possão com certeza,
Que com todo o poder trabalharia
Por conquistar aquella fortaleza;
E os Capitães da sua companhia
Tambem nisto mostravão ter firmeza,
Inda que o resto a risco ja se ponha,
Porque o contrario têe por grãa vergonha.

LXXVIII.

Nenhum delles diz mais, mas proveitoso
Lhe fôra a cada hum se mais fallára,
E quanto o fallar a outro he damnoso
Tanto agora a estes dous aproveitára,
Porque logo o Silveira rigoroso
Que aos dous para isto a morte dilatára,
Manda (e logo se faz) que a salgada onda
Com pesos ao pescoço ambos esconda.

LXXIX.

A vinda destes dous Turcos que agora
Os segredos dos seus manifestavão,
Ás mulheres chegou, que naquella hora
Tambem do trabalhar partecipavão;
E vendo a hum homem vir da casa fóra
Onde ouvião dizer que elles estavão,
Hũa que era casada, a elle se ajunta
E se estavão lá dentro lhe pergunta.

LXXX.

Pergunta-lhe tambem se se alcançava
O que delles está determinado.
Responde-lhe elle, que lá dentro os deixava,
Mas que o Silveira tinha então mandado
Hũa cousa, que a quem bem a attentava
O julga a elle por não bem attentado,
Pois não sómente a morte lhes impede
Mas inda a liberdade lhes concede.

LXXXI.

Ella, sem mais cuidar se era mentira,
Ou se era por ventura isto verdade,
Inflammada de todo em furia e em ira,
Esquecida de toda a piedade,
Entra na casa lá d'onde sahira
O que lhe isto dissera, com vontade
Ja tão prompta a hũa estranha alta crueza
Como se lhe ella fôra natureza.

LXXXII.

Acha em entrando lá diante posto
Francisco de Gouveia, a quem o ardente
Fogo, abrazando os pés, as mãos e o rosto,
Tão disforme fizera e differente
Que hũa magoa assaz grande, hum grão desgosto
Quem o ja vio, em vê-lo agora sente.
Ella, a quem a ira então, e o furor cega,
Tendo-o por hum dos Turcos, a elle chega.

LXXXIII.

E com semblante inda irado, aceso, e esquivo,
Mas cheio inda de graça e de brandura,
Do qual por dita houvera ser captivo
O peito mais isento, a alma mais dura,
Lhe diz: Ó perro, imigo, e outra vez vivo
Te levará d'aqui tua ventura?
Traz isto no ar levanta hũa gamella
E fender-lhe a cabeça hia com ella.

LXXXIV.

Elle, a quem o seu damno tão mal trata
Que lhe não deixa vêr quanta dita era
Morrer em mãos de quem co'os olhos mata,
Se guardou della então, como pudera.
Ella, que em nova furia se arrebata,
Corre por lhe chegar, mais que antes fera.
Brada elle então, e diz que o não persiga,
Que na outra casa têe a cópia imiga.

LXXXV.

Ella, que estas palavras bem entende,
Cuidando que era ardil, prosegue a empreza;
Com isto em maior furia então se acende,
E inda mais desta vez que antes aceza,
Diz: Olhai que enganar-me o cão pertende!
Como espivita a falla Portugueza!
Pois nem o que cuidaes ha de valer-vos,
Que esta nessa cabeça hei de fender-vos.

LXXXVI.

Alguns que nesta casa então se achárão,
Vendo-a de tal furor, tal ira cheia,
Mettendo-se no meio lhe affirmárão
Que aquelle era Francisco de Gouveia;
E o melhor que pudérão lhe applacárão
O furor, para que ella o veja, e o creia.
Com isto ella da furia hum pouco dece,
E pondo nelle os olhos o conhece.

LXXXVII.

Logo para outra parte volta o peito
Sem mais se desculpar do que passava,
Mas ainda com altivo e grave aspeito
Onde está o Capitão lhes perguntava.
E sabido onde está, lá faz direito
O caminho onde dizem que elle estava,
E chegando diante do Silveira
Lhe começa a fallar desta maneira:

LXXXVIII.

Dizem, Senhor, que tendes ja mandado
(Mas eu não posso crê-lo por verdade)
Que seja aos dous imigos outorgado
Poderem-se ir com vida e liberdade;
Porém se isto assi está determinado,
Que ás vezes a rasão segue a vontade,
Nós, nisso que fazeis, não consentimos,
Mas o contrario disso vos pedimos.

LXXXIX.

Eu, e as outras mulheres, que aqui temos
Nesta guerra tambem algũa parte,
Que mandeis dar a morte a ambos queremos;
Mas se quereis que seja inda d'outra arte
Por nenhum caso o nós consentiremos,
Nem ha cousa que disto nos aparte;
E eu, que sou entre todas menos forte,
Se vós m'os entregaes, lhes darei morte.

XC.

Vendo o Silveira o grão fervor que havia
Em quem he natural medo e fraqueza,
Espantado, mas ledo, porque via
Mudada em seu favor a natureza,
Lhe disse, que pois ella assi o queria
Que elle os não soltará, tenha certeza.
Contente ella com tal resposta fica
E de todo se applaca e pacifica.

XCI.

Tão arreigado estava contra o imigo
Em todo o peito este odio furioso,
Que dá esforço e furor maior que antigo
No peito que he de si brando e medroso.
Mas se espanta este exemplo que aqui digo
Inda outro hei de dizer mais espantoso,
Com que este odio geral claro se prova
Com cousa inda mais rara, inda mais nova.

XCII.

Sendo então, pola falta que se sente
Dos varões, que ja o Ceo em si agasalha,
Tão geral o trabalho em toda a gente
Que todo o sexo e idade alli trabalha;
A tenra idade, e mais sufficiente
Quiçá para o licôr que de si espalha
A têta maternal, branda e suave,
Não foge ao trabalhoso peso grave.

XCIII.

Nos trabalhos, que assaz são importantes
Tambem os tenros moços se occupavão,
Com espritos mais duros e constantes
Do que em tão tenros annos se esperavão:
Nem dos trabalhos são partecipantes
Sómente os livres moços que alli estavão,
Mas a partecipar nelles vierão
Muitos moços tambem, que escravos erão.

XCIV.

Estando em parte juntos, onde enchessem
Da grave terra os leves seus cestinhos
Com que onde ha falta della soccorressem,
Disse para outro hum destes escravinhos:
Se os Turcos fossem homens, e soubessem
Quanto de se perder estão visinhos
Ja estes Portuguezes, hoje entrada
Fôra esta fortaleza, e ja tomada.

XCV.

Isto que o tenro escravo agora disse
Com tal segredo o não esconde e cerra
Que hum moço Portuguez o não ouvisse.
Sólta o cestinho ja cheio de terra,
Todo aceso em furor, como se visse
Ja aquillo effeituado, o escravo afferra,
E aos companheiros diz: Vinde correndo,
Ouvi o que este perro está dizendo.

XCVI.

Elles sem mais tardar, logo soltárão
Os cestinhos tambem, e ja com ira,
Com pressa ao companheiro se chegárão,
Que logo lhes dá conta do que ouvira:
Elles sem mais respeito, não curárão
De vêr se he verdade isto, ou se he mentira,
Mas cheios de furor, ao triste moço
Logo hũa corda lanção ao pescoço.

XCVII.

Nem querendo que mais se dilatasse
A pena que a hum tal crime se devia,
Querem que a forca logo o castigasse;
Mas hum dos moços diz que bom seria
Que ao Capitão primeiro se levasse,
O qual tambem á morte o julgaria;
A todos pareceo isto bem feito,
Nem querem que lhe tarde muito o effeito.

XCVIII.

E com clamores taes que vão rompendo
Não só o ar, mas o Ceo terceiro, e o quarto,
Pegão tantos na corda, que escondendo
Vão as mãos o escabroso, áspero esparto;
Logo, sem mais tardança, vai correndo
O esquadrão pueril, d'odio não farto,
Levando traz si o triste á corda atado
Que foi ante o Silveira apresentado.

XCIX.

Onde o que então se achou mais atrevido
Entre este pueril ajuntamento
Lhe disse: Nós queremos que punido
Seja este perro co'o ultimo tormento,
Sem ser hum só momento deferido,
Pois teve de dizer atrevimento
Que os Turcos se homens fossem, ja entrados
Nos tiverão de todo, e ja tomados.

C.

E porque não haja outro, inda que imigo,
A que isto lembrar possa sómente,
Queremos a este dar este castigo
Onde qualquer dos outros se escarmente.
Trouxemo-lo ante vós, porque eu me obrigo
Que vós o não julgueis por innocente,
E porque vendo-o morto não cuidasseis
Que morreo sem rasão, e nos culpasseis.

CI.

O discreto Silveira, que duvida
Que haja tanto valor em tal idade,
Mas a alegria e espanto isto o convida,
Lhes diz (por lhes fartar assi a vontade)
Que o deixem, e se vão, porque elle a vida
Lhe mandará tirar sem piedade.
Mas isto que por bem então tentava
Lhe sahio ao revéz do que cuidava.

CII.

Porque como elles todos vem agora
D'hum entranhavel odio combatidos,
E todos estivessem naquella hora
Qual do páo, qual da pedra apercebidos,
Não põem neste castigo mais demora,
Antes com grandes gritas e alaridos,
Como se o Capitão lh'o consentira,
Começão pôr por obra esta sua ira.

CIII.

Eis d'hũa parte a pedra, dividindo
O ar, lá no triste acaba sua jornada,
D'outra o mociço páo, ao ar subindo
Cahe na tenra cabeça, condemnada;
Hum e outro o tenro moço então ferindo
Com grãa furia cruel, imiga e irada,
Em breve espaço fazem tal effeito
Que em mil pedaços he logo desfeito.

CIV.

Alguns dos circumstantes procurárão
Por lhe impedir hum fim tão miseravel,
Mas vendo que era embalde, não curárão
De dar remedio ao que era irremediavel.
Elles depois que alli nelle fartárão
A ira que parecia insaciavel,
Com cantigas de grão contentamento
No Occeano lhe dão eterno assento.

CV.

Este tão cruel fim, tão desastrado,
Tal medo nos escravos fez que houvesse,
Que não se vio algum mais tão ousado
Que usar da sua lingua se atrevesse,
Ou com hum baixo tom mal declarado
Dizer cousa que bem não se entendesse,
Que qualquer destas culpas, bem pequena,
Recebia hũa grave e cruel pena.

CVI.

Todo o seguinte dia, o qual ja era
Penultimo do mez, que atraz dizia
Que em si dá gasalhado á cruel fera
Que faz a Orion vêr o ultimo dia,
Não houve lá mais damno que o que a fera
Bombarda faz co'a usada bateria,
A qual foi tal, que tẽe por toda a parte
Roto o reparo ja do baluarte.

CVII.

Cahe o assento tambem, que em si encerra
O Silveira, e a parede lá da estancia
Do Sousa Lopo, vem tambem a terra,
Sem poder o canhão ter repugnancia;
Ordena apoz isto hum ardil de guerra
Que derrube a Christãa dura constancia
O Turco, que co'a força não se atreve.
Mas este Canto he ja mór do que deve.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIX.

Os Turcos se vão embarcar nas galés, para tomarem depois os Christãos mais descuidados. O Capitão, suspeitando este engano, se apparelha para o assalto. Os Turcos em sendo noite se tornão a desembarcar, e dão hum largo e terribilissimo assalto ao baluarte. Contão-se alguns casos particulares e notaveis que acontecêrão no meio delle.

1.

Usado sempre foi, e proveitoso
Em toda a guerra o ardil, e necessario,
Tal, que no mais prudente e valeroso
Capitão, sempre foi mais ordinario;
Que sempre o vencer foi mais glorioso
Quanto com maior damno do contrario,
E com damno menor da sua gente,
Venceo o Capitão sabio e prudente.

II.

Quanto proveito o ardil traga comsigo
Por mil provas o tempo o tẽe mostrado,
Pois no presente vimos, e no antigo
Ser co'o engenhoso ardil remediado
Mil vezes o mortal, grave perigo
Para o qual não bastava o peito ousado,
E alcançar mil victorias incriveis,
Não duvidosas só, mas impossiveis.

III.

E com quanto mil vezes falsa o effeito
O discurso do ardil que he bem composto,
Não fica sem louvor o bom conceito
A que a Fortuna quiz voltar o rosto:
E se d'aqui não tira algum proveito,
Não tira tambem damnó, nem desgosto
Mais que de não poder com sua gloria
Alcançar dos imigos a victoria.

IV.

Vendo a gente infiel que em vão pertende
Vencer com força a força Lusitana,
Que com tanta constancia se defende
Que parece lá força mais que humana,
Depois que, com seu damno, claro entende
Que quanto mais aperta, mais se dana,
Quer tentar se do ardil a subtileza
Acaba o que não póde a fortaleza.

V.

E para effeituarem este engano
Fazem que aquelle mesmo dia, quando
O Sol tornava ja para o Oceano,
Mais de mil as estancias vão deixando,
E dando vista ao imigo Lusitano
Traz a usada bandeira vão passando
Pola Villa dos Rumes, e não párão
Até que aos seus navios arribárão.

VI.

Onde arribados, apressadamente
Todos onde podião se embarcavão,
Para que assi cuidasse a Christãa gente
Que elles de todo o cerco ja deixavão.
Levão doze galés o ferreo dente,
E na vólta do mar o mar cortavão,
Porque o Christão assi do mal futuro
Mais descuidado esteja, e mais seguro.

VII.

Mas o Christão sagaz pouco se enleia
Com esta falsa mostra que apparece,
Antes agora mór damno arreceia
Porque o Turco enganoso bem conhece;
E assi com mór cuidado remedeia
Tudo o Silveira então quanto parece
Que para defender-se lhe convinha
Da nova tempestade que advinha.

VIII.

Dobrar as vellas faz em toda a parte
Que vê que dellas têe necessidade,
Polo muro tambem logo reparte
De pedra solta grande quantidade;
Faz lá de São Thomé no baluarte
Logar, d'onde a fulminea tempestade
Hum camalete sólte horrendo e forte,
De que o Turco receba espanto e morte.

IX.

Avisar tambem manda que estivesse
Do mar o baluarte apercebido,
Porque se o que elle cuida succedesse,
Que era ser dos imigos combatido,
Se por qualquer maneira ser podesse
Elle fosse de lá favorecido
Co'o pelouro cruel que de si sólta
O canhão que em si a morte leva envólta.

X.

Tudo faz emfim prestes quanto via
Que cumpre á defensão da fortaleza,
De sorte que vir cousa não podia
Que cause confusão ou incerteza.
Logo elle co'os da sua companhia
Os logares visita em que ha fraqueza,
Lembrando a cada hum o que he obrigado,
Porém isto era em todos escusado.

XI.

Gastou-se nisto tanto espaço, quanto
Em se esconder no mar o Sol gastára,
E hum espaço depois que o negro manto
A noite polos ares espalhára,
Sem que lá nas estancias entretanto
Mudança haja qualquer, por ser tão clara
A Lua então, que quasi se presume
Que tomára do irmão o carro e o lume.

XII.

Mas depois que ella ja de saudosa
Do seu charo Pastor, que n'alma tinha,
Deixou á meia noite a luminosa
Jornada, e ao Latmio monte lá caminha,
Tão escura ficou e tenebrosa
A noite, quanto ao imigo então convinha
Para effeito do engano que imagina,
E logo effeituá-lo determina.

XIII.

Vendo quão bem ajuda a seu intento
Aquella escura noite tão cerrada,
Não se quer deter mais hum só momento,
Manda chegar ao muro a longa escada;
E porque sem ter disto sentimento
Possa a gente Christãa ser assaltada,
E co'o descuido fique mais vencivel,
Com silencio isto faz quanto he possivel.

XIV.

Mas pouco este silencio lhe aproveita,
Porque a vigia esperta e diligente,
Que disto tinha ja grande suspeita,
Em meio do silencio logo o sente;
Com pressa ao Capitão logo endireita,
E lhe diz que em mil partes sentio gente
Que hum calado rumor faz, de maneira
Como que meneando está madeira.

XV.

Pouco o bom Capitão com isto se enleia
Porque novo não lhe he, mas esperado,
E logo esta incerteza remedeia
Com hum remedio assaz prompto e avisado:
Manda que hũa capaz panella cheia
Do negro ruinador pó salitrado
Abaixo lancem, cuja claridade
Descubra o que encubrio a escuridade.

XVI.

Eis ja vôa a capaz grossa panella
A mostrar o que o imigo faz lá fóra,
Na terra apenas dá, quando sahe della
Hum novo e claro Sol, antes da Aurora;
Vê-se o que antes ja disse a esperta vella
De escadas cheio o chão, e que ja agora
As põe na parte o Turco onde parece
Que mais a seu intento favorece.

XVII.

Pouco espanto isto põe, pouco receio
Lá onde ha disto ja certa esperança,
Antes qualquer com isto fica cheio
D'esforço, de fervor, de confiança,
Vendo que o Capitão que alli o meneio
Tẽe da guerra, tal he, que pola usança
Que tẽe della, o por vir prognosticava,
E ja como presente o remediava.

XVIII.

Entendendo o Silveira o copioso
Numero das escadas, vê que o imigo
A estancia assaltará do valeroso
Lopo de Sousa, e o seu assento antigo,
Porque hum e outro logar, o furioso
Canhão sentio em si, como atraz digo;
E assi hum modo ordenou com que as escadas
Com grão trabalho fossem arvoradas.

XIX.

Manda, e tambem depois roga e encommenda,
Que todo o que a espingarda meneasse
Só naquelle a cruel furia dispenda
Que a lançar mão da escada se chegasse;
E o que tẽe lança, ou outra arma que offenda,
Em defender sómente se occupasse
O portal que em qualquer parte fizera
A furia do canhão horrenda e fera.

XX.

Manda que hũa abertura que a hũa parte
Pola Christãa gente feita se via
Do reparo que está no baluarte,
Porque estando mais fóra o que vigia
Melhor d'alli sentir possa desta arte
O que lá em baixo o Turco então fazia,
Se alimpe da caliça que lançada
Tẽe nella a bateria antes passada.

XXI.

Fez isto o Capitão por ter sabido
(Se eu mal não advinho o seu intento)
Que estando na abertura hum recolhido
Não póde outro lá ter recolhimento,
E que o que lá estiver dentro mettido
Sem nenhum risco seu, ou detrimento,
De lá fará grão damno á gente imiga
No meio da cruel, áspera briga.

XXII.

Agora quer ir vêr este meu canto
O effeito do que o Turco em si concebe
Que se embarcou pouco antes, e entretanto
Deixarei o Christão, que se apercebe.
Logo como o estrellado, escuro manto
Pola ausencia do Sol o Ceo recebe,
O Turco, que do engano não se esquece,
Das galés outra vez á terra dece.

XXIII.

Em terra outra vez saltão escolhidos
Dous mil homens em toda aquella armada,
De tudo o necessario apercebidos
De tal sorte, que não lhes falta nada.
Logo são nas estancias recolhidos
Onde estava a mais gente agasalhada,
E os mais dos Capitães com elles hião
A que as embarcações obedecião.

XXIV.

Cuidão de não achar ja resistencia
Por muito que os Christãos sejão ousados.
Quaes dão a Jhuof Hamed obediencia
Quaes de Baram Baxá são governados,
Varões que em grande esforço, e grãa prudencia
Se vírão em mil partes signalados;
Creio que os conheceis, se inda memoria
Tendes do que atraz disse a minha historia.

XXV.

Estes tendo ja prestes toda a gente,
Com tudo o mais que ao assalto lhes convinha,
A tardança os detem alli sómente
Que inda então faz o Sol na onda marinha;
Mas tanto que as estradas do Oriente
De Memnon pisa a mãe que ante o Sol vinha,
Logo os dous Capitães com grãa presteza
Se vão lá presentar á fortaleza.

XXVI.

Em tres grandes batalhas repartida
A gente, á fortaleza se apresenta,
Tão ufana, lustrosa, e tão luzida
Que o Turco Capitão comsigo assenta
Que não poderá então ser resistida,
E tanto da victoria se contenta
Que os despojos Christãos ja então reparte
Dando a qualquer dos seus ja sua parte.

XXVII.

Qualquer destas batalhas agasalha
Mais de mil destes homens tão valentes,
Cojaçofar tambem dos seus espalha
Mais de dez mil por partes differentes,
Os quaes em começando a grãa batalha
Soltem logo os mortaes chumbos ardentes.
E as voadoras frechas, com que ajudem
Os seus, e ao defensor damnar estudem.

XXVIII.

Os dous bons Capitães antes que dessem
O assalto, aos Lusitanos defensores,
Mandárão que as bombardas dispendessem
Lá nas partes os seus bravos furores
Por onde hão de assaltar, porque tivessem
Entradas mais capazes, e maiores.
Não ha nisto detença, mas ja sôa
O grosso estrondo, e o ferro mortal vôa.

XXIX.

Faz logo o seu cruel usado effeito
Com ruina de tudo o que alcançava.
Vendo o Turco que tẽe elle ja feito
Quanto para o combate desejava,
Não lhe soffre o feroz, ousado peito
Dilatar a victoria que esperava;
Faz cessar do canhão a furia grossa
Porque elle executar a sua possa.

XXX.

Logo das tres batalhas a primeira
Lá diante se põe, a qual guiada
Vai d'hũa larga então grande bandeira
De côr branca e vermelha quarteada.
Ja sôa do tambor a voz guerreira,
Sôa a voz do clarão mal concertada,
A grita he tal que as nuvens fende e arromba,
A terra quasi treme, o mar retomba.

XXXI.

Em meio desta grita hũa grãa parte
Dos mil que a dianteira tẽe agora,
Com tal furia commette o baluarte
Que imagina acabar tudo nesta hora:
Sóbe tão alto o Alferes, que o estandarte
Lá no mais alto delle então arvora,
Que nelles hum fervor novo desperta
Com que tẽe a victoria por mais certa.

XXXII.

A outra parte dos mil que não entende
No combate que aos outros era imposto,
Logo arvóra as escadas, e pertende
Nas casas do Silveira dar-lhe encosto,
Porém logo acha alli quem lh'o defende,
Porque os espingardeiros que alli posto
O Silveira para este effeito tinha
Não deixão por fazer quanto convinha.

XXXIII.

Sóltão logo o mortal chumbo damnoso
Só naquelle que a longa escada afferra,
Qualquer do que soltou fica gostoso
Porque então nenhum delles o tiro erra,
Tal, que quantos estão (caso espantoso)
Ferrados nas escadas vem a terra,
Qual manda a alma ao profundo senhorio,
Qual vivo sólta o sangue em grosso fio.

XXXIV.

Nem por isso as escadas despovoão,
Correm ao mesmo effeito outros ligeiros,
Logo os chumbos Christãos contra elles voão
Que não são desta vez menos certeiros,
Mas tambem desta vez tanto os magoão
Que igual damno estes sentem aos primeiros,
Porque estes tambem dão larga sahida
Qual ao sangue sómente, qual á vida.

XXXV.

Ja agora este mortal segundo dano
Em todos imprimio hum tal receio,
Que das escadas tendo o desengano
Nenhum mais afferrar nellas se veio,
Antes o que se têe por mais ufano
Daquella empresa fica mais alheio,
Porque ha que obra não he do forte peito
Entrar na morte certa sem proveito.

XXXVI.

Deixão logo as escadas, onde vião
Que os espera hũa certa e cruel morte,
Vão-se ajudar aos outros que querião
Com valeroso peito, ousado, e forte
Entrar no baluarte, porque havião
Que esta era ou mais honrada ou melhor sorte,
E como n'hum só posto o Turco insiste
Soffre-o o Christão melhor, melhor resiste.

XXXVII.

Nesta hora aquella gente que ficára
Nos dous esquadrões posta em ordenança,
E a que Cojaçofar alli deixára,
Em ajudar os seus não põe tardança:
Qual a longa espingarda então dispára,
Qual do curvo arco a frecha aguda lança,
Hum e outro vai direito áquella parte
Que mais damne os que estão no baluarte.

XXXVIII.

Nunca a mais grossa nuvem, mais inchada
Que polos ares vai não vagarosa,
Tanta parte encubrio da luz dourada
Que a terra opaca faz clara e formosa,
Nem tanta parte do ar foi occupada
Da banda d'estorninhos copiosa,
Quanta a frecha que sahe lá do arco Mouro
Occupa do ar, encobre da luz d'ouro.

XXXIX.

Ja nesta hora a infiel gente atrevida
Com a gente fiel andava envólta,
Com furia tão acesa e embravecida
Que hũa e outra parte o sangue e a vida sólta;
Mas quanto sólta mais de sangue e vida
Tanto mais o furor cresce, e a revolta,
Ja por todo o logar a morte vôa,
Em toda a parte o estrondo e a grita sôa.

XL.

Huns com vozes ja fracos lamentaveis
Da morte ja visinha se queixavão,
Outros com altas vozes incansaveis
Que dessem cruel morte encommendavão;
Arteficios de fogo innumeraveis
Alli se vêem, que huns a outros se apagavão,
E assi o fogo que sempre os damna e offende
Esse agora de si mesmo os defende.

XLI.

O vaso que de barro era formado
E dentro o negro pó mortal encerra,
Pouco foi do murrão hoje ajudado
Porque sem seu favor a chamma afferra,
Pois tão aceso está, tão inflammado
O baluarte todo, e a mesma terra,
Que em tocando no chão recebe logo
Melhor que do murrão o ardente fogo.

XLII.

Levantão neste tempo o curvo dente
Bem quatorze galés, e o mar cortando
Á estacada se vão ligeiramente,
Onde apenas chegadas forão, quando
Chegando aos seus canhões o fogo ardente
Mil pelouros mortaes sahem voando,
Que com furor, estrondo, e ligeireza
Direitos lá se vão á fortaleza.

XLIII.

Nem deste só furor se contentárão,
Que odio nunca de pouco se contenta,
Mas mil vezes então descarregárão
A fulminea cruel brava tormenta;
Mas por mais que as bombardas trabalhárão
Emfim sahe em vão quanto o imigo intenta,
Porque esta revezada furia insana
Nenhum mal faz á gente Lusitana.

XLIV.

Mas o Gouveia, a quem era sujeita
Do baluarte da barra a governança,
De lá contra as galés faz ir direita
A furia que o cruel seu canhão lança:
Esta mais que a dos Turcos aproveita,
Que alguns despedaçou, que então alcança,
E desapparelhando dous navios
Faz todos affastar de temor frios.

XLV.

A Portugueza gente como entende
Que he só no baluarte o assalto agora,
As forças que por mil partes estende
Alli sómente ajunta naquella hora.
Com isto hum tal furor novo os acende
Que quasi trinta delles sahem fóra,
N'hũa praça que lá naquella parte
Sobre os reparos faz o baluarte.

XLVI.

Com grande impeto aos Turcos se arremessão
Que alli mais de duzentos se agasalhão,
Artefícios de fogo então não cessão,
Que hũa grãa cópia então no imigo espalhão,
Co'as lanças apoz isto os atravessão,
E tanto os tratão mal, tanto trabalhão,
Que com morte de muitos lhe he forçado
Perder o Turco quanto tẽe ganhado.

XLVII.

Entre estes que aqui a hora derradeira
Vírão, tambem o Alferes deixa a vida,
Mas nem por isso então cahe a bandeira,
Antes quando elle cahe fica ella erguida,
Porque com pressa tal, de tal maneira
Por mais de dez dos seus foi soccorrida,
Que antes que o Alferes caia, estes estavão
Ferrados nella ja, e a sustentavão.

XLVIII.

O Christão que isto vê, com força insiste
Porque no ar a bandeira não se veja,
De defendê-la o Turco não desiste
Que sustentá-la no ar tambem deseja;
Assi que o que contende, e o que resiste
Com tal fervor crescer faz a peleja,
Que havendo bem hũa hora que durava
Parecia que então se começava.

XLIX.

Em meio de hum furor que he quasi insano
E que he mais perigoso, ao que he mais forte
Chega hum pique mortal, longo, e profano,
A Martim Vaz Pacheco, e de tal sorte
Penetra este esforçado Lusitano
Que logo o entrega em mãos da cruel morte,
Vingando só com esta largamente
Mil que elle tinha dado á imiga gente.

L.

Junto então delle está no mesmo posto
Hum que era primo seu, e intimo amigo,
A quem foi Gabriel por nome posto
E a alcunha têe do mesmo que atraz digo;
Varão a quem não fez voltar o rosto
A morte mais horrenda, o mór perigo,
Antes sempre o seu forte, invicto peito
Quiz o mais perigoso, e arduo feito.

LI.

Este, vendo aós seus pés da imiga lança
Trespassado o que dentro n'alma tinha,
Cortado d'hũa dôr que a alma lhe alcança
Diz: Morrer eu comvosco bem convinha,
Mas por ir vossa morte com vingança
Folgo que se dilate hum pouco a minha,
Que a minha eu a haverei por bem vingada
Com ir a vossa della acompanhada.

LII.

Traz isto furioso e embravecido,
Só de morte e vingança desejoso,
Deixa o que ante seus pés têe estendido,
A que inda agora foi tão piedoso,
Salta em meio do imigo, onde mettido
Revolve o forte braço valeroso,
O luzente aço fura, talha, e fende,
Hum sólta o sangue, e morto outro se estende.

LIII.

Mas o Turco não quiz que lhe durasse
Muito sem seu castigo esta ira ardente,
Faz tambem que o seu ferro lhe trespasse
Duas vezes o rosto mortalmente,
Que para quem a vida desejasse
Bastante occasião era a presente
Para buscar remedio de ter vida,
Porém elle só quer vê-la perdida.

LIV.

Faz-lhe isto que hum remedio vá buscando
Que a morte mais lhe apresse que dilate,
Pois com isto o furor accrescentando
Entra mais furioso no combate.
Hum dos da companhia a elle chegando
Lhe diz que de curar-se agora trate,
Nem queira ja com tanta brevidade
Dar fim a seu esforço e mocidade.

LV.

Elle, inda de furor e d'amor cheio,
Responde: Como posso eu ter desejo
Da vida, ou ter da morte algum receio,
Se o que eu mais que a mi quiz, morto ja vejo?
Grão gosto me he da imiga furia em meio
Deixar a triste vida, em tal ensejo,
Que acompanhe no dia derradeiro
A quem sempre nos mais fui companheiro.

LVI.

Apoz estas palavras pouco tarda,
Torna a ajudar os seus na grãa revólta,
Mas a morte cruel que alli o aguarda
Faz que lá de travéz o chumbo sólta
Contra elle hũa mortal, longa espingarda
Que na cabeça o encontra; sahe-lhe envólta
Em sangue a alma, cahe morto o moço forte
Sobre o que lhe causou agora a morte.

LVII.

Que exemplo póde dar a antiguidade
D'outro maior amor que este que digo?
Pirothoo de Theseu mais de verdade
Nem Patroclo d'Achilles, foi amigo,
Nem de Niso e d'Aurialo a amizade
Provada assaz co'o Grego sangue antigo
Vantagem a esta fez, nem lh'a fizestes
Vós Pilades Phocense, e vós Orestes.

LVIII.

Pois se na idade nova ponho o rosto
Não vejo cousa que isto inda arremede,
Porque vejo que só se põe o gosto
Naquillo que o interesse proprio pede;
E tanto nisto está ja o mundo posto,
(Grãa miseria que a todas bem excede),
Que alli se inclina só o humano peito
D'onde espera tirar algum proveito.

LIX.

Mas manda-me a rasão que não me aparte
D'onde os Christãos ficavão combatendo.
Com grave damno d'hũa e d'outra parte
Se estão os crueis ferros revolvendo,
Quando de lá do mar do baluarte
E do de São Thomé, em fogo ardendo
Sahe d'alguns camaletes o redondo
Pelouro, com medonho, horrendo estrondo.

LX.

Direito aos Turcos lá vôa apressado,
Porque ou os damnifique, ou os destrua,
E vai elle esta vez tão bem guiado
Que esta sua tenção bem effeitua,
Que achando de infieis tudo occupado
Não póde ser em vão a furia sua,
Encontra-os, faz entre elles larga praça,
Aleija, fere, mata, despedaça.

LXI.

Neste tempo hum que lá no ajuntamento
Dos Christãos, da espingarda se servia,
Subindo lá no ruinado assento
Que em si o Silveira antes recolhia,
Hum Turco vê de lá que no ornamento
E riqueza do trajo, ha que seria
Homem de grande nome, e grande conta,
Chega a espingarda ao rosto, e nelle aponta.

LXII.

Sahe o chumbo veloz, faz a jornada
Direito ao triste Turco bem vestido,
Encontra-o polos peitos, e á morada
Infernal desce o esprito ja rendido.
Mas como a esta nação he cousa usada
E d'honra, não deixar o conhecido
Corpo, ou do Capitão, ou do que he amigo,
Determina hum levar este que digo.

LXIII.

Salta onde o morto estava, arreceando
Que a levá-lo chegasse outro primeiro,
Sobre os hombros o põe, determinando
Levá-lo; mas o mesmo espingardeiro,
Que ja prestes está, nelle apontando
Não foi menos então que antes certeiro,
Encontra o que levava a carga morta,
Cahem ambos, e á alma este abre a porta.

LXIV.

Eis outro que cuidou que esta honra nega
Áquelle o Ceo, porque para elle a guarda,
Ferra o primeiro morto, e em si o carrega,
Mas outro igual castigo não lhe tarda,
Porque o chumbo subtil tambem lhe chega
Que d'outra parte sólta outra espingarda;
Cahe morto este tambem, e aquelle honrado
Entra de dous no inferno acompanhado.

LXV.

Bem ao revez faz isto a Christãa gente
Que lá no baluarte pelejava,
Porque nenhum entre elles ha que attente
Senão no imigo só que inda em pé estava.
O que para cantar tenho presente
Mostra bem dos Christãos a furia brava,
Caso assaz desastrado, e miseravel,
Se o tempo o não fizera desculpavel.

LXVI.

Entre estes que o furor da gente imiga
Com outro mór furor pondo estão freio,
Havia hum, cuja idade he tão antiga
Que trinta annos lhe chegão della ao meio;
Mas nem a antiga idade lhe mitiga
O natural esprito, sempre cheio
Da ousadia, que o esforço nelle punha;
Seu nome era Fernando, Affonso a alcunha.

LXVII.

Este no bravo assalto sempre atura
Onde o seu duro esprito prevalece,
Até que a força que era menos, dura,
E o menos duro alento lhe fallece.
Cahe o triste entre os seus, mas nenhum cura
De vê-lo em tal estado, e o favorece,
Que nenhum de salvá-lo agora trata
Em quanto imigo vê com que combata.

LXVIII.

Nenhum ha alli que então o tempo gaste
Co'o que cuida que tẽe a alma rendida,
Não acha o triste quem d'alli o affaste,
Mas acha quem na sua envelhecida
Barba, faz fincapé, porque contraste
Melhor á imiga furia embravecida;
Tambem sente a garganta, com seu dano,
O pé do companheiro deshumano.

LXIX.

Levanta quanto póde a voz, e brada
O triste velho, aos seus, que inda vivia,
E com a fraca, e ja debilitada
Força, trabalha então quanto podia
Por se livrar dos pés da sua irada
Ardente e impetuosa companhia,
Que entre estes teve agora mór perigo
Que entre o maior furor do ferro imigo.

LXX.

Porém pouco lhe val agora o grito,
Nem a sua cansada força velha,
Que esta topa hum furor quasi infinito,
Aquelle não penetra a surda orelha;
Assi forçado lhe he render o esprito
Sem do seu sangue a terra ser vermelha,
Ou ter outro algum mal, mais que o que sente
Do ardor com que peleja a sua gente.

LXXI.[1]

Estava neste ser a grãa batalha
Em que hum e outro furor cresce e se accende,
Porque o Turco d'entrar assaz trabalha,
Mas o Christão lh'o nega, e lh'o defende,
Quando hum lá na abertura se agasalha
Que no reparo está, d'onde dispende
Perennemente o chumbo da espingarda,
Porque em disparando hũa, outra não tarda.

LXXII.

Tão mal desta maneira os Turcos trata,
Porque quantos aponta nenhum erra,
Que tambem o segundo Alferes mata
E outros muitos d'alli faz vir a terra:
Faz isto que no Turco assi se abata
O furor que até então no peito encerra,
Porque os melhores seus ja vêem perdidos,
Que começão de todo a ser vencidos.

LXXIII.

A segunda batalha, que era feita
D'escolhidos varões, gente animosa,
Sentindo que a primeira era desfeita,
De vingar esta affronta desejosa,
Faz affastar os seus, e vai direita
Lá para o baluarte impetuosa,
E apoz quatro bandeiras que diante
Leva, se põe em cima n'hum instante.

LXXIV.

Duas d'hum panno são, que arremedava
O canhamaço, ou eu mal isto entendo,
E na bainha lá por onde entrava
A áste, grandes madeixas se estão vendo
D'alva lãa, que qualquer se sustentava
D'hũa maçãa que está resplandecendo
De tal sorte, que eu hei por cousa certa
Que ou ella he d'ouro, ou he d'ouro cuberta.

LXXV.

Estas bandeiras tão differençadas
Das outras na materia, e no ornamento,
Dizem que do Caciz forão mandadas
Que têe lá em Medina seu assento,
Onde as barbaras gentes enganadas
Com grãa veneração e acatamento
Sepulchro ao seu Mafoma falso derão,
E onde inda agora o acatão, e o venerão.

LXXVI.

Por divinas as têe, e as presão tanto
Que então quiçá só nellas se fiárão,
Por vêrem que do seu profano santo
A grãa virtude ja partecipárão;
Faz-lhes isto ja perder agora quanto
Medo antes dos Christãos quiçá cobrárão,
Crendo que tal virtude alli se encerra
Que tudo ha de vencer, e pôr por terra.

LXXVII.

Com tal superstição e confiança
Sóbe esta descansada, ousada gente,
Posta em cima, não faz qualquer tardança,
Logo entra co'os Christãos mui bravamente;
Grãa cópia d'arteficios nelles lança
Que estão de si lançando fogo ardente,
Lança tambem com elles de mistura
O pungente zarguncho, a pedra dura.

LXXVIII.

Os que de fóra estão, que não subirão
A ser no combater partecipantes,
Com tanta quantidade então atirão
De frechas, e de chumbos coruscántes,
Que as lanças dos Christãos então se virão
E as mãos com que as sustem, das penetrantes
Pontas junto cravadas, e as rodellas,
E os rostos penetrados tambem dellas.

LXXIX.

Juntamente com isto a tal distancia
O altisono clamor soando vôa,
Que entrando na infernal, escura estancia
Rhadamanto, Aqueronte, e Dite atrôa:
A confusão dos sons, e a dissonancia
Que em monte, em valle, ẽ serra, e ẽ bosque sôa,
Tal era, que podia bem julgar-se
Que o mundo começava a transtornar-se.

LXXX.

Cresce em tanto a revolta e a crueldade
D'onde a todos mortal damno succede,
Ja descem de lá alguns da Christandade
A que a ferida estar lá em cima impede;
Qual com queixosa voz, e piedade
Para a alma que sahe remedio pede,
Qual pondo nas feridas oleos, ovo,
Se torna a receber outras de novo.

LXXXI.

Nem foi sómente o ferro hoje culpado,
Tambem damna o cruel fogo profano,
Porque da mortal polvora ajudado
Acende, inflamma, abraza, e faz grão damno:
E tão disforme fica, e tão mudado
O que o sentio, do ser, e vulto humano,
Que se acha irmão que vendo outro irmão pasma
E foge, imaginando que he phantasma.

LXXXII.

Grãa miseria era vêr estes ardidos
Correr por cá, por lá impacientes,
D'intoleraveis dôres combatidos
Causadas das mortaes chammas ardentes,
Até que na salgada agua mettidos,
Que lá na fortaleza, em differentes
Logares em si têe a grossa tina,
Sentem allivio á dôr que os desatina.

LXXXIII.

Mas este allivio tal que agora dando
Lh'está o frio licòr em que se vião,
Outro damno maior lh'está causando
E outra mais grave dòr, que a que sentião,
Porque assi mais em breve penetrando
Os vai o bravo ardor, a que fugião,
E em meio de dobrada dòr e queixa
O attribulado esprito a carne deixa.

LXXXIV.

Nesta hora em que o furor d'hum e outro imigo
Mostra mór crueldade e mór braveza,
Aquella Anna Fernandes, que atraz digo
Que tanto bem fez sempre á fortaleza,
Vencendo o seu pesado corpo antigo,
E a fraqueza que tẽe por natureza
O trabalho e o temor, se sóbe ao muro
Lá onde o logar he menos seguro.

LXXXV.

E a figura daquelle Omnipotente
Eterno Creador nas mãos sustendo,
Que por dar vida eterna á ingrata gente
Quiz a morte na Cruz matar morrendo,
Com esforçado peito, e reverente
Mostrando-a aos que estavão defendendo,
Taes palavras com isto lh'apresenta
Que o natural esforço lh'accrescenta.

LXXXVI.

Com palavras d'esforço acende, e esperta
Quem por si se acendia, e se espertava,
E se algum cahir morto acaso acerta
A levá-lo d'alli ella ajudava:
O que ferido vem, logo ella o aperta,
E o que com pouco damno alli chegava
Dizia que á peleja se tornasse
Porque não tinha mal que lh'o estorvasse.

LXXXVII.

O prudente Silveira, e valeroso
Não se descuida então, ou se enfraquece,
No trabalho commum não he ocioso,
Tambem os seus anima, e favorece;
De tudo os provê quanto proveitoso
Ou ser-lhes necessario lhe parece,
Faz vir fóra o ferido, e com vergonha,
E que d'onde este sahe o são se ponha.

LXXXVIII.

Manda vir das estancias o que inteiro
E o que nellas está melhor armado,
Manda que lá no imigo o espingardeiro
Sólte o chumbo subtil arrebatado,
Que impossivel será não ser certeiro,
Tanto dos Turcos he tudo occupado.
Mas o que agora quer dizer meu canto
Eu sei que dará a todos gosto e espanto.

LXXXIX.

Hum destes que seguindo esta ordenança
Do Silveira, a espingarda meneára,
Tantas vezes o chumbo della lança
Que de todo o pelouro o desampara;
Porém nella outra vez o que era usança
Lançar do negro pó, então lançára,
Quer-lhe lançar a plumbea companhia,
Busca-a, mas não a achou como sohia.

XC.

Com isto o grão fervor não se lhe applaca,
Antes mais se accrescenta, e se afervóra;
Ferra d'hum dente seu, que então ja fraca
Quiçá tẽe a raiz, e o arranca fóra,
A espingarda com elle logo ataca,
Que do pelouro o officio toma agora,
E ajudado da ardente chamma leve
Entre os imigos entra em tempo breve.

XCI.

Caso de louvor digno, e de memoria,
Só no mundo quiçá, quanto mais raro.
Mas não tratá mais delle a minha historia,
Não porque eu de louvores seja avaro,
Mas porque sempre deu mór honra e gloria
Á nação Portugueza (como he claro)
O braço vencedor que o engenho agudo,
Com quanto este ja agora iguala tudo.

XCII.

Os Turcos entretanto não tornárão
Atraz co'o grão furor que antes tiverão,
E tanto os defensores apertárão
Que a victoria quiçá por sua houverão,
Porque do baluarte mais ganhárão
Que os outros que primeiro o commetterão,
Porém taes são os peitos que o defendem
Que em quanto ha força e vida, não se rendem.

XCIII.

Folgára eu por seus nomes declará-los
Pois merecem assaz ser conhecidos,
E co'o louvor devido eternisá-los,
Porém pois me são muitos escondidos,
E eu a todos não posso nomeá-los,
Mas a todos os braços não vencidos
Os dão a conhecer, se me perdoe
Que a fama, e não meu canto, os apregoe.

XCIV.

Estes fortes varões, que eu não nomeio
Pois sua fama o faz mais largamente,
D'hum acceso furor postos em meio
Todo o peso sustem da imiga gente;
E como em toda a parte tudo he cheio
Do pique, espada, frecha, e chumbo ardente,
Vôa hũa imiga frecha, e sem detença
Lá direita encontrar vai o Proença.

XCV.

Este era aquelle forte, invicto peito
De que atraz fez menção a historia minha,
A quem o baluarte era sujeito
Que este tão bravo assalto hoje sustinha.
Este, depois de ter até então feito
Quanto ao seu raro esforço bem convinha,
Alli o veio a esperar a cruel morte
Onde a muitos a deu seu braço forte.

XCVI.

No peito o duro arnez grosso vestia,
E a cabeça hum elmete lhe defende
A que a vista tirou, na qual sentia
Grão pejo para o que elle então pertende:
Logo a frecha mortal, que atraz dizia,
Lá para elle direita os ares fende,
Por hum olho o encontrou, e a travéz corre,
Ambos lhe quebra, e ao cerebro discorre.

XCVII.

Perde logo o sentido este esforçado
Mancebo, onde perdeo tambem a vista,
E sendo cego, e ja desatinado
Cumpre que do combate então desista,
Abaixo d'alli logo foi levado
Pois não têe forças ja com que resista;
Os que ficão em cima em breve espaço
Sentem a falta deste forte braço.

XCVIII.

Antes que aquella vez lá no Oceano
O Sol mettesse a leve roda usada,
Aquelle heroico esprito mais que humano
Solto ja da prisão fria e pesada,
Entra no Eterno Assento, e Soberano,
Deixando a terra triste e acompanhada
De lagrimas, de dôr, de sentimento
Por esta grave perda, e apartamento.

XCIX.

Aquelle valeroso cavalleiro
A quem deu nome Antonio, e tambem dera
Dos sobrenomes Mendes o primeiro,
E Vasconcellos o outro apoz este era,
Pelejando então todo o espaço inteiro
Que ha que dura a batalha horrenda e fera,
Ja na garganta o pique mortal sente,
Tambem sólta do rosto o sangue quente.

C.

Mas nem por isso deixa o assalto aceso,
Até que hum meio berço, irado e horrendo,
Soltando de travéz o mortal peso
Todo polo hombro esquerdo o vai rompendo;
Cahe ja desatinado, e quasi preso
Da morte; logo abaixo o vão descendo,
E antes que o Sol deixasse este hemisferio
Mandou a alma ao Celeste, Eterno Imperio.

CI.

Tambem a falta deste valeroso
Companheiro, então foi assaz sentida.
Durando assi o combate furioso
Muitos o sangue dão, muitos a vida.
Nesta hora o pertinaz, e inda animoso
Turco, a acabar a empresa não duvida,
Pois mais que nunca então tinha ganhado,
Porém bem caro assaz lhe tẽe custado.

CII.

Algum tanto a Fortuna se mostrava
Contraria, ou trabalhosa á Christãa parte,
Quando hum a quem João o nome dava
E Rodrigues a alcunha, o qual de Marte
O mais raro valor partecipava,
Com grãa pressa subio no baluarte;
Nos hombros hũa jarra este sustinha
Que de polvora toda cheia vinha.

CIII.

Tanto a jarra he capaz que encerraria
Hũa arroba do negro pó ruinante.
Chegando este aos da sua companhia,
Que com peito feroz, braço constante
Aos imigos a entrada defendia,
Lhes diz: Deixai-me, amigos, ir lá ávante,
Que nestes hombros vai quem vos ajude,
Sendo a mim e aos imigos ataude.

CIV.

Rompe por entre os seus com furia e pressa,
E com quanto ainda a entrada se lhe nega
Elle então de romper e instar não cessa
Até que lá onde estão os Turcos chega;
Co'o corpo ajuda as mãos, e lhes arremessa
A jarra, e em vão lá nelles não a emprega,
Mas apenas de si a despedira
Quando aos seus com grãa pressa se retira.

CV.

O luteo inda que duro vaso quando
A dureza da pedra encontra e sente,
Mil pedaços se faz, com que mostrando
Se esteve á mór dureza obediente;
E d'hum murrão que o vai acompanhando
Se lhe communicou a chamma ardente,
Faz logo o usado effeito a ardente chamma,
Abraza, despedaça, acende, inflamma.

CVI.

Vèem-se logo nos ares levantados
Mais de vinte que o pó sulfureo afferra,
E co'os corpos de lá, despedaçados
E feitos em carvões descem á terra;
Outros tantos ficárão maltratados
Desta ardente, apressada, mortal guerra.
Os Christãos, que esta ajuda bem conhecem,
Quão bem pódem então a favorecem.

CVII.

Nem com isto o logar vazio fica
Que agora a acesa polvora despeja,
Mas o numero alli se multiplica
D'outros fortes varões para a peleja.
Deste successo bom se prognostica
O Christão que o terá qual o deseja,
Nisto em que arreceava tê-lo avesso,
Tanto anima hum bom golpe, hum bom successo.

CVIII.

Com este novo esforço e confiança
Com tanta força os Turcos commetterão,
Que lhes he forçado atraz fazer mudança
Porque então resistir-lhe não puderão.
Outra vez o Christão entre elles lança
Mil panellas, que em fogo se accenderão,
Que fazendo o cruel usado effeito
Tudo por onde vão deixão desfeito.

CIX.

Péga o consumidor bravo elemento
Nas bandeiras que são por sacras tidas,
Sem ter obediencia, e acatamento
Ás virtudes que estão nellas mettidas,
Pois não sómente forão n'hum momento
As bandeiras do fogo consumidas,
Mas inda os que as sustem, das abundantes
Chammas forão assaz particigantes.

CX.

Faz isto no Christão dobrar-se agora
O grão fervor com que antes pelejava,
E tocando a trombeta alta e sonora
Ja victoria! victoria! então bradava.
Faz voar dos imigos corpos fóra
As almas infieis, e os apertava
Com tão impetuoso, forte braço
Que os vai d'alli empuchando grande espaço.

CXI.

O Christão arcabuz impetuoso
Não estava nesta hora descuidado,
Mas sólta o mortal chumbo furioso
No imigo com grãa pressa e grão cuidado;
O qual segundo então he copioso,
E do arcabuz está pouco affastado,
Nenhum dos mortaes chumbos o Turco erra,
Cahe sempre ou mal ferido, ou morto em terra.

CXII.

Eis nesta hora tambem do baluarte
Do mar sólta hum canhão a furia horrenda,
Que antes que a sanguinosa sêde farte
Muitos fará que o Stygio fogo acenda.
Esta direita vai áquella parte
Onde então se fazia a grãa contenda,
Não aos que estão em cima combatendo
Mas aos que estão ao pé favorecendo.

CXIII.

Entra em meio da triste infiel gente,
Rompe, derruba, mata, faz pedaços,
Nem resistem melhor ao mal presente
Os que sobre si têe os fortes aços:
E como não encontra a furia ardente
Senão peitos, cabeças, pernas, braços,
Tudo por cá, por lá se vê desfeito,
Braço, perna, cabeça, armado peito.

CXIV.

Nem apaga isto ao Turco a irada chama
Que contra o Christão move espada e escudo,
Tambem o que está em baixo mais se inflama
Vendo que do seu sangue he cheio tudo;
Innumeraveis tiros ja derrama,
Qual redondo e subtil, qual longo e agudo,
Sem que as horrendas mortes que então via
Lhe possão impedir o que fazia.

CXV.

Pouco apoz este golpe horrendo e duro
Eis lá do baluarte, que nomeio
Mil vezes São Thomé (d'onde seguro
O Turco então está, e sem receio,
Com quanto de lá deste mesmo muro
Pouco antes hum mortal damno lhe veio)
Hum camalete sólta o mortal peso
E contra os Turcos vai em fogo aceso.

CXVI.

E direite ao logar este caminha
Onde agora outro fez bem larga praça,
E como este igual força e poder tinha
Forçado he que igual damno tambem faça:
Mostra aos tristes a furia com que vinha,
Mata outra vez, abraza, e despedaça,
E entre corpos mortaes, com seu grão dano
Quieta o seu furor mortal e insano.

CXVII.

Vendo o Turco quão bem o tiro acerta
Os de baixo, e tambem quão mal os trata,
E que o Christão lá em cima tanto aperta
Os imigos, que quasi os desbarata,
Pois ja lhes derrubou nesta referta
As outras duas bandeiras, e lhes mata
Os Alferes que as têe, se esfria, e desce
O furor que até então se acende e cresce.

CXVIII.

O fiel defensor isto entendendo
Com tal grita e fervor lhe põe o rosto,
Que ja aquella batalha vai vencendo
Que em grande aperto e risco o teve posto.
A terceira batalha isto então vendo
Faz, de grãa furia cheia, e grão desgosto,
Apartar os cansados; mas forçado
Me he que eu tambem me cale de cansado.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XX.

A terceira batalha dos inimigos he tambem rota e desbaratada polos Christãos. Os Turcos se retirão com grande damno e perda da sua gente. Embarcão-se nos seus navios, e tornão-se para suas terras.

1.

Ja vejo o doce porto desejado
Se o desejo de vê-lo não me engana,
Onde estarei seguro e descansado,
Sem contrastar á força mais que humana
Do furibundo Noto, horrendo e irado,
E da impetuosa onda, grossa e insana,
Em fragil barca, e mal apercebida
A viagem tão dura, e tão comprida.

II.

Em meio do furor da onda marinha
Engrossada co'o bravo, inchado Noto,
Mil vezes vi perdida a barca minha
Por faltas ou do leme, ou do Piloto,
E pois tão mal composta ella caminha
Por mar tempestuoso, largo e ignoto,
Maravilha he do Ceo que o porto veja
Sem padecer naufragio, que deseja.

III.

Porém não sei se fôra mais ditosa
Em se render de todo ao mar e ao vento
Ficando assaz contente e gloriosa,
E co'o ganho d'hum tão heroico intento,
Que apoz via tão larga e trabalhosa
Chegar ao fim ao porto a salvamento
Onde eu sei que ha de ter (e não me engano)
Outro naufragio mór e de mór dano.

IV.

Porque então se verá quanto atraz fico
Do que pedindo estava hum tal sujeito,
No qual inda o mais fertil, e mais rico
Engenho, fôra esteril e imperfeito;
Por onde eu ja d'aqui me prognostico,
Pois o erro começou ja do conceito,
Ter antes vituperio, que honra ou gloria,
Pois ousei emprehender tão alta historia.

V.

Vós, ó fortes varões, de quem eu canto,
Perdoai se não dou tudo o que he vosso,
Porque não ha ninguem que possa tanto,
Menos eu, que entre todos menos posso;
E se eu quiz empregar em vós hum canto
Que eu conheço por baixo, rudo, e grosso,
He só porque me força hum grão desejo
Que vejão de vós todos o que eu vejo.

VI.

Porém não vos pareça que a rudeza
Do meu inculto verso, pouco agudo,
Abaterá a vossa alta fortaleza
Com que d'espanto tendes cheio tudo;
Porque das vossas obras a grandeza
Bastará para honrar meu canto rudo,
E este nunca será tão poderoso
Que faça o que em vós ha menos lustroso.

VII.

A terceira batalha que alli estava
Prestes para qualquer necessidade,
Vendo que ja a segunda começava
De render-se á Christãa ferocidade,
Com tal grita que os ares atroava,
Por dar soccorro áquella adversidade
Corre direita lá ao baluarte,
E o cansado d'alli faz que se aparte.

VIII.

Entra no logar deste ja cansado
Outro, com novas forças descansadas,
Logo o novo furor aceso e irado
Faz menear as lanças, e as espadas.
Vê-se de novo o sangue derramado,
E vêem-se almas de novo trespassadas
Da terrestre prisão ao assento eterno,
Entrando hũas no Ceo, outras no inferno.

IX.

Mas como não viesse tão provida
Ja agora esta batalha derradeira
De esforçados varões, gente escolhida,
Quanto a segunda ja veio, e a primeira,
Não foi com tanta instancia combatida
Agora a Christãa gente, e de maneira
Que em aperto ao passado igual se veja,
Porque mais tibio o Turco ja peleja.

X.

Causa he quiçá tambem porque apparece
Nestes agora o peito menos forte,
Vêr que a fortuna os seus desfavorece,
Vendo nelles incendios, sangue, e morte;
Pois nas guerras mil vezes acontece
Causar maior espanto a adversa sorte,
E o mal do companheiro, e grão perigo,
Que a constancia e valor do bravo imigo.

XI.

Presente aqui se achou, para seu dano,
Hum Janizaro então, tão forte, e cheio
D'hum tão alto valor, tão sobrehumano
Que nunca nelle entrou qualquer receio;
Ao qual o renegado Italiano
(Cojaçofar mil vezes o nomeio)
Por mulher hũa filha sua dera,
Carahacem ouvi que o seu nome era.

XII.

Em meio da peleja este se lança,
Passa por entre todos animoso,
E sem temor da imiga dura lança
Mostra o seu forte braço valeroso.
E não sómente a esforço e confiança
Move o Turco esquadrão, quiçá medroso,
Mas o imigo tambem, que têe diante,
Faz do damno dos seus partecipante.

XIII.

O Christão que aos imigos resistia
Vendo quanto este Turco he differente,
Assi nas ricas armas que vestia,
Como no grande esforço, da outra gente,
Dessas poucas panellas que ja havia,
Que lanção de si a brava chamma ardente
Quando ao murrão aceso abrem a porta,
Faz com que hũa contra elle os ares corta.

XIV.

Nem lhe sahe hoje em vão o que pertende,
Porque faz o caminho tão direito
Que o misero infiel não se defende
De sentir o seu bravo horrendo effeito;
Sólta a chamma cruel, que abraza e acende
Ao triste a perna, o braço, o rosto, o peito,
E cercado de dôr intoleravel
Se queixa com voz alta, e lamentavel.

XV.

Forçado desta dôr que o desatina
Deixa o assalto cruel, sanguinolento,
Mas no reino infiel de Proserpina
Sua alma desta vez não fez o assento,
Porém sente nos membros grãa ruina:
Da qual desaventura, e detrimento
Que hoje neste combate lhe acontece
Se jacta assaz depois, e ensoberbece.

XVI.

A falta deste só, que tenho dito,
Que os seus ja não ajuda, nem anima,
Tanto abateo então o tibio esprito
Dos mais que pelejando estão lá em cima,
Que com quanto de muitos acho escrito
Que são de grão valor, de grande estima,
De todo agora ja se enfraquecêrão
E aos quasi ja rendidos se rendêrão.

XVII.

O cansado Christão, e tão ferido
Que quasi ja não tẽe que dar a veia,
Depois de ter grão tempo resistido
A hũa grãa cópia sempre sãa e cheia,
Vendo o imigo furor enfraquecido,
E que elle ja de todo o senhoreia,
Com nova grita e esprito tão mal trata
O Turco, que de todo o desbarata.

XVIII.

Este, a que hum grave medo ja atravessa,
E do seu braço está desconfiado,
Vólta as costas de todo, com grãa pressa,
Ja não soberbo então, ja não ousado;
Dò baluarte abaixo se arremessa
Mais do que antes subíra inda apressado,
Deixando o que ganhou com sangue e mortes
De grãa cópia de imigos, peitos fortes.

XIX.

Durou este combate hum grande espaço
Que em quatro horas inteiras se limita,
Nas quaes sempre o Christão e o Turco braço
Em novo odio e furor se acende e incita;
E renovando sempre ou fogo ou aço
A porta á vida e ao sangue facilita,
Dando isto não receio, mas motivo
De furia e de vingança ao são e ao vivo.

XX.

Mas como este combate bravo e horrendo
Foi mais que os outros largo e furioso,
Tambem para os que estavão defendendo
Mais que nenhum dos outros foi custoso;
Porque se eu esta conta bem entendo
Quatorze ao Reino Eterno e Glorioso
Passão os seus espritos não vencidos,
E são mais de duzentos os feridos.

XXI.

Tão vazia deixou da forte gente
A fortaleza, esta áspera batalha,
Que quarenta varões nella ha sómente
Que se possão servir de espada e malha.
Consumio-se de todo aqui o ardente
Pó, com que os seus coriscos no ar espalha
Ou o grosso canhão, ou a espingarda,
Nada delle o barril dentro em si guarda.

XXII.

As panellas, e as bombas, que ajudadas
Do fogo, em vivo fogo se acendião,
Todas naquelle tempo erão gastadas,
Que a defensão assaz favorecião:
As lanças erão todas tão cortadas
Do continuo bater, que servirião
Mais ao ferido e enfermo para encosto
Que ao são para mostrar ao imigo o rosto.

XXIII.

Nesta falta de tudo, ao grão Silveira
O esforço não faltou que antes tivera,
Mas se ordena e refaz de tal maneira
Com a gente plebeia que alli era,
Que querendo a infiel Turca bandeira
Commettê-lo outra vez (como se espera)
Veja que ainda que alli tudo o mais falta
D'esforço e defensão só não ha falta.

XXIV.

Porém os Turcos ja com grão receio
Ás estancias então se retirárão,
Deixando do seu sangue o logar cheio
Que para combater alli tomárão;
D'onde hũa perda tal lhes sobreveio
Que mais de mil o sangue derramárão,
E dos melhores vão mais de quinhentos
Sentir os infernaes, graves tormentos.

XXV.

Tanto este grão temor que o Turco havia
O peito lhe trespassa, e a côr lhe muda,
Que quando o Sol chegou ao meio dia
Recolher-se ás galés qualquer estuda;
Leva tambem comsigo a artilharia,
Mas aquella sómente que he miuda,
E com menos trabalho, e mór presteza
Se leva, sem se vêr da fortaleza.

XXVI.

Mas por se dar melhor expediente
Áquella artilharia que embarcavão,
As galés se chegárão juntamente
Mais á Villa dos Rumes, do que estavão.
Porém em quanto as terras do Occidente
Hoje os raios do Sol alumiavão,
De bater o canhão grosso não cessa
Co'o seu furor usado, e usada pressa.

XXVII.

Sendo da fortaleza divisado
Como as galés se vem para mais perto,
E que hum grosso esquadrão, com grão cuidado
Se embarca nellas claro e descuberto,
A lembrança do engano antes passado
Faz que todos agora hajão por certo
Que quer o Turco usar de igual engano
Contra o ja destroçado Lusitano.

XXVIII.

Esta geral suspeita tanto esperta
O prudente Silveira neste ensejo,
Que tendo elle tambem por cousa certa
Que d'enganá-lo o Turco tẽe desejo,
Esse pouco que tẽe tão bem concerta
Que parece que tudo tẽe sobejo:
Tal era o grande esforço, a grãa prudencia
Com que ordenava então a resistencia.

XXIX.

Nem só a defensão facilitava
Mas de victoria dá grande esperança,
E tão seguramente isto affirmava
Que enche todos de esforço e confiança,
Tal que o que era mais fraco então jurava
Que de tudo alli tẽe grande abastança,
Pois não cuida que cousa falta esteja
Onde no Capitão tudo sobeja.

XXX.

O qual vendo que toda he ja gastada
Quanta polvora tinha naquella hora,
Faz que toda a que estava agasalhada
Em quatro peças grossas saia fóra,
Pois nenhũa outra está ja carregada
Antes todas cessado tẽe ja agora,
E o negro pó que então faz sahir dellas
Por trinta repartio, e mais panellas.

XXXI.

Todo o fraco logar com brevidade
Repara, como a falta lh'o concede,
Das pedras nelle põe grãa quantidade
Que co'o braço atraz posto a mão despede;
Alguns feridos, cuja enfermidade
Poder ja mostrar rosto não lh'impede,
Ajunta com alguns dos que sãos erão
Que inda assi confiança lhe puzerão.

XXXII.

Muitos feridos que isto não podião
Se mandárão levar ao baluarte,
Porque para morrer este escolhião
Por logar mais decente que outra parte;
Os que das espingardas se servião
Por todo o logar fraco elle reparte,
E a pouparem então mais os convida
A polvora, que o imigo, sangue e vida.

XXXIII.

Com tão pobre apparato, e differente
Do combate que espera horrendo e forte,
Determina esperar o fim presente
Que lhe ordenar a dura ou branda sorte,
O qual não poderá ser descontente
Pois será o seu mór mal a honrada morte,
E se lhe tira o gosto da victoria
Não lh'o póde tirar da Eterna Gloria.

XXXIV.

Todo o espaço que o Sol hoje alumia
A terra, antes de entrar lá no Oceano,
Se gastou (porque então ja quasi havia
Em todos de morrer hum desengano)
Em cuidar cada hum como podia
Morrer, com dar ao imigo maior dano,
E isto em ninguem temor põe, ou tristeza,
Mas em todos alegre fortaleza.

XXXV.

Tal era o alegre esforço, que era tido
Por hum particular favor celeste,
E como para festa, quem provido
Do bom vestido está, agora o veste;
E o que não têe de seu o bom vestido,
Busca, e não lhe fallece quem lh'o empreste;
Por inhabil, e assaz desamparado
Se têe o que então se acha mal ornado.

XXXVI.

Este esforço geral, este grão gosto
Que em todos d'hum honrado fim se entende,
Nos homens não está sómente posto
Tambem aos feminis peitos se estende:
Qualquer delles mostrar direito o rosto
Contra a gente infiel tambem pertende,
E n'algũas fez isto taes effeitos
Que cubrírão de ferro os brandos peitos.

XXXVII.

Quasi toda a seguinte noite inteira
N'alguns rebates falsos foi gastada,
Dados polo mandado do Silveira
Por não estar a gente descuidada;
E vio-se em todos mostra verdadeira
Da vontade geral determinada
Que têe de contrastar aos verdadeiros,
Pois todos nisto querem ser primeiros.

XXXVIII.

Mas tanto ha ja que os Turcos occupados
Deixei em se embarcar, que o pensamento
Me dá que estão ja todos embarcados,
Quero ir vêr qual agora he seu intento.
Tendo estes nos combates ja passados
Recebido grãa perda e detrimento
Na gente e munições, neste quizerão
Mostrar seu poder todo, e assi o fizerão.

XXXIX.

Porém neste tambem se lhes mostrárão
Os Fados mais crueis que protectores,
Pois com grande damno seu se sujeitárão
(Como ja disse) aos fortes defensores.
Depois que se ás estancias retirárão
Achão, tornando em si, que dos melhores
Duzentos sobre mil tinhão perdidos,
E os vivos quasi todos são feridos.

XL.

Achão tambem de todo consumidas
Ja quasi as munições, com que offendião,
E que com forças tão enfraquecidas
Não sómente assaltar ja não podião,
Mas que se acaso fossem commettidas
De qualquer leve força, se porião
A risco de acabar-se, e de perder-se
Sem poderem sómente defender-se.

XLI.

Afóra isto tambem temem que a gente
Da terra, o seu estado contemplando,
Contra elles novidade algũa tente
Com que grão damno assaz lh'irá causando;
Pois de gente não tẽe falta sómente,
Mas tambem o comer lhes vai faltando,
E os da terra, que só provê-los pódem
Com mantimentos, então ja mal lh'acodem.

XLII.

Estas e outras rasões, tanta efficacia
Tiverão, no infiel povo profano,
Em quem ja era abatida a antiga audacia,
Resfriado o furor, e o esprito ufano,
Que vendo que durando a pertinacia
Lhe cresce a occasião de maior dano,
Determina deixar aquella guerra
E tornar cada hum a sua terra.

XLIII.

Com este pensamento, assaz alheio
Do que a gente Christãa delle cuidava,
Depois que a se embarcar o Turco veio
Como (se bem me lembro) antes contava,
Tanto que ao Occidental salgado seio
O Sol se recolheo, e começava
De se estender na terra a sombra escura,
Recolher o canhão grosso procura.

XLIV.

Mas porque isto o Christão não sinta agora,
E o rumor lhe descubra esta tamanha
Fraqueza, que lhe encobre a nocturna hora,
D'hum grão silencio então isto acompanha:
Porém da artilharia algũa fóra
Deixa, inda que a possivel força e manha
Põe pola não deixar, porque não tinha
Quanta gente para isto lhe convinha.

XLV.

Fica entregue ao Latino renegado
Todo o canhão porém que então não hia,
Que delle e das estancias grão cuidado
Toma, e de tudo o mais que alli se via.
Logo em logar do Turco ja embarcado
Põe a gente da sua companhia,
Porque o Christão não sinta esta sua ida
Temendo que se a sente então lh'a impida.

XLVI.

O Turco, em quanto a noite persevera
Tolhendo a clara luz co'o manto escuro,
Tudo quanto embarcar possivel lhe era
Como pôde melhor, pôz em seguro.
Porém a Christãa gente em tanto espera
Que em vindo o matutino raio puro
Lhe venha o fim com elle juntamente
Do trabalho geral que alli se sente.

XLVII.

Cheia desta esperança, que ha por certa,
Está a gente Christãa, mas animosa,
Ao somno não entregue, mas desperta,
De vender bem a vida desejosa,
Quando lá no Horizonte descuberta
Foi a alegre manhãa, clara, e formosa,
Em que a Igreja festeja, com louvores,
Todos os que no Ceo são moradores.

XLVIII.

Ja agora esta não vem acompanhada
De imigos esquadrões de aço luzentes,
Nem sôa nelle a horrisona alvorada
Dos pelouros crueis, bravos, ardentes,
Mas quieta apparece, e socegada,
Cheia de ares serenos, e contentes,
Não qual se espera, horrenda, triste, e dura,
Que lhe faz mais formosa a formosura.

XLIX.

Tanto que a nova luz, serena e clára,
Mostra a ausencia aos Xpãos do Turco imigo,
E que o Cambaio em seu logar deixára,
E elle os mais dos canhões leva comsigo,
Com tal prazer que a lingua o não declára
Cada hum corre a dar a nova ao amigo
Do que elle ja sabido e visto tinha,
E de que tambem novas dar-lhe vinha.

L.

Porém com quanto hum e outro isto que ouvira
Por seus olhos ja tẽe visto primeiro,
Ouve as novas porém do que bem vira
Com grão prazer, do amigo e companheiro,
Julgando que o que vio não he mentira,
Pois outro o vio tambem, mas verdadeiro,
E assi esta reciproca alegria
Dobra, e acredita o bem daquelle dia.

LI.

Entretanto o infiel não pára, ou cessa,
Antes em seu intento continua,
Que quiçá hum grão temor o move e apressa
Que commetta o Christão, e alli o destrua.
Agua recolhe dentro com grãa pressa,
E o mais que necessario lhe era a sua
Viagem larga assaz, e nisto gasta
Sete dias, que hum menos lhe não basta.

LII.

Mas vendo os que na terra então vivião
O destroço que os Turcos ja levavão,
Muitas daquellas cousas lhe impedião
Que elles para a viagem embarcavão,
E com tanto seu damno isto fazião
Que vida e sangue huns e outros derramavão;
Mas faz Cojaçofar com que esta gente
Os deixe fornecer bem pobremente.

LIII.

Todos os sete dias que estiverão
Em fornecer-se os Turcos occupados,
Lá por aquella praia se pozerão
Que meia legua os tẽe só affastados
Da Christãa fortaleza, lá d'onde erão
De todos claramente divisados,
E os vião trabalhar desde que a terra
O Sol visita, até que o mar o encerra.

LIV.

Nestes dias porém não se assegura,
Nem se descuida ou dorme o bom Silveira,
No muro reparou toda a rotura
Com que de novo fica sãa, e inteira,
E tudo o mais fazer então procura
(Que esta mostra não ha por verdadeira)
Quanto a se defender lhe era importante,
Como se o Turco vira inda diante.

LV.

Aquelle mesmo claro e alegre dia
Que aos Christãos deu o gosto que atraz digo,
Quando a sombra se faz ja longa e fria
E o Sol torna a buscar o assento antigo,
Mandar o Capitão alguns queria
Lá fóra onde estivera o campo imigo,
A qual gente de mais então não trate
Que nas estancias dar algum rebate.

LVI.

Não tanto porque ao Mouro maltratasse
Quanto por lhe encubrir quão fraco estava,
Porque elle se o sentir não intentasse
Dar fim a isto a que o Turco o então dava;
E para que esta gente derrubasse
Aquelles bastiões que lá na cava,
De trincheiras assaz forteficados,
Os Turcos antes tinhão situados.

LVII.

Pede Antonio da Veiga logo esta ida
Que a fortaleza está feitorisando,
A qual do Capitão lhe he concedida
E lhe está mil louvores ajuntando;
Manda tambem que o vão nesta sahida
Vinte e cinco varões acompanhando,
Cujos peitos, e braços valerosos
Para outros feitos são mais perigosos.

LVIII.

Não quer Veiga fazer qualquer demora
Que para isto hoje o esprito se lhe dobra,
Dos seus acompanhado, salta fóra,
Seu furor nas estancias põe por obra.
Pouco o Cambaio aqui resiste agora,
Qual perde a vida, qual fugindo a cobra;
Cahe toda a estancia ja com grãa presteza
Que mais perto se vê da fortaleza.

LIX.

Em quanto Veiga nisto o tempo gasta
Sahe do longo da cava, pola banda
De fóra, hum dos que traz, que se lhe affasta
Quiçá mais do que o tempo e a rasão manda;
Mas como isto ninguem ja lhe contrasta,
Tanto neste caminho adiante anda
Que chegou a hũa estancia, cujo posto
Sobre a rocha do mar estava posto.

LX.

Entrando nella a vê desamparada,
E lá no bastião della subindo
Hũa bombarda vio, que alli deixada
Foi dos Turcos, e então não advertindo
Se ella era sãa, ou se era arrebentada,
(Leão era, se o certo estou ouvindo)
E achando nesta estancia hũa bandeira,
Vólta, e comsigo a traz por companheira.

LXI.

Direito áquella parte lá caminha
Onde Antonio da Veiga antes deixára,
Chegando lá lhe disse d'onde vinha
E daquella bombarda que lá achára.
Veiga vendo que tudo feito tinha
O para que o Silveira o lá mandára,
Nem ha necessidade a que elle acuda,
Lá para a fortaleza o passo muda.

LXII.

Este, ou que o bom successo deste feito
A nevoa do temor lhe desfizesse
De que notado foi sempre o seu peito,
Ou que a morte chamá-lo ja quizesse,
Animado hoje assaz e satisfeito,
Importuna o Silveira que lhe desse
Licença, e companhia com que possa
Tomar aquella peça forte e grossa.

LXIII.

O Capitão se escusa e se desvia
Do Veiga, e assi lhe diz, que bem entende
Que em tomar o canhão pouco fazia
Pois que ninguem tomá-lo lh'o defende,
E pois em toda a estancia não se via
Outro canhão algum, bem se comprehende
Que aquelle deve ser arrebentado,
Pois todo o que era são fôra levado.

LXIV.

Veiga a tantas rasões não obedece,
Antes mais importuna, e mais atura,
E tanto em seu intento prevalece
Que escusar-se o Silveira em vão procura;
O qual por quanto agora bem conhece
Quão pouco em lhe outorgar isto aventura,
Por não ter este só delle esta queixa
Cumprir sua vontade agora o deixa.

LXV.

Faz-lhe Veiga o devido acatamento
E se vai fazer prestes para esta ida,
E logo como o usado mantimento
Deu ao corpo mortal, na hora devida,
Se cobre do melhor seu ornamento,
E inda que hum e outro amigo o então convida
Com armas, e em vestir-lh'as insistisse,
Nenhum dobrar o pôde a que as vestisse.

LXVI.

E de vinte homens ja posto diante
Que o Silveira para isto então lhe entrega,
Sahe de longo da rocha, que a vazante
Da maré, que he bem baixa, lh'o não nega.
Por hum logar trepando, que bastante
Subida, e facil dá, á estancia chega;
Acha o canhão, mas acha prova clára
Que por quebrado o Turco o não levára.

LXVII.

Mas nem por isso quiz que lá ficasse
Pois viera alli só para levá-lo,
Faz que á borda da rocha elle chegasse
Porque abaixo d'alli possa lançá-lo.
Mas a morte, que faz que elle arribasse
Alli onde viera ella esperá-lo,
Para o levar ordena então hum meio,
Que sabendo eu que he certo, inda o não creio.

LXVIII.

N'hum alto que d'alli distante estava
Mais de seiscentos passos, se bem conto,
Hum Mouro appareceo, que meneava
Hũa espingarda, e os vinte olhando pronto,
Inda que assaz de longe, os enxergava;
Põe no rosto a espingarda, e o subtil ponto
Direito nelles põe, e faz que logo
A polvora o furor sinta do fogo.

LXIX.

Sahe o chumbo subtil, e contra a estancia
Onde então Veiga está vôa direito,
E sendo grande assaz esta distancia
Parece que qualquer bem fraco objeito,
Com qualquer fraca e leve repugnancia,
Lhe pudéra impedir o usado effeito,
Porém não foi assi, que a cruel morte
O fez mais do que soe agora forte.

LXX.

Entra em meio dos vinte, mas sómente
Busca o misero Veiga, o qual mettido
No meio estando então da sua gente,
E de estatura sendo mal crescido,
Pola cabeça o encontra o chumbo ardente,
Deixando todo o que era mais comprido,
Que por rasão estava em mór perigo
Que o pequeno, a quem elle dava abrigo.

LXXI.

Do pelouro mortal Veiga encontrado
Pallido cahe, perdida a vida chara,
O esprito, do que soe, mais hoje ousado,
Entra na Região Celeste e Clara.
Á fortaleza foi logo levado,
Deixando lá o canhão que o lá levára.
Morte de ponderar mais digna, entendo,
Que quantas nesta guerra estive vendo.

LXXII.

E inda que com louvores esta honrar-se
Parece que não he cousa devida,
Sem rasão he porém vituperar-se
Quem, ou bem ou mal seja, perde a vida.
Rasão me pareceo manifestar-se
Quão bem do Veiga foi favorecida
A fortaleza, porque a vida leve
O louvor que se á morte pouco deve.

LXXIII.

Este, em quanto o feroz Turco se espalha
Em torno á fortaleza, não cessando,
Ajudado de muitos que agasalha,
E que está á sua custa sustentando,
Nos reparos e em tudo o mais trabalha,
Pedra, terra, e o que cumpre acarretando,
Com que na defensão tão bem ajuda
Como o que contra o imigo o passo muda.

LXXIV.

Porém, ou eu mal ouço, ou com voz alta
Me chama agora o Turco, e me importuna,
Que deseja partir-se, pois lhe falta
Das armas o favor, e da Fortuna.
Ja para elle outra vez meu canto salta
Pois ja prestes o vejo, e que opportuna
Conjunção tẽe agora de partir-se,
E vejo que sem mim póde mal ir-se.

LXXV.

Esta gente infiel, que de ufania
E de soberba cheia, e confiança,
Victoria com louvor se promettia
Apesar do poder da imiga lança,
E ja entre si os despojos repartia,
Porque tẽe mais certeza que esperança
Que o Christão defensor, que tẽe diante,
Não póde a resistir-lhe ser bastante;

LXXVI.

Agora de temor cheia, e d'espanto,
Vencida dos que havia por vencidos,
Depois que obedecer a Rhadamantho
Foi grãa cópia dos seus, mais escolhidos,
Tendo das munições gastado tanto
Que se espanta de o vêr, sendo cumpridos
Cinco dias do mez que deu o assento
Ao Sagittario, sólta a vella ao vento.

LXXVII.

Mas como com grãa força então soprava
O Levante, o qual era assaz ponteiro
Ao logar em que a armada surta estava,
Torna outra vez o esperto Marinheiro,
Vendo que em vão ávante ir trabalhava,
A surgir onde surto era primeiro,
Esperando que o tempo dê jazigo
Com que vá sem trabalho, e sem perigo.

LXXVIII.

Tambem de novo a armada o fundo afferra
Porque os Turcos se vião occupados
De muitos a que a larga crua guerra
Deixou do imigo ferro trespassados,
Determinando então deixar em terra
Todos os que estão mais debilitados,
Porque a longa viagem não consente
O peso de tão fraca e debil gente.

LXXIX.

Logo ao seguinte dia executárão
Esta obra, cheia assaz de crueldade,
E sendo á tarde já, desembarcárão
Os que mais apertou a enfermidade,
E sem outro remedio os entregárão
Sómente á cortezia e piedade
Que quizessem usar os estrangeiros
Co'os que achárão crueis os companheiros.

LXXX.

Nesta hora sendo ja mais moderada
A furia do feroz, bravo Levante,
Sólta a vella de novo a imiga armada,
E d'alli se vai pôr hum pouco ávante;
Até hũa ponta sahe contra a enseada
De Cambaia, que em frente está, e distante
Da Christãa fortaleza legoa e meia,
Busca outra vez o ferro a funda areia.

LXXXI.

Outra vez aqui faz que se encolhesse
O Turco Marinheiro o inchado linho,
Porque quando depois se recolhesse
O Sol ao usado seu leito marinho,
Quando a maré vasava, elle podesse
Seguir prosperamente este caminho
Tanto de toda a gente desejado,
E duas vezes já em vão tentado.

LXXXII.

Apenas no logar que estou dizendo
Aquelles infieis hoje surgirão,
Quando os da fortaleza o estrondo horrendo
Ouvem de alguns canhões, que longe atirão
Contra Madrafabat (se bem entendo)
Estes homens o estrondo agora ouvirão,
Do qual se fórma lá vario conceito,
Mas todos cuidão que he de seu proveito.

LXXXIII.

Este da armada sabe que a cargo tinha
Hum Antonio assaz forte e d'honra amigo,
Que o sobrenome tẽe da honrada linha
Dos Silvas, nobre sangue, illustre, e antigo,
Que com algũas fustas alli vinha
Para, apesar da morte e do perigo,
Entrar na fortaleza, e soccorrella,
Se qualquer modo achasse d'entrar nella.

LXXXIV.

Mandado este alli foi do valeroso
Noronha Viso-Rei, mas porque havia
Que era negocio assaz difficultoso
Chegar á fortaleza, lhe dizia,
Que se isto não pudér, co'o furioso
Estrondo da feroz artilharia
Mostre que era da armada a dianteira
Que ja do Viso-Rei segue a bandeira.

LXXXV.

Desta armada que o Silva governava
Se apartão duas fustas, que cortando,
Co'o grão favor que Hippotades lhes dava,
O Reino que Neptuno está mandando,
Quando a sombra que o Sol afugentava
Das Estrellas a luz está mostrando,
Chegão á fortaleza, onde amainárão
A inchada vella, e o ferro ao mar lançárão.

LXXXVI.

Vem nellas dous varões nobres, ousados,
A quem o mór perigo mais inflama,
Dom Luiz, Dom Martinho são chamados,
Este Sousa, e Taide o outro se chama.
Ambos trazem comsigo bem armados
Varões, que a grande empresa qualquer ama,
E outras cousas tambem estes trouxerão
Que alli bem necessarias então erão.

LXXXVII.

Sendo esta noite á Lua então negada,
Por interposição da opaca terra,
A partecipação da luz usada
Que o Sol de natureza em si encerra,
De todo se mostrou quasi eclipsada
Com que mais se escurece a noite e cerra,
E quiçá que este máo e usado agouro
A partida apressar fez mais ao Mouro.

LXXXVIII.

Esta noite tambem aquella gente
Que de Cojaçofar segue o estandarte,
Fazendo que a Cidade a chamma ardente
Sinta primeiro n'hũa e n'outra parte,
Tambem damnificada e descontente
Antes de ser manhãa, d'alli se parte,
E o logar com grão medo desampára
Que com grãa confiança antes tomára.

LXXXIX.

Tambem nesta mesma hora dentro colhe
Com grão silencio o ferro a imiga frota,
A vella hum brando vento em si recolhe,
E lá do Rôxo Mar segue a derrota.
Porém dos que feridos leva, escolhe
Os mais fracos primeiro, e em terra os bota
Dos que menos o mar soffrer podião,
Quatrocentos ouvi que estes serião.

XC.

E perguntando acaso hum dos Senhores
Da terra, a estes então, se os que vierão
Da Lusitania, ou lá são moradores,
São bons homens de guerra, lhe disserão
Que os Portuguezes sós merecedores
De trazerem no rosto barbas erão,
E que as outras nações se contentassem
Co'o estylo das mulheres, e este usassem.

XCI.

Mas com quanto eu estou mui confiado
No valor Portuguez, bem conhecido,
Não sou porém co'os meus tão enganado
Que aos outros negue o preço merecido;
Suspeito que o soberbo Turco, usado
Mais vezes a vencer, que a ser vencido,
Quiz que, pois o venceo hoje esta gente,
Merecesse ella as barbas ter sómente.

FIM.

INDEX.